



CONGREGAÇÃO PARA O CLERO

DIRETÓRIO GERAL PARA A CATEQUESE

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

AA: Conc. Ecum. Vaticano II, Decreto sobre o apostolado dos leigos, *Apostolicam Actuositatem* (18 de novembro de 1965)

AG: Conc. Ecum. Vaticano II, Decreto sobre a atividade missionária da Igreja *Ad Gentes* (7 de dezembro de 1965)

CA: João Paulo II, Carta encíclica *Centesimus Annus* (1º de maio de 1991): AAS 83 (1991), pp. 793-867

CD: Conc. Ecum. Vaticano II, Decreto sobre o ofício pastoral dos Bispos na Igreja *Christus Dominus* (28 de outubro de 1965)

CaIC: *Catecismo da Igreja Católica* (11 de outubro de 1992)

CCL: *Corpus Christianorum, Series Latina* (Turnholti 1953 ss.)

CIC: *Codex Iuris Canonici* (25 de janeiro de 1983)

ChL: João Paulo II, Exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici* (30 de dezembro de 1988): AAS 81 (1989), pp. 393-521

COINCAT: Conselho Internacional para a Catequese, *Orientações A catequese dos adultos na comunidade cristã*, Libreria Editrice Vaticana 1990

CSEL: *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum* (Wn 1866 ss.)

CT: João Paulo II, Exortação apostólica *Catechesi Tradendae* (16 de outubro de 1979): AAS 71 (1979), pp. 1277-1340.

DCG (1971): Sagrada Congregação para o Clero, *Directorium Catechisticum Generale Ad normam decreti* (11 de abril de 1971): AAS 64 (1972), pp. 97-176

DH: Conc. Ecum. Vaticano II, Declaração sobre a liberdade religiosa *Dignitatis Humanae* (7 de dezembro de 1965)

DM: João Paulo II, Carta encíclica *Dives in Misericordia* (30 de novembro de 1980): AAS 72

(1980), pp. 1177-1232

DS: H. Denzinger - A. Schönmetzer, *Enchiridion Symbolorum, Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*, Editio XXXV emendata, Romae 1973

DV: Conc. Ecum. Vaticano II, Constituição dogmática sobre a revelação divina *Dei Verbum* (18 de novembro de 1965)

EA: João Paulo II, Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Africa* (14 de setembro de 1995): AAS 88 (1996) pp. 5-82

EN: Paulo VI, Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de dezembro de 1975): AAS 58 (1976), pp. 5-76

EV: João Paulo II, Carta encíclica *Evangelium Vitae* (25 de março de 1995): AAS 87 (1995), pp. 401-522

FC: João Paulo II, Exortação apostólica pós-sinodal *Familiaris Consortio* (22 de novembro de 1981): AAS 73 (1981), pp. 81-191

FD: João Paulo II, Constituição apostólica *Fidei Depositum* (11 de outubro de 1992): AAS 86 (1994), pp. 113-118

GCM: Congregação para a Evangelização dos Povos, *Guia para os catequistas*. Documento de orientação em vista da vocação, da formação e da promoção dos catequistas nos territórios de missão que dependem da Congregação para a Evangelização dos povos (3 de dezembro de 1993), Cidade do Vaticano 1993

GE: Conc. Ecum. Vaticano II, Declaração sobre a educação *Gravissimum Educationis* (28 de outubro de 1965)

GS: Conc. Ecum. Vaticano II, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes* (7 de dezembro de 1965)

LC: Congregação para a Doutrina da fé, Instrução *Libertatis Conscientia* (22 de março de 1986): AAS 79 (1987), pp. 554-599

LE: João Paulo II, Carta encíclica *Laborem Exercens* (14 de setembro de 1981): AAS 73 (1981), pp. 577-647

LG: Conc. Ecum. Vaticano II Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium* (21 de novembro de 1964)

MM: João XXIII, Carta encíclica *Mater et Magistra* (15 de maio de 1961): AAS 53 (1961), pp. 401-464

MPD: Sínodo dos Bispos, Mensagem ao Povo de Deus *Cum iam ad exitum* sobre a catequese no nosso tempo (28 de outubro de 1977), Typis Polyglottis Vaticanis 1977

NA: Conc. Ecum. Vaticano II, Decreto sobre as relações da Igreja com as Religiões não cristãs

Nostra Aetate (28 de outubro de 1965)

PB: João Paulo II, Constituição apostólica *Pastor Bonus* (28 de junho de 1988): AAS 80 (1988), pp. 841-930

PG: *Patrologiae Cursus completus, Series Graeca*, ed. Jacques P. Migne, Parisiis 1857 ss.

PL: *Patrologiae Cursus completus, Series Latina*, ed. Jacques P. Migne, Parisiis 1844 ss.

PO: Conc. Ecum. Vaticano II, Decreto sobre o ministério e a vida dos presbíteros *Presbyterorum Ordinis* (7 de dezembro de 1965)

PP: Paulo VI, Carta encíclica *Populorum Progressio* (26 de março de 1967): AAS 59 (1967), pp. 257-299

RH: João Paulo II, Carta encíclica *Redemptor Hominis* (4 de março de 1979): AAS 71 (1979), pp. 257-324

OICA: *Ordo Initiationis Christianae Adultorum*, Editio Typica, Typis Polyglottis Vaticanis 1972

RM: João Paulo II, Carta encíclica *Redemptoris Missio* (7 de dezembro de 1990): AAS 83 (1991), pp. 249-340

SC: Conc. Ecum. Vaticano II, Constituição sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium* (4 de dezembro de 1963)

SINODO 1985: Sínodo dos Bispos (reunião extraordinária de 1985), Relatório final *Ecclesia sub verbo Dei mysteria Christi celebrans pro salute mundi* (7 de dezembro de 1985), Cidade do Vaticano 1985

SCh: *Sources Chrétiennes*, Collection, Paris 1946 ss.

SRS: João Paulo II, Exortação apostólica *Sollicitudo Rei Socialis* (30 de dezembro de 1987): AAS 80 (1988), pp. 513-586

TMA: João Paulo II, Exortação apostólica *Tertio Millennio Adveniente* (10 de novembro de 1994): AAS 87 (1995), pp. 5-41

UR: Conc. Ecum. Vaticano II, Decreto sobre o Ecumenismo *Unitatis Redintegratio* (21 de novembro de 1964)

UUS: João Paulo II, Carta encíclica *Ut Unum Sint* (25 de maio de 1995): AAS 87 (1995), pp. 921-982

VS: João Paulo II, Carta encíclica *Veritatis Splendor* (6 de agosto de 1993): AAS 85 (1993), pp. 1133-1228

PREFÁCIO

1. O Concílio Vaticano II prescreveu a redação de um « Diretório para a instrução catequética do povo ».(1) Em obediência a este mandato conciliar, a Congregação para o Clero valeu-se de uma especial Comissão de especialistas e consultou as Conferências Episcopais do mundo, as quais enviaram numerosas sugestões e observações em propósito. O texto preparado foi revisto por uma Comissão teológica *ad hoc* e pela Congregação para a Doutrina da Fé. No dia 18 de março de 1971 foi definitivamente aprovado por Paulo VI e promulgado no dia 11 de abril do mesmo ano, com o título *Diretório Catequético Geral*.

2. Os trinta anos transcorridos da conclusão do Concílio Vaticano II aos umbrais do terceiro milênio, constituem, sem dúvida, um tempo extremamente rico de orientações e promoções da catequese. Foi um tempo que, de qualquer modo, repropôs a vitalidade evangelizadora da primeira comunidade eclesial e que relançou oportunamente o ensinamento dos Padres e favoreceu a redescoberta do antigo catecumenato. Desde 1971, o Diretório Catequético Geral tem orientado as Igrejas particulares no longo caminho de renovação da catequese, propondo-se como válido ponto de referência tanto no que diz respeito aos conteúdos, quanto no que concerne à pedagogia e aos métodos a serem empregados.

O itinerário percorrido pela catequese neste período foi caracterizado, em todas as partes, por uma generosa dedicação de muitas pessoas, por iniciativas admiráveis e por frutos muito positivos para a educação e o amadurecimento na fé, de crianças, jovens e adultos. Todavia, não faltaram, contemporaneamente, crises, insuficiências doutrinárias e experiências que empobreceram a qualidade da catequese, devidas, em grande parte, à evolução do contexto cultural mundial e a questões eclesiais de matriz não catequética.

3. O Magistério da Igreja não deixou jamais, nestes anos, de exercitar a sua solícitude pastoral em favor da catequese. Numerosos Bispos e Conferências dos Bispos, em todos os continentes, deram um notável impulso à ação catequética também através da publicação de válidos Catecismos e orientações pastorais, promovendo a formação de peritos e favorecendo a pesquisa catequética. Estes esforços foram fecundos e repercutiram favoravelmente na praxe catequética das Igrejas particulares. Uma particular riqueza para a renovação catequética é constituída pelo *Ritual para a Iniciação Cristã dos Adultos*, promulgado no dia 6 de janeiro de 1972, pela Congregação para o Culto Divino.

É indispensável recordar, de modo especial, o ministério de Paulo VI, o Pontífice que guiou a Igreja durante o primeiro período do pós-Concílio. A seu respeito, João Paulo II disse: « Com os seus gestos, com a sua pregação e com a sua interpretação autorizada do Concílio Vaticano II — que ele considerava como o grande catecismo dos tempos modernos — e ainda com toda a sua vida, o meu venerando Predecessor Paulo VI serviu a catequese da Igreja de modo particularmente exemplar ».(2)

4. Uma decisiva pedra miliária para a catequese foi a reflexão iniciada por ocasião da Assembléia Geral do Sínodo dos Bispos sobre a *evangelização do mundo contemporâneo*, que se celebrou em outubro de 1974. As proposições de tal encontro foram apresentadas ao Papa Paulo VI, o qual promulgou a Exortação Apostólica pós-sinodal *Evangelii Nuntiandi*, de 8 de Dezembro de 1975. Este documento apresenta — entre outras coisas — um princípio de particular relevo: a catequese como ação evangelizadora no âmbito da grande missão da Igreja. A atividade catequética, de agora em diante, deverá ser considerada como permanentemente partícipe das urgências e das ânsias próprias do mandato missionário para o nosso tempo.

Também a última Assembléia Sinodal convocada por Paulo VI, em outubro de 1977, escolheu

a catequese como tema de análise e de reflexão episcopal. Este Sínodo viu « na renovação catequética um dom precioso do Espírito Santo à Igreja nos dias de hoje ».(3)

5. João Paulo II assumiu esta herança em 1978 e formulou as suas primeiras orientações na Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, datada de 16 de outubro de 1979. Tal Exortação forma uma unidade totalmente coerente com a Exortação *Evangelii Nuntiandi* e repõe plenamente a catequese no quadro da evangelização.

Durante todo o seu pontificado, João Paulo II ofereceu um magistério constante de altíssimo valor catequético. Entre os discursos, as cartas e os ensinamentos escritos, emergem as doze Encíclicas: da *Redemptor Hominis* à *Ut Unum Sint*. Estas Encíclicas constituem, por si mesmas, um corpo de doutrina sintético e orgânico, em vista da realização da renovação da vida eclesial, postulada pelo Concílio Vaticano II. Quanto ao valor catequético destes Documentos do magistério de João Paulo II, distinguem-se: a *Redemptor Hominis* (4 de março de 1979), a *Dives in Misericordia* (30 de novembro de 1980), a *Dominum et Vivificantem* (18 de maio de 1986), e, para a reafirmação da permanente validade do mandato missionário, a *Redemptoris Missio* (7 de dezembro de 1990).

6. Por outro lado, as Assembléias Gerais, ordinárias e extraordinárias, do Sínodo dos Bispos, tiveram uma particular incidência no campo eclesial da catequese. Por sua particular importância, devem ser destacadas as Assembléias Sinodais de 1980 e 1987, relativas respectivamente à missão da família e à vocação dos leigos batizados. Os trabalhos sinodais foram seguidos das correspondentes Exortações Apostólicas de João Paulo II, *Familiaris Consortio* (22 de novembro de 1981) e *Christifideles Laici* (30 de dezembro de 1988). O próprio Sínodo Extraordinário dos Bispos, de 1985, influiu também, de maneira decisiva, sobre o presente e sobre o futuro da catequese do nosso tempo. Naquela ocasião, foi feito um balanço dos 20 anos de aplicação do Concílio Vaticano II e os Padres sinodais propuseram ao Santo Padre a elaboração de um Catecismo universal para a Igreja Católica. A proposta da Assembléia sinodal extraordinária de 1985 foi acolhida favoravelmente e assumida por João Paulo II. Terminado o paciente e complexo processo de sua elaboração, o *Catecismo da Igreja Católica* foi entregue aos Bispos e às Igrejas particulares mediante a Constituição Apostólica *Fidei Depositum*, do dia 11 de outubro de 1992.

7. Este evento, de tão profundo significado, e o conjunto dos fatos e das intervenções magisteriais precedentemente indicados, impunham o dever de uma revisão do Diretório Catequético Geral, com a finalidade de adaptar este precioso instrumento teológico-pastoral à nova situação e necessidade. Receber tal herança e organizá-la sinteticamente, em função da atividade catequética, sempre na perspectiva da atual etapa da vida da Igreja, é um serviço da Sé Apostólica para todos.

O trabalho para a nova elaboração do Diretório Geral para a Catequese, promovido pela Congregação para o Clero, foi realizado por um grupo de Bispos e por especialistas em teologia e em catequese. Foi, sucessivamente, submetido à consulta das Conferências dos Bispos e dos principais Institutos ou Centros de estudos catequéticos, e foi feito respeitando substancialmente a inspiração e os conteúdos do texto de 1971. Evidentemente, a nova redação do Diretório Geral para a Catequese teve que balancear duas exigências principais:

– de um lado, a contextualização da catequese na evangelização, postulada pelas Exortações *Evangelii Nuntiandi* e *Catechesi Tradendae*

– por outro lado, a assunção dos conteúdos da fé propostos pelo *Catecismo da Igreja Católica*.

8. O Diretório Geral para a Catequese, embora conservando a estrutura de fundo do texto de 1971, articula-se do seguinte modo:

– Uma *Exposição Introdutiva*, na qual se oferecem orientações fundamentais para a interpretação e a compreensão das situações humanas e das situações eclesiais, a partir da fé e da confiança na força da semente do Evangelho. São breves diagnósticos em vista da missão.

– A *Primeira Parte* (4) é articulada em três capítulos e enraíza de forma mais acentuada a catequese na Constituição conciliar *Dei Verbum*, colocando-a no quadro da evangelização presente em *Evangelii Nuntiandi* e *Catechesi Tradendae*. Propõe, além disso, um esclarecimento da natureza da catequese.

– A *Segunda Parte*(5) consta de dois capítulos. No primeiro, sob o título « *Normas e critérios para a apresentação da mensagem evangélica na catequese* », com nova articulação e numa perspectiva enriquecida, reúnem-se, em sua totalidade, os conteúdos do capítulo correspondente do texto anterior. O segundo capítulo, completamente novo, serve à apresentação do Catecismo da Igreja Católica como texto de referência para a transmissão da fé na catequese e para a redação dos Catecismos locais. O texto oferece também princípios básicos em vista da elaboração dos Catecismos para as Igrejas particulares e locais.

– A *Terceira Parte*(6) mostra-se suficientemente renovada, formulando também as linhas essenciais de uma pedagogia da fé, inspirada à pedagogia divina; uma questão, esta, que diz respeito tanto à teologia como às ciências humanas.

– A *Quarta Parte*(7) tem por título « Os destinatários da catequese ». Em cinco breves capítulos, se presta atenção às situações bastante diferentes das pessoas às quais se dirige a catequese, aos aspectos relativos à situação sócio-religiosa e, de modo especial, à questão da inculturação.

– A *Quinta Parte*(8) coloca como centro de gravitação a Igreja particular, que tem o dever primordial de promover, programar, supervisionar e coordenar toda a atividade catequética. Adquire um particular relevo a descrição dos respectivos papéis dos diversos agentes (que têm o seu ponto de referência sempre no Pastor da Igreja particular) e das exigências formativas em cada caso.

– A *Conclusão*, que exorta a uma intensificação da ação catequética no nosso tempo, coroa a reflexão e as orientações com um apelo à confiança na ação do Espírito Santo e na eficácia da palavra de Deus semeada no amor.

9. A finalidade do presente Diretório é, obviamente, a mesma que norteava o texto de 1971. Propõe-se, efetivamente, fornecer « os princípios teológico-pastorais fundamentais, inspirados no Concílio Ecumênico Vaticano II e no Magistério da Igreja, aptos a poder orientar e coordenar a ação pastoral do ministério da palavra » e, de forma concreta, a catequese.(9) O intuito fundamental era e é o de oferecer reflexões e princípios, mais do que aplicações imediatas ou diretrizes práticas. Tal caminho e método é adotado sobretudo pelas seguintes razões: somente se desde o início se compreendem corretamente a natureza e os fins da catequese, assim como as verdades e os valores que devem ser transmitidos, poderão ser

evitados defeitos e erros em matéria catequética.(10)

Cabe à competência específica dos Episcopados a aplicação mais concreta desses princípios e enunciados, através de orientações e Diretórios nacionais, regionais ou diocesanos, catecismos e todo outro meio considerado idôneo a promover eficazmente a catequese.

10. É evidente que nem todas as partes do Diretório têm a mesma importância. Aquelas que tratam da revelação divina, da natureza da catequese e dos critérios que presidem o anúncio cristão, têm valor para todos. As partes, ao invés, que se referem à presente situação, à metodologia e ao modo de adaptar a catequese às diferentes situações de idade ou de contexto cultural, devem ser acolhidas mais como indicações e como orientações fundamentais.(11)

11. Os destinatários do Diretório são principalmente os Bispos, as Conferências dos Bispos e, de modo geral, todos aqueles que, sob o mandato ou presidência dos primeiros, têm responsabilidades no campo catequético. É óbvio que o Diretório pode ser um válido instrumento para a formação dos candidatos ao sacerdócio, para a formação permanente dos presbíteros e para a formação dos catequistas.

Uma finalidade imediata do Diretório é ajudar a redação dos Diretórios Catequéticos e catecismos. Conforme sugestão recebida de muitos Bispos, incluem-se numerosas notas e referências que podem ser de grande utilidade para a elaboração dos mencionados instrumentos.

12. Uma vez que o Diretório é endereçado às Igrejas particulares, cujas situações e necessidades pastorais são muito variadas, é evidente que se pôde levar em consideração unicamente as situações comuns ou intermediárias. Isto acontece, igualmente, quando se descreve a organização da catequese nos diversos níveis. Na utilização do Diretório, deve-se ter presente esta observação. Como já se ressaltava no texto de 1971, o que será insuficiente naquelas regiões onde a catequese pôde alcançar um alto nível de qualidade e de meios, talvez poderá parecer excessivo naqueles lugares onde a catequese não pôde ainda experimentar tal progresso.

13. Ao publicar este texto, novo testemunho da solicitude da Sé Apostólica para com o ministério catequético, exprimem-se os votos de que ele seja acolhido, examinado e estudado com grande atenção, levando em consideração as necessidades pastorais de cada Igreja particular; e que ele possa também estimular, para o futuro, estudos e pesquisas mais profundas, que respondam às necessidades da catequese e às normas e orientações do Magistério da Igreja.

Que a Virgem Maria, Estrela da nova evangelização, nos conduza ao conhecimento pleno de Jesus Cristo, Mestre e Senhor.

« Quanto ao mais, irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor continue o seu caminho e seja glorificada, como aconteceu entre vós » (2 Ts 3, 1).

Do Vaticano, 15 de agosto de 1997

Solenidade da Assunção de Nossa Senhora

Darío Castrillón Hoyos

*Arcebispo emérito de Bucaramanga
Pro-Prefeito*

Crescenzo Sepe
*Arcebispo tit. de Grado
Secretário*

EXPOSIÇÃO INTRODUTIVA

O anúncio do Evangelho no mundo contemporâneo

« Escutai: Eis que o semeador saiu a semear. E ao semear, uma parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e a comeram.

Outra parte caiu no solo pedregoso e, não havendo terra bastante, nasceu logo, porque não havia terra profunda, mas, ao surgir do sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou.

Outra parte caiu entre os espinhos; os espinhos cresceram e a sufocaram, e não deu fruto.

Outras caíram em terra boa e produziram fruto, crescendo e se desenvolvendo, e uma produziu trinta, outra sessenta e outra cem por cento » (Mc 4,3-8).

14. Esta exposição introdutiva pretende estimular os pastores e os agentes da catequese a tomarem consciência da necessidade de olhar sempre para o campo semeado, e a fazê-lo a partir de uma perspectiva de fé e de misericórdia. A interpretação do mundo contemporâneo, aqui apresentada, tem, obviamente, um caráter de provisoriedade, próprio da contingência histórica.

« Saiu o semeador a semear » (Mc 4,3)

15. Esta parábola é fonte inspiradora para a evangelização. « A semente é a palavra de Deus » (Lc 8,11). O semeador é Jesus Cristo. Ele anunciou o Evangelho na Palestina há dois mil anos e enviou os seus discípulos a semeá-lo pelo mundo. Jesus Cristo hoje, presente na Igreja por meio do Seu Espírito, continua a divulgar amplamente a palavra do Pai no campo do mundo.

A qualidade do terreno é sempre muito variada. O Evangelho cai « à beira do caminho » (Mc 4,4), quando não é realmente escutado; cai « em solo pedregoso » (Mc 4,5), sem penetrar profundamente na terra; ou « entre os espinhos » (Mc 4,7), e é imediatamente sufocado no coração dos homens, distraídos por muitas preocupações. Mas uma parte cai « em terra boa » (Mc 4,8), isto é, em homens e mulheres abertos à relação pessoal com Deus e solidários com o próximo, e produz frutos abundantes.

Jesus, na parábola, comunica a boa notícia de que o Reino de Deus chega, não obstante as dificuldades do terreno, as tensões, os conflitos e os problemas do mundo. A semente do Evangelho fecunda a história dos homens e preanuncia uma colheita abundante. Jesus faz também uma advertência: somente no coração bem disposto a palavra de Deus germina.

Um olhar ao mundo, a partir da fé

16. A Igreja continua a semear o Evangelho de Jesus no grande campo de Deus. Os cristãos, inseridos nos mais variados contextos sociais, olham o mundo com os mesmos olhos com que

Jesus contemplava a sociedade do seu tempo. O discípulo de Jesus Cristo, de fato, participa, de seu interior, « das alegrias e das esperanças, das tristezas e das angústias dos homens de hoje », (12) olha para a história humana, participa dela, não apenas com a razão, mas também com a fé. À luz desta, o mundo se mostra ao mesmo tempo « criado e conservado pelo amor do Criador, reduzido à servidão do pecado, e libertado por Cristo crucificado e ressuscitado, com a derrota do Maligno... ». (13)

O cristão sabe que a cada realidade e evento humano subjazem ao mesmo tempo:

- a ação criadora de Deus, que comunica a cada ser a sua bondade;
- a força que deriva do pecado, o qual limita e entorpece o homem;
- o dinamismo que nasce da Páscoa de Cristo, qual germe de renovação que confere ao crente a esperança de uma « consumação » (14) definitiva.

Um olhar ao mundo, que prescindisse de um desses três aspectos, não seria autenticamente cristão. É importante, portanto, que a catequese saiba iniciar os catecúmenos e os catequizandos a uma « leitura teológica dos problemas modernos ». (15)

O campo do mundo

17. Mãe dos homens, a Igreja, antes de mais nada, vê, com profunda dor, « uma multidão inumerável de homens e de mu-

lheres, crianças, adultos e anciãos, isto é, de pessoas humanas concretas e irrepetíveis, que sofrem sob o peso intolerável da miséria ». (16) Por meio da catequese, na qual o ensinamento social da Igreja ocupe o seu lugar, (17) ela deseja suscitar no coração dos cristãos « o empenho pela justiça » (18) e a « opção ou amor preferencial pelos pobres », (19) de modo que a sua presença seja realmente luz que ilumina e sal que transforma.

Os direitos humanos

18. A Igreja, ao analisar o campo do mundo, é muito sensível a tudo aquilo que ofende a dignidade da pessoa humana. Ela sabe que desta dignidade nascem os direitos humanos, (20) objeto constante da preocupação e do empenho dos cristãos. Por isso, o seu olhar não abrange somente os indicadores econômicos e sociais, (21) mas também, sobretudo, os culturais e religiosos. O que ela busca é o progresso integral das pessoas e dos povos. (22)

A Igreja percebe, com alegria, que « uma corrente benéfica já se alastra e permeia todos os povos da terra, tornando-os cada vez mais conscientes da dignidade do homem ». (23) Esta consciência se exprime na viva preocupação pelo respeito dos direitos humanos e no mais decidido rechaço de suas violações. O direito à vida, ao trabalho, à educação, à criação de uma família, à participação na vida pública e à liberdade religiosa são hoje particularmente reivindicados.

19. Em numerosos lugares, todavia, e em aparente contradição com a sensibilidade pela dignidade da pessoa, os direitos humanos são claramente violados. (24) Dessa maneira, alimentam-se outras formas de pobreza, que não se colocam no plano material: trata-se de uma

pobreza cultural e religiosa, que preocupa igualmente

a comunidade eclesial. A negação ou a limitação dos direitos humanos, de fato, empobrece a pessoa e os povos, tanto ou mais do que a privação dos bens materiais.(25)

A obra evangelizadora da Igreja, neste vasto campo dos direitos humanos, tem uma tarefa irrenunciável: promover a descoberta da dignidade inviolável de cada pessoa humana. « Em certo sentido, é a tarefa central e unificadora do serviço que a Igreja, e nela os fiéis leigos, são chamados a prestar à família dos homens ».(26) A catequese deve prepará-los para esta tarefa.

A cultura e as culturas

20. O semeador sabe que a semente penetra em terrenos concretos e tem necessidade de absorver todos os elementos necessários para frutificar.(27) Sabe também que, às vezes, alguns desses elementos podem prejudicar a germinação e a colheita.

A Constituição *Gaudium et Spes* sublinha a grande importância da ciência e da técnica na gestação e no desenvolvimento da cultura moderna. A mentalidade científica que delas emana, « modifica profundamente a cultura e os modos de pensamento », (28) com grandes repercussões humanas e religiosas. A racionalidade científica e experimental é profundamente enraizada no homem de hoje.

Todavia, a consciência de que este tipo de racionalidade não pode explicar todas as coisas, ganha sempre mais terreno. Os próprios homens da ciência constataam que, paralelamente ao rigor da experimentação, é necessário outro tipo de saber, para poder compreender em profundidade o ser humano. A reflexão filosófica sobre a linguagem mostra, por exemplo, que o pensamento simbólico é uma forma de acesso ao mistério da pessoa humana, contrariamente inacessível. Torna-se indispensável assim, uma racionalidade que não cinda o ser humano, que integre a sua afetividade, que o unifique, dando um sentido mais pleno à sua vida.

21. Juntamente com esta « forma mais universal de cultura », (29) hoje se constata também um desejo crescente de revalorizar as culturas autóctones. A pergunta do Concílio é viva ainda: « Como se deve favorecer o dinamismo e a expansão duma nova cultura, sem que pereça a fidelidade viva para com a herança das tradições? ».(30)

– Em muitos lugares, se toma viva consciência de que as culturas tradicionais são agredidas por influências externas dominantes e por imitações alienantes de formas de vida importadas. Corroem-se assim, gradualmente, a identidade e os valores próprios dos povos.

– Constata-se também a enorme influência dos meios de comunicação, os quais, muitas vezes, em virtude de interesses econômicos ou ideológicos, impõem uma visão da vida que não respeita a fisionomia cultural dos povos aos quais se dirigem.

A evangelização encontra assim, na inculturação, um de seus maiores desafios. A Igreja, à luz do Evangelho, deve assumir todos os valores positivos da cultura e das culturas (31) e rejeitar aqueles elementos que impedem as pessoas e os povos de alcançarem o desenvolvimento de suas autênticas potencialidades.

A situação religiosa e moral

22. Entre os elementos que compõem o patrimônio cultural de um povo, o fator religioso-moral tem, para o semeador, um particular relevo. Na cultura atual existe uma persistente difusão da indiferença religiosa: « Muitos de nossos contemporâneos ... não percebem de modo algum esta união íntima e vital com Deus ou explicitamente a rejeitam ».(32)

O ateísmo, como negação de Deus, « conta entre os gravíssimos problemas de nosso tempo ».(33) Ele adota formas diversas, mas aparece hoje especialmente sob a forma do secularismo, que consiste numa visão autonomista do homem e do mundo « segundo a qual esse mundo se explicaria por si mesmo, sem ser necessário recorrer a Deus ».(34) No âmbito especificamente religioso, existem sinais de um « retorno ao sagrado », (35) de uma nova sede de realidades transcendentais e divinas. O mundo atual atesta, de modo mais amplo e vital, « o despertar da procura religiosa ».(36) Certamente este fenômeno « não deixa de ser ambíguo ».(37) O amplo desenvolvimento das seitas e de novos movimentos religiosos e o redespertar do « fundamentalismo »(38) são dados que interpelam seriamente a Igreja e que devem ser atentamente analisados.

23. A atual situação moral procede de *pari passu* com a religiosa. Efetivamente, percebe-se um obscurecimento da verdade ontológica da pessoa humana. E isto acontece como se a rejeição de Deus quisesse significar a ruptura interior das aspirações do ser humano.(39) Assiste-se, assim, em muitos lugares, a um « relativismo ético que tira à convivência civil qualquer ponto seguro de referência moral ».(40)

A evangelização encontra no terreno religioso-moral um ambiente de atuação privilegiado. A missão primordial da Igreja, de fato, é anunciar Deus, testemunhá-Lo diante do mundo. Trata-se de fazer conhecer as verdadeiras feições de Deus e o Seu desígnio de amor e de salvação em favor dos homens, assim como Jesus o revelou.

Para preparar tais testemunhos, é necessário que a Igreja desenvolva uma catequese que propicie o encontro com Deus e fortaleça um vínculo permanente de comunhão com Ele.

A Igreja no campo do mundo

A fé dos cristãos

24. Os discípulos de Jesus estão imersos no mundo como o fermento mas, como em todos os tempos, não estão imunes de sofrer a influência das situações humanas.

É, por isso, necessário, interrogar-se sobre a atual situação da fé dos cristãos.

A renovação catequética, desenvolvida na Igreja durante as últimas décadas, está dando frutos muito positivos.(41) A catequese das crianças, dos jovens e dos adultos, nesses anos, deu origem a uma tipologia de cristão verdadeiramente consciente de sua fé e coerente com esta em sua vida. De fato, favoreceu neles:

– uma nova experiência vital de Deus, como Pai misericordioso;

– uma redescoberta mais profunda de Jesus Cristo, não apenas na sua divindade, mas também na sua verdadeira humanidade;

- o sentir-se, todos, co-responsáveis pela missão da Igreja no mundo;
- a tomada de consciência das exigências sociais da fé.

25. Todavia, diante do atual panorama religioso, os filhos da Igreja devem se examinar: « em que medida são tocados, também eles, pela atmosfera de secularismo e de relativismo ético? ». (42)

Uma primeira categoria configura-se naquela « multidão de homens que receberam o Batismo, mas vivem fora de toda a vida cristã ». (43) Trata-se, de fato, de uma multidão de cristãos « não praticantes », (44) ainda que, no fundo do coração de muitos, o sentimento religioso não tenha desaparecido de todo. Redespertá-los para a fé é um verdadeiro desafio para a Igreja.

Além desses, há ainda as « pessoas simples », (45) que se exprimem, às vezes, com sentimentos religiosos muito sinceros e com uma « religiosidade popular » (46) muito enraizada. Possuem uma certa fé, mas « conhecem mal os fundamentos dessa mesma fé ». (47) Além disso, existem também numerosos cristãos, muito cultos, mas com uma formação religiosa recebida apenas na infância, e que necessitam reposicionar e amadurecer a sua fé « sob uma luz diversa ». (48)

26. Não falta, além disso, um certo número de cristãos batizados que, infelizmente, escondem a própria identidade cristã, ou por causa de uma errônea forma de diálogo inter-religioso ou por uma certa reticência em testemunhar a própria fé em Jesus Cristo na sociedade contemporânea.

Estas situações da fé dos cristãos reclamam do semeador, com urgência, o desenvolvimento de uma *nova evangelização*, (49) sobretudo naquelas Igrejas de antiga tradição cristã, onde o secularismo penetrou mais. Nesta nova situação necessitada de evangelização, o anúncio missionário e a catequese, sobretudo aos jovens e aos adultos, constituem uma clara prioridade.

A vida interna da comunidade eclesial

27. É importante considerar também a própria vida da comunidade eclesial, a sua íntima qualidade.

Uma primeira consideração é descobrir como, na Igreja, tenha sido acolhido e tenha dado frutos o Concílio Vaticano II. Os grandes documentos conciliares não permaneceram letra morta: constatam-se os seus efeitos. As quatro constituições — *Sacrosanctum Concilium*, *Lumen Gentium*, *Dei Verbum* e *Gaudium et Spes* — fecundaram a Igreja. De fato:

- A vida litúrgica é compreendida mais profundamente como fonte e vértice da vida eclesial;
- O povo de Deus adquiriu uma consciência mais viva do « sacerdócio comum », (50) radicado no Batismo. Ao mesmo tempo, redescobre sempre mais a vocação universal à santidade e um sentido mais profundo do serviço à caridade.
- A comunidade eclesial adquiriu um sentido mais vivo da Palavra de Deus. A Sagrada Escritura, por exemplo, é lida, saboreada e meditada de modo mais intenso.

– A missão da Igreja no mundo é sentida de maneira nova. Com base numa renovação interior, o Concílio abriu os católicos à exigência de uma evangelização ligada necessariamente com a promoção humana, à necessidade do diálogo com o mundo, com as diversas culturas e religiões e à urgente busca da união entre os cristãos.

28. Mas em meio a esta fecundidade, devem-se reconhecer também os « defeitos e dificuldades no acolhimento do Concílio ».(51) Malgrado uma doutrina eclesiológica tão ampla e profunda, enfraqueceu-se o sentido da pertença eclesial; constata-se freqüentemente uma « desafeição para com a Igreja »; (52) ela é contemplada, muitas vezes, de modo unilateral, como mera instituição, despojada do seu mistério.

Em algumas ocasiões, foram tomadas posições parciais e opostas na interpretação e na aplicação da renovação solicitada à Igreja pelo Concílio Vaticano II. Tais ideologias e comportamentos conduziram a fragmentações e a prejudicar o testemunho de comunhão, indispensável para a evangelização.

A ação evangelizadora da Igreja, e nesta a catequese, deve buscar mais decididamente uma sólida coesão eclesial. Para isso, é urgente promover e aprofundar uma autêntica eclesiologia de comunhão, (53) para gerar nos cristãos, uma profunda espiritualidade eclesial.

Situação da catequese: a sua vitalidade e os seus problemas

29. Muitos são os aspectos positivos da catequese nestes últimos anos, que mostram a sua vitalidade. Entre outros, devem ser destacados:

– O grande número de sacerdotes, religiosos e leigos que se consagram à catequese com grande entusiasmo e perseverança. É uma das ações eclesiais mais relevantes.

– Deve ser sublinhado também o caráter missionário da atual catequese e a sua propensão em assegurar a adesão à fé, dos catecúmenos e dos catequizandos, num mundo no qual o sentido religioso se obscura. Nesta dinâmica, tem-se uma clara consciência de que a catequese deve adquirir o estilo de formação integral e não reduzir-se a simples ensinamento: deverá esforçar-se, de fato, para suscitar uma verdadeira conversão. (54)

– Em sintonia com tudo o que já foi dito, assume extraordinária importância o incremento que vai adquirindo a catequese dos adultos (55) no projeto de catequese de muitas Igrejas particulares. Esta opção aparece como prioritária nos planos pastorais de muitas dioceses. Também em alguns movimentos e grupos eclesiais ela ocupa um lugar central.

– Favorecido, sem dúvida, pelas recentes orientações do Magistério, o pensamento catequético ganhou, nos nossos dias, uma maior densidade e profundidade. Neste sentido, muitas Igrejas locais já dispõem de idôneas e oportunas orientações pastorais.

30. Todavia, é necessário examinar, com particular atenção, alguns problemas, buscando encontrar uma solução para os mesmos:

– O primeiro diz respeito ao próprio conceito de catequese como escola da fé, como aprendizado e tirocínio de toda a vida cristã, que ainda não penetrou plenamente na consciência dos catequistas.

– No que concerne à orientação de fundo, o conceito de « Revelação » impregna ordinariamente a atividade catequética; todavia, o conceito conciliar de « Tradição » tem uma menor influência como elemento realmente inspirador. De fato, em muitas catequese, a referência à Sagrada Escritura é quase que exclusiva, sem que a reflexão e a vida bimilenar da Igreja (56) acompanhem tal referência, de modo suficiente. A natureza eclesial da catequese se mostra, neste caso, menos clara. A inter-relação entre Sagrada Escritura, Tradição e Magistério, « cada qual segundo seu próprio modo », (57) ainda não fecunda harmoniosamente a transmissão catequética da fé.

– No que diz respeito à finalidade da catequese, que visa promover a comunhão com Jesus Cristo, é necessária uma apresentação mais equilibrada de toda a verdade do mistério de Cristo. Às vezes, se insiste somente na sua humanidade, sem fazer explícita referência à sua divindade; em outras ocasiões, menos freqüentes nos nossos dias, a sua divindade é tão acentuada, que não se percebe mais a realidade do mistério da Encarnação do Verbo. (58)

– Em relação ao conteúdo da catequese, subsistem vários problemas. Há algumas lacunas doutrinárias no que concerne à verdade sobre Deus e sobre o homem, sobre o pecado e a graça e sobre os Novíssimos. Há a necessidade de uma formação moral mais sólida; constata-se uma apresentação inadequada da história da Igreja e um escassa importância dada à sua Doutrina Social. Em algumas regiões, proliferam catecismos e textos de iniciativa particular, com tendências seletivas e acentuações tão diferentes, que prejudicam a necessária convergência na unidade da fé. (59)

– « A catequese é intrinsecamente ligada com toda a ação litúrgica e sacramental ». (60) Muitas vezes, porém, a praxe catequética apresenta uma ligação fraca e fragmentária com a liturgia: atenção limitada aos sinais e ritos litúrgicos, pouca valorização das fontes litúrgicas, percursos catequéticos que pouco ou nada têm a ver com o ano litúrgico, presença marginal de celebrações nos itinerários da catequese.

– No que concerne à pedagogia, após uma excessiva acentuação do valor do método e das técnicas, por parte de alguns, ainda não se presta a devida atenção às exigências e à originalidade da pedagogia própria da fé. (61) Cai-se facilmente no dualismo « conteúdo-método », com reducionismos num sentido ou no outro. No que diz respeito à dimensão pedagógica, não se exercitou sempre o necessário discernimento teológico.

– No que concerne à diferença das culturas em relação ao serviço da fé, constitui um problema saber transmitir o Evangelho no limite do horizonte cultural dos povos aos quais se dirige, de modo que ele possa ser apreendido realmente como uma grande notícia para a vida das pessoas e da sociedade. (62)

– A formação para o apostolado e para a missão é uma das tarefas principais da catequese. No entanto, enquanto na atividade catequética cresce uma nova sensibilidade em formar os fiéis leigos para o testemunho cristão, para o diálogo inter-religioso e para o compromisso secular, a educação para a dimensão missionária *ad gentes* mostra-se ainda fraca e inadequada. Com freqüência, a catequese ordinária reserva às missões uma atenção marginal e não constante.

A semeadura do Evangelho

31. Depois de ter analisado o terreno, o semeador envia os seus operários para anunciar o Evangelho por todo o mundo, comunicando-lhes a força do seu Espírito. Ao mesmo tempo,

mostra-lhes como ler os sinais dos tempos e lhes pede uma preparação muito acurada para realizar a sementeira.

Como ler os sinais dos tempos

32. A voz do Espírito que Jesus, por parte do Pai, enviou a Seus discípulos ressoa também nos acontecimentos da história. (63) Por trás dos dados mutáveis da situação atual e nas profundas motivações dos desafios que se apresentam à evangelização, é necessário descobrir « os sinais da presença e do desígnio de Deus ». (64) Trata-se de uma análise que se deve fazer à luz da fé, com uma atitude de compaixão. Valendo-se das ciências humanas, (65) sempre necessárias, a Igreja busca descobrir o sentido da situação atual, no âmbito da história da salvação. Os seus juízos sobre a realidade são sempre diagnósticos para a missão.

Alguns desafios para a catequese

33. Para poder exprimir a sua vitalidade e a sua eficácia, a catequese, hoje, deveria assumir os seguintes desafios e orientações:

- antes de tudo, ela deve se apresentar como um válido serviço à evangelização da Igreja, com uma acentuada característica missionária;
- ela deve se dirigir aos seus destinatários privilegiados, como foram e continuam a ser as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos a partir, sobretudo, dos primeiros;
- seguindo o exemplo da catequese patrística, ela deve plasmar a personalidade daquele que crê e, portanto, deve ser uma verdadeira e própria escola de pedagogia cristã;
- deve anunciar os mistérios essenciais do cristianismo, promovendo a experiência trinitária da vida em Cristo como centro da vida de fé;
- deve considerar como tarefa prioritária a preparação e a formação de catequistas de fé profunda.

I PARTE

A CATEQUESE NA MISSÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA

A catequese na missão evangelizadora da Igreja

« Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura » (Mc 16,15)

« Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei » (Mt 28,19-20).

« Recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas... até os confins da terra » (At 1,8).

O mandato missionário de Jesus

34. Jesus, após a sua ressurreição, enviou por parte do Pai o Espírito Santo para que realizasse, a partir de dentro, a obra da salvação e estimulasse os discípulos a continuarem a sua própria

missão no mundo inteiro, como ele mesmo fora enviado pelo Pai. Ele foi o primeiro e o maior evangelizador. Anunciou o Reino de Deus,(66) como nova e definitiva intervenção divina na história e definiu este anúncio como « *o Evangelho* », ou seja, a boa nova. A este dedicou toda a sua existência terrena: deu a conhecer a alegria de pertencer ao Reino,(67) as suas exigências e a sua magna carta,(68) os mistérios que encerra,(69) a vida fraterna daqueles que nele entram,(70) e a sua plenitude futura.(71)

Significado e finalidade desta parte

35. Esta primeira parte pretende definir o caráter próprio da catequese.

O primeiro capítulo, relativo à estrutura teológica, recorda brevemente o conceito de Revelação exposto no Documento conciliar *Dei Verbum*. Ele determina, de maneira específica, o modo de conceber o ministério da Palavra. Os conceitos *palavra de Deus, Evangelho, Reino de Deus e Tradição*, presentes nessa Constituição dogmática, fundam o significado de catequese. Junto a esses, é referencial obrigatório para a catequese o conceito de *evangelização*. A sua dinâmica e os seus elementos são expostos com uma precisão nova e profunda, na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*.

O segundo capítulo situa a catequese no quadro da evangelização e a coloca em relação com as demais formas de ministério da palavra de Deus. Graças a essa relação, descobre-se mais facilmente o caráter próprio da catequese.

O terceiro capítulo analisa mais diretamente a catequese enquanto tal: a sua natureza eclesial, a sua finalidade vinculativa de comunhão com Jesus Cristo, os seus deveres, e a inspiração catecumenal que a anima.

A concepção que se tem da catequese condiciona profundamente a seleção e a organização dos seus conteúdos (*cognitivos, experienciais e comportamentais*), precisa os seus destinatários e define a pedagogia que se exige para alcançar os seus objetivos.

O termo catequese sofreu uma evolução semântica durante os vinte séculos de história da Igreja. Neste Diretório, o conceito de catequese inspira-se nos Documentos do Magistério Pontifício pósconciliar e, sobretudo, na *Evangelii Nuntiandi*, na *Catechesi Tradendae* e na *Redemptoris Missio*.

I CAPÍTULO

A Revelação e a sua transmissão mediante a evangelização

« *Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda a sorte de bênçãos espirituais, nos céus, em Cristo. (...) dando-nos a conhecer o mistério da sua vontade, conforme decisão prévia que lhe aprouve tomar para levar o tempo à sua plenitude: a de em Cristo encabeçar todas as coisas...* » (Ef 1,3-10).

A Revelação do desígnio providencial de Deus

36. « Deus, que cria e conserva todas as coisas por meio do Verbo, oferece aos homens, na criação, um perene testemunho de si mesmo ». (72) O homem, que por sua natureza e vocação é « capaz de Deus », quando ouve a mensagem das criaturas, pode atingir a certeza da

existência de Deus como causa e fim de tudo e que Ele pode se revelar ao homem.

A constituição *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II descreveu a Revelação como o ato mediante o qual Deus se manifesta pessoalmente aos homens. Deus se mostra, de fato, como Aquele que quer comunicar a Si mesmo, tornando a pessoa humana partícipe de sua natureza divina. (73) Dessa maneira, Ele realiza o seu desígnio de amor.

« Aproveu a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-Se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério de Sua vontade, pelo qual os homens... têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina ». (74)

37. Este desígnio providencial (75) do Pai, revelado plenamente em Jesus Cristo, realiza-se com a força do Espírito Santo.

Ele comporta:

– a revelação de Deus, da sua « verdade íntima », (76) do seu « segredo », (77) da verdadeira vocação e dignidade do homem; (78)

– a oferta da salvação a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia de Deus, (79) que implica a libertação do mal, do pecado e da morte; (80)

– o definitivo chamado para reunir na família de Deus todos os filhos dispersos, realizando assim a união fraterna entre os homens. (81)

A Revelação: fatos e palavras

38. Deus, na sua imensidão, para se revelar à pessoa humana, utiliza uma pedagogia: (82) serve-se de eventos e de palavras humanas para comunicar o seu desígnio; e o faz progressivamente e por etapas, (83) para se aproximar melhor dos homens. Deus, de fato, age de maneira tal, que os homens cheguem ao conhecimento do seu plano salvífico através dos eventos da história da salvação e mediante as palavras divinamente inspiradas que os acompanham e os explicam.

« Este plano da Revelação se concretiza através de acontecimentos e palavras intimamente conexos entre si, de forma que

– as *obras* realizadas por Deus na história da salvação manifestam e corroboram os ensinamentos e as realidades significadas pelas palavras,

– enquanto *as palavras*, por sua vez, proclamam as obras e elucidam o mistério nelas contido ». (84)

39. Também a evangelização, que transmite ao mundo a Revelação, realiza-se com obras e palavras. Ela é, ao mesmo tempo, testemunho e anúncio, palavra e sacramento, ensinamento e empenho.

A catequese, por sua vez, transmite os fatos e as palavras da Revelação: deve proclamá-los e narrá-los e, ao mesmo tempo, explicar os profundos mistérios que estes encerram. Além disso, sendo a Revelação fonte de luz para a pessoa humana, a catequese não apenas recorda as

maravilhas de Deus operadas no passado mas, à luz da mesma Revelação, interpreta os sinais dos tempos e a vida presente dos homens e das mulheres, uma vez que, neles, realiza-se o desígnio de Deus para a salvação do mundo. (85)

Jesus Cristo, mediador e plenitude da Revelação

40. Deus revelou-se progressivamente aos homens, por meio dos profetas e dos eventos salvíficos, até à plenitude da Revelação com o envio de seu próprio Filho: (86)

« Jesus Cristo, pela plena presença e manifestação de Si mesmo, por palavras e obras, sinais e milagres, e especialmente por sua morte e gloriosa ressurreição dentre os mortos, enviado finalmente o Espírito de verdade, aperfeiçoa e completa a Revelação ». (87)

Jesus Cristo não é somente o maior dos profetas, mas é o Filho eterno de Deus, feito homem. Ele é, portanto, o evento último para o qual convergem todos os eventos da história da salvação. (88) Ele é, de fato, « a Palavra única, perfeita e insuperável do Pai ». (89)

41. O ministério da Palavra deve ressaltar esta admirável característica, própria da economia da Revelação: o Filho de Deus entra na história dos homens, assume a vida e a morte humanas e realiza a nova e definitiva aliança entre Deus e os homens. É dever próprio da catequese mostrar quem é Jesus Cristo: a sua vida e o seu mistério, e apresentar a fé cristã como seqüela da sua pessoa. (90) Por isso, deve basear-se constantemente nos Evangelhos, os quais « são o coração de todas as Escrituras, uma vez que constituem o principal testemunho sobre a vida e a doutrina do Verbo encarnado, nosso Salvador. (91)

O fato que Jesus Cristo seja a plenitude da Revelação é o fundamento do « cristocentrismo » (92) da catequese: o mistério de Cristo, na mensagem revelada, não é um elemento a mais, junto aos demais, mas sim o centro a partir do qual todos os demais elementos se hierarquizam e se iluminam.

A transmissão da Revelação por meio da Igreja, obra do Espírito Santo

42. A revelação de Deus, culminada em Jesus Cristo, é destinada a toda a humanidade: « Deus quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade » (1 Tm 2,4). Em virtude dessa vontade salvífica universal, Deus dispôs que a Revelação se transmitisse a todos os povos e a todas as gerações e permanecesse íntegra. (93)

43. Para cumprir este desígnio divino, Jesus Cristo instituiu a Igreja com fundamento nos apóstolos e, mandando sobre eles o Espírito Santo, por parte do Pai, enviou-os a pregar o Evangelho em todo o mundo. Os apóstolos, com palavras, obras e por escrito, executaram fielmente tal mandato. (94)

Esta Tradição apostólica perpetua-se na Igreja e por meio da Igreja. E esta, no seu todo, pastores e fiéis, vigia por sua conservação e transmissão. O Evangelho, de fato, conserva-se íntegro e vivo na Igreja: os discípulos de Jesus o contemplam e o meditam incessantemente, vivem-no na existência cotidiana e o anunciam na missão. O Espírito Santo fecunda constantemente a Igreja enquanto ela vive o Evangelho; faz com que ela cresça continuamente na compreensão do mesmo, e a impulsiona e sustenta na tarefa de anunciá-lo em todos os recantos do mundo. (95)

44. A conservação íntegra da Revelação, palavra de Deus contida na Tradição e na Escritura, assim como a sua contínua transmissão, são garantidas na sua autenticidade. O Magistério da Igreja, sustentado pelo Espírito Santo e dotado do « carisma da verdade », exercita a função de « interpretar autenticamente a Palavra de Deus ».(96)

45. A Igreja, « sacramento universal de salvação », (97) movida pelo Espírito Santo, transmite a Revelação por meio da evangelização: anuncia a boa nova do desígnio salvífico do Pai e, nos sacramentos, comunica os dons divinos.

A Deus, que se revela, é devida a obediência da fé, pela qual o homem adere livremente ao « Evangelho da graça de Deus » (At 20,24), com pleno assentimento do intelecto e da vontade. Guiado pela fé, dom do Espírito, o homem chega à contemplar e a saborear o Deus do amor, que em Cristo revelou as riquezas da sua glória.(98)

A evangelização(99)

46. A Igreja « existe para evangelizar », (100) isto é, para « levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade ». (101)

O mandato missionário de Jesus comporta vários aspectos intimamente conexos entre si: « proclamai » (Mc 16,15), « fazei discípulos e ensinai », (102) « sereis minhas testemunhas », (103) « batizai », (104) « fazei isto em minha memória » (Lc 22,19), « amai-vos uns aos outros » (Jo 15,12). Anúncio, testemunho, ensinamento, sacramentos, amor ao próximo, fazer discípulos: todos estes aspectos são via e meios para a transmissão do único Evangelho, e constituem os elementos da evangelização.

Alguns deles se revestem de uma importância tão grande que, às vezes, se tende a identificá-los com a ação evangelizadora. Todavia, « nenhuma definição parcial e fragmentária, porém, chegará a dar razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização ». (105) Corre-se o risco de empobrecê-la e até mesmo de mutilá-la. Ao contrário, ela deve desenvolver a « sua totalidade » (106) e incorporar as suas intrínsecas bipolaridades: testemunho e anúncio, (107) palavra e sacramento, (108) mudança interior e transformação social. (109) Os agentes da evangelização devem saber agir com uma « visão global » (110) da mesma e identificá-la com o conjunto da missão da Igreja. (111)

O processo da evangelização

47. A Igreja, embora contendo em si, permanentemente, a plenitude dos meios da salvação, opera sempre de modo gradual. (112) O decreto conciliar *Ad Gentes* esclareceu bem a dinâmica do processo evangelizador: testemunho cristão, diálogo e presença da caridade (11-12), anúncio do Evangelho e chamado à conversão (13), catecumenato e iniciação cristã (14), formação da comunidade cristã por meio dos sacramentos e dos ministérios (15-18). (113) Este é o dinamismo da implantação e da edificação da Igreja.

48. De acordo com isso, é necessário conceber a evangelização como o processo através do qual a Igreja, movida pelo Espírito, anuncia e difunde o Evangelho em todo o mundo. Ela:

– impulsionada pela *caridade*, impregna e transforma toda a ordem temporal, assumindo e

renovando as culturas; (114)

– dá *testemunho*, (115) entre os povos, do novo modo de ser e de viver que caracteriza os cristãos;

– proclama explicitamente o Evangelho, mediante o « *primeiro anúncio* », (116) chamando à conversão; (117)

– inicia na fé e na vida cristã, mediante a « *catequese* » (118) e os « *sacramentos de iniciação* », (119) aqueles que se convertem a Jesus Cristo, ou aqueles que retomam o caminho de sua seqüela, incorporando os primeiros na comunidade cristã e a ela reconduzindo os demais; (120)

– alimenta constantemente o dom da *comunhão* (121) nos fiéis, mediante a educação permanente da fé (homilia, outras formas do ministério da Palavra), os sacramentos e o exercício da caridade;

– suscita continuamente a *missão*, (122) enviando todos os discípulos de Cristo a anunciarem o Evangelho, com palavras e obras, em todo o mundo.

49. O processo evangelizador, (123) conseqüentemente, é estruturado em etapas ou « momentos essenciais »: (124) a ação missionária para os não crentes e para aqueles que vivem na indiferença religiosa; a ação catequética e de iniciação para aqueles que optam pelo Evangelho e para aqueles que necessitam completar ou reestruturar a sua iniciação; e a ação pastoral para os fiéis cristãos já maduros, no seio da comunidade cristã. (125) Esses momentos, no entanto, não são etapas concluídas: reiteram-se, se necessário, uma vez que darão o alimento evangélico mais adequado ao crescimento espiritual de cada pessoa ou da própria comunidade.

O ministério da Palavra de Deus na evangelização

50. O ministério da Palavra (126) é elemento fundamental da evangelização. A presença cristã, em meio aos diferentes grupos humanos, e o testemunho de vida precisam ser esclarecidos e justificados pelo anúncio explícito de Jesus Cristo, o Senhor. « Não há verdadeira evangelização se o nome, o ensinamento, a vida e as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem proclamados ». (127) Mesmo aqueles que já são discípulos de Cristo têm necessidade de ser alimentados constantemente com a palavra de Deus, para crescerem na sua vida cristã. (128)

O ministério da Palavra, no interior da evangelização, transmite a Revelação por meio da Igreja, valendo-se das « palavras » humanas. Estas, porém, são sempre em referência às « obras »: àquelas que Deus realizou e continua a realizar, especialmente nos sacramentos; ao testemunho de vida dos cristãos; à ação transformadora que estes, unidos a tantos homens de boa vontade, realizam no mundo. Esta palavra humana da Igreja é o meio de que o Espírito Santo se serve, para continuar o diálogo com a humanidade. Ele é, de fato, o principal agente do ministério da Palavra, aquele por meio do qual « a viva voz do Evangelho ressoa na Igreja, e por meio desta, no mundo ». (129)

O ministério da Palavra exercita-se « de muitas formas ». (130) A Igreja, desde a época apostólica, (131) no seu desejo de oferecer a palavra de Deus da maneira mais apropriada, tem

realizado este ministério através das mais variadas formas. (132) Todas elas servem para veicular aquelas funções basilares que o ministério da Palavra é chamado a desempenhar.

Funções e formas do ministério da Palavra

51. As principais funções do ministério da Palavra são as seguintes:

– Convocação e chamado à fé

É a função que mais imediatamente se deduz do mandato missionário de Jesus. Realiza-se mediante o « primeiro anúncio », dirigido aos não crentes: aqueles que fizeram uma opção de não-crença, os batizados que vivem às margens da vida cristã, os praticantes de outras religiões... (133) O despertar religioso das crianças, nas famílias cristãs, é também uma forma eminente desta função.

– A iniciação

Aqueles que, movidos pela graça, decidem seguir Jesus, são « introduzidos na vida religiosa, litúrgica e caritativa do Povo de Deus ». (134) A Igreja realiza esta função, fundamentalmente por meio da catequese, em estreita relação com os sacramentos da iniciação, tanto se estes devem ser ainda recebidos quanto se já o foram. Formas importantes são: a catequese dos adultos não batizados, no catecumenato; a catequese dos adultos batizados que desejam retornar à fé, ou daqueles que têm necessidade de completar a sua iniciação; a catequese das crianças e dos mais jovens, que por si só, já tem um caráter de iniciação. Também a educação cristã familiar e o ensino escolar da religião exercem uma função de iniciação.

– A educação permanente à fé

Em diversas regiões, ela é chamada também de « catequese permanente ». (135)

Dirige-se aos cristãos iniciados nos elementos de base, que têm necessidade de alimentar e amadurecer constantemente a sua fé, durante toda a vida. É uma função que se realiza através de formas muito variadas: « sistemáticas e ocasionais, individuais e comunitárias, organizadas e espontâneas, etc. ». (136)

– A função litúrgica

O ministério da Palavra compreende também uma função litúrgica, uma vez que, quando ele se realiza no âmbito de uma ação sacra, é parte integrante da mesma. (137) Ele se exprime de maneira eminente através da homilia. Outras formas são as intervenções e as exortações durante as celebrações da palavra. É preciso também fazer referência à preparação imediata aos diversos sacramentos, às celebrações sacramentais e, sobretudo, à participação dos fiéis na Eucaristia, como forma fundamental da educação da fé.

– A função teológica

Ela busca desenvolver a compreensão da fé, colocando-se na dinâmica da « fides quaerens intellectum », ou seja, da fé que procura entender. (138) A teologia, para cumprir esta função, precisa confrontar-se ou dialogar com as formas filosóficas do pensamento, com os humanismos que conotam a cultura e com as ciências do homem. Articula-se em formas que

promovem « a abordagem sistemática e a pesquisa científica das verdades da fé ». (139)

52. São formas importantes do ministério da Palavra: o primeiro anúncio ou pregação missionária, a catequese pré e pós-batismal, a forma litúrgica e a forma teológica. Acontece, com frequência, que tais formas, por circunstâncias pastorais, devam assumir mais de uma função. A catequese, por exemplo, junto à sua função de iniciação, deve exercitar, freqüentemente, tarefas missionárias. A própria homilia, de acordo com as circunstâncias, será conveniente que assuma as funções de convocação e de iniciação orgânica.

A conversão e a fé

53. Ao anunciar ao mundo a Boa Nova da Revelação, a evangelização convida homens e mulheres à conversão e à fé. 140 O chamado de Jesus, « arrependei-vos e crede no Evangelho » (Mc 1,15), continua a ressoar hoje, mediante a evangelização da Igreja. A fé cristã é, antes de mais nada, conversão a Jesus Cristo, (141) adesão plena e sincera à sua pessoa, e decisão de caminhar na sua seqüela. (142) A fé é um encontro pessoal com Jesus Cristo, é tornar-se seu discípulo. Isso exige o empenho permanente de pensar como Ele, de julgar como Ele e de viver como Ele viveu. (143) Assim, o crente se une à comunidade dos discípulos e assume, como sua, a fé da Igreja. (144)

54. Este « sim » a Jesus Cristo, plenitude da Revelação do Pai, encerra em si uma dupla dimensão: o confiante abandono em Deus e a amorosa adesão a tudo aquilo que Ele nos revelou. Isto é possível somente mediante a ação do Espírito Santo: (145)

« Com a fé, o homem livremente se entrega todo a Deus, prestando ao Deus revelador, um obséquio pleno do intelecto e da vontade, e dando voluntário assentimento à revelação feita por Ele ». (146)

« Crer, portanto, tem uma dupla referência: à pessoa e à verdade; à verdade por confiança na pessoa que a atesta ». (147)

55. A fé comporta uma transformação de vida, uma « metanóia », (148) ou seja, uma profunda transformação da mente e do coração; faz com que o crente viva aquela « nova maneira de ser, de viver, de estar junto com os outros que o Evangelho inaugura ». (149) Esta transformação de vida manifesta-se em todos os níveis da existência do cristão: na sua vida interior de adoração e de acolhimento da vontade divina; na sua participação ativa na missão da Igreja; na sua vida matrimonial e familiar; no exercício da vida profissional; no cumprimento das atividades econômicas e sociais.

A fé e a conversão brotam do « coração », isto é, do mais profundo da pessoa humana, envolvendo-a inteira. Encontrando Jesus e aderindo a Ele, o ser humano vê realizadas as suas mais profundas aspirações; encontra tudo aquilo que sempre buscou e o encontra abundantemente. (150) A fé responde àquela « ânsia », (151) freqüentemente inconsciente e sempre limitada, de conhecer a verdade sobre Deus, sobre o próprio homem e sobre o destino que o espera. É como uma água pura (152) que reaviva o caminho do homem, peregrino em busca de seu lar.

A fé é um dom de Deus. Pode nascer do íntimo do coração humano somente como fruto da « graça prévia e adjuvante » (153) e como resposta, completamente livre, à moção do Espírito Santo, que move o coração e o dirige a Deus, dando-lhe « suavidade no consentir e crer na

verdade ». (154)

A Virgem Maria viveu, no modo mais perfeito, estas dimensões da fé. A Igreja venera n'Ela, « a mais pura realização da fé ». (155)

O processo da conversão permanente

56. A fé é um dom destinado a crescer no coração dos crentes. (156) A adesão a Jesus Cristo, de fato, inicia um processo de conversão permanente, que dura toda a vida. (157) Quem acede à fé é como uma criança recém-nascida (158) que, pouco a pouco, crescerá e se converterá num ser adulto que tende ao « estado de homem feito », (159) à maturidade da plenitude em Cristo.

No processo de fé e de conversão podem-se revelar, do ponto de vista teológico, diversos momentos importantes:

a) O interesse pelo Evangelho. O primeiro momento é aquele em que, no coração do não crente, do indiferente ou do praticante de outra religião, nasce, como consequência do primeiro anúncio, um interesse pelo Evangelho, sem ser ainda uma decisão firme. Aquele primeiro movimento do espírito humano para a fé, que já é fruto da graça, recebe diversos nomes: « propensão à fé », (160) « preparação evangélica », (161) inclinação a crer, « procura religiosa ». (162) A Igreja denomina « simpatizantes » (163) aqueles que mostram essa inquietação.

b) A conversão. Este primeiro interesse pelo Evangelho necessita de um tempo de busca (164) para poder-se transformar em uma opção sólida. A decisão para a fé deve ser avaliada e amadurecida. Tal busca, movida pelo Espírito Santo e pelo anúncio do *kerigma*, prepara a conversão que será — certamente — « inicial », (165) mas que já traz consigo a adesão a Jesus Cristo e a vontade de caminhar na sua seqüela. Esta « opção fundamental » funda toda a vida cristã do discípulo do Senhor. (166)

c) A profissão de fé. O abandonar-se a Jesus Cristo gera nos crentes o desejo de conhecê-Lo mais profundamente e de identificar-se com Ele. A catequese os inicia no conhecimento da fé e no aprendizado da vida cristã, favorecendo um caminho espiritual que provoca uma « progressiva transformação de mentalidade e costumes », (167) feita de renúncias e de lutas, mas também de alegrias que Deus concede sem medida. O discípulo de Jesus Cristo torna-se, então, idôneo a fazer uma viva, explícita e operante profissão de fé. (168)

d) O caminho rumo à perfeição. Esta maturidade de base, da qual nasce a profissão de fé, não é o ponto final no processo permanente de conversão. A profissão de fé batismal coloca-se como fundamento de um edifício espiritual destinado a crescer. O batizado, impulsionado sempre pelo Espírito Santo, alimentado pelos sacramentos, pela oração e pelo exercício da caridade, e ajudado pelas múltiplas formas de educação permanente da fé, procura tornar seu o desejo de Cristo: « Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito ». (169) É o chamado à plenitude que se dirige a cada batizado.

57. O ministério da Palavra está a serviço deste processo de conversão plena. O primeiro anúncio tem a característica de chamar à fé; a catequese, a de dar um fundamento à conversão e uma estrutura de base à vida cristã; e a educação permanente à fé, na qual se distingue a homilia, a de ser o nutrimento constante do qual cada organismo adulto necessita para viver.

(170)

Diversas situações sócio-religiosas diante da evangelização

58. A evangelização do mundo tem diante de si um panorama religioso muito diversificado e mutável, no qual se podem distinguir fundamentalmente « três situações » (171) que requerem respostas adequadas e diferenciadas.

a) A situação daqueles « povos, grupos humanos, contextos socioculturais onde Cristo e o seu Evangelho não são conhecidos, onde faltam comunidades cristãs suficientemente amadurecidas para poderem encarnar a fé no próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos ». (172) Esta situação postula a « missão *ad gentes* » (173) com uma ação evangelizadora centrada, preferivelmente, nos jovens e adultos. A sua peculiaridade consiste no fato de que se dirige aos não cristãos, convidando-os à conversão. A catequese, nesta situação, desenvolve-se ordinariamente no interior do Catecumenato batismal.

b) Existem, além disso, situações nas quais, num determinado contexto sociocultural, estão presentes, de maneira muito significativa, « comunidades cristãs que possuem sólidas e adequadas estruturas eclesiais, são fermento de fé e de vida, irradiando o testemunho do Evangelho no seu ambiente, e sentindo o compromisso da missão universal ». (174) Estas comunidades necessitam de uma *intensa* « ação pastoral da Igreja », visto que são constituídas por pessoas e famílias com um profundo senso cristão. Em tal contexto, é necessário que a catequese às crianças, adolescentes e jovens desenvolva verdadeiros processos de iniciação cristã bem articulados, que lhes permitam aceder à idade adulta com uma fé madura que, de evangelizados, os transforme em evangelizadores. Mesmo nessas situações, os adultos são destinatários de modalidades diversas de formação cristã.

c) Em muitos países de tradição cristã e, às vezes, também nas Igrejas mais jovens, existe uma « situação intermédia », (175) onde « grupos inteiros de batizados perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecendo já como membros da Igreja e conduzindo uma vida distante de Cristo e do Seu Evangelho ». (176) Esta situação requer uma « nova evangelização ». A sua peculiaridade consiste no fato de que a ação missionária se dirige aos batizados de todas as idades, que vivem num contexto religioso de referências cristãs, percebidos apenas exteriormente. Nesta situação, o primeiro anúncio e uma catequese de base constituem a opção prioritária.

Mútua conexão entre as ações evangelizadoras correspondentes a estas situações

59. Estas situações sócio-religiosas são, obviamente, diferentes e não é justo equipará-las. Tal diversidade, que sempre existiu na missão da Igreja, adquire hoje, neste mundo em constante transformação, uma novidade. De fato, com frequência, diversas situações convivem num mesmo território. Em muitas cidades grandes, por exemplo, coexistem simultaneamente a situação que postula uma « missão *ad gentes* » e outra que requer uma « nova evangelização ». Junto a estas, estão dinamicamente presentes comunidades cristãs missionárias, alimentadas por uma adequada « ação pastoral ». Hoje ocorre frequentemente que, no território de uma Igreja particular, seja preciso enfrentar o conjunto dessas situações. « Os confins entre o cuidado pastoral dos fiéis, a nova evangelização e a atividade missionária específica não são facilmente identificáveis, e não se deve pensar em criar entre esses âmbitos barreiras ou compartimentos estanques ». (177) De fato, « cada uma influi sobre a outra, estimula e a ajuda

». (178)

Por isso, em vista do mútuo enriquecimento das ações evangelizadoras que convivem juntas, convém levar em consideração que:

– A missão *ad gentes*, qualquer que seja a área ou âmbito em que se realiza, é a responsabilidade missionária mais específica que Jesus confiou à Sua Igreja e, portanto, é o modelo exemplar do conjunto da ação missionária da Igreja. A « nova evangelização » não pode suplantar ou substituir a « missão *ad gentes* », que continua a ser a atividade missionária específica e a tarefa primária. (179)

– « O modelo de toda catequese é o Catecumenato batismal , que é formação específica, mediante a qual o adulto convertido à fé é levado à confissão da fé batismal, durante a vigília pascal ». (180) Esta formação catecumenal deve inspirar as outras formas de catequese, nos seus objetivos e no seu dinamismo.

– « A catequese dos adultos, uma vez que é dirigida a pessoas capazes de uma adesão e de um empenho realmente responsáveis, deve ser considerada como a principal forma de catequese, para qual todas as demais, não por isso menos necessárias, estão orientadas ». (181) Isso implica que a catequese das demais idades deve tê-la como ponto de referência e deve articular-se com ela, num projeto catequético de pastoral diocesana, que seja coerente.

Desse modo, a catequese, situada no âmbito da missão evangelizadora da Igreja como « momento » essencial da mesma, recebe da evangelização, um dinamismo missionário que a fecunda interiormente e a configura na sua identidade. O ministério da catequese mostra-se, assim, como um serviço eclesial fundamental na realização do mandato missionário de Jesus.

II CAPÍTULO

A catequese no processo da evangelização

« O que nós ouvimos e conhecemos, o que nos contaram nossos pais, não o esconderemos a seus filhos; nós o **contaremos** à geração seguinte os louvores de Iahweh e seu poder, e as maravilhas que realizou » (Sl 78,34).

« Apolo tinha sido **instruído** no caminho do Senhor e, no fervor do espírito, falava e ensinava com exatidão o que se refere a Jesus » (At 18,25).

60. Neste capítulo, mostra-se a relação da catequese com os demais elementos da evangelização, da qual ela é parte integrante.

Neste sentido, descreve-se, em primeiro lugar, a relação da catequese com o *primeiro anúncio*, que se realiza na missão. Mostra-se depois a íntima conexão entre a catequese e os *sacramentos da iniciação cristã*. Explica-se, a seguir, o papel fundamental da catequese na vida ordinária da Igreja no seu papel de *educar permanentemente* à fé.

Uma consideração especial é reservada à relação que existe entre a catequese e o *ensino escolar da Religião*, uma vez que ambas as ações são profundamente interligadas e, juntamente com a educação familiar cristã, mostram ser basilares para a formação da infância e da juventude.

Primeiro anúncio e catequese

61. O *primeiro anúncio* se dirige aos não crentes e àqueles que, de fato, vivem na indiferença religiosa. Ele tem a função de anunciar o Evangelho e de chamar à conversão. A catequese, « distinta do primeiro anúncio do Evangelho » (182) promove e faz amadurecer esta conversão inicial, educando à fé o convertido e incorporando-o na comunidade cristã. A relação entre estas duas formas do ministério da Palavra é, portanto, uma relação de distinção na complementariedade.

O primeiro anúncio, que cada cristão é chamado a realizar, participa do « ide » (183) que Jesus propôs a seus discípulos: implica, portanto, o sair, o apressar-se, o propor. A catequese, ao invés, parte da condição que o próprio Jesus indicou, « aquele que crer », (184) aquele que se converter, aquele que se decidir. As duas ações são essenciais e se atraem mutuamente: ir e acolher, anunciar e educar, chamar e incorporar.

62. Na prática pastoral, todavia, as fronteiras entre as duas ações não são facilmente delimitáveis. Frequentemente, as pessoas que acedem à catequese, necessitam, de fato, de uma verdadeira conversão. Por isso, a Igreja deseja que, ordinariamente, uma primeira etapa do processo catequético seja dedicada a assegurar a conversão. (185) Na « missão *ad gentes* », esta tarefa se realiza no « pré-catecumenato ». (186) Na situação requerida pela « nova evangelização » esta tarefa se realiza por meio da « catequese kerigmática », que alguns chamam de « pré-catequese », (187) porque, inspirada no pré-catecumenato, é uma proposta da Boa Nova em ordem a uma sólida opção de fé. Somente a partir da conversão, isto é, apostando na atitude interior « daquele que crer », a catequese propriamente dita poderá desenvolver a sua tarefa específica de educação da fé. (188)

O fato de que a catequese, num primeiro momento, assuma estas tarefas missionárias, não dispensa a Igreja particular de promover uma intervenção institucionalizada de primeiro anúncio, como atuação mais direta do mandato missionário de Jesus. A renovação catequética deve basear-se nesta evangelização missionária prévia.

A Catequese a serviço da iniciação cristã

A catequese, « momento » essencial do processo de evangelização

63. A Exortação apostólica *Catechesi Tradendae*, colocando a catequese no âmbito da missão da Igreja, recorda que a evangelização é uma realidade rica, complexa e dinâmica, que compreende « momentos » essenciais e diferentes entre si. E acrescenta: « A catequese é... um desses momentos — e quanto ele há-de ser tido em conta! — de todo o processo da evangelização ». (189) Isto significa que há ações que « preparam » (190) a catequese, e ações que « derivam » (191) da catequese.

O « momento » da catequese é aquele que corresponde ao período em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo, oferecendo as bases para aquela primeira adesão. Os convertidos, mediante « um ensinamento e um aprendizado devidamente prolongado no decorrer de toda a vida cristã », (192) são iniciados no mistério da salvação e num estilo de vida evangélico. Trata-se, de fato, de « iniciá-los na plenitude da vida cristã ». (193)

64. Ao realizar, de diferentes formas, esta função de iniciação do ministério da Palavra, a catequese lança os fundamentos do edifício da fé. (194) Outras funções deste ministério

construirão depois os diferentes andares desse mesmo edifício.

A catequese de iniciação é, assim, o elo necessário entre a ação missionária, que chama à fé, e a ação pastoral, que alimenta continuamente a comunidade cristã. Não é, portanto, uma ação facultativa, mas sim uma ação basilar e fundamental para a construção, tanto da personalidade do discípulo, quanto da comunidade. Sem ela, a ação missionária não teria continuidade e seria estéril. Sem ela, a ação pastoral não teria raízes e seria superficial e confusa: qualquer tempestade faria desmoronar todo o edifício. (195)

Na verdade, « o crescimento interior da Igreja, a sua correspondência aos desígnios de Deus, dependem essencialmente da catequese ». (196) Neste sentido, a catequese deve ser considerada como momento prioritário na evangelização.

A catequese a serviço da iniciação cristã

65. A fé, mediante a qual o homem responde ao anúncio do Evangelho, exige o Batismo. A íntima relação entre as duas realidades tem sua raiz na vontade do próprio Cristo, que ordenou aos seus apóstolos que fizessem discípulos em todas as nações e os batizassem. « A missão de batizar, portanto, a missão sacramental, está implícita na missão de evangelizar ». (197)

Aqueles que se converteram a Jesus Cristo e foram educados à fé por meio da catequese, ao receberem os sacramentos da iniciação cristã, o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia, são « libertados do poder das trevas; mortos com Cristo, con-sepultados e coressuscitados com Ele, recebem o Espírito da adoção de filhos e com todo o Povo de Deus celebram o memorial da morte e da ressurreição do Senhor ». (198)

66. A catequese é, assim, elemento fundamental da iniciação cristã e é estreitamente ligada com os sacramentos de iniciação, de modo particular com o Batismo, « sacramento da fé ». (199) O elo que une a catequese com o Batismo é a profissão de fé que é, ao mesmo tempo, o elemento interior a este sacramento e a meta da catequese. A finalidade da ação catequética consiste precisamente nisso: em favorecer uma viva, explícita e operosa profissão de fé. (200) A Igreja, para alcançar esta finalidade, transmite aos catecúmenos e aos catequizandos, a viva experiência que ela tem do Evangelho, e a sua fé, a fim de que estes a façam própria, ao professá-la. Por isso, « a catequese autêntica é sempre iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus fez de Si mesmo ao homem, em Jesus Cristo; revelação esta conservada na memória

profunda da Igreja e nas Sagradas Escrituras, e constantemente comunicada, por uma « traditio » (tradição) viva e ativa, de uma geração para a outra ». (201)

Características fundamentais da catequese de iniciação

67. O fato de ser « momento essencial » do processo evangelizador, a serviço da iniciação cristã, confere à catequese algumas características. (202) Ela é:

– uma formação orgânica e sistemática da fé. O Sínodo de 1977 sublinhou a necessidade de uma catequese « orgânica e bem ordenada », (203) uma vez que o aprofundamento vital e orgânico do mistério de Cristo é aquilo que principalmente distingue a catequese de todas as demais formas de apresentação da Palavra de Deus.

– Esta formação orgânica é mais do que um ensino: é um aprendizado de toda a vida cristã, « uma iniciação cristã integral », (204) que favorece uma autêntica seqüela de Cristo, centrada na Sua Pessoa. Trata-se, de fato, de educar ao conhecimento e à vida de fé, de tal maneira que o homem no seu todo, nas suas experiências mais profundas, se sinta fecundado pela Palavra de Deus. Ajudar-se-á, assim, o discípulo de Cristo, a transformar o homem velho, a assumir os seus compromissos batismais e a professar a fé a partir do « coração ». (205)

– É uma formação de base, essencial, (206) centrada naquilo que constitui o núcleo da experiência cristã, nas certezas mais fundamentais da fé e nos mais basilares valores evangélicos. A catequese lança os fundamentos do edifício espiritual do cristão, alimenta as raízes da sua vida de fé, habilitando-o a receber o sucessivo alimento sólido, na vida ordinária da comunidade cristã.

68. Em síntese: a catequese de iniciação, sendo orgânica e sistemática, não se reduz ao meramente circunstancial ou ocasional; (207) sendo formação para a vida cristã, supera — incluindo-o — o mero ensino; (208) e sendo essencial, visa àquilo que é « comum » para o cristão, sem entrar em questões disputadas, nem transformar-se em pesquisa teológica. Enfim, sendo iniciação, incorpora na comunidade que vive, celebra e testemunha a fé. Realiza, portanto, ao mesmo tempo, tarefas de iniciação, de educação e de instrução. (209) Esta riqueza, inerente ao Catecumenato dos adultos não batizados, deve inspirar as demais formas de catequese.

A Catequese a serviço da educação permanente da fé

A educação permanente da fé na comunidade cristã

69. A educação permanente à fé segue a educação de base e a supõe. Ambas atualizam duas funções do ministério da Palavra, distintas e complementares, a serviço do processo permanente de conversão.

A catequese de iniciação lança as bases da vida cristã naqueles que seguem Jesus. O processo permanente de conversão vai além daquilo que fornece a catequese de base. Para favorecer tal processo, é necessária uma comunidade cristã que acolha os iniciados para sustentá-los e formá-los na fé. « A catequese corre o risco de se tornar estéril se uma comunidade de fé e de vida cristã não acolher o catecúmeno num certo estágio da sua catequização ». (210) O acompanhamento que a comunidade exercita em favor do iniciado, transforma-se em plena integração do mesmo na comunidade.

70. Na comunidade cristã, os discípulos de Jesus Cristo se alimentam em uma dúplice mesa: « da Palavra de Deus e do Corpo de Cristo ». (211) O Evangelho e a Eucaristia são alimento constante na peregrinação rumo à casa do Pai. A ação do Espírito Santo faz com que o dom da « comunhão » e o empenho da « missão » sejam aprofundados e vividos de maneira sempre mais intensa.

A educação permanente da fé se dirige não apenas a cada cristão, para acompanhá-lo no seu caminho rumo à santidade, mas também à comunidade cristã enquanto tal, para que amadureça tanto na sua vida interior de amor a Deus e aos irmãos, quanto na sua abertura ao mundo como comunidade missionária. O desejo e a oração de Jesus ao Pai são um incessante apelo: « a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste ». (212) Aproximar-se, pouco a pouco, desse ideal,

exige, na comunidade, uma grande fidelidade à ação do Espírito Santo, um constante alimentar-se do Corpo e Sangue do Senhor e uma permanente educação na fé, na escuta da Palavra.

Nesta mesa da Palavra de Deus, a homilia ocupa um lugar privilegiado, uma vez que « retoma o itinerário de fé proposto pela catequese e o leva ao seu complemento natural; ao mesmo tempo, ela impulsiona os discípulos do Senhor a retomarem cada dia o seu itinerário espiritual, na verdade, na adoração e na ação de graças ». (213)

Múltiplas formas de catequese permanente

71. Para a educação permanente à fé, o ministério da Palavra conta com muitas formas de catequese. Entre estas, podem ser evidenciadas as seguintes:

– O estudo e o aprofundamento da Sagrada Escritura, lida não somente na Igreja, mas com a Igreja e a sua fé sempre viva. Isto ajuda a descobrir a verdade divina, de modo a suscitar uma resposta de fé. A chamada « lectio divina » é forma eminente deste vital estudo das Escrituras. (214)

– A leitura cristã dos eventos, que é requerida pela vocação missionária da comunidade cristã. A este respeito, o estudo da doutrina social da Igreja é indispensável, visto que « sua finalidade principal é interpretar estas realidades (as complexas realidades da existência do homem, na sociedade e no contexto internacional), examinando a sua conformidade ou desconformidade com as linhas do ensinamento do Evangelho ». (215)

– A catequese litúrgica, que prepara aos sacramentos e favorece uma compreensão e uma experiência mais profunda da liturgia. Ela explica o conteúdo das orações, o sentido dos gestos e dos sinais, educa à participação ativa, à contemplação e ao silêncio. Deve ser considerada como « uma eminente forma de catequese ». (216)

– A catequese ocasional, que em determinadas circunstâncias da vida pessoal, familiar, social e eclesial, busca ajudar a interpretar e viver tais circunstâncias, a partir da perspectiva da fé. (217)

– As iniciativas de formação espiritual, que fortalecem as convicções, abrem a novas perspectivas e fazem perseverar na oração e no compromisso da seqüela de Cristo.

O aprofundamento sistemático da mensagem cristã, por meio de um ensino teológico que eduque verdadeiramente à fé, faça crescer na compreensão da mesma e torne o cristão capaz de dar razões da sua esperança, no mundo atual. (218) Num certo sentido, é apropriado denominar tal ensino como « catequese de aperfeiçoamento ».

72. É de fundamental importância que a catequese de iniciação para adultos, batizados ou não, a catequese de iniciação para crianças e jovens e a catequese permanente sejam bem conexas no projeto catequético da comunidade cristã, a fim de que a Igreja particular cresça harmoniosamente e a sua atividade evangelizadora nasça de fontes autênticas. « É importante também que a catequese das crianças e dos jovens, a catequese permanente e a catequese dos adultos não sejam domínios estanques e sem comunicação... é necessário favorecer a sua perfeita complementaridade ». (219)

O caráter próprio do ensino escolar da Religião

73. Uma consideração especial merece — no âmbito do ministério da Palavra — o caráter próprio do ensino religioso na escola e a sua relação com a catequese das crianças e dos jovens.

A relação entre o ensino religioso na escola e a catequese é uma relação de distinção e de complementaridade: « Há um nexos indivisível e, ao mesmo tempo, uma clara distinção entre o ensino da religião e a catequese ». (220)

O que confere ao ensino religioso escolar a sua peculiar característica, é o fato de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de relacionar-se com outras formas do saber. Como forma original do ministério da Palavra, de fato, o ensino religioso escolar torna presente o Evangelho no processo pessoal de assimilação, sistemática e crítica, da cultura. (221)

No universo cultural, que é interiorizado pelos alunos e que é definido pelas formas de saber e pelos valores oferecidos pelas demais disciplinas escolares, o ensino religioso escolar deposita o fermento dinâmico do Evangelho e busca « abranger realmente os outros elementos do saber e da educação, para que o Evangelho impregne a mentalidade dos alunos no ambiente da sua formação e para que a harmonização da sua cultura se faça à luz da fé ». (222)

É necessário, portanto, que o ensino religioso escolar se mostre como uma disciplina escolar, com a mesma exigência de sistema e rigor que requerem as demais disciplinas. Deve apresentar a mensagem e o evento cristão com a mesma seriedade e profundidade com a qual as demais disciplinas apresentam seus ensinamentos. Junto a estas, todavia, o ensino religioso escolar não se situa como algo acessório, mas sim no âmbito de um necessário diálogo interdisciplinar. Este diálogo deve ser instituído, antes de mais nada, naquele nível no qual cada disciplina plasma a personalidade do aluno. Assim, a apresentação da mensagem cristã incidirá na maneira com que se concebe a origem do mundo e o sentido da história, o fundamento dos valores éticos, a função da religião na cultura, o destino do homem, a relação com a natureza. O ensino religioso escolar, mediante este diálogo interdisciplinar, funda, potencia, desenvolve e completa a ação educadora da escola. (223)

O contexto escolar e os destinatários do ensino escolar da Religião

74. O ensino escolar da Religião desenvolve-se em contextos escolares diversos, o que faz com que este, embora mantendo o seu caráter próprio, adquira acentuações diversas. Estas dependem das condições legais e de organização, da concepção didática, dos pressupostos pessoais dos professores e dos alunos e da relação do ensino religioso escolar com a catequese familiar e paroquial.

Não é possível reduzir à uma única forma todos os modelos de ensinamento religioso escolar, desenvolvidas historicamente em seguida a Acordos com os Estados e às deliberações de cada Conferência dos Bispos. Todavia, é necessário esforçar-se para que, segundo os relativos pressupostos, o ensino religioso escolar responda às suas finalidades e características peculiares. (224)

Os alunos « têm o direito de aprender, de modo verdadeiro e com certeza, a religião à qual

pertencem. Não pode ser desatendido este seu direito a conhecer mais profundamente a pessoa de Cristo e a totalidade do anúncio salvífico que Ele trouxe. O caráter confessional do ensino religioso escolar, realizado pela Igreja segundo modos e formas estabelecidas em cada País, é, portanto, uma garantia indispensável, oferecida às famílias e aos alunos que escolhem tal ensino ». (225)

Para a escola católica, o ensino religioso escolar, assim qualificado e completado com outras formas do ministério da Palavra (catequese, celebrações litúrgicas, etc.), é parte indispensável da sua tarefa pedagógica e fundamento da sua existência. (226)

O ensino religioso escolar, no contexto da escola pública e no da não confessional, lá onde as autoridades civis ou outras circunstâncias impõem um ensino religioso comum aos católicos e não católicos, (227) terá uma característica mais ecumênica e de conhecimento inter-religioso comum.

Em outras ocasiões, o ensinamento religioso escolar poderá ter um caráter mais cultural, orientado para o conhecimento das religiões, apresentando, com o necessário realce, a religião católica. (228) Também neste caso, sobretudo se administrado por um professor sinceramente respeitoso, o ensino religioso escolar mantém uma dimensão de verdadeira « preparação evangélica ».

75. A situação de vida e de fé dos alunos que freqüentam o ensino religioso escolar é caracterizada por uma constante e notável transformação. O ensino religioso escolar deve levar em conta este dado, para poder atingir as próprias finalidades.

O ensino religioso escolar ajuda os alunos que têm fé a compreender melhor a mensagem cristã, em relação com os grandes problemas existenciais comuns às religiões e característicos de todo ser humano, com as visões da vida mais presentes na cultura, e com os principais problemas morais nos quais, hoje, a humanidade se encontra envolvida.

Os alunos, ao invés, que se encontram em uma situação de busca ou diante de dúvidas religiosas, poderão descobrir no ensino religioso escolar o que é, exatamente, a fé em Jesus Cristo, quais são as respostas que a Igreja oferece aos seus interrogativos, dando-lhes a oportunidade de perscrutar melhor a própria decisão.

Finalmente, quando os alunos não têm fé, o ensino religioso escolar assume as características de um anúncio missionário do Evangelho, em vista de uma decisão de fé, que a catequese, por sua parte, em um contexto comunitário, poderá em seguida fazer crescer e amadurecer.

A educação cristã familiar: catequese e ensino religioso escolar a serviço da educação na fé

76. A educação cristã na família, a catequese e o ensino da religião na escola, cada qual segundo as próprias características peculiares, são intimamente correlacionados com o serviço da educação cristã das crianças, adolescentes e jovens. Na prática, porém, é preciso levar em consideração diferentes variáveis que geralmente se apresentam, com o intuito de agir com realismo e prudência pastoral, na aplicação das orientações gerais.

Portanto, cabe a cada diocese ou região pastoral distinguir as diversas circunstâncias que intervêm, tanto no que concerne à existência ou não da iniciação cristã no âmbito das famílias,

para os próprios filhos, quanto no que diz respeito às incumbências formativas que, na tradição ou situação locais, exercitam as paróquias, as escolas, etc...

E, conseqüentemente, a Igreja particular e a Conferência dos Bispos estabelecerão as orientações próprias para os diversos âmbitos, estimulando atividades que são distintas e complementares.

III CAPÍTULO

Natureza, finalidade e tarefas da catequese

« Para a glória de Deus, o Pai, toda língua confesse: Jesus Cristo é o Senhor » (Fl 2,11).

77. Depois de ter delineado o lugar da catequese no âmbito da missão evangelizadora da Igreja, as suas relações com os vários elementos da evangelização e com as outras formas do ministério da Palavra, neste capítulo se pretende refletir de modo específico sobre:

- a natureza eclesial da catequese, ou seja, o sujeito agente da catequese, a Igreja animada pelo Espírito;
- a finalidade que ela busca fundamentalmente, ao catequizar;
- as tarefas com as quais realiza esta finalidade, e que constituem os seus objetivos mais imediatos;
- as fases internas do processo catequético e a inspiração catecumenal que o anima.

Além disso, neste capítulo, aprofundar-se-á mais o caráter próprio da catequese, já descrito no capítulo precedente, onde foram especificadas as relações que ela estabelece com as demais ações eclesiais.

A catequese: ação de natureza eclesial

78. A catequese é um ato essencialmente eclesial. (229) O verdadeiro sujeito da catequese é a Igreja que, continuadora da missão de Jesus Mestre, e animada pelo Espírito, foi enviada para ser mestra da fé. Portanto, a Igreja, imitando a Mãe do Senhor, conserva fielmente o Evangelho no seu coração, (230) anuncia-o, celebra-o, vive-o e o transmite na catequese, a todos aqueles que decidiram seguir Jesus Cristo.

Esta transmissão do Evangelho é um ato vivo de tradição eclesial: (231)

- A Igreja, de fato, transmite a fé que ela mesma vive: a sua compreensão do mistério de Deus e do seu desígnio salvífico; a sua visão da altíssima vocação do homem; o estilo de vida evangélico que comunica a alegria do Reino; a esperança que a invade; o amor que sente pelos homens.
- A Igreja transmite a fé de modo ativo, semeia-a nos corações dos catecúmenos e catequizandos, para fecundar as suas experiências mais profundas. (232) A profissão de fé recebida da Igreja (*traditio*), germinando e crescendo durante o processo catequético, é restituída (*redditio*), enriquecida com os valores das diferentes culturas. (233) O catecumenato

se transforma, assim, num centro fundamental de incremento da catolicidade, e fermento de renovação eclesial.

79. A Igreja, ao transmitir a fé e a vida nova — através da iniciação cristã — age como mãe dos homens, que gera filhos concebidos por obra do Espírito Santo e nascidos de Deus. (234) Precisamente, « por ser nossa mãe, a Igreja é também a educadora da nossa fé »; (235) é mãe e mestra ao mesmo tempo. Através da catequese, alimenta os seus filhos com a sua própria fé e os incorpora, como membros, na família eclesial. Como boa mãe, oferece-lhes o Evangelho em toda a sua autenticidade e pureza, o qual, ao mesmo tempo, lhes é dado como alimento adaptado, culturalmente enriquecido e como resposta às aspirações mais profundas do coração humano.

Finalidade da catequese: a comunhão com Jesus Cristo

80. « A finalidade definitiva da catequese é a de fazer com que alguém se ponha, não apenas em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo ». (236)

Toda a ação evangelizadora tem o objetivo de favorecer a comunhão com Jesus Cristo. A partir da conversão « inicial » (237) de uma pessoa ao Senhor, suscitada pelo Espírito Santo, mediante o primeiro anúncio, a catequese se propõe dar um fundamento e fazer amadurecer esta primeira adesão. Trata-se, então, de ajudar aquele que acaba de ser converter a « ...melhor conhecer o mesmo Jesus Cristo ao qual se entregou: conhecer o seu « mistério », o Reino de Deus que Ele anunciou, as exigências e as promessas contidas na Sua mensagem evangélica e os caminhos que Ele traçou para todos aqueles que O querem seguir ». (238) O Batismo, sacramento mediante o qual « configuramo-nos com Cristo », (239) sustenta, com a sua graça, esta obra da catequese.

81. A comunhão com Jesus Cristo, por sua própria dinâmica, impulsiona o discípulo a se unir com tudo aquilo com que o próprio Jesus Cristo sentiu-se profundamente unido: com Deus, seu Pai, que o enviara ao mundo, e com o Espírito Santo, que lhe dava impulso para a missão; com a Igreja, seu corpo, pela qual se doou, e com os homens, seus irmãos, cuja sorte quis compartilhar.

A finalidade da catequese se exprime na profissão de fé no único Deus: Pai, Filho e Espírito Santo

82. A catequese é aquela forma particular do ministério da Palavra, que faz amadurecer a conversão inicial, até fazer dela uma viva, explícita e operativa confissão de fé: « A catequese tem a sua origem na confissão de fé e leva à confissão de fé ». (240)

A profissão de fé, intrínseca ao Batismo, (241) é eminentemente trinitária. A Igreja batiza « em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo » (Mt 28,19), (242) Deus uno e trino, ao qual o cristão confia a sua vida. A catequese de iniciação prepara — antes ou após o recebimento do Batismo — para este decisivo empenho. A catequese permanente ajudará a amadurecer continuamente esta profissão de fé, a proclamá-la na Eucaristia e a renovar os compromissos que ela implica. É importante que a catequese saiba unir bem a confissão de fé cristológica, « *Jesus é o Senhor* », com a confissão trinitária, « *Creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo* », uma vez que são tão somente duas modalidades para se exprimir a mesma fé cristã. Aquele que, pelo primeiro anúncio, se converte a Jesus Cristo e O reconhece como Senhor, inicia um processo, ajudado pela catequese, que desemboca necessariamente na confissão explícita da

Trindade.

Com a confissão de fé no único Deus, o cristão renuncia a servir qualquer absoluto humano: poder, prazer, raça, antepassados, Estado, dinheiro..., (243) libertando-se de qualquer ídolo que o escravize. É a proclamação da sua vontade de servir a Deus e aos homens, sem nenhum laço. Proclamando a fé na Trindade, comunhão de pessoas, o discípulo de Jesus Cristo manifesta contemporaneamente que o amor a Deus e ao próximo é o princípio que informa o seu ser e o seu agir.

83. A confissão de fé é completa somente se é em referência à Igreja. Cada batizado proclama individualmente o Credo, uma vez que não há ação mais pessoal do que esta. Mas o recita na Igreja e através dela, já que o faz como seu membro. O « creio » e o « cremos » se implicam mutuamente. (244) Ao fundir a sua confissão com a confissão da Igreja, o cristão é incorporado à sua missão: ser « sacramento de salvação » para a vida do mundo. Quem proclama a profissão de fé, assume compromissos que, não poucas vezes, atrairão a perseguição. Na história cristã, os mártires são os anunciadores e as testemunhas por excelência. (245)

As tarefas da catequese realizam a sua finalidade

84. A finalidade da catequese realiza-se através de diversas tarefas, mutuamente relacionadas. (246) Para realizá-las, a catequese se inspirará certamente no modo mediante o qual Jesus formava os Seus discípulos: fazia-os conhecer as diversas dimensões do Reino de Deus (« *a vós é dado compreender os mistérios do Reino dos céus* », Mt 13,11), (247) ensinava-os a rezar (« *Quando orardes, dizei: Pai...* », Lc 11,2), (248) inculcava-lhes atitudes evangélicas (« *...aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração* », Mt 11,29) e os iniciava na missão (« *...e os enviou dois a dois...* », Lc 10,1). (249)

As tarefas da catequese correspondem à educação das diversas dimensões da fé, uma vez que a catequese é uma formação cristã integral, « aberta a todas as outras componentes da vida cristã ». (250) Em virtude da sua própria dinâmica interna, a fé exige ser conhecida, celebrada, vivida e traduzida em oração. A catequese deve cultivar cada uma dessas dimensões. A fé, porém, se vive na comunidade cristã e se anuncia na missão: é uma fé compartilhada e anunciada. Também estas dimensões devem ser favorecidas pela catequese.

O Concílio Vaticano II assim se expressou sobre essas tarefas: « A formação catequética, que ilumina e fortifica a fé, nutre a vida segundo o espírito de Cristo, leva a uma participação consciente e ativa no mistério litúrgico e desperta para a atividade apostólica ». (251)

As tarefas fundamentais da catequese: ajudar a conhecer, celebrar, viver e contemplar o mistério de Cristo

85. As tarefas fundamentais da catequese são:

– *Favorecer o conhecimento da fé*

Aquele que encontrou Cristo deseja conhecê-Lo o mais possível, assim como deseja conhecer o desígnio do Pai, que Ele revelou. O conhecimento da fé (*fides quae*) é exigência da adesão à fé (*fides qua*). (252) Já na ordem humana, o amor por uma pessoa leva a desejar conhecê-la sempre mais. A catequese deve levar, portanto, a « compreender progressivamente toda a

verdade do projeto divino », (253) introduzindo os discípulos de Jesus Cristo no conhecimento da Tradição e da Escritura, a qual é a « eminente ciência de Jesus Cristo » (*Fil 3,8*). (254)

O aprofundamento no conhecimento da fé ilumina cristãmente a existência humana, alimenta a vida de fé e habilita também a prestar razão dela no mundo. A *entrega do símbolo*, compêndio da Escritura e da fé da Igreja, exprime a realização desta tarefa.

– *A educação litúrgica*

De fato, « Cristo está sempre presente em Sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas ». (255) A comunhão com Jesus Cristo leva a celebrar a sua presença salvífica nos sacramentos e, particularmente, na Eucaristia. A Igreja deseja ardentemente que todos os fiéis cristãos sejam levados àquela participação plena, consciente e ativa, que exigem a própria natureza da Liturgia e a dignidade do seu sacerdócio batismal. (256) Por isso, a catequese, além de favorecer o conhecimento do significado da liturgia e dos sacramentos, deve educar os discípulos de Jesus Cristo « à oração, à gratidão, à penitência, à solicitação confiante, ao sentido comunitário, à linguagem simbólica... », (257) uma vez que tudo isso é necessário, a fim de que exista uma verdadeira vida litúrgica.

– *A formação moral*

A conversão a Jesus Cristo implica o caminhar na sua seqüela. A catequese deve, portanto, transmitir aos discípulos as atitudes próprias do Mestre. Eles empreendem assim, um caminho de transformação interior, no qual, participando do mistério pascal do Senhor, « passam do velho para o novo homem aperfeiçoado em Cristo ». (258) O Sermão da Montanha, no qual Jesus retoma o decálogo e o imprime com o espírito das bem-aventuranças, (259) é uma referência indispensável na formação moral, hoje tão necessária. A evangelização, « que comporta também o anúncio e a proposta moral », (260) difunde toda a sua força interpeladora quando, juntamente com a palavra anunciada, sabe oferecer também a palavra vivida. Este testemunho moral, para o qual a catequese prepara, deve saber mostrar as conseqüências sociais das exigências evangélicas. (261)

– *Ensinar a rezar*

A comunhão com Jesus Cristo conduz os discípulos a assumirem a atitude orante e contemplativa que adotou o Mestre. Aprender a rezar com Jesus é rezar com os mesmos sentimentos com os quais Ele se dirigia ao Pai: a adoração, o louvor, o agradecimento, a confiança filial, a súplica e a contemplação da sua glória. Estes sentimentos se refletem no *Pai Nosso*, a oração que Jesus ensinou aos discípulos e que é modelo de toda oração cristã. A «*entrega do Pai Nosso* », (262) resumo de todo o Evangelho, (263) é, portanto, verdadeira expressão da realização desta tarefa. Quando a catequese é permeada por um clima de oração, o aprendizado de toda a vida cristã alcança a sua profundidade. Este clima se faz particularmente necessário quando o catecúmeno e os catequizandos encontram-se diante dos aspectos mais exigentes do Evangelho e se sentem fracos, ou quando descobrem, admirados, a ação de Deus na sua vida.

Outras tarefas fundamentais da catequese: iniciação e educação à vida comunitária e à missão

86. A catequese torna o cristão idôneo a viver em comunidade e a participar ativamente da

vida e da missão da Igreja. O Concílio Vaticano II aponta a necessidade, para os pastores, de « desenvolver devidamente o espírito de comunidade » (264) e para os catecúmenos, de « aprender a cooperar ativamente na evangelização e na edificação da Igreja ». (265)

– *A educação para a vida comunitária*

a) A vida cristã em comunidade não se improvisa e é preciso educar para ela, com cuidado. Para esta aprendizagem, o ensinamento de Jesus sobre a vida comunitária, narrado pelo Evangelho de Mateus, requer algumas atitudes que a catequese deverá inculcar: o espírito de simplicidade e de humildade (« *se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças...* », Mt 18,3); a solicitude pelos pequeninos (« *Caso alguém escandalize um desses pequeninos que crêem em mim...* », Mt 18,6); a atenção especial para com aqueles que se afastaram (« *vai à procura da ovelha extraviada...* », Mt 18,12); a correção fraterna (« *... vai corrigi-lo a sós* », Mt 18,12); a oração em comum (« *se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir...* », Mt 18,19); o perdão mútuo (« *até setenta e sete vezes...* », Mt 18,22). O amor fraterno unifica todas estas atitudes: « *Amai-vos uns aos outros como eu vos amei* » (Jo 13,34).

b) Ao educar para este sentido comunitário, a catequese dará uma especial atenção à dimensão ecumênica, e encorajará atitudes fraternas para com os membros de outras Igrejas cristãs e comunidades eclesiais. Por isso, a catequese, ao procurar atingir esta meta, exporá com clareza toda a doutrina da Igreja Católica, evitando expressões que possam induzir ao erro. Favorecerá, além disso, « um bom conhecimento das outras confissões », (266) com as quais existem bens comuns, tais como: « a Palavra escrita de Deus, a vida da graça, a fé, a esperança, a caridade e outros dons interiores do Espírito Santo ». (267) A catequese terá uma dimensão ecumênica, na medida em que saberá suscitar e alimentar « um verdadeiro desejo de unidade », (268) feito não em vista de um fácil irenismo, mas em vista da unidade perfeita, quando o Senhor assim o desejar e através das vias que Ele escolher.

– *A iniciação à missão*

a) A catequese é igualmente aberta ao dinamismo missionário. (269) Ela se esforça por habilitar os discípulos de Jesus a se fazerem presentes, como cristãos, na sociedade e na vida profissional, cultural e social. Prepara-os também a prestarem a sua cooperação nos diferentes serviços eclesiais, segundo a vocação de cada um. Este empenho evangelizador origina-se, para os fiéis leigos, dos sacramentos da iniciação cristã e do caráter secular de sua vocação. (270) É também importante usar todos os meios disponíveis para suscitar vocações sacerdotais e de particular consagração a Deus, nas diversas formas de vida religiosa e apostólica e para acender no coração de cada um a vocação especial missionária.

As atitudes evangélicas que Jesus sugeriu aos seus discípulos, quando os iniciou na missão, são aquelas que a catequese deve alimentar: ir em busca da ovelha perdida; anunciar e curar ao mesmo tempo; apresentar-se pobres, sem posses nem mochila; saber assumir a rejeição e a perseguição; pôr a própria confiança no Pai e no amparo do Espírito Santo; não esperar outra recompensa senão a alegria de trabalhar pelo Reino. (271)

b) Ao educar para este sentido missionário, a catequese formará ao diálogo inter-religioso, que pode tornar os fiéis idôneos a uma comunicação fecunda com os homens e mulheres de outras religiões. (272) A catequese mostrará que os laços entre a Igreja e as outras religiões não cristãs são, em primeiro lugar, aqueles da origem comum e do fim comum do gênero humano,

assim como também aqueles das múltiplas « sementes da Palavra », que Deus depôs naquelas religiões. A catequese ajudará também a saber conciliar e, ao mesmo tempo, a saber distinguir o « anúncio de Cristo » do « diálogo inter-religioso ». Estes dois elementos, embora conservem a sua íntima relação, não devem ser confundidos nem considerados equivalentes. (273) Com efeito, « o diálogo não dispensa da evangelização ». (274)

Algumas considerações sobre o conjunto destas tarefas

87. As tarefas da catequese constituem, conseqüentemente, um rico e variado conjunto de aspectos. Sobre este conjunto, é oportuno tecer algumas considerações:

– Todas as tarefas são necessárias. Assim como para a vitalidade de um organismo humano, é necessário que funcionem todos os seus órgãos, também para o amadurecimento da vida cristã, é preciso que sejam cultivadas todas as suas dimensões: o conhecimento da fé, a vida litúrgica, a formação moral, a oração, a pertença comunitária, o espírito missionário. Se a catequese transcurar uma dessas dimensões, a fé cristã não alcançará todo o seu desenvolvimento.

– Cada tarefa, à sua maneira, realiza a finalidade da catequese. A formação moral, por exemplo, é essencialmente cristológica e trinitária, plena de senso eclesial e aberta à dimensão social. O mesmo acontece com a educação litúrgica, essencialmente religiosa e eclesial, mas também muito exigente no seu empenho evangelizador em favor do mundo.

– As tarefas se implicam mutuamente e se desenvolvem conjuntamente. Cada grande tema catequético, por exemplo, a catequese sobre Deus Pai, tem uma dimensão cognoscitiva e implicações morais; interioriza-se na oração e se assume no testemunho. Uma tarefa chama outra: o conhecimento da fé torna idôneos à missão; a vida sacramental dá força para a transformação moral.

– Para realizar as suas tarefas, a catequese se vale de dois grandes meios: a transmissão da mensagem evangélica e a experiência da vida cristã. (275) A educação litúrgica, por exemplo, necessita explicar o que é a liturgia cristã e o que são os sacramentos; porém deve também fazer experimentar os diversos tipos de celebração, fazer descobrir e amar os símbolos, o sentido dos gestos corporais, etc... A formação moral não apenas transmite o conteúdo da moral cristã, mas cultiva também, ativamente, as atitudes evangélicas e os valores cristãos.

– As diferentes dimensões da fé são objeto de educação, tanto no seu aspecto de « dom » quanto no seu aspecto de « compromisso ». O conhecimento da fé, a vida litúrgica e a seqüela de Cristo são, cada uma, um dom do Espírito, que se recebe na oração e, ao mesmo tempo, um compromisso de estudo, espiritual, moral e testemunhal. Ambos os aspectos devem ser cultivados. (276)

– Cada dimensão da fé, assim como a fé no seu conjunto, deve enraizar-se na experiência humana, sem permanecer na pessoa como algo de posição ou de isolado. O conhecimento da fé é significativo, ilumina toda a existência e dialoga com a cultura; na liturgia, toda a vida pessoal é uma oferta espiritual; a moral evangélica assume e eleva os valores humanos; a oração é aberta a todos os problemas pessoais e sociais. (277)

Como indicava o Diretório de 1971, « é muito importante que a catequese conserve esta riqueza de diversidade de aspectos, de forma que nenhum aspecto seja isolado, em detrimento

dos demais ».

O catecumenato batismal: estrutura e fases

88. A fé, impulsionada pela graça divina e cultivada pela ação da Igreja, experimenta um processo de amadurecimento. A catequese, a serviço desse crescimento, é uma ação gradual. Uma oportuna catequese é disposta por graus. (278)

No catecumenato batismal, a formação se desenvolve em quatro etapas:

- o *pré-catecumenato*, (279) caracterizado pelo fato que nele se realiza a primeira evangelização, em vista da conversão, e se explicita o « kerigma » do primeiro anúncio;
- o *catecumenato* (280) propriamente dito, destinado à catequese integral e em cujo início tem lugar a « entrega dos Evangelhos »; (281)
- o tempo da *purificação e iluminação*, (282) que fornece uma preparação mais intensa aos sacramentos da iniciação, e no qual tem lugar a « entrega do Símbolo » (283) e a « entrega da Oração do Senhor »; (284)
- o tempo da *mistagogia*, (285) caracterizado pela experiência dos sacramentos e pelo ingresso na comunidade.

89. Estas etapas da grande tradição catecumenal, repletas de sabedoria, inspiram as fases da catequese. (286) Na época dos Padres da Igreja, de fato, a formação propriamente catecumenal se realizava mediante a *catequese bíblica*, centrada na narração de História da salvação; a preparação imediata ao Batismo, por meio da *catequese doutrinal*, que explicava o Símbolo e o Pai Nosso, recém entregues, com suas implicações morais; e a etapa que sucedia os sacramentos de iniciação, mediante a *catequese mistagógica*, que ajudava a interiorizar tais sacramentos e a incorporar-se na comunidade. Esta concepção patrística continua a ser uma fonte de luz para o Catecumenato atual e para a própria catequese de iniciação.

Esta, uma vez que é acompanhamento do processo de conversão, é essencialmente gradual; e uma vez que está a serviço daquele que decidiu seguir Cristo, é eminentemente cristocêntrica.

O Catecumenato batismal, inspirador da catequese na Igreja

90. Dado que a missão *ad gentes* é o paradigma de toda a missão evangelizadora da Igreja, o Catecumenato batismal, que lhe é inerente, é o modelo inspirador da sua ação catequizadora. (287) Por isso, é oportuno sublinhar os elementos do Catecumenato que devem inspirar a catequese atual e o significado metodológico dos mesmos. É preciso, todavia, colocar a premissa que entre os catequizandos e os catecúmenos, (288) e entre catequese *pós-batismal* e *catequese pré-batismal*, que lhes é respectivamente administrada, existe uma diferença fundamental. Ela provém dos sacramentos de iniciação recebido pelos primeiros, os quais « já foram introduzidos na Igreja e já foram feitos filhos de Deus por meio do Batismo. Portanto, o fundamento da sua conversão é o Batismo já recebido, cuja força devem desenvolver ». (289)

91. Diante desta substancial diferença, consideram-se a seguir alguns elementos do Catecumenato batismal, que devem ser fonte de inspiração para a catequese pós-batismal:

– O Catecumenato batismal recorda constantemente a toda a Igreja, a importância fundamental da *função da iniciação*, com os basilares fatores que a constituem: a catequese e os sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia. A pastoral de iniciação cristã é vital para toda Igreja particular.

– O Catecumenato batismal é responsabilidade de *toda a comunidade cristã*. De fato, « tal iniciação cristã não deve ser apenas obra dos catequistas e dos sacerdotes, mas de toda a comunidade de fiéis, e sobretudo dos padrinhos ». (290) A instituição catecumenal incrementa assim, na Igreja, a consciência da maternidade espiritual que ela exerce em toda forma de educação na fé. (291)

– O Catecumenato batismal é todo impregnado pelo *mistério da Páscoa de Cristo*. Por isso, « toda iniciação deve relevar claramente o seu caráter pascal ». (292) A Vigília pascal, centro da liturgia cristã, e a sua espiritualidade batismal, são inspiração para toda a catequese.

– O Catecumenato batismal é também, lugar privilegiado de *inculturação*. Seguindo o exemplo da Encarnação do Filho de Deus, feito homem num momento histórico concreto, a Igreja acolhe os catecúmenos integralmente, com os seus vínculos culturais. Toda a ação catequizadora participa desta função de incorporar na catolicidade da Igreja, as autênticas « sementes da Palavra » disseminadas nos indivíduos e nos povos. (293)

– Finalmente, a concepção do Catecumenato batismal, como *processo formativo e verdadeira escola de fé*, oferece à catequese pós-batismal uma dinâmica e algumas notas qualificativas: a intensidade e a integridade da formação; o seu caráter gradual, com etapas definidas; a sua vinculação com ritos, símbolos e sinais, especialmente bíblicos e litúrgicos; a sua constante referência à comunidade cristã...

A catequese pós-batismal, sem dever reproduzir mimeticamente a configuração do Catecumenato batismal, e reconhecendo aos catequizandos a sua realidade de batizados, deverá inspirar-se nesta « escola preparatória à vida cristã », (294) deixando-se fecundar pelos seus principais elementos caracterizadores.

II PARTE

A MENSAGEM EVANGÉLICA

A mensagem evangélica

« Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo » (Jo 17,3).

« Veio Jesus para a Galiléia, proclamando o Evangelho de Deus: "Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho" » (Mc 1,14-15).

« Lembro-vos, irmãos, o evangelho que vos anunciei... Transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi: Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras » (1 Cor 15,1-4).

Significado e finalidade desta parte

92. A fé cristã, mediante a qual uma pessoa pronuncia o seu « sim » a Jesus Cristo, pode ser

considerada sob um duplice aspecto:

– como adesão a Deus que se revela, dada sob a influência da graça. Neste caso, a fé consiste em confiar na palavra de Deus e em abandonar-se a esta (*fides qua*);

– como conteúdo da Revelação e da mensagem evangélica. A fé, neste sentido, exprime-se no empenho em conhecer sempre melhor o sentido profundo daquela Palavra (*fides quae*).

Estes dois aspectos não podem, por sua própria natureza, ser separados. O amadurecimento e o crescimento da fé exigem o

seu orgânico e coerente desenvolvimento. Todavia, por razões de ordem metodológica, os dois aspectos podem ser considerados separadamente. (295)

93. Nesta segunda parte, abordar-se-á o conteúdo da mensagem evangélica (*fides quae*).

– No primeiro capítulo, serão indicadas as normas e os critérios que a catequese deve seguir para fundar, formular e expor os seus conteúdos. Toda forma de ministério da Palavra, de fato, ordena e apresenta a mensagem evangélica segundo o seu caráter próprio.

– No segundo capítulo, tratar-se-á do conteúdo da fé, assim como se encontra exposto no Catecismo da Igreja Católica, que é texto de referência doutrinal para a catequese. São apresentadas, por isso, algumas indicações que poderão ajudar a assimilar e a interiorizar o Catecismo, assim como a situá-lo no âmbito da ação catequizadora da Igreja. Além disso, são oferecidos alguns critérios, para que, em referência ao Catecismo da Igreja Católica, sejam elaborados, nas Igrejas particulares, Catecismos locais que, conservando a unidade da fé, levem na devida consideração, as diferentes situações e culturas.

I CAPÍTULO

Normas e critérios para a apresentação da mensagem evangélica na catequese

« Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Deus. Portanto, amarás a Iahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força. Que estas palavras que hoje te ordeno estejam em teu coração! Tu as inculcarás aos teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e de pé. Tu as atarás também à tua mão como um sinal, e serão como um frontal entre os teus olhos; tu as escreverás nos umbrais da tua casa, e nas tuas portas » (Dt 6,4-9).

« E o Verbo se fez carne e habitou entre nós » (Jo 1,14).

A Palavra de Deus, fonte da catequese

94. A fonte na qual a catequese haure a sua mensagem é a Palavra de Deus:

« A catequese há-de haurir sempre o seu conteúdo na fonte viva da Palavra de Deus, transmitida na Tradição e da Escritura, porque "a Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito inviolável da Palavra de Deus, confiada à Igreja" ». (296)

Este « depósito da fé » (297) é como o tesouro do dono da casa, confiado à Igreja, família de Deus, do qual ela extrai continuamente coisas novas e coisas antigas. (298) Todos os filhos do

Pai, animados pelo Seu Espírito, nutrem-se deste tesouro da Palavra. Eles sabem que a Palavra é Jesus Cristo, o Verbo feito homem, e que a Sua voz continua a ressoar por meio do Espírito Santo, na Igreja e no mundo.

A Palavra de Deus, por admirável « condescendência » (299) divina nos é dirigida e chega a nós por meio de « obras e palavras » humanas, « tal como outrora o Verbo do Pai Eterno, havendo assumido a carne da fraqueza humana, se fez semelhante aos homens ». (300) Sem deixar de ser Palavra de Deus, exprime-se na palavra humana. Embora próxima, ela permanece porém velada, em estado « kenótico ». Por isso, a Igreja, guiada pelo Espírito, precisa interpretá-la continuamente e, enquanto a contempla com profundo espírito de fé, « piamente ausculta aquela palavra, santamente a guarda e fielmente a expõe ». (301)

A fonte e « as fontes » da mensagem da catequese (302)

95. A Palavra de Deus contida na Sagrada Tradição e na Sagrada Escritura:

– é meditada e compreendida sempre mais profundamente, por meio do senso de fé de todo o Povo de Deus, sob a orientação do Magistério, que a ensina com autoridade;

– é celebrada na liturgia onde, constantemente, é proclamada, ouvida, interiorizada e comentada;

– resplende na vida da Igreja, na sua história bimilenar, sobretudo no testemunho dos cristãos e particularmente dos santos;

– é aprofundada na pesquisa teológica, que ajuda os crentes a progredirem na compreensão vital dos mistérios da fé;

– manifesta-se nos genuínos valores religiosos e morais que, como sementes da Palavra, estão disseminados na sociedade humana e nas diversas culturas.

96. Todas estas são as fontes, principais ou subsidiárias, da catequese, as quais, de modo algum, devem ser entendidas em sentido unívoco. (303) A Sagrada Escritura « é a Palavra de Deus enquanto é redigida sob a moção do Espírito Santo »; (304) e a Sagrada Tradição « transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos, a Palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo ». (305) O Magistério tem a tarefa de « interpretar autenticamente a Palavra de Deus », (306) cumprindo, em nome de Jesus Cristo, um serviço eclesial fundamental. Tradição, Escritura e Magistério, intimamente conexos e unidos, são, « cada qual a seu modo », (307) as fontes essenciais da catequese.

As « fontes » da catequese têm, cada uma, uma linguagem própria, à qual se dá forma através de uma rica variedade de « documentos da fé ». A catequese é tradição viva de tais documentos: (308) perícopes bíblicas, textos litúrgicos, escritos dos Padres da Igreja, formulações do Magistério, símbolos da fé, testemunhos dos santos e reflexões teológicas.

A fonte viva da Palavra de Deus e as « fontes » que dela derivam e nas quais ela se exprime, fornecem à catequese os critérios para transmitir a sua mensagem a todos aqueles que amadureceram a decisão de seguir Jesus Cristo.

Os critérios para a apresentação da mensagem

97. Os critérios para apresentar a mensagem evangélica na catequese são intimamente correlacionados entre si, uma vez que brotam de uma única fonte.

– A mensagem centrada na pessoa de Jesus Cristo (*crístocentrismo*), por sua dinâmica interna, introduz à *dimensão trinitária* da mesma mensagem.

– O anúncio da Boa Nova do Reino de Deus, centrado no *dom da salvação*, implica uma mensagem de *libertação*.

O caráter *eclesial* da mensagem remete ao seu caráter *histórico*, uma vez que a catequese, como o conjunto da evangelização, realiza-se no « tempo da Igreja ».

– A mensagem evangélica, uma vez que é Boa Nova destinada a todos os povos, busca a *inculturação*, a qual poderá ser atuada em profundidade, somente se a mensagem for apresentada em toda a sua *integridade e pureza*.

– A mensagem evangélica é necessariamente uma *mensagem orgânica*, com uma própria hierarquia de verdade. É esta visão harmoniosa do Evangelho que o converte em evento profundamente *significativo* para a pessoa humana.

Ainda que estes critérios sejam válidos para todo o ministério da Palavra, eles serão agora desenvolvidos em relação à catequese.

O crístocentrismo da mensagem evangélica

98. Jesus Cristo não apenas transmite a Palavra de Deus: Ele é a Palavra de Deus. Por isso, a catequese, toda ela, diz respeito a Ele.

Neste sentido, o que caracteriza a mensagem transmitida pela catequese é, antes de mais nada, o « crístocentrismo », (309) que deve ser entendido em vários sentidos:

– Ele significa, em primeiro lugar que, no centro da catequese nós encontramos essencialmente uma Pessoa: é a Pessoa de Jesus de Nazaré, « Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade ». (310) Na realidade, a tarefa fundamental da catequese é apresentar Cristo: todo o resto, em referência a Ele. Aquilo que, de forma definitiva, ela favorece, é a seqüela de Cristo, a comunhão com Ele: todo elemento da mensagem tende a isto.

– O crístocentrismo, em segundo lugar, significa que Jesus está no « centro da história da salvação », (311) apresentada pela catequese. Ele, de fato, é o evento último, para o qual converge toda a história sagrada. Ele, vindo na « plenitude dos tempos » (*Gal 4,4*), é « a chave, o centro e o fim da história humana ». (312) A mensagem catequética ajuda o cristão a situar-se na história e a inserir-se ativamente nesta, mostrando como Cristo é o sentido último desta história.

– O crístocentrismo significa, além disso, que a mensagem evangélica não provém do homem, mas é Palavra de Deus. A Igreja e, em seu nome, todo catequista, pode dizer, sem medo de errar: « Minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou » (*Jo 7,16*). Por isso, tudo aquilo que a catequese transmite, são « os ensinamentos de Jesus Cristo, a Verdade que Ele

comunica, ou, mais precisamente, a Verdade que Ele é ». (313) O cristocentrismo obriga a catequese a transmitir aquilo que Jesus ensina a propósito de Deus, do homem, da felicidade, da vida mortal, da morte... sem permitir-se mudar em nada o seu pensamento. (314)

Os Evangelhos, que narram a vida de Jesus, estão no centro da mensagem catequética. Dotados, eles próprios, de uma « estrutura catequética », (315) exprimem o ensinamento que se propunha às primeiras comunidades cristãs e que transmitia a vida de Jesus, a sua mensagem e as suas ações salvíficas. Na catequese, « os quatro Evangelhos ocupam um lugar central, já que Cristo Jesus é o centro deles ». (316)

O cristocentrismo trinitário da mensagem evangélica

99. A Palavra de Deus, encarnada em Jesus de Nazaré, Filho da Virgem Maria, é a Palavra do Pai, que fala ao mundo por meio do seu Espírito. Jesus remete constantemente ao Pai, de quem se sabe Filho Único, e ao Espírito Santo, do qual se sabe Ungido. Ele é o « caminho » que introduz no mistério íntimo de Deus. (317)

O cristocentrismo da catequese, em virtude da sua dinâmica interna, conduz à confissão da fé em Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. É um cristocentrismo essencialmente trinitário. Os cristãos, no Batismo, são configurados a Cristo, « Um da Trindade », (318) e esta configuração põe os batizados, « filhos no Filho », em comunhão com o Pai e com o Espírito Santo. Por isso, a sua fé é radicalmente trinitária. « O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã ». (319)

100. O cristocentrismo trinitário da mensagem evangélica induz a catequese a estar atenta, entre outras coisas, ao seguintes aspectos:

– A estrutura interna da catequese; toda modalidade de apresentação será sempre cristocêntrica e trinitária: « Por Cristo, ao Pai, no Espírito ». (320) Uma catequese que omitisse uma destas dimensões, ou desconhecesse a orgânica ligação das mesmas, correria o risco de trair da originalidade da mensagem cristã. (321)

– Seguindo a mesma pedagogia de Jesus, na sua Revelação do Pai, de Si mesmo como Filho, e do Espírito Santo, a catequese mostrará a vida íntima de Deus, a partir das obras salvíficas em favor da humanidade. (322) As obras de Deus revelam quem Ele é em Si mesmo, enquanto o mistério do seu ser íntimo ilumina a inteligência de todas as suas obras. Analogicamente, assim sucede nas relações humanas: as pessoas mostram-se através de suas ações e, quanto mais as conhecemos, tanto mais mais compreendemos suas ações. (323)

– A apresentação do ser íntimo de Deus revelado por Jesus, uno na essência e trino nas pessoas, mostrará as implicações vitais para a vida dos seres humanos. Confessar um único Deus significa que « o homem não deve submeter a própria liberdade pessoal, de maneira absoluta, a nenhum poder terreno ». (324) Significa, além disso, que a humanidade, criada à imagem de um Deus que é « comunhão de pessoas », é chamada a ser uma sociedade fraterna, composta de filhos de um mesmo Pai, iguais em dignidade pessoal. (325) As implicações humanas e sociais da concepção cristã de Deus são imensas. A Igreja, ao professar a fé na Trindade e ao anunciá-la ao mundo, se autocompreende como « um povo agregado na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo ». (326)

Uma mensagem que anuncia a salvação

101. A mensagem de Jesus sobre Deus é uma boa nova para a humanidade. Jesus, de fato, anunciou o Reino de Deus: (327) uma nova e definitiva intervenção de Deus, com um poder transformador tão grande e até mesmo superior àquele que utilizou na criação do mundo. (328) Neste sentido, « como núcleo e centro da sua Boa Nova, Cristo anuncia a salvação, esse grande dom de Deus que é não somente libertação de tudo aquilo que oprime o homem, mas é sobretudo libertação do pecado e do Maligno, na alegria de conhecer a Deus e de ser por Ele conhecido, de vê-Lo e de se entregar a Ele ». (329)

A catequese transmite esta mensagem do Reino, central na pregação de Jesus. E ao fazê-lo, a mensagem « será pouco a pouco aprofundada, desenvolvida nos seus corolários implícitos », (330) mostrando as grandes repercussões que tem, para as pessoas e para o mundo.

102. Nesta explicitação do *kerigma* evangélico de Jesus, a catequese sublinha os seguintes aspectos fundamentais:

– Jesus, com o advento do Reino, anuncia e revela que Deus não é um ser distante e inacessível, « uma potência anônima e longínqua », (331) mas sim o Pai, que está presente em meio às suas criaturas, operando com o seu amor e o seu poder. Este testemunho sobre Deus como Pai, oferecido de maneira simples e direta, é fundamental na catequese.

– Jesus, ao mesmo tempo, ensina que Deus, com o seu Reino, oferece o dom da salvação integral, liberta do pecado, introduz na comunhão com o Pai, concede a filiação divina e promete a vida eterna, vencendo a morte. (332) Esta salvação integral é, ao mesmo tempo, imanente e escatológica, já que « tem certamente o seu começo nesta vida, mas que terá realização completa na eternidade ». (333)

– Jesus, ao anunciar o Reino, anuncia a justiça de Deus: proclama o juízo divino e a nossa responsabilidade. O anúncio do juízo de Deus, com o seu poder de formação das consciências, é um conteúdo central do Evangelho e uma boa nova para o mundo. E o é tanto para aqueles que sofrem pela falta de justiça, quanto para aqueles que lutam para instaurá-la; o é, também, para aqueles que não souberam amar nem ser solidários, porque é possível a penitência e o perdão, já que na cruz de Cristo obtemos a redenção do pecado. O chamado à conversão e a crer no Evangelho do Reino, que é um reino de justiça, amor e paz e à luz do qual seremos julgados, é fundamental para a catequese.

– Jesus declara que o Reino de Deus se inaugura com Ele, na sua própria pessoa. (334) Revela, de fato, que Ele próprio, constituído Senhor, assume a realização daquele Reino, até que o entregue, plenamente consumado, ao Pai, quando virá de novo, na glória. (335) « O Reino já está presente, em mistério, aqui na terra. Chegando o Senhor, ele se consumará ». (336)

– Jesus ensina, igualmente, que a comunidade dos seus discípulos, a sua Igreja, « constitui o germe e o início deste Reino » (337) e que, como fermento na massa, o que ela deseja é que o Reino de Deus cresça no mundo, como uma imensa árvore, incorporando todos os povos e todas as culturas. « A Igreja está, efetiva e concretamente, a serviço do Reino ». (338)

– Jesus ensina, finalmente, que a história da humanidade não caminha rumo ao nada, mas sim que, com os seus aspectos de graça e pecado, é n'Ele assumida por Deus, para ser transformada. Ela, na sua atual peregrinação rumo à casa do Pai, já oferece uma preguستاção

do mundo futuro onde, assumida e purificada, alcançará a sua perfeição. « Por conseguinte, a evangelização não pode deixar de comportar o anúncio profético do além, vocação profunda e definitiva do homem, ao mesmo tempo em continuidade e em descontinuidade com a situação presente ». (339)

Uma mensagem de libertação

103. A Boa Nova do Reino de Deus, que anuncia a salvação, inclui uma « mensagem de libertação ». (340) Ao anunciar este Reino, Jesus se dirigia de maneira particularíssima aos pobres: « Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus! Bem-aventurados vós que agora tendes fome, porque sereis saciados! Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir! » (Lc 6,20-21). Estas bem-aventuranças de Jesus, dirigidas àqueles que sofrem, são o anúncio escatológico da salvação que o Reino traz consigo. Elas registram aquela experiência tão dilacerante, à qual o Evangelho é tão sensível: a pobreza, a fome e o sofrimento da humanidade.

A comunidade dos discípulos de Jesus, a Igreja, compartilha hoje a mesma sensibilidade que teve, então, o seu Mestre. Com profunda dor, ela volta a sua atenção para aqueles « povos comprometidos, como bem sabemos, com toda a sua energia no esforço e na luta por superar tudo aquilo que os condena a ficarem à margem da vida: penúrias, doenças crônicas e endêmicas, analfabetismo, pauperismo, injustiças nas relações internacionais,... situações de neocolonialismo econômico e cultural ». (341) Todas as formas de pobreza « não apenas econômica, mas também cultural e religiosa » (342) preocupam a Igreja.

Como dimensão importante da sua missão, « (a Igreja) tem o dever de anunciar a libertação de milhões de seres humanos, sendo muitos destes seus filhos espirituais; o dever de ajudar uma tal libertação a nascer, de dar testemunho em favor dela e de envidar esforços para que ela seja total ». (343)

104. Para preparar os cristãos a esta tarefa, a catequese estará atenta, entre outras coisas, aos seguintes aspectos:

– Situará a mensagem de libertação na perspectiva da « finalidade especificamente religiosa da evangelização », (344) já que esta perderia a sua razão de ser, « se se apartasse do eixo religioso que a rege: o Reino de Deus, antes de toda e qualquer outra coisa, no seu sentido plenamente teológico ». (345) Por isso, a mensagem da libertação « não pode ser limitada à simples e restrita dimensão econômica, política, social e cultural; mas deve ter em vista o homem todo, incluindo a sua abertura para o absoluto, mesmo o Absoluto de Deus ». (346)

– A catequese, na tarefa da educação moral, apresentará a moral social cristã como uma exigência da justiça de Deus e uma consequência da « libertação radical realizada por Cristo ». (347) É esta, com efeito, a Boa Nova que os cristãos professam, com o coração repleto de esperança: Cristo libertou o mundo e continua a libertá-lo. Aqui é gerada a « *praxis* » cristã, que é o cumprimento do grande mandamento do amor.

– Da mesma forma, na tarefa da iniciação à missão, a catequese suscitará nos catecúmenos e nos catequizandos, a « opção preferencial pelos pobres » (348) que, « longe de ser um sinal de particularismo ou de sectarismo, manifesta a universalidade da natureza e da missão da Igreja. Esta opção não é exclusiva », (349) mas comporta « o empenho pela justiça, segundo o papel,

a vocação e as circunstâncias pessoais ». (350)

A eclesialidade da mensagem evangélica

105. A natureza eclesial da catequese confere à mensagem evangélica transmitida um intrínseco caráter eclesial. A catequese tem sua origem na confissão de fé da Igreja e leva à confissão de fé do catecúmeno e do catequizando. A primeira palavra oficial que a Igreja dirige ao batizando adulto, depois de ter perguntado o seu nome, é: « *O que pedes à Igreja de Deus?* ». « *A fé* » é a resposta do batizando. (351) O catecúmeno, de fato, sabe que o Evangelho que ele descobriu e deseja conhecer, é vivo no coração dos crentes. A catequese não é outra coisa senão o processo de transmissão do Evangelho, tal como a comunidade cristã recebeu-o, compreende-o, celebra-o, vive-o e o comunica de diversos modos.

Por isso, quando a catequese transmite o mistério de Cristo, na sua mensagem ressoa a fé de todo o Povo de Deus, ao longo do curso da história: a fé dos apóstolos, que a receberam do próprio Cristo e da ação do Espírito Santo; a fé dos mártires, que a confessaram e a confessam com seu sangue; a fé dos santos, que a viveram e a vivem em profundidade; a fé dos Padres e dos Doutores da Igreja, que a ensinaram luminosamente; a fé dos missionários, que a anunciam continuamente; a fé dos teólogos, que ajudam a melhor compreendê-la; e enfim, a fé dos pastores, que a conservam com zelo e amor, e a interpretam com autenticidade. Na verdade, na catequese está presente a fé de todos aqueles que crêem e se deixam conduzir pelo Espírito Santo.

106. Esta fé, transmitida pela comunidade eclesial, é uma só. Ainda que os discípulos de Jesus Cristo formem uma comunidade espalhada por todo o mundo, e ainda que a catequese transmita a fé através de linguagens culturais muito diferentes, o Evangelho que se entrega é um só, a confissão de fé é única e um só é o Batismo: « um só Senhor, uma só fé, um só batismo. Há um só Deus e Pai de todos » (*Ef 4,5*).

A catequese é, portanto, na Igreja, o serviço que introduz os catecúmenos e os catequizandos na unidade da confissão de fé. (352) Por sua própria natureza, alimenta o vínculo de unidade, (353) criando a consciência de pertencer a uma grande comunidade, que nem o espaço nem o tempo conseguem limitar: « Desde o justo Abel até o último dos eleitos, até às extremidades da terra, até o fim do mundo ». (354)

O caráter histórico do mistério da salvação

107. A confissão de fé dos discípulos de Jesus Cristo nasce de uma Igreja peregrina, enviada em missão. Não é ainda a proclamação gloriosa do fim do caminho, mas aquela que corresponde ao « *tempo da Igreja* ». (355) A « *economia da salvação* » tem, por isso, um caráter histórico, uma vez que se realiza no tempo: « *...iniciou no passado, desenvolveu-se e alcançou o seu ponto mais elevado em Cristo, estende o seu poder no presente e espera por sua consumação no futuro* ». (356)

Por isso, a Igreja, ao transmitir hoje a mensagem cristã, a partir da viva consciência que tem desta mensagem, « recorda » constantemente os eventos salvíficos do passado, narrando-os. Interpreta, à luz dos mesmos, os atuais eventos da história humana, nos quais o Espírito de Deus renova a face da terra, e permanece numa confiante expectativa da vinda do Senhor. Na catequese patrística, a narração (*narratio*) das maravilhas realizadas por Deus e a espera (*expectatio*) do retorno de Cristo acompanhavam sempre a exposição dos mistérios da fé.

(357)

108. O caráter histórico da mensagem cristã obriga a catequese a considerar os seguintes aspectos:

– Apresentar a história da salvação por meio de uma catequese bíblica que faça conhecer as « *obras e as palavras* » com a quais Deus se revelou à humanidade: as grandes etapas do Antigo Testamento, mediante as quais preparou o caminho do Evangelho; (358) a vida de Jesus, Filho de Deus, incarnado no seio de Maria, e que, com suas ações e seu ensinamento, levou a cumprimento a Revelação; (359) e a história da Igreja, a qual transmite a Revelação. Também esta história, lida a partir da fé, é parte fundamental do conteúdo da catequese.

– Ao explicar o Símbolo da fé e o conteúdo da moral cristã, através de uma catequese doutrinal, a mensagem evangélica deve iluminar o « *hoje* » da história da salvação. De fato, « ...o ministério da palavra, além de recordar a revelação das admiráveis obras realizadas por Deus no passado... interpreta também, à luz desta revelação, a vida humana dos nossos dias, os sinais dos tempos e as realidades deste mundo, uma vez que é nele que se atua o projeto de Deus para a salvação do homem ». (360)

– Situar os sacramentos dentro da história da salvação, por meio de uma catequese mistagógica, a qual: « ...relê e revive todos estes grandes acontecimentos da história da salvação no "*hoje*" da sua liturgia ». (361) A referência ao « hoje » histórico-salvífico é essencial nesta catequese. Ajuda-se, assim, os catecúmenos e catequizandos, « ...a se abrirem a esta compreensão "espiritual" da Economia da salvação... ». (362)

– As « obras e palavras » da Revelação remetem ao « mistério contido nesta ». (363) A catequese ajudará a realizar a passagem do sinal para o mistério. Levará a descobrir, por detrás da humanidade de Jesus, a sua condição de Filho de Deus; por detrás da história da Igreja, o seu mistério como « sacramento de salvação »; por detrás dos « sinais dos tempos », as pegadas da presença de Deus e os sinais do Seu plano. A catequese mostrará, assim, o conhecimento típico da fé, « que é conhecimento através dos sinais ». (364)

A inculturação da mensagem evangélica (365)

109. A Palavra de Deus se fez homem, homem concreto, situado no tempo e no espaço, radicado numa cultura determinada: « Cristo..., por sua encarnação, se ligou às condições sociais e culturais dos homens com quem conviveu ». (366) Esta é a « inculturação » original da Palavra de Deus e o modelo de referência para toda a evangelização da Igreja « chamada a levar a força do Evangelho ao coração da cultura e das culturas ». (367)

A « inculturação » (368) da fé, pela qual se assumem, num admirável intercâmbio, « todas as riquezas das nações, herança de Cristo » (369) é um processo profundo e global e um caminho lento. (370) Não é uma simples adaptação externa que, para tornar mais atraente a mensagem cristã, limita-se a cobri-la, de maneira decorativa, com um verniz superficial.

Trata-se, ao contrário, da penetração do Evangelho nos estratos mais recônditos das pessoas e dos povos, alcançando-os « ...de maneira vital, em profundidade, isto é, até às suas raízes, a cultura e as culturas do homem » (371)

Neste trabalho de inculturação, todavia, as comunidades cristãs deverão fazer um

discernimento: trata-se, por um lado, de « assumir» (372) aquelas riquezas culturais que sejam compatíveis com a fé; mas, por outro lado, trata-se também de ajudar a « purificar » (373) e « transformar » (374) aqueles critérios, modos de pensar e estilos de vida que estão em contraste com o Reino de Deus. Este discernimento é baseado em dois princípios de base: « a compatibilidade com o Evangelho e a comunhão com a Igreja universal ». (375) Todo o Povo de Deus deve participar deste processo, que « ...requer gradatividade, para que seja verdadeiramente uma expressão da experiência cristã da comunidade... (376)

110. Nesta inculturação da fé, apresentam-se concretamente, para a catequese, diversas tarefas. Entre estas, devemos ressaltar:

– Considerar a comunidade eclesial como principal fator de inculturação. Uma expressão e, ao mesmo tempo, um eficaz instrumento dessa tarefa, é representado pelo catequista que, juntamente com um profundo senso religioso, deverá possuir uma viva sensibilidade social e ser bem radicado no seu ambiente cultural. (377)

– Elaborar Catecismos locais, que respondam às exigências que provêm das diferentes culturas, (378) apresentando o Evangelho em relação às aspirações, interrogações e problemas que existem nessas mesmas culturas.

– Realizar uma oportuna inculturação no Catecumenato e nas instituições catequéticas, incorporando, com discernimento, a linguagem, os símbolos e os valores da cultura na qual vivem os catecúmenos e os catequizandos.

– Apresentar a mensagem cristã de modo a tornar aptos a « dar razão da vossa esperança » (1 Pd 3,15) aqueles que devem anunciar o Evangelho em meio a culturas freqüentemente pagãs e às vezes pós-cristãs. Uma apologética bem feita, que ajude o diálogo fé-cultura, torna-se hoje imprescindível.

A integridade da mensagem evangélica

111. Na tarefa da inculturação da fé, a catequese deve transmitir a mensagem evangélica na sua integridade e pureza. Jesus anuncia o Evangelho integralmente: « ...porque tudo o que ouvi de meu Pai eu vos dei a conhecer » (Jo 15,15). Esta mesma integridade, Cristo a exige dos seus discípulos, ao enviá-los em missão: « ...ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei » (Mt 28,19). Por isso, um critério fundamental da catequese é o de salvaguardar a integridade da mensagem, evitando apresentações parciais ou deformadas do mesmo. « Para ser perfeita a oblação da sua fé, aqueles que se tornam discípulos de Cristo têm o direito de receber a « palavra da fé » não mutilada, falsificada ou diminuída, mas sim plena e integral, com todo o seu rigor e com o todo o seu vigor ». (379)

112. Duas dimensões, intimamente unidas, submetem-se a este critério. Trata-se, de fato, de:

– Apresentar a mensagem evangélica *íntegra*, sem deixar passar em silêncio nenhum aspecto fundamental, ou realizar uma seleção no depósito da fé. (380) A catequese, ao contrário, « deve preocupar-se com que o tesouro da mensagem cristã seja fielmente anunciado na sua integridade ». (381) Isto deve cumprir-se, todavia, gradualmente, seguindo o exemplo da pedagogia divina, mediante a qual Deus se revelou de modo progressivo e gradual. A integridade deve ser acompanhada pela adaptação.

A catequese, conseqüentemente, parte de uma simples proposição da estrutura íntegra da mensagem cristã e a expõe de modo apropriado à capacidade dos destinatários. Sem limitar-se a esta exposição inicial, a catequese, gradualmente, proporá a mensagem de maneira sempre mais ampla e explícita, de acordo com as capacidades do catequizando e o caráter próprio da catequese. (382) Estes dois níveis de exposição íntegra da mensagem são denominados « *integridade intensiva* » e « *integridade extensiva* ».

– Apresentar a mensagem evangélica *autêntica*, em toda a sua pureza, sem reduzir as suas exigências por medo de uma rejeição e sem impor pesados ônus que a mensagem não inclui, pois o jugo de Jesus é suave. (383)

O critério da autenticidade é intimamente ligado com o da inculturação, pois esta tem a função de « traduzir » (384) o essencial da mensagem, numa determinada linguagem cultural. Nesta necessária tarefa, ocorre sempre uma tensão: « A evangelização perderia algo da sua força e da sua eficácia, se ela porventura não levasse em consideração o povo concreto a que ela se dirige... » todavia porém, « ...correria o risco de perder a sua alma e de se esvacecer, se fosse despojada ou fosse desnaturada quanto ao seu conteúdo, sob o pretexto de melhor traduzi-la... ». (385)

113. Nesta complexa relação entre a inculturação e a integridade da mensagem cristã, o critério que se deve seguir é o da atitude evangélica de « abertura missionária pela salvação integral do mundo ». 386 Esta deve saber conjugar a aceitação dos valores verdadeiramente humanos e religiosos, para além de qualquer fechamento imobilista, com o empenho missionário de anunciar toda a verdade do Evangelho, sem cair em fáceis acomodações, que levariam a enfraquecer o Evangelho e a secularizar a Igreja. A autenticidade evangélica exclui ambas as atitudes, que são contrárias ao verdadeiro significado da missão.

Uma mensagem orgânica e hierarquizada

114. A mensagem que a catequese transmite possui um « caráter orgânico e hierarquizado », (387) constituindo uma síntese coerente e vital da fé. Ela se organiza em torno do mistério da Santíssima Trindade, numa perspectiva cristocêntrica, uma vez que é « a fonte de todos os outros mistérios da fé; é a luz que os ilumina... ». (388) A partir deste, a harmonia do conjunto a mensagem requer uma « hierarquia de verdades », (389) uma vez que é diversa a conexão de cada uma destas, com o fundamento da fé. Todavia, esta hierarquia « não significa que algumas verdades pertençam à fé menos do que outras, mas sim que algumas verdades se alicerçam sobre outras que são mais importantes e por elas são iluminadas ». (390)

115. Todos os aspectos e as dimensões da mensagem cristã participam desta dimensão orgânica e hierarquizada:

– A história da salvação, narrando as « maravilhas de Deus » (*mirabilia Dei*), aquilo que fez, faz e fará por nós, se organiza em torno de Jesus Cristo, « centro da história da salvação ». (391) A preparação ao Evangelho, no Antigo Testamento, a plenitude da Revelação em Jesus Cristo e o tempo da Igreja, estruturam toda a história salvífica, da qual a criação e a escatologia são o seu princípio e o seu fim.

– O Símbolo apostólico mostra como a Igreja tenha sempre querido apresentar o mistério cristão numa síntese vital. Este Símbolo é a síntese e a chave de leitura de toda a Escritura e de

toda a doutrina da Igreja, que se ordena hierarquicamente em torno dele. (392)

– Os sacramentos são, também estes, um todo orgânico que, como força regeneradora, nascem do mistério pascal de Jesus Cristo, formando « um organismo no qual cada um especificamente tem o seu lugar vital ». (393) A Eucaristia ocupa, neste organismo, um posto único, para o qual os demais sacramentos são ordenados: ela se apresenta como « o sacramento dos sacramentos ». (394)

– O duplice mandamento de amor a Deus e ao próximo é, na mensagem moral, a hierarquia dos valores que o próprio Jesus estabeleceu: « Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas » (*Mt 22,40*). O amor a Deus e o amor ao próximo, que resumem o decálogo, se vividos no espírito das bem-aventuranças evangélicas, constituem a *Magna Carta* da vida cristã que Jesus proclamou no Sermão da Montanha. (395)

– O Pai Nosso, resumindo a essência do Evangelho, sintetiza e hierarquiza as imensas riquezas de oração contidas na Sagrada Escritura e em toda a vida da Igreja. Esta oração, proposta aos discípulos pelo próprio Jesus, deixa transparecer a confiança filial e os desejos mais profundos com os quais uma pessoa pode dirigir-se a Deus. (396)

Uma mensagem significativa para a pessoa humana

116. A Palavra de Deus, ao fazer-Se homem, assume a natureza humana no seu todo, exceto o pecado. Deste modo, Jesus Cristo, que é a « *imagem do Deus invisível* » (*Col 1,15*), é também homem perfeito. É daí que se compreende que « na realidade, o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente, no mistério do Verbo encarnado ». (397)

A catequese, ao apresentar a mensagem cristã, não apenas mostra quem é Deus e qual é o seu desígnio salvífico mas, como o próprio Jesus fez, revela também plenamente o homem ao homem, e lhe descobre a sua altíssima vocação. (398) A Revelação, de fato, « ...não está isolada da vida, nem justaposta a ela de maneira artificial. Mas diz respeito ao sentido último da existência, que ela esclarece totalmente, para inspirá-la e para examiná-la à luz do Evangelho ». (399)

A relação da mensagem cristã com a experiência humana não é uma simples questão metodológica, mas germina da própria finalidade da catequese, a qual procura colocar em comunhão a pessoa humana com Jesus Cristo. Ele, na sua vida terrestre, viveu plenamente a sua humanidade: « Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano ». (400) Portanto, « Tudo o que Cristo viveu foi para que pudéssemos vivê-lo n'Ele e para que Ele o vivesse em nós ». (401) A catequese trabalha por esta identidade de experiência humana entre Jesus Mestre e discípulo e ensina a pensar como Ele, agir como Ele, amar como Ele. (402) Viver a comunhão com Cristo é fazer experiência da vida nova da graça. (403)

117. Por este motivo, eminentemente cristológico, a catequese, apresentando a mensagem cristã, « deve, portanto, trabalhar para tornar os homens atentos às suas mais importantes experiências, tanto pessoais quanto sociais, e deve também esforçar-se por submeter à luz do Evangelho, as interrogações que nascem de tais situações, de modo a estimular nos próprios homens, um justo desejo de transformar a impostação de suas existências ». (404) Neste sentido:

- Na primeira evangelização, própria do pré-catecumenato ou da pré-catequese, catequese o anúncio do Evangelho se fará sempre em íntima conexão com a natureza humana e as suas aspirações, mostrando como ele satisfaz plenamente o coração humano. (405)
- Na catequese bíblica, se ajudará a interpretar a vida humana atual, à luz das experiências vividas pelo Povo de Israel, por Jesus Cristo e pela comunidade eclesial, na qual o Espírito de Cristo ressuscitado vive e opera continuamente.
- Na explicitação do Símbolo, a catequese mostrará como os grandes temas da fé (criação, pecado original, Encarnação, Páscoa, Pentecostes, escatologia...) são sempre fonte de vida e de luz para o ser humano.
- A catequese moral, ao apresentar no que consiste a vida digna do Evangelho (406) e ao promover as bem-aventuranças evangélicas como espírito que permeia o decálogo, radicar-las-á nas virtudes humanas, presentes no coração do homem. (407)
- Na catequese litúrgica, deverá ser constante a referência às grandes experiências humanas, representadas pelos sinais e símbolos da ação litúrgica, a partir da cultura judaica e cristã. (408)

Princípio metodológico para a apresentação da mensagem (409)

118. As normas e os critérios apresentados neste capítulo e « que dizem respeito à apresentação do conteúdo da catequese, devem estar presentes e ser atuantes nos diversos tipos de catequese: catequese bíblica e litúrgica, síntese doutrinal, interpretação das situações concretas da existência humana, etc... ». (410)

Destes critérios e normas, todavia, não se pode deduzir a ordem que se deve observar na exposição dos conteúdos. De fato, « é possível que a situação presente da catequese ou razões de método ou de pedagogia aconselhem o predispor a comunicação das riquezas do conteúdo da catequese de uma determinada maneira em vez de outra ». (411) Pode-se partir de Deus para chegar a Cristo e vice-versa; da mesma maneira, pode-se partir do homem para chegar a Deus, e inversamente. A adoção de uma ordem determinada na apresentação da mensagem, é condicionada pelas circunstâncias e pela situação de fé de quem recebe a catequese.

É preciso encontrar o método pedagógico mais apropriado às circunstâncias que caracterizam a comunidade eclesial ou os destinatários concretos aos quais se dirige a catequese. Daí a necessidade de pesquisar cuidadosamente e de encontrar as vias e modos que melhor respondam às diversas situações.

Cabe aos Bispos, neste campo, oferecer normas mais precisas e aplicá-las mediante Diretórios Catequéticos, Catecismos para as diversas idades e condições culturais, e com outros meios considerados mais oportunos. (412)

II CAPÍTULO

« Esta é a nossa fé, esta é a fé da igreja »

« Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir e para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, qualificado para toda boa

obra » (2 Tm 3,16).

« Portanto, irmãos, ficai firmes; guardai as tradições que vos ensinamos oralmente ou por escrito » (2 Ts 2,15).

119. Este capítulo reflete acerca do conteúdo da catequese tal como ele é exposto pela Igreja nas sínteses de fé que, oficialmente, elabora e propõe nos seus catecismos.

A Igreja sempre se valeu de formulações da fé que, em forma breve, contêm o essencial daquilo que crê e vive: textos neotestamentários, símbolos ou profissões, fórmulas litúrgicas, orações eucarísticas. Mais tarde, considerou-se também conveniente oferecer uma explicitação mais ampla da fé, na forma de uma síntese orgânica, mediante os Catecismos que em numerosas Igrejas locais foram elaborados nestes últimos séculos. Em dois momentos históricos, por ocasião do Concílio de Trento e nos nossos dias, decidiu-se ser oportuno oferecer uma exposição orgânica da fé, mediante um Catecismo de caráter universal, como ponto de referência para a catequese de toda a Igreja. Assim, de fato, quis proceder João Paulo II, com a promulgação do *Catecismo da Igreja Católica*, no dia 11 de outubro de 1992.

O presente capítulo procura situar estes instrumentos oficiais da Igreja, como o são os catecismos, em relação à atividade ou à prática catequética.

Em primeiro lugar, refletir-se-á sobre o Catecismo da Igreja Católica, procurando esclarecer o papel que lhe cabe no conjunto da catequese eclesial. Depois, analisar-se-á a necessidade dos Catecismos locais, que têm o objetivo de adaptar o conteúdo da fé às diferentes situações e culturas e propor-se-á algumas diretrizes para facilitar a elaboração dos mesmos. A Igreja, ao contemplar a riqueza de conteúdo da fé exposta nos instrumentos que os próprios Bispos propõem ao Povo de Deus, e que, como uma « sinfonia » (413) exprimem aquilo que ela crê, celebra, vive e proclama: « Esta é a nossa fé, esta é a fé da Igreja ».

O Catecismo da Igreja Católica e o Diretório Geral para a Catequese

120. O Catecismo da Igreja Católica e o Diretório Geral para a Catequese são dois instrumentos distintos e complementares, a serviço da ação catequizadora da Igreja.

– O Catecismo da Igreja Católica é « uma exposição da fé da Igreja e da doutrina católica, atestadas e iluminadas pelas Sagradas Escrituras, pela Tradição Apostólica e pelo Magistério da Igreja ». (414)

– O Diretório Geral para a Catequese é a proposição dos « fundamentais princípios teológico-pastorais, inspirados no Magistério da Igreja e, de modo particular, no Concílio Vaticano II, aptos a poder orientar a coordenação » (415) da atividade catequética na Igreja.

Ambos os instrumentos, tomados cada um no seu próprio gênero e na sua específica autoridade, completam-se mutuamente.

– O Catecismo da Igreja Católica é um ato do Magistério do Papa, com o qual, no nosso tempo, ele sintetiza normativamente, em virtude de sua autoridade apostólica, a globalidade da fé católica e a oferece, antes de mais nada, às Igrejas, como ponto de referência para a exposição autêntica do conteúdo da fé.

– O Diretório Geral para a Catequese, por sua vez, tem o valor que a Santa Sé normalmente

atribui a estes instrumentos de orientação, aprovando-os e confirmando-os. É um subsídio oficial para a transmissão da mensagem evangélica e para o conjunto do ato catequético.

O caráter de complementaridade de ambos os instrumentos justifica o fato, como dito no *Prefácio*, que o presente Diretório Geral para a Catequese não dedique um capítulo à exposição dos conteúdos da fé, como foi feito no Diretório de 1971, sob o título: « *Os elementos essenciais da mensagem cristã* ». (416) Por este motivo, no que concerne ao conteúdo da mensagem, o Diretório Geral Catequético remete simplesmente ao Catecismo da Igreja Católica, do qual pretende ser um instrumento metodológico para a sua aplicação concreta.

A apresentação do Catecismo da Igreja Católica que se expõe a seguir, não é elaborada nem para resumir, nem para justificar tal instrumento do Magistério, mas sim para facilitar uma melhor compreensão e recepção do mesmo, na prática catequética.

O Catecismo da Igreja Católica

Finalidade e natureza do Catecismo da Igreja Católica

121. É o próprio Catecismo da Igreja Católica a indicar, no seu Prefácio, a finalidade que o orienta: « Este Catecismo tem o objetivo de apresentar uma exposição orgânica e sintética dos conteúdos essenciais e fundamentais da doutrina católica, tanto sobre a fé como sobre a moral, à luz do Concílio Vaticano II e do conjunto da Tradição da Igreja ». (417)

O Magistério da Igreja, com o Catecismo da Igreja Católica, quis prestar um serviço eclesial para o nosso tempo, reconhecendo-o:

– « instrumento válido e legítimo a serviço da *comunhão eclesial* ». (418) Deseja fomentar o vínculo da unidade, facilitando nos discípulos de Jesus Cristo, « a profissão de uma única fé, recebida dos Apóstolos »; (419)

– « norma segura para o *ensinamento da fé* ». (420) Diante do legítimo direito de todo batizado, de conhecer da Igreja o que ela recebeu e aquilo em que ela crê, o Catecismo da Igreja Católica oferece uma resposta clara. É, por isso, um referencial obrigatório para a catequese e para as demais formas de ministério da Palavra;

– « ponto de referência para os *catecismos* ou compêndios que são preparados nas diversas regiões ». (421) O Catecismo da Igreja Católica, de fato, « não é destinado a substituir os catecismos locais », (422) mas sim « a encorajar e ajudar a redação de novos catecismos locais, que levem em consideração as diversas situações e culturas, mas que preservem com cuidado a unidade da fé e a fidelidade à doutrina católica ». (423)

A natureza ou caráter próprio deste documento do Magistério consiste no fato que ele se apresenta como síntese orgânica da fé, de valor universal. Neste aspecto, difere de outros documentos do Magistério, os quais não pretendem oferecer tal síntese. É diferente, por outro lado, dos catecismos locais que, embora na comunhão eclesial, são destinados a servir uma parte determinada do Povo de Deus.

A articulação do Catecismo da Igreja Católica

122. O Catecismo da Igreja Católica se articula em torno a quatro dimensões fundamentais da vida cristã: a profissão de fé, a celebração litúrgica, a moral evangélica e a oração. Estas quatro dimensões nascem de um mesmo núcleo: o *mistério cristão*. Este:

- « é o objeto da fé (*primeira parte*);
- é celebrado e comunicado nas ações litúrgicas (*segunda parte*);
- é presente para iluminar e amparar os Filhos de Deus em suas ações (*terceira parte*);
- é fundamento da nossa oração, cuja expressão privilegiada é o *Pai Nosso*, e constitui o objeto da nossa súplica, do nosso louvor e da nossa intercessão (*quarta parte*) ». (424)

Esta articulação quadripartita desenvolve os aspectos essenciais da fé:

- crer em Deus criador, Uno e Trino, e no seu desígnio salvífico;
- ser santificados por Ele, na vida sacramental;
- amá-Lo com todo o coração e amar ao próximo como a nós mesmos;
- rezar, na expectativa da vinda do seu Reino e do encontro face a face com Ele.

O Catecismo da Igreja Católica se refere, assim, à fé crida, celebrada, vivida e pregada, e constitui um chamado à educação cristã integral.

A articulação do Catecismo da Igreja Católica remete à profunda unidade da vida cristã. Nele se faz explícita a inter-relação entre « *lex orandi* », « *lex credendi* » e « *lex vivendi* ». « A liturgia é, ela própria, oração; a confissão da fé encontra o seu justo posto na celebração do culto. A graça, fruto dos sacramentos, é a condição insubstituível do agir cristão, assim como a participação na liturgia da Igreja, requer a fé. Se a fé não se realiza nas obras, é morta e não pode dar frutos de vida eterna ». (425)

Com esta articulação tradicional em torno das quatro colunas que sustentam a transmissão da fé (*símbolo, sacramentos, decálogo e Pai Nosso*), (426) o Catecismo da Igreja Católica se oferece como referência doutrinal na educação às quatro tarefas basilares da catequese (427) e para a elaboração dos Catecismos locais, embora não pretendendo impor, nem àquela primeira, nem a estes últimos, uma configuração determinada. O modo mais adequado de ordenar os elementos do conteúdo da catequese deve responder às respectivas circunstâncias concretas, e não deve ser estabelecido para toda a Igreja, através do Catecismo comum. (428) A perfeita fidelidade à doutrina católica é compatível com uma rica diversidade no modo de apresentá-la.

A inspiração do Catecismo da Igreja Católica: o cristocentrismo trinitário e a sublimidade da vocação cristã da pessoa humana

123. O eixo central do Catecismo da Igreja Católica é Jesus Cristo, « ...o Caminho, a Verdade e a Vida » (*Jo 14,6*).

O Catecismo da Igreja Católica, centrado em Jesus Cristo, orienta-se em duas direções: em

direção a Deus e em direção à pessoa humana.

– O mistério de Deus, Uno e Trino, e a sua economia salvífica, inspira e hierarquiza, a partir do seu interior, o Catecismo da Igreja Católica, no seu conjunto e nas suas partes. A profissão de fé, a liturgia, a moral evangélica e a oração têm, no Catecismo da Igreja Católica, uma inspiração trinitária, que atravessa toda a obra, como fio condutor. (429) Este elemento inspirador central contribui a dar ao texto um profundo caráter religioso.

– O mistério da pessoa humana é apresentado nas páginas do Catecismo da Igreja Católica, sobretudo em alguns capítulos particularmente significativos: « O homem é capaz de Deus », « A criação do homem », « O Filho de Deus se fez homem », « A vocação do homem é a vida no Espírito »... e outros ainda. (430) Esta doutrina, contemplada à luz da natureza humana de Jesus, homem perfeito, mostra a altíssima vocação e o ideal de perfeição a que cada pessoa humana é chamada.

Na verdade, toda a doutrina do Catecismo da Igreja Católica pode ser sintetizada neste pensamento conciliar: « Na mesma revelação do mistério do Pai e de Seu amor, Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação ». (431)

O gênero literário do Catecismo da Igreja Católica

124. É importante descobrir o gênero literário do Catecismo da Igreja Católica, para respeitar a função que a autoridade da Igreja lhe atribui, no exercício e na renovação da atividade catequética dos nossos dias.

Os traços principais que definem o gênero literário do Catecismo da Igreja Católica são:

– O Catecismo da Igreja Católica é, antes de mais nada, um catecismo; ou seja, um texto oficial do Magistério da Igreja que, com autoridade, reúne, de forma precisa, na forma de síntese orgânica, os eventos e as verdades salvíficas fundamentais, que exprimem a fé comum do povo de Deus e constituem a indispensável referência de base para a catequese.

– Pelo fato de ser um catecismo, o Catecismo da Igreja Católica encerra aquilo que é basilare e comum à vida cristã, sem apresentar como pertencentes à fé interpretações particulares, que não são senão hipóteses pessoais ou opiniões de alguma escola teológica. (432)

– O Catecismo da Igreja Católica é, além disso, um Catecismo de caráter universal, oferecido a toda a Igreja. Nele se apresenta uma síntese atualizada da fé, que incorpora a doutrina do Concílio Vaticano II e as interrogações religiosas e morais da nossa época. Todavia, « pela sua própria finalidade, este Catecismo não se propõe realizar as adaptações da exposição e dos métodos catequéticos exigidos pelas diferenças de culturas, de idades, da vida espiritual, de situações sociais e eclesiais daqueles a quem a catequese é dirigida. Tais adaptações indispensáveis adaptam-se aos catecismos apropriados e, ainda mais aos que ministram instrução aos fiéis ». (433)

O « Depósito da fé » e o Catecismo da Igreja Católica

125. O Concílio Vaticano II se propôs como objetivo principal, o de melhor conservar e apresentar o precioso depósito da doutrina cristã, para torná-lo mais acessível aos fiéis de

Cristo e a todos os homens de boa vontade.

O conteúdo de tal depósito é a Palavra de Deus, conservada na Igreja. O Magistério da Igreja, tendo-se proposto a finalidade de elaborar um texto de referência para o ensinamento da fé, escolheu deste precioso tesouro coisas novas e coisas antigas, que considerou mais convenientes para a finalidade prefixada. O Catecismo da Igreja Católica se apresenta, assim, como um serviço fundamental: favorecer o anúncio do Evangelho e o ensinamento da fé, que recebem a sua mensagem do depósito da Tradição e da Sagrada Escritura confiado à Igreja, para que se realizem com total autenticidade. O Catecismo da Igreja Católica não é a única fonte da catequese, uma vez que, como ato do Magistério, não é superior à Palavra de Deus, mas a Ela serve. Todavia, é um ato particularmente relevante de interpretação autêntica desta Palavra, em vista do anúncio e da transmissão do Evangelho, em toda a sua verdade e pureza.

126. À luz desta relação entre Catecismo da Igreja Católica e o depósito da fé, convém esclarecer duas questões de vital importância para a catequese:

– a relação entre a Sagrada Escritura e o Catecismo da Igreja Católica, como pontos de referência para o conteúdo da catequese;

– a relação entre a Tradição catequética dos Padres da Igreja, com a sua riqueza de conteúdos, e de compreensão do processo catequético, e o Catecismo da Igreja Católica.

A Sagrada Escritura, o Catecismo da Igreja Católica e a catequese

127. A Constituição *Dei Verbum*, do Concílio Vaticano II, sublinhou a importância fundamental da Sagrada Escritura na vida da Igreja. Ela é apresentada, junto com a Sagrada Tradição, como « regra suprema da fé », já que transmite imutavelmente « a própria palavra de Deus » e faz « ressoar nas palavras dos Profetas e dos Apóstolos a voz do Espírito Santo ». (434) Por isso, a Igreja quer que em todo o ministério da Palavra, a Sagrada Escritura tenha uma posição proeminente. A catequese, em síntese, deve ser « uma autêntica introdução à "lectio divina", isto é, à leitura da Sagrada Escritura feita "segundo o Espírito" que habita na Igreja ». (435)

Neste sentido, « falar da Tradição e da Escritura como fonte da catequese, quer dizer sublinhar que esta última deve embeber-se e permear-se com o pensamento, com o espírito e com as atitudes bíblicas e evangélicas, mediante um assíduo contato com tais textos; mas significa também, recordar que a catequese será tanto mais rica e eficaz, quanto mais ler os textos com a inteligência e o coração da Igreja ». (436) Nesta leitura eclesial da Escritura, feita à luz da Tradição, o Catecismo da Igreja Católica desempenha um papel muito importante.

128. A Sagrada Escritura e o Catecismo da Igreja Católica se apresentam como dois instrumentos fundamentais para inspirar toda a ação catequizadora da Igreja no nosso tempo.

– A Sagrada Escritura, de fato, como « palavra de Deus escrita sob a inspiração do Espírito Santo » (437) e o Catecismo da Igreja Católica, enquanto relevante expressão atual da Tradição viva da Igreja e norma segura para o ensinamento da fé, são chamados, cada um a seu próprio modo e segundo a sua específica autoridade, a fecundar a catequese na Igreja contemporânea.

– A catequese transmite o conteúdo da Palavra de Deus, segundo as duas modalidades com

que a Igreja o possui, o interioriza e o vive: como narração da História da Salvação e como explicitação do Símbolo da fé. A Sagrada Escritura e o Catecismo da Igreja Católica devem inspirar tanto a catequese bíblica quanto a catequese doutrinal, que veiculam este conteúdo da Palavra de Deus.

– No desenvolvimento ordinário da catequese, é importante que os catecúmenos e os catequizandos possam valer-se tanto da Sagrada Escritura quanto do Catecismo local. A catequese, enfim, não é senão a transmissão, vital e significativa, destes « documentos de fé ». (438)

A Tradição catequética dos Santos Padres e o Catecismo da Igreja Católica

129. No *depósito da fé*, juntamente com a Escritura, está contida toda a Tradição da Igreja. « As asserções dos Santos Padres atestam a vivificante presença desta Tradição, cujas riquezas se transfundem na praxe e na vida da Igreja crente e orante ». (439)

Em referência a tanta riqueza doutrinal e pastoral, alguns aspectos merecem atenção:

– A importância decisiva que os Padres atribuem ao catecumenato batismal na configuração das Igrejas particulares.

– A progressiva e gradual concepção da formação cristã, estruturada em etapas. (440) Os Padres configuram o catecumenato, inspirando-se na pedagogia divina. No processo catecumenal, o catecúmeno, como o Povo de Israel, percorre um caminho para chegar à terra prometida: a identificação batismal com Cristo. (441)

– A estruturação do conteúdo da catequese segundo as etapas daquele processo. Na catequese patrística, a narração da história da salvação tinha um papel primário. Em meados do período da Quaresma, se procedia às entregas do *Símbolo* e do *Pai Nosso* e à explicação dos mesmos, com todas as suas implicações morais. A catequese mistagógica, uma vez celebrados os sacramentos da iniciação, ajudava a interiorizá-los e a saboreá-los.

130. O Catecismo da Igreja Católica, por sua vez, leva à catequese a grande tradição dos catecismos. (442) Da grande riqueza desta tradição, também aqui cabe sublinhar alguns aspectos:

– A dimensão cognoscitiva ou verídica da fé. Esta não é somente adesão vital a Deus, mas também assentimento do intelecto e da vontade à verdade revelada. Os catecismos recordam constantemente à Igreja, a necessidade de que os fiéis, ainda que de forma simples, tenham um conhecimento orgânico da fé.

– A educação à fé, bem radicada em todas as suas fontes, abraça diferentes dimensões: uma fé professada, celebrada, vivida e orada.

A riqueza da tradição patrística e daquela dos catecismos conflui na atual catequese da Igreja, enriquecendo-a, tanto na sua própria concepção, quanto nos seus conteúdos. Recordam à catequese os sete elementos basilares que a configuram: as três etapas da narração da história da salvação: o Antigo Testamento, a vida de Jesus Cristo e a História da Igreja; e as quatro colunas da exposição: o Símbolo, os Sacramentos, o Decálogo e o Pai Nosso. Com estas sete *pedras fundamentais*, base tanto de todo o processo da catequese de iniciação como do

itinerário contínuo do amadurecimento cristão, podem-se construir edifícios de diversa arquitetura ou articulação, segundo os destinatários ou as diferentes situações culturais.

Os Catecismos nas Igrejas locais

Os Catecismos locais: a sua necessidade (443)

131. O Catecismo da Igreja Católica é oferecido a todos os fiéis e a cada homem que queira conhecer aquilo em que crê a Igreja Católica (444) e, de maneira toda especial, « é destinado a encorajar e ajudar a redação de novos Catecismos locais, que levem em consideração as diversas situações e culturas, mas que preservem com cuidado a unidade da fé e a fidelidade à doutrina católica ». (445)

Os Catecismos locais, de fato, elaborados ou aprovados pelos Bispos diocesanos ou pelas Conferências dos Bispos, (446) são inestimáveis instrumentos para a catequese « chamada a levar a força do Evangelho ao coração da cultura e das culturas ». (447) Por esta razão, João Paulo II dirigiu « um fervoroso encorajamento às Conferências dos Bispos de todo o mundo: que elas tomem a iniciativa, com paciência mas ao mesmo tempo com firme resolução, daquele grande trabalho a ser realizado, de acordo com a Sé Apostólica, qual é o de preparar verdadeiros catecismos, fiéis aos conteúdos essenciais da Revelação e atualizados no que se refere ao método, em condições de educar para uma fé vigorosa, as gerações cristãs dos tempos novos ». (448)

Por meio dos Catecismos locais, a Igreja atualiza a « pedagogia divina » (449) que Deus utilizou na Revelação, adaptando a sua linguagem à nossa natureza, com próspera solicitude. (450) Nos Catecismos locais, a Igreja comunica o Evangelho de maneira acessível à pessoa humana, a fim de que esta possa realmente apreendê-lo como *Boa Nova* de salvação. Os Catecismos locais se convertem, assim, em expressão palpável da admirável « condescendência » (451) de Deus e do seu amor « inefável » (452) pelo mundo.

O gênero literário de um Catecismo local

132. Três são os traços principais que caracterizam todo catecismo, assumido como próprio por uma Igreja local: o seu caráter oficial, a síntese orgânica e básica da fé que apresenta, e o fato de que seja oferecido, juntamente com as Sagradas Escrituras, como ponto de referência para a catequese:

– O Catecismo local, de fato, é texto oficial da Igreja. De algum modo, ele torna visível a « entrega do Símbolo » e a « entrega do Pai Nosso » aos catecúmenos e aos batizados. Por isso, é a expressão de um ato de tradição.

O caráter oficial do Catecismo local estabelece uma distinção qualitativa em referência aos outros instrumentos de trabalhos, úteis na pedagogia catequética (*textos didáticos, catecismos não oficiais, guias para os catequistas...*)

– Além disso, todo Catecismo é um texto de caráter sintético e básico, no qual se apresenta, de maneira orgânica e no respeito pela « hierarquia das verdades », os eventos e as verdades fundamentais do mistério cristão.

– O Catecismo local apresenta, na sua organicidade, « um conjunto dos documentos da

Revelação e da tradição cristã, (1) que são oferecidos na rica diversidade de « linguagens » em que se exprime a Palavra de Deus.

O Catecismo local se oferece, enfim, como ponto de referência que inspira a catequese. A Sagrada Escritura e o Catecismo são os dois documentos doutrinários de base no processo de catequização, a serem mantidos sempre à mão. Embora sendo, tanto um quanto outro, instrumentos de primária importância, não são, todavia, os únicos: são necessários, de fato, outros instrumentos de trabalho mais imediatos. (2) Por isso, é legítimo perguntar-se se um Catecismo oficial deva conter elementos pedagógicos ou, ao contrário, deva limitar-se a ser apenas uma síntese doutrinária, oferecendo somente as fontes.

Em todo caso, sendo o Catecismo um instrumento para o ato catequético, que é ato de comunicação, responde sempre a uma certa inspiração pedagógica e deve sempre fazer transparecer, nos limites do seu gênero, a pedagogia divina.

As questões mais claramente metodológicas são, ordinariamente, mais consoantes a outros instrumentos.

Os aspectos da adaptação num Catecismo local (3)

133. O Catecismo da Igreja Católica indica quais são os aspectos que devem ser levados em consideração no momento de adaptar ou contextualizar a síntese orgânica da fé, que todo Catecismo local deve oferecer. Esta síntese da fé deve realizar as adaptações que são exigidas « pelas diferenças de culturas, de idades, da vida espiritual, de situações sociais e eclesiais daqueles a quem a catequese é dirigida ». (4) Também o Concílio Vaticano II afirma com ênfase a necessidade de adaptar a mensagem evangélica: « Esta maneira apropriada de proclamar a palavra revelada deve permanecer como lei de toda a evangelização ». (5) Por isso:

– Um Catecismo local deve apresentar a síntese da fé em referência à cultura concreta em que se encontram os catecúmenos e os catequizandos. Incorporará, portanto, todas aquelas « expressões originais de vida, de celebração e de pensamento que são cristãos » (6) e que nasceram da própria tradição cultural e são fruto do trabalho e da inculturação da Igreja local.

– Um Catecismo local, « fiel à mensagem e fiel à pessoa humana », (7) apresenta o mistério cristão de modo significativo e próximo à psicologia e à mentalidade da idade do destinatário concreto e, conseqüentemente, em clara referência às experiências fundamentais da sua vida. (8)

– É preciso cuidar de modo especial a forma concreta de viver o fato religioso numa determinada sociedade. Não é a mesma coisa fazer um Catecismo para um ambiente caracterizado pela indiferença religiosa, e fazê-lo para outro, cujo contexto é profundamente religioso. (9) A relação « fé-ciência » deve ser tratada com muito cuidado em cada Catecismo.

– A problemática social circunstante, ao menos no que diz respeito aos elementos estruturais mais profundos (econômicos, políticos, familiares...) é um fator muito importante para contextualizar o Catecismo. Inspirando-se na doutrina social da Igreja, o Catecismo saberá oferecer critérios, motivações e linhas de ação que iluminem a presença cristã em meio a tal problemática. (10)

– Finalmente, a situação eclesial concreta, que a Igreja particular vive, é sobretudo o contexto

obrigatório ao qual o Catecismo deve referir-se. Obviamente, não as situações conjunturais, às quais se provê mediante outros documentos magisteriais, mas sim a situação permanente, que postula uma evangelização com acentos mais específicos e determinados.(11)

A criatividade das Igrejas locais em relação à elaboração dos Catecismos

134. As Igrejas locais, na tarefa de adaptar, contextualizar e inculturar a mensagem evangélica às diferentes idades, situações e culturas, por meio dos Catecismos, necessitam de uma criatividade segura e madura. Do *depositum fidei* confiado à Igreja, as Igrejas locais devem selecionar, estruturar e exprimir, sob a orientação do Espírito Santo, Mestre interior, todos aqueles elementos com que transmitir o Evangelho, na sua completa autenticidade, numa determinada situação.

Nesta árdua tarefa, o Catecismo da Igreja Católica é « ponto de referência » para garantir a unidade da fé. O presente Diretório Geral para a Catequese, por sua vez, oferece os critérios basilares que devem orientar a apresentação da mensagem cristã.

135. Na elaboração dos Catecismos locais, é conveniente recordar o seguinte:

– Trata-se, antes de mais nada, de elaborar verdadeiros Catecismos adaptados e inculturados. Neste sentido, é conveniente distinguir entre um Catecismo que adapta a mensagem cristã às diferentes idades, situações e culturas, e o que é uma mera síntese do Catecismo da Igreja Católica, como instrumento de introdução ao estudo do mesmo. São dois gêneros diferentes.(12)

– Os Catecismos locais podem ter caráter diocesano, regional ou nacional.(13)

– Em relação à estruturação dos conteúdos, os diversos Episcopados publicam, de fato, Catecismos com diversas articulações ou configurações. Como já foi dito, o Catecismo da Igreja Católica foi proposto como referência doutrinal, mas não se quer, com ele, impor a toda a Igreja uma determinada configuração de Catecismo. Assim, existem Catecismos com uma configuração trinitária, outros são estruturados segundo as etapas da salvação, outros segundo um tema bíblico e teológico de grande densidade (*Aliança, Reino de Deus, etc.*), outros segundo a dimensão da fé, e outros, ainda, seguindo o ano litúrgico.

– Quanto à maneira de exprimir a mensagem evangélica, a criatividade de um Catecismo incide também sobre a própria formulação do conteúdo.(14) Evidentemente, um Catecismo deve permanecer fiel ao depósito da fé, no seu método de exprimir a substância doutrinal da mensagem cristã. « As Igrejas particulares profundamente amalgamadas não apenas com as pessoas, mas também com as aspirações, as riquezas e os limites, os modos de rezar, de amar e de considerar a vida e o mundo, que distinguem um determinado ambiente humano, têm a tarefa de assimilar a essencial mensagem evangélica, de transfundi-la sem a mínima alteração da sua verdade fundamental, na linguagem compreendida por estes homens e, a seguir, de anunciá-lo na mesma linguagem ».(15)

O princípio a seguir, nesta delicada tarefa, é o que ensina o Concílio Vaticano II: « descobrir a maneira mais apropriada de comunicar a doutrina aos homens de seu tempo, porque uma coisa é o próprio depósito da fé ou as verdades, e outra é o modo de enunciá-las, conservando-se contudo o mesmo sentido e o mesmo significado ».(16)

O Catecismo da Igreja Católica e os Catecismos locais: a sinfonia da fé

136. O Catecismo da Igreja Católica e os Catecismos locais, naturalmente com a específica autoridade de cada um, formam uma unidade. São a expressão concreta da « unidade na mesma fé apostólica »(17) e, ao mesmo tempo, da rica diversidade de formulação da mesma fé.

O Catecismo da Igreja Católica e os Catecismos locais, juntos, a quem contempla a sua harmonia, exprimem a « sinfonia » da fé: antes de mais nada, uma sinfonia interna ao próprio Catecismo da Igreja Católica, elaborado com a colaboração de todo o Episcopado da Igreja Católica; e uma sinfonia dele derivada e expressa nos Catecismos locais. Esta « sinfonia », este « coro de vozes da Igreja Universal » (18) manifestada nos Catecismos locais, fiéis ao Catecismo da Igreja Católica, tem um significado teológico importante:

– Manifesta, antes de mais nada, a catolicidade da Igreja. As riquezas culturais dos povos se incorporam na expressão da fé da única Igreja.

– O Catecismo da Igreja Católica e os Catecismos locais manifestam também a comunhão eclesial da qual a « profissão da mesma fé » (19) é um dos vínculos visíveis. As Igrejas particulares, « nas quais e pelas quais existe a Igreja Católica una e única », (20) formam com o todo, com a Igreja universal, « uma peculiar relação de mútua interiorização ». (21) A unidade entre o Catecismo da Igreja Católica e os Catecismos locais torna visível esta comunhão.

– O Catecismo da Igreja Católica e os Catecismos locais exprimem, igualmente, de maneira evidente, a realidade da colegialidade episcopal. Os Bispos, cada qual na sua diocese e juntos como colégio, em comunhão com o Sucessor de Pedro, têm a máxima responsabilidade pela catequese na Igreja.(22)

O Catecismo da Igreja Católica e os Catecismos locais, por sua profunda unidade e rica diversidade, são chamados a ser o fermento renovador da catequese na Igreja. Ao contemplá-los com olhar católico e universal, a Igreja, isto é, toda a comunidade dos discípulos de Cristo, poderá dizer verdadeiramente: « Esta é a nossa fé, esta é a fé da Igreja ».

III PARTE

A PEDAGOGIA DA FÉ

A Pedagogia da fé

*« Fui eu, contudo, quem ensinou Efraim a caminhar, eu os tomei em meus braços... Com vínculos humanos eu os atraía, com laços de amor eu era para eles como os que levantam uma criancinha contra o seu rosto, eu me inclinava para ele e o alimentava » (Os 11,3-4).
« Quando ficaram sozinhos, os que estavam junto dele com os Doze o interrogaram sobre as parábolas. Dizia-lhes: « A vós foi dado o mistério do Reino de Deus... » « ...A seus discípulos, porém, explicava tudo em particular » (Mc 4,10.34).*

« Só tendes um Mestre, o Cristo » (Mt 23,10)

137. Jesus cuidou atentamente da formação dos discípulos que enviou em missão. Propôs-Se a

eles como único Mestre e, ao mesmo tempo, amigo paciente e fiel, (23) exerceu um real ensinamento mediante toda a sua vida, (24) estimulando-os com oportunas perguntas, (25) explicou-lhes de maneira aprofundada aquilo que anunciava à multidão, (26) introduziu-os na oração, (27) mandou-os fazer um tirocínio missionário, (28) primeiro prometeu e depois enviou o Espírito de seu Pai, para que os guiasse à verdade na sua totalidade, (29) e os amparou nos inevitáveis momentos difíceis. (30) Jesus Cristo é o « Mestre que revela Deus aos homens e revela o homem a si mesmo; o Mestre que salva, santifica e guia, que está vivo, fala, desperta, comove, corrige, julga, perdoa e marcha todos os dias conosco, pelos caminhos da história; o Mestre que vem e que há-de vir na glória ». (31) Em Jesus Senhor e Mestre, a Igreja encontra a graça transcendente, a inspiração permanente, o modelo convincente para toda comunicação da fé.

Significado e finalidade desta parte

138. Na escola de Jesus Mestre, o catequista une estreitamente a sua ação de pessoa responsável, com a ação misteriosa da graça de Deus. A catequese é, por isso, exercício de uma « pedagogia original da fé ». (32)

A transmissão do Evangelho através da Igreja é, antes de mais nada e sempre, obra do Espírito Santo, e tem na revelação, o testemunho e a norma fundamental (Capítulo I).

Mas o Espírito se vale de pessoas que recebem a missão do anúncio evangélico e cujas competências e experiências humanas entram na pedagogia da fé.

Daí nasce um conjunto de questões amplamente tocadas, na história da catequese, no que diz respeito ao ato catequético, às fontes, aos métodos, aos destinatários e ao processo de inculturação.

No segundo capítulo, não se pretende apresentar uma abordagem exaustiva, mas sim expor somente aqueles pontos que hoje se mostram como de particular importância para toda a Igreja. Caberá aos vários diretórios e aos outros instrumentos de trabalho das Igrejas particulares, afrontar os problemas específicos, de maneira apropriada.

I CAPÍTULO

***A pedagogia de Deus, fonte e modelo da pedagogia da fé* (33)**

A pedagogia de Deus

139. « Deus vos trata como filhos. Ora, qual é o filho a quem seu pai não corrige? » (Hb 12,7). A salvação da pessoa, que é o fim da revelação, se manifesta como fruto também de uma original e eficaz « pedagogia de Deus » ao longo da história. Analogicamente ao uso humano e segundo as categorias culturais do tempo, Deus, na Escritura, é visto como um pai misericordioso, um mestre, um sábio (34) que assume a pessoa, indivíduo e comunidade, na condição em que se encontra, livra-a dos laços com o mal, atrai-a a Si com vínculos de amor, faz com que ela cresça progressiva e pacientemente até à maturidade de filho livre, fiel e obediente à sua palavra. Com este objetivo, como educador genial e providente, Deus transforma os acontecimentos da vida do seu povo em lições de sabedoria, (35) adaptando-Se às diversas idades e situações de vida. A este Povo, confia palavras de instrução e catequese que são transmitidas de geração em geração, (36) adverte com a recordação do prêmio e do

castigo, torna formativas as próprias provas e sofrimentos. (37) Verdadeiramente, fazer encontrar uma pessoa com Deus, que é tarefa do catequista, significa colocar no centro e fazer própria, a relação que Deus tem com a pessoa e deixar-se guiar por Ele.

A pedagogia de Cristo

140. Vinda a plenitude dos tempos, Deus mandou à humanidade Seu Filho, Jesus Cristo. Ele trouxe ao mundo o supremo dom da salvação, realizando a sua missão de redentor, no âmbito de um processo que continuava a « pedagogia de Deus » com a perfeição e a eficácia intrínsecas à novidade de sua pessoa. Das suas palavras, sinais e obras, ao longo de toda a sua breve mas intensa vida, os discípulos fizeram experiência direta das diretrizes fundamentais da « pedagogia de Jesus », indicando-as, depois, nos Evangelhos: o acolhimento do outro, em particular do pobre, da criança, do pecador, como pessoa amada e querida por Deus; o anúncio genuíno do Reino de Deus como boa nova da verdade e da consolação do Pai; um estilo de amor delicado e forte, que livra do mal e promove a vida; o convite premente a uma conduta amparada pela fé em Deus, pela esperança no reino e pela caridade para com o próximo; o emprego de todos os recursos da comunicação interpessoal tais como a palavra, o silêncio, a metáfora, a imagem, o exemplo e tantos sinais diversos, como o faziam os profetas bíblicos. Convidando os discípulos a segui-Lo totalmente e sem nostalgias, (38) Cristo entrega-lhes a sua pedagogia da fé como plena partilha da sua causa e do seu destino.

A pedagogia da Igreja

141. Desde o princípio, a Igreja, que « é em Cristo como que um sacramento », (39) tem vivido a sua missão como prosseguimento visível e atual da pedagogia do Pai e do Filho. Ela, « sendo nossa Mãe, é também educadora da nossa fé ».(40)

São estas as razões profundas, pelas quais a comunidade cristã é, em si mesma, uma catequese viva. Por aquilo que é, anuncia e celebra, opera e permanece sempre o lugar vital, indispensável e primário da catequese.

A Igreja produziu, ao longo dos séculos, um incomparável tesouro de pedagogia da fé: antes de mais nada, o testemunho de catequistas e de santos. Uma variedade de vias e formas originais de comunicação religiosa, como o catecumenato, os catecismos, os itinerários de vida cristã; um precioso patrimônio de ensinamentos catequéticos, de cultura da fé, de instituições e de serviços da catequese. Todos estes aspectos fazem a história da catequese e entram, a pleno título, na memória da comunidade e na praxe do catequista.

A pedagogia divina, ação do Espírito Santo em todo cristão

142. « *Feliz o homem a quem corriges, Iahweh, e a quem ensinas por meio de tua lei* » (Sl 94,12). Na escola da Palavra de Deus acolhida na Igreja, graças ao dom do Espírito Santo enviado por Cristo, o discípulo cresce como o seu Mestre, « em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e diante dos homens » (Lc 2,52) e é ajudado a desenvolver em si a « educação divina » recebida, mediante a catequese e os recursos da ciência e da experiência. (41) Deste modo, conhecendo sempre mais o mistério da salvação, aprendendo a adorar a Deus Pai e « vivendo na verdade segundo a caridade », procura crescer « em tudo em direção àquele que é a cabeça, Cristo » (Ef 4,15).

A pedagogia de Deus pode-se dizer realizada quando o discípulo atinge « o estado de Homem

Perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo » (*Ef* 4,13). Por isso, não se pode ser mestres e pedagogos da fé alheia, se não se é discípulo convicto e fiel a Cristo na Sua Igreja.

Pedagogia divina e catequese

143. A catequese, enquanto comunicação da divina revelação, inspira-se radicalmente na pedagogia de Deus como se desvela em Cristo e na Igreja, acolhe os seus parâmetros constitutivos e, sob a guia do Espírito Santo, faz uma sábia síntese da mesma, favorecendo assim, uma verdadeira experiência de fé, um encontro filial com Deus. Deste modo, a catequese:

– é uma pedagogia que se insere no « diálogo de salvação » entre Deus e a pessoa e, além de servir a este diálogo, ressalta devidamente a destinação universal de tal salvação; no que diz respeito a Deus, sublinha a iniciativa divina, a motivação amorosa, a gratuidade, o respeito pela liberdade; no que diz respeito ao homem, evidencia a dignidade do dom recebido e a exigência de crescer continuamente neste; (42)

– aceita o princípio da progressividade da Revelação, a transcendência e a conotação misteriosa da Palavra de Deus, assim como também a sua adaptação às diversas pessoas e culturas;

– reconhece a centralidade de Jesus Cristo, Palavra de Deus feita homem, que determina a catequese como « pedagogia da encarnação », razão pela qual o Evangelho deve ser proposto sempre para a vida e na vida das pessoas;

– valoriza a experiência comunitária da fé, própria do Povo de Deus, da Igreja;

– radica-se na relação interpessoal e faz próprio o processo de diálogo;

– faz-se pedagogia de sinais, onde se entrelaçam fatos e palavras, ensinamento e experiência; (43)

– sendo o amor de Deus a razão última da sua revelação, é do inexaurível amor divino, que é o Espírito Santo, que a catequese recebe a sua força de verdade e o constante empenho de dar testemunho do mesmo. (44)

A catequese configura-se assim, como processo, itinerário ou caminho na seqüela do Cristo do Evangelho, no Espírito, rumo ao Pai, caminho este empreendido para alcançar a maturidade da fé « pela medida do dom de Cristo » (*Ef* 4,7) e as possibilidades e as necessidades de cada um.

Pedagogia original da fé (45)

144. A catequese, que é portanto pedagogia da fé em ato, ao realizar as suas tarefas, não pode deixar-se inspirar por considerações ideológicas, ou por interesses puramente humanos, (46) não confunde o agir salvífico de Deus, que é pura graça, com o agir pedagógico do homem, nem tampouco os contrapõe e separa. É o diálogo que Deus vai tecendo amorosamente com cada pessoa, que se torna sua inspiração e sua norma; dele, a catequese se torna « eco » incansável, buscando continuamente o diálogo com as pessoas, segundo as grandes indicações oferecidas pelo Magistério da Igreja. (47)

Objetivos precisos que inspiram as suas escolhas metodológicas são:

- promover uma progressiva e coerente síntese entre a plena adesão do homem a Deus (*fides qua*) e os conteúdos da mensagem cristã (*fides quae*);
- desenvolver todas as dimensões da fé, razão pela qual esta se traduz em fé conhecida, celebrada, vivida e rezada; (48)
- impulsionar a pessoa a se entregar « livre e totalmente a Deus »: (49) inteligência, vontade, coração, memória;
- ajudar a pessoa a distinguir a vocação à qual o Senhor a chama.

A catequese realiza assim, uma obra de iniciação, de educação e de ensinamento ao mesmo tempo.

Fidelidade a Deus e fidelidade à pessoa (50)

145. Jesus Cristo é a viva e perfeita relação de Deus com o homem e do homem com Deus. D'Ele, a pedagogia da fé recebe uma « lei que é fundamental para toda a vida da Igreja » e, portanto, da catequese: « a lei da fidelidade a Deus e da fidelidade ao homem, numa única atitude de amor ». (51)

Será, portanto, genuína, aquela catequese que ajudar a perceber a ação de Deus ao longo do caminho formativo, favorecendo um clima de escuta, de ação de graças e de oração (52) e, ao mesmo tempo, visar a livre resposta das pessoas, promovendo a participação ativa dos catequizandos.

A « condescendência de Deus », (53) escola para a pessoa

146. Querendo falar aos homens como a amigos, (54) Deus manifesta a sua pedagogia, de modo particular, adaptando com solícita providência, a sua Palavra à nossa condição terrena. (55)

Isso comporta, para a catequese, a tarefa jamais concluída de encontrar uma linguagem capaz de comunicar a palavra de Deus e o Credo da Igreja, que é o seu desenvolvimento, nas variadas condições dos ouvintes, (56) mantendo, ao mesmo tempo, a certeza de que, por graça de Deus, isso pode ser feito, e que o Espírito Santo dá a alegria de fazê-lo.

Por isso, indicações pedagógicas adequadas à catequese são aquelas que permitem comunicar a totalidade da Palavra de Deus no coração da existência das pessoas. (57)

Evangelizar educando e educar evangelizando (58)

147. Inspirando-se continuamente na pedagogia da fé, o catequista configura o seu serviço como qualificado caminho educativo, ou seja, de um lado ajuda a pessoa a se abrir à dimensão religiosa da vida, e, por outro lado, propõe o Evangelho a essa mesma pessoa, de tal maneira que ele penetre e transforme os processos de inteligência, de consciência, de liberdade e de ação, de modo a fazer da existência um dom de si a exemplo de Jesus Cristo.

Com este objetivo, o catequista conhece e se vale da contribuição das ciências da educação, cristãmente compreendidas.

II CAPÍTULO

Elementos de metodologia

A diversidade de métodos na catequese (59)

148. Na transmissão da fé, a Igreja não possui um método próprio, nem um método único, mas sim, à luz da pedagogia de Deus, discerne os métodos do tempo, assume com liberdade de espírito « tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, virtuoso ou que de qualquer modo mereça louvor » (*Fl* 4,8), em síntese, todos os elementos que não estão em contraste com o Evangelho, e os coloca a serviço deste. Admirável confirmação disso encontra-se na história da Igreja, onde tantos carismas de serviço da Palavra geraram variados percursos metodológicos. Desta forma, « a variedade dos métodos é um sinal de vida e uma riqueza », e, ao mesmo tempo, uma demonstração de respeito pelos destinatários. Tal variedade é exigida pela « idade e pelo desenvolvimento intelectual dos cristãos, pelo seu grau de maturidade eclesial e espiritual e por muitas outras circunstâncias pessoais ». (60)

A metodologia catequética tem como objetivo unitário, a educação para a fé; vale-se das ciências pedagógicas e da comunicação, aplicadas à catequese; leva em consideração as numerosas e notáveis aquisições da catequética contemporânea.

A relação conteúdo-método na catequese (61)

149. O princípio da « fidelidade a Deus e fidelidade ao homem » leva a evitar toda contraposição ou separação artificial, ou ainda presumível neutralidade entre método e conteúdo, afirmando, pelo contrário, a sua necessária correlação e interação. O catequista reconhece que o método está a serviço da revelação e da conversão (62) e, portanto, é necessário valer-se dele. Por outro lado, o catequista sabe que o conteúdo da catequese não é indiferente a qualquer método, mas sim exige um processo de transmissão adequado à natureza da mensagem, às suas fontes e linguagens, às concretas circunstâncias da comunidade eclesial, à condição de cada um dos fiéis aos quais a catequese se dirige.

Pela intrínseca importância tanto na tradição quanto na atualidade catequética, merecem ser recordados os métodos de aproximação à Bíblia, (63) o método ou « pedagogia do documento », do Símbolo em particular, uma vez que « a catequese é transmissão dos documentos da fé », (64) o método dos sinais litúrgicos e eclesiais, o método próprio dos meios de comunicação. Um bom método catequético é garantia de fidelidade ao conteúdo.

Método indutivo e dedutivo (65)

150. A comunicação da fé na catequese é um evento de graça, realizado pelo encontro da Palavra de Deus com a experiência da pessoa, se exprime através de sinais sensíveis e, finalmente, abre ao mistério. Pode realizar-se por vias diversas, nem sempre completamente conhecidas por nós.

De acordo com a história da catequese, hoje se fala comumente de via indutiva e dedutiva. O método indutivo consiste na apresentação de fatos (eventos bíblicos, atos litúrgicos, eventos da

vida da Igreja e da vida cotidiana...) com o objetivo de discernir o significado que eles podem ter na revelação divina. É uma via que oferece grandes vantagens, porque é conforme à economia da revelação; corresponde a uma profunda instância do espírito humano, de chegar ao conhecimento das coisas inteligíveis através das coisas visíveis; e é, também, conforme às características do conhecimento da fé, que é conhecimento através dos sinais.

O método indutivo não exclui, antes pelo contrário, exige o método dedutivo, que explica e descreve os fatos, a partir de suas causas. Mas a síntese dedutiva terá pleno valor somente quando tiver sido realizado o processo indutivo. (66)

151. Outro é o sentido a ser dado, quando nos referimos aos percursos operativos: um é chamado também « kerigmático » (ou *descendente*), quando parte do anúncio da mensagem, expressa nos principais documentos da fé (Bíblia, liturgia, doutrina...), e a aplica à vida; o outro, chamado « existencial » (ou *ascendente*), quando se move a partir de problemas e situações humanas e os ilumina com a luz da Palavra de Deus. De per si, são processos legítimos, se forem respeitadas todas as regras do jogo, o mistério da graça e o dado humano, a compreensão da fé e o processo de racionalidade.

A experiência humana na catequese (67)

152. A experiência desempenha diversas funções na catequese, razão pela qual deve ser continuamente e devidamente valorizada.

a) Faz nascer no homem interesses, interrogações, esperanças e ansiedade, reflexões e julgamentos que confluem num certo desejo de transformar a existência. A tarefa da catequese é tornar as pessoas atentas às suas mais importantes experiências, ajudá-las a julgar, à luz do Evangelho, as questões e necessidades que nascem dessas experiências, educá-las a uma nova impostação da vida. Desse modo, a pessoa será capaz de comportar-se de modo ativo e responsável diante do dom de Deus.

b) A experiência favorece a inteligibilidade da mensagem cristã. Isso bem corresponde ao modo de agir de Jesus, que se serviu de experiências e situações humanas para mostrar realidades escatológicas e transcendentais e, ao mesmo tempo, ensinar a atitude a ser assumida diante dessas realidades. Sob este aspecto, a experiência é mediação necessária para explorar e assimilar as verdades que constituem o conteúdo objetivo da revelação.

c) As funções agora expostas ensinam que a experiência assumida pela fé torna-se, de certo modo, âmbito de manifestação e de realização da salvação, onde Deus, coerentemente com a pedagogia da encarnação, alcança o homem com a sua graça e o salva. O catequista deve ajudar a pessoa a ler nesta ótica a própria vivência, para descobrir o convite do Espírito Santo à conversão, ao compromisso, à esperança, e assim descobrir sempre mais o projeto de Deus na própria vida.

153. Iluminar e interpretar a experiência com o dado da fé torna-se uma tarefa estável da pedagogia catequética, não isenta de dificuldades, mas que não pode ser transcurada, sob pena de se cair em justaposições artificiais ou em compreensões integristas da verdade.

Isso se torna possível a partir de uma correta aplicação da correlação ou interação entre experiências humanas profundas (68) e a mensagem revelada. É o que amplamente nos testemunham o anúncio dos profetas, a pregação de Cristo e o ensinamento dos Apóstolos que,

por isso, constituem o critério que alicerça e regulamenta cada encontro entre fé e experiência humana no tempo da Igreja.

A memorização na catequese (69)

154. A catequese faz parte daquela « Memória » da Igreja, que mantém viva entre nós a presença do Senhor. (70) O exercício da memória constitui, portanto, um aspecto constitutivo da pedagogia da fé, desde os primórdios do cristianismo. Para superar os riscos de uma memorização mecânica, a aprendizagem mnemônica deve inserir-se harmoniosamente entre as diversas funções de aprendizagem, tais como a reação espontânea e a reflexão, o momento do diálogo e do silêncio, a relação oral e o trabalho escrito.(71)

Em particular, como objeto de memorização, devem ser oportunamente consideradas as principais fórmulas da fé, porque asseguram uma mais precisa exposição da mesma e garantem um precioso patrimônio comum doutrinal, cultural e lingüístico. O domínio seguro da linguagem da fé é condição indispensável para viver essa mesma fé.

É preciso, porém, que tais fórmulas sejam propostas como síntese, após um prévio caminho de explicação, que sejam fiéis à mensagem cristã. Aqui se situam algumas fórmulas maiores e textos da Bíblia, do dogma, da liturgia, as orações bem conhecidas pela tradição cristã (*Símbolo Apostólico, Pai Nosso, Ave Maria...*).(72)

« As flores da fé e da piedade, se assim se pode dizer, não nascem nas zonas desertas de uma catequese sem memória. O essencial é que estes textos memorizados sejam, ao mesmo tempo, interiorizados, e compreendidos pouco a pouco na sua profundidade, para se tornarem fonte de vida cristã pessoal e comunitária ». (73)

155. Ainda mais profundamente, a aprendizagem das fórmulas da fé e a sua profissão de fé devem ser compreendidas no curso do tradicional e profícuo exercício da « *traditio* » e « *redditio* », pelo qual a entrega da fé na catequese (*traditio*) corresponde a resposta do destinatário da catequese, ao longo do caminho catequético e, depois, na vida (*redditio*). (74)

Este processo favorece uma melhor participação na verdade recebida. É correta e madura aquela resposta pessoal que respeita plenamente o sentido genuíno do dado de fé, e mostra compreender a linguagem usada para expressá-lo (*bíblica, litúrgica, doutrinal...*).

Papel do catequista (75)

156. Nenhuma metodologia, por quanto possa ser experimentada, dispensa a pessoa do catequista em cada uma das fases do processo de catequese.

O carisma que lhe é dado pelo Espírito, uma sólida espiritualidade e um transparente testemunho de vida constituem a alma de todo método, e somente as próprias qualidades humanas e cristãs garantem o bom uso dos textos e de outros instrumentos de trabalho.

O catequista é, intrinsecamente, um mediador que facilita a comunicação entre as pessoas e o mistério de Deus, e dos sujeitos entre si e com a comunidade. Por isso, deve empenhar-se a fim de que a sua visão cultural, condição social e estilo de vida não representem um obstáculo ao caminho da fé, criando sobretudo as condições mais apropriadas para que a mensagem

cristã seja buscada, acolhida e aprofundada.

O catequista não esquece que a adesão crente das pessoas é fruto da graça e da liberdade e, portanto, faz com que sua atividade seja sempre amparada pela fé no Espírito Santo e pela oração.

Enfim, de substancial importância é a relação pessoal do catequista com o destinatário da catequese. Tal relação se nutre de paixão educativa, de engenhosa criatividade, de adaptação e, ao mesmo tempo, de máximo respeito pela liberdade e amadurecimento da pessoa.

Em razão do seu sábio acompanhamento, o catequista realiza um dos mais preciosos serviços da ação catequética: ajuda os destinatários da catequese a distinguirem a vocação para a qual Deus os chama.

A atividade e criatividade dos catequizados (76)

157. A participação ativa daqueles que são catequizados, no seu próprio processo formativo, é plenamente conforme, não apenas à genuína comunicação humana, mas especificamente à economia da revelação e da salvação. De fato, no estado ordinário da vida cristã, os crentes são chamados a responder ativamente ao dom de Deus, individualmente e em grupo, através da oração, da participação nos sacramentos e nas demais ações litúrgicas, no empenho eclesial e social, no exercício da caridade, da promoção dos grandes valores humanos, tais como a liberdade, a justiça, a paz e a salvaguarda da criação.

Na catequese, portanto, os destinatários da catequese assumem o empenho de exercitar-se na atividade da fé, da esperança e da caridade, de adquirir a capacidade e retidão de julgamento, de reforçar a decisão pessoal de conversão e de prática cristã da vida.

Os próprios destinatários da catequese, sobretudo quando se trata de adultos, podem contribuir eficazmente para o desenvolvimento da catequese, indicando as vias mais eficazes de compreensão e expressão da mensagem, tais como: « o aprender fazendo », o emprego da pesquisa e do diálogo, o intercâmbio e o confronto de pontos de vista.

Comunidade, pessoa e catequese (77)

158. A pedagogia catequética torna-se eficaz, à medida que a comunidade cristã se torna referência concreta e exemplar para o caminho de fé dos indivíduos. Isso ocorre se a comunidade se propõe como fonte, lugar e meta da catequese. Concretamente, então, a comunidade se torna lugar visível de testemunho de fé, provê à formação de seus membros, acolhe-os como família de Deus, constituindo-se ambiente vital e permanente de crescimento da fé. (78)

Junto ao anúncio do Evangelho de forma pública e coletiva, permanece sempre indispensável o contato de pessoa a pessoa, a exemplo de Jesus e dos Apóstolos. De tal maneira, é mais facilmente envolvida a consciência pessoal, e o dom da fé, como é próprio da ação do Espírito Santo, chega ao sujeito de pessoa a pessoa, e a força de persuasão se faz mais incisiva. (79)

A importância do grupo (80)

159. O grupo tem uma importante função nos processos de desenvolvimento das pessoas. Isto

vale também tanto para a catequese das crianças, favorecendo a boa socialização das mesmas, quanto para a catequese dos jovens, para os quais o grupo constitui quase uma necessidade vital na formação da sua personalidade, e até mesmo para os adultos entre os quais se promove um estilo de diálogo, de partilha e de co-responsabilidade cristã.

O catequista, que participa da vida do grupo e sente e valoriza a sua dinâmica, reconhece e atua, como sua tarefa primária e específica, a de ser, em nome da Igreja, testemunha ativa do Evangelho, capaz de participar aos outros os frutos da sua fé madura e de estimular, com inteligência, a busca comum.

Além de ser um fator didático, o grupo cristão é chamado a ser experiência de comunidade e forma de participação à vida eclesial, encontrando na mais ampla comunidade eucarística, a sua meta e a sua plena manifestação. Jesus disse: « Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles » (Mt 18,20).

A comunicação social (81)

160. « O primeiro areópago dos tempos modernos é o mundo das comunicações que está unificando a humanidade... Os meios de comunicação social alcançaram tamanha importância que são para muitos o principal instrumento de informação e formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais ». (82) Por isso, além dos numerosos meios tradicionais em uso, « a utilização dos meios de comunicação social tornou-se essencial à evangelização e à catequese ». (83) De fato, « a Igreja viria a sentir-se culpável diante do seu Senhor, se ela não lançasse mão destes meios potentes que a inteligência humana torna cada dia mais aperfeiçoados. (...) Neles ela encontra uma versão moderna e eficaz do púlpito. Graças a eles, ela consegue falar à multidões ». (84)

São considerados tais, embora a título diferente: televisão, rádio, imprensa, discos, fitas magnéticas, vídeo e audio-cassetes, CDs, enfim, todos os meios audiovisuais. (85) Cada um desses meios desempenha um próprio serviço e cada um deles requer um uso específico; é preciso respeitar as exigências e avaliar a importância de cada um. (86) Numa catequese bem programada, tais subsídios não podem, portanto, ser omitidos. Favorecer uma ajuda recíproca entre as Igrejas, para suprir os custos de aquisição e de gestão de tais meios, custos estes, às vezes muito elevados, é um verdadeiro serviço à causa do Evangelho.

161. O bom uso dos meios de comunicação social requer dos agentes da catequese, um sério empenho de conhecimento, de competência e de qualificado e atualizado emprego. Mas, sobretudo, pela forte incidência sobre a cultura que os meios de comunicação social contribuem a elaborar, não se deve jamais esquecer que « não é suficiente, portanto, usá-los para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta « *nova cultura* », criada pelas modernas comunicações... com novas linguagens, novas técnicas, novas atitudes psicológicas ». (87) Somente assim, com a graça de Deus, a mensagem evangélica tem a capacidade de penetrar na consciência de cada um e de « obter a próprio favor, uma adesão e um compromisso realmente pessoal ». (88)

162. Os operadores e os usuários da comunicação devem poder receber a graça do Evangelho. Isso leva os catequistas a considerarem particulares categorias de pessoas: os próprios profissionais dos meios de comunicação social, aos quais mostrar o Evangelho como grande horizonte de verdade, de responsabilidade, de inspiração; as famílias — tão expostas às influências dos meios de comunicação — para a sua defesa, mas sobretudo em vista de uma

maior capacidade crítica e educativa; (89) as jovens gerações, que são as usuárias dos meios de comunicação social, além de serem seus sujeitos criativos. Recorde-se a todos que « no uso e na recepção dos instrumentos de comunicação, tornam-se urgentes tanto uma ação educativa em vista do senso crítico, animado pela paixão à verdade, quanto uma ação de defesa da liberdade, do respeito pela dignidade pessoal, da elevação da autêntica cultura dos povos ».

(90)

IV PARTE

OS DESTINATÁRIOS DA CATEQUESE

Os destinatários da catequese

« *Eu te estabeleci como luz das nações, a fim de que a minha salvação chegue até as extremidades da terra* » (Is 49,6).

« *Ele foi a Nazaré, onde fora criado, e, segundo seu costume, entrou em dia de Sábado na sinagoga e levantou-se para fazer a leitura.*

Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías; abrindo-o, encontrou o lugar onde está escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor.

Enrolou o livro, entregou-o ao servente e sentou-se. Todos na sinagoga olhavam-no, atentos. Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura » (Lc 4,16-21).

« *O Reino diz respeito a todos* » (Rm 15) (91)

163. No início do seu ministério, Jesus proclama ter sido enviado para anunciar aos pobres a boa nova, (92) fazendo transparecer, e confirmando-o depois, com a sua vida, que o Reino de Deus é destinado a todos os homens, a partir daqueles que são os menos favorecidos. De fato, Ele se faz de *catequista* do Reino de Deus, para todas as categorias e pessoas: grandes e pequenos, ricos e pobres, sãos e enfermos, próximos e distantes, judeus e gentios, homens e mulheres, justos e pecadores, povo e autoridades, indivíduos e grupos... É disponível a cada pessoa e se interessa por todas as suas necessidades: da alma e do corpo, curando e perdoando, corrigindo e encorajando, com palavras e com fatos.

Jesus conclui a sua vida terrena, convidando os discípulos a fazerem o mesmo, a pregarem o Evangelho a toda criatura do mundo, (93) a « todas as nações » (Mt 28,19; Lc 24,47) « até os confins da terra » (At 1,8) e por todos os tempos, « até a consumação dos séculos » (Mt 28,20).

164. É a tarefa que a Igreja realiza há dois mil anos, com uma imensa variedade de experiências de anúncio e catequese, continuamente solicitada pelo Espírito de Pentecostes a cumprir o seu débito de evangelização « para com os gregos e os bárbaros, para com os sábios e os ignorantes » (Rm 1,14).

Configuram-se, assim, as linhas de uma pedagogia da fé, na qual se conjugam estreitamente a abertura universalista da catequese e a sua exemplar encarnação no mundo dos destinatários.

Significado e finalidade desta parte

165. A necessária atenção às diferentes e várias situações de vida das pessoas (94) leva a catequese a percorrer múltiplas vias, para encontrá-las e tornar a mensagem cristã adaptada às diversas exigências. (95)

Assim, se se considera a condição de fé inicial, abre-se a via dos catecúmenos e neófitos; a atenção ao desenvolvimento da fé dos batizados induz a falar de catequese de aprofundamento, ou de recuperação para aqueles que necessitam ainda de orientações essenciais. Se se considera o desenvolvimento físico e psíquico dos catequizandos, a catequese se articula segundo a idade. Estar atentos, ao invés, aos contextos socioculturais, significa impostar uma catequese por categorias.

166. Não podendo abordar de modo pormenorizado os diversos tipos possíveis de catequese, consideram-se nesta parte somente alguns aspectos que são de relevo em qualquer situação:

- aspectos gerais da adaptação catequética (I Capítulo);
- catequese segundo as idades (II Capítulo);
- catequese para quem vive situações especiais (III Capítulo);
- catequese segundo contextos (IV Capítulo).

Aborda-se assim, em termos operativos, o problema da inculturação, em relação aos conteúdos da fé, às pessoas e ao contexto cultural.

Caberá às Igrejas particulares, nos seus diretórios catequéticos nacionais e regionais, dar orientações mais específicas e determinadas, com base nas concretas condições e necessidades locais.

I CAPÍTULO

A adaptação ao destinatário. Aspectos gerais

Necessidade e direito de todo fiel de receber uma válida catequese (96)

167. Todo batizado, porque chamado por Deus à maturidade da fé, necessita e, portanto, tem o direito a uma catequese adequada. É, por isso, tarefa primária da Igreja responder a este direito, de maneira totalmente congruente e satisfatória.

Neste sentido, recorda-se, antes de qualquer outra coisa, que o destinatário do Evangelho é « um homem *concreto* e histórico », (97) sempre radicado em determinada situação, sempre influenciado, conscientemente ou não, por condicionamentos psicológicos, sociais, culturais e religiosos. (98)

No processo de catequese, o destinatário deve poder manifestar-se sujeito ativo, consciente e co-responsável, e não puro receptor silencioso e passivo. (99)

Necessidade e direito da comunidade (100)

168. A atenção ao indivíduo não deve fazer esquecer que a catequese tem como destinatário a

comunidade cristã como tal, e cada pessoa no âmbito desta. Se, de fato, é de toda a vida da Igreja que a catequese recebe legitimidade e energia, também é verdade que « o crescimento interior da Igreja, a sua correspondência ao desígnio de Deus que dependem da mesma catequese ». (101)

Portanto, a necessária adaptação do Evangelho diz respeito e envolve também a comunidade enquanto tal.

A adaptação quer que o conteúdo da catequese seja como um alimento sadio e adequado (102)

169. A « adaptação da pregação da Palavra revelada deve permanecer lei de toda evangelização ». (103) Isso tem uma intrínseca motivação teológica no mistério da encarnação, corresponde a uma elementar exigência pedagógica da sadia comunicação humana, reflete a prática da Igreja ao longo dos séculos.

Tal adaptação deve ser entendida como ação tipicamente materna da Igreja, que reconhece as pessoas como « cooperadores de Deus » (*1 Cor 3,9*), não a serem condenadas, mas a serem cultivadas na esperança. Vai ao encontro de cada uma dessas, considera seriamente a variedade de situações e culturas, e mantém a comunhão de tantos, na única Palavra que salva. Desta maneira, o Evangelho é transmitido genuíno e saboroso, alimento sadio e, ao mesmo tempo, adequado. Toda iniciativa singular deve inspirar-se neste critério e valer-se dos recursos de criatividade e genialidade do catequista.

A adaptação considera as diversas circunstâncias

170. A adaptação realiza-se segundo as diversas circunstâncias em que se transmite a Palavra de Deus. (104) Essas circunstâncias são determinadas pelas « diferenças de culturas, de idades, da vida espiritual, de situações sociais e eclesiais daqueles a quem a catequese é dirigida ». (105) Tais circunstâncias deverão ser atentamente consideradas.

Recorde-se também que, no pluralismo das situações, a adaptação leva sempre em consideração a totalidade da pessoa e a sua unidade essencial, segundo a visão que dela tem a Igreja. Por isso, a catequese não se detém apenas na consideração dos elementos exteriores de uma determinada situação, mas considera também o mundo íntimo da pessoa, a verdade sobre o ser humano, « primeira e fundamental via da Igreja ». (106) Isso determina um processo de adaptação que é tanto mais condizente, quanto mais forem consideradas as interrogações, as aspirações e as necessidades da pessoa, no seu mundo interior.

II CAPÍTULO

A catequese por idades

Indicações gerais

171. A catequese, segundo as diferentes idades, é uma exigência essencial para a comunidade cristã. Por um lado, de fato, a fé participa do desenvolvimento da pessoa; por outro lado, cada fase da vida é exposta ao desafio da descristianização e deve, acima de tudo, aceitar como um desafio, as tarefas sempre novas da vocação cristã.

Oferecem-se, pois, por direito, catequeses por idades, diversificadas e complementares, provocadas pelas necessidades e capacidades dos destinatários. (107)

Para tanto, é indispensável prestar atenção a todos os elementos em jogo, antropológico-evolutivos e teológico-pastorais, valendo-se também dos dados atualizados das ciências humanas e pedagógicas, relativos a cada idade.

Tratar-se-á também de integrar sabiamente as diversas etapas do caminho de fé, prestando particular atenção para que a catequese dirigida à infância encontre harmonioso cumprimento nas fases posteriores.

Também por esta razão, é pedagogicamente eficaz fazer referência à catequese dos adultos e, à sua luz, orientar a catequese dos demais momentos da vida.

Aqui indicar-se-ão apenas alguns elementos de ordem geral e a título de exemplo, deixando especificações ulteriores aos diretórios catequéticos das Igrejas particulares e das Conferências dos Bispos.

A Catequese dos adultos (108)

Os adultos aos quais se dirige a catequese (109)

172. O discurso de fé com os adultos deve levar seriamente em consideração as experiências vividas e os condicionamentos e desafios que eles encontram na vida. As suas exigências e necessidades de fé são múltiplas e várias. (110)

Conseqüentemente, podem-se distinguir:

- adultos crentes, que vivem coerentemente a sua opção de fé e desejam sinceramente aprofundá-la;
- adultos que, embora batizados, não foram adequadamente catequizados ou não levaram a termo o caminho da iniciação cristã, ou se distanciaram da fé, tanto que podem até mesmo ser chamados « quase catecúmenos »; (111)
- adultos não batizados, aos quais corresponde o verdadeiro e próprio catecumenato. (112)

Devem ser também mencionados os adultos que provêm de confissões cristãs que não estão em plena comunhão com a Igreja Católica.

Elementos e critérios próprios da catequese dos adultos (113)

173. A catequese dos adultos diz respeito a pessoas que têm o direito e o dever de levar ao amadurecimento o germe da fé que Deus lhes deu, (114) tanto mais que são chamados a desempenhar responsabilidades sociais de vários tipos; ela dirige-se a pessoas que estão expostas a transformações e a crises às vezes muito profundas. Em razão disso, a fé do adulto deve ser continuamente iluminada, desenvolvida e protegida, para adquirir aquela sabedoria cristã que dá sentido, unidade e esperança às múltiplas experiências da sua vida pessoal, social e espiritual. A catequese dos adultos exige uma cuidadosa identificação das características típicas do cristão adulto na fé, a fim de traduzi-las em objetivos e conteúdos, determinar certas

constantes na exposição, fixar as indicações metodológicas mais eficazes e escolher as formas e os modelos. Uma especial atenção merece a figura e a identidade do catequista dos adultos e a sua formação; e quem são os responsáveis pela catequese dos adultos na comunidade. (115)

174. Entre os critérios que asseguram uma catequese dos adultos autêntica e eficaz, é preciso recordar: (116)

– a atenção aos destinatários na sua situação de adultos, como homens e como mulheres, cuidando, portanto, dos seus problemas e experiências, dos recursos espirituais e culturais, em pleno respeito pelas diferenças;

– a atenção à condição leiga dos adultos, aos quais o Batismo confere a possibilidade de « procurar o Reino de Deus, exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus » (117) e ao mesmo tempo os chama à santidade; (118)

– a atenção ao envolvimento da comunidade, para que seja lugar de acolhimento e de apoio do adulto;

– a atenção a um projeto orgânico de pastoral dos adultos, no qual a catequese se integre com a formação litúrgica e com o serviço da caridade.

Tarefas gerais e particulares da catequese dos adultos (119)

175. Para responder às instâncias mais profundas dos nossos tempos, a catequese dos adultos deve propor a fé cristã na sua integridade, autenticidade e organização sistemática, segundo a compreensão que dela possui a Igreja, colocando em primeiro plano o anúncio da salvação, iluminando as muitas dificuldades, pontos obscuros, mal-entendidos, preconceitos e objeções atualmente em circulação, mostrando a incidência espiritual e moral da mensagem, introduzindo à leitura crente da Sagrada Escritura e à prática da oração. Um fundamental serviço para a catequese dos adultos é fornecido pelo Catecismo da Igreja Católica e, com referência a este, pelos Catecismos dos adultos das Igrejas singulares.

Em particular, são tarefas da catequese dos adultos:

– *Promover a formação e o amadurecimento da vida no Espírito de Cristo ressuscitado através de meios adequados: pedagogia sacramental, retiros, direção espiritual...*

– *Educar à justa avaliação das transformações socioculturais na nossa sociedade à luz da fé.* Dessa maneira, o povo cristão é ajudado a discernir os verdadeiros valores e também os perigos da nossa civilização, e a assumir as atitudes convenientes.

– *Esclarecer as atuais questões religiosas e morais,* ou seja, aquelas questões que se apresentam aos homens do nosso tempo, como, por exemplo, as relativas à moral pública e individual, às questões sociais, à educação das novas gerações.

– *Esclarecer as relações existentes entre a ação temporal e a ação eclesial,* mostrando as mútuas distinções, implicações e, portanto, a medida da devida interação. Com este objetivo, a doutrina social da Igreja é parte integrante da formação dos adultos.

– *Desenvolver os fundamentos racionais da fé.* A reta compreensão da fé e das verdades a se

crer estão em conformidade com as exigências da razão humana e o Evangelho é sempre atual e pertinente. É necessário, por isso, promover eficazmente uma pastoral do pensamento e da cultura cristã. O que permitirá superar certas formas de integrismo e de fundamentalismo, assim como uma interpretação arbitrária e subjetiva.

– *Formar à assunção de responsabilidades na missão da Igreja e a saber dar um testemunho cristão na sociedade.*

O adulto é ajudado a descobrir, valorizar e atuar aquilo que recebeu por natureza e por graça, seja na comunidade eclesial que vivendo no âmbito de uma comunidade humana. Dessa forma, poderá também superar as insídias da massificação e do anonimato, particularmente freqüentes em algumas sociedades atuais, que levam à perda da identidade e ao descrédito das qualidades e recursos que uma pessoa possui.

Formas particulares de catequese dos adultos (120)

176. Existem situações e circunstâncias em que se impõem formas especiais de catequese:

– a catequese da iniciação cristã ou catecumenato dos adultos. Ela tem todo o seu ordenamento expresso no OICA;

– a catequese ao Povo de Deus nas formas tradicionais devidamente adaptadas, ao longo do ano litúrgico, ou na forma extraordinária das missões;

– a catequese de aperfeiçoamento, dirigida àqueles que têm uma tarefa de formação na comunidade: catequistas ou aqueles que estão engajados no apostolado dos leigos;

– a catequese a ser desenvolvida por ocasião de eventos particularmente significativos da vida, tais como o matrimônio, o batismo dos filhos e os demais sacramentos da iniciação cristã, nos períodos críticos do crescimento juvenil, na doença, etc. São circunstâncias nas quais as pessoas são, mais do que nunca, induzidas a buscar o verdadeiro sentido da vida;

– a catequese por ocasião de experiências particulares, como o ingresso no trabalho, o serviço militar, a emigração... São mudanças que podem gerar enriquecimento interior, mas também momentos de desorientamento, razão pela qual se sente a necessidade da luz e do amparo da Palavra de Deus;

– a catequese que se refere ao uso cristão do tempo livre, por ocasião, particularmente, das férias e das viagens turísticas;

– a catequese por ocasião de eventos particulares relativos à vida da Igreja e da sociedade.

Estas e tantas outras particulares formas de catequese se colocam lado a lado, sem substituí-los, aos cursos de catequese sistemática, orgânica e permanente que toda comunidade eclesial deve garantir a todos os adultos.

A catequese das crianças e dos adolescentes (121)

Situação e importância da infância e da adolescência (122)

177. Esta fase de idade, tradicionalmente dividida em primeira infância ou idade pré-escolar e adolescência, aos olhos da fé e da própria razão, tem como própria a graça do início da vida. Nesta idade, « ...nascem preciosas possibilidades para a edificação da Igreja e para a humanização da sociedade », (123) a serem assumidas. Filha de Deus graças ao dom do Batismo, a criança é proclamada por Cristo membro privilegiado do Reino de Deus. (124)

Por diversas razões, hoje talvez mais do que ontem, a criança requer pleno respeito e ajuda nas suas exigências de crescimento humano e espiritual, também através da catequese, que não pode jamais faltar às crianças cristãs. Quem, de fato, deu-lhe a vida, enriquecendo-a com o dom do Batismo, tem o dever de alimentá-la em sua continuidade.

Características da catequese das crianças e dos adolescentes (125)

178. A catequese das crianças é necessariamente conexa com a sua situação e condição de vida, e é obra de diversos agentes educativos, complementares entre si.

Podem ser indicados alguns fatores que revestem uma particular importância e têm extensão universal:

– A infância e a adolescência, cada qual compreendida e tratada segundo a peculiaridade que lhes é própria, representam o tempo da primeira socialização e da educação humana e cristã na família, na escola e na Igreja e, portanto, devem ser compreendidas como um momento decisivo para o futuro sucessivo da fé.

– Segundo uma tradição consolidada, este é, habitualmente, o período em que se cumpre a iniciação cristã inaugurada pelo Batismo. Com o recebimento dos sacramentos, se visa a primeira formação orgânica da fé da criança e a sua introdução na vida da Igreja. (126)

– No período da infância, o processo catequético será, por isso, eminentemente educativo, atento a desenvolver aqueles recursos humanos que formam o substrato antropológico da vida de fé, tais como o senso da confiança, da gratuidade, do dom de si, da invocação, da alegre participação... A educação à oração e a iniciação à Sagrada Escritura são aspectos centrais da formação cristã das crianças. (127)

– Enfim, deve-se estar atentos à importância de dois lugares educativos vitais: a família e a escola. A catequese familiar é, de certo modo, insubstituível, antes de mais nada, pelo ambiente positivo e acolhedor, persuasivo pelo exemplo dos adultos, e pela primeira explícita sensibilização e prática da fé.

179. O ingresso na escola significa, para a criança, a entrada numa sociedade mais ampla do que a família, com a possibilidade de desenvolver muito mais as suas capacidades intelectivas, afetivas e comportamentais. Na escola, freqüentemente, é ministrado um específico ensino religioso.

Tudo isso requer que a catequese e os catequistas mantenham uma colaboração constante com os genitores e também com os professores da escola, segundo as oportunidades fornecidas pelo contexto. (128) Os pastores devem recordar-se que quando ajudam os genitores e os educadores a bem desempenhar a missão que lhes cabe, é a Igreja que está sendo edificada. Além disso, este trabalho oferece uma ótima ocasião para a catequese dos adultos. (129)

Crianças e adolescentes sem apoio religioso familiar ou que não freqüentam a escola (130)

180. Existem, na verdade, e em larga escala, crianças e adolescentes gravemente prejudicados, uma vez que lhes falta um adequado amparo religioso familiar, ou porque não têm uma verdadeira família, ou porque não freqüentam a escola, ou porque sofrem condições de instabilidade social, de desadaptação, ou ainda por outros motivos ambientais. Muitos deles não são nem mesmo batizados; outros não levam a termo o caminho da iniciação. Cabe à comunidade cristã ocupar-se deles, mediante um generoso, competente e realista serviço de suplência, buscando o diálogo com as famílias, propondo formas educativas escolares apropriadas, criando uma catequese proporcional às possibilidades e às necessidades concretas das crianças.

A catequese dos jovens (131)

Puberdade, adolescência e juventude (132)

181. Em termos gerais, é preciso observar que a crise espiritual e cultural que oprime o mundo (133) faz as suas primeiras vítimas nas jovens gerações. Assim como é verdade que o empenho em favor de uma sociedade melhor encontra nestas as suas melhores esperanças.

Isso deve estimular ainda mais a Igreja a realizar, corajosamente e criativamente, o anúncio do Evangelho ao mundo juvenil.

A propósito, a experiência sugere o quanto seja útil para a catequese distinguir, na idade juvenil, a puberdade, a adolescência e a juventude, valendo-se oportunamente dos resultados da pesquisa científica e das condições de vida nos diversos países. Nas regiões mais desenvolvidas, é particularmente sentida a questão da puberdade: não se leva em consideração o bastante as dificuldades, as necessidades e os recursos humanos e espirituais dos pré-adolescentes, tanto que, em relação a eles, se pode falar de *idade negada*.

Tantíssimas vezes, nesse período, o menino e a menina, recebendo o sacramento da Crisma, conclui o processo da iniciação cristã mas, ao mesmo tempo, distancia-se totalmente da prática da fé. É preciso levar seriamente em consideração tal fato, desenvolvendo um específico cuidado pastoral, valendo-se dos recursos formativos fornecidos pelo próprio caminho da iniciação.

No que diz respeito às outras duas categorias, é útil distinguir a adolescência da juventude, embora na consciência de que é difícil definir, de maneira unívoca, o significado das mesmas. Globalmente, aqui se compreende aquele período da vida que antecede a assunção das responsabilidades próprias dos adultos.

Também a catequese ao mundo juvenil deve ser profundamente revista e potencializada.

A importância da juventude para a sociedade e a Igreja (134)

182. Se a Igreja vê os jovens como « esperança », também os sente hoje como « um grande desafio para o futuro da própria Igreja ». (135)

A rápida e tumultuosa transformação cultural e social, o aumento numérico, o afirmar-se de

um consistente período de juventude antes de assumir as responsabilidades de adulto, a falta de empregos e, em certos países, as condições de permanente subdesenvolvimento, as pressões da sociedade de consumo..., tudo isso colabora para a definição do planeta jovem como o mundo da expectativa, e não raramente, do desencanto, do tédio e até mesmo da angústia e da marginalização. O distanciamento da Igreja ou, pelo menos, uma atitude de desconfiança em relação a ela, existe em muitos jovens como um comportamento de fundo. Nele refletem-se, freqüentemente, a carência do amparo espiritual e moral das famílias e as fraquezas da catequese recebida.

Por outro lado, em tantos jovens, é forte e impetuoso o impulso da busca de um sentido, da solidariedade, do empenho social, da própria experiência religiosa...

183. Daí derivam algumas conseqüências em vista da catequese.

O serviço à fé percebe, antes de mais nada, as luzes e as sombras da condição juvenil, assim com existem, concretamente, nas diversas regiões e ambientes da vida.

O coração da catequese é a explícita proposta de Cristo ao jovem do Evangelho, (136) proposta direta a todos os jovens, sob medida para os jovens, na atenta compreensão dos seus problemas. No Evangelho, de fato, eles aparecem como diretos interlocutores de Cristo, que lhes revela a « singular riqueza » e, ao mesmo tempo, os empenha num projeto de crescimento pessoal e comunitário de decisivo valor para os destinos da sociedade e da Igreja. (137)

Por isso, os jovens não devem ser considerados somente objeto de catequese, mas sim « sujeitos ativos, protagonistas da evangelização e artífices da renovação social ». (138)

Características da catequese dos jovens (139)

184. Dada a amplitude da tarefa, cabe certamente aos diretórios catequéticos das Igrejas particulares e das Conferências dos Bispos, nacionais e regionais, especificar, em mérito ao contexto, o que convém aos lugares singularmente considerados.

Podem-se indicar certas linhas gerais comuns:

- Ter-se-á presente a variedade da situação religiosa: há jovens que não foram nem mesmo batizados, outros que não completaram a iniciação cristã ou estão vivendo uma crise de fé às vezes grave, e outros ainda que são propensos a fazer ou já fizeram uma opção de fé e pedem para ser ajudados.
- Não se deve também esquecer que se torna muito profícua aquela catequese que se pode desenvolver no interior de uma mais ampla pastoral dos pré-adolescentes, adolescentes e dos jovens, a qual considera o conjunto dos problemas que dizem respeito à vida deles. Com este objetivo, a catequese deve ser integrada com certos procedimentos, como a leitura da situação, a atenção às ciências humanas e à educação, a colaboração dos leigos e dos próprios jovens.
- A bem regulada ação de grupo, a filiação a válidas associações juvenis (140) e o acompanhamento pessoal ao jovem, acompanhamento que inclui, como fato eminente, a direção espiritual, são mediações muito úteis para uma eficaz catequese.

185. Entre as diversas formas de catequese juvenil devem ser previstas, de acordo com as

situações, o catecumenato juvenil em idade escolar, catequese da iniciação cristã, catequese sobre temáticas programadas, outros encontros mais ou menos ocasionais e informais...

Em termos mais globais, a catequese aos jovens deve ser proposta com percursos novos, abertos à sensibilidade e aos problemas desta idade, que são de ordem teológica, ética, histórica, social... Em particular, obtêm o seu justo posto a educação à verdade e à liberdade segundo o Evangelho, a formação da consciência, a educação ao amor, o discurso vocacional, o engajamento cristão na sociedade e a responsabilidade missionária no mundo. (141) É preciso ressaltar, todavia, que freqüentemente, a evangelização contemporânea dos jovens deve adotar uma *dimensão missionária* muito mais do que uma dimensão estritamente *catecumenal*. De fato, a situação obriga freqüentemente o apostolado dos jovens a ser animação juvenil de *índole humanizadora e missionária*, como primeiro passo necessário para que amadureçam as disposições mais favoráveis ao momento estritamente catequético. Por isso, muitas vezes, na realidade, é oportuno intensificar a *ação précatecumenal no interior de processos globais educativos*.

Uma das questões a serem afrontadas e resolvidas diz respeito à diferença de « linguagem » (*mentalidade, sensibilidade, gostos, estilo, vocabulário...*) entre jovens e Igreja (*catequese, catequistas*). Insiste-se, portanto, sobre a necessidade de uma « adaptação da catequese aos jovens », sabendo traduzir na sua linguagem, « com paciência e sabedoria, a mensagem de Jesus, sem a trair ». (142)

Catequese dos anciãos (143)

A terceira idade, dom de Deus à Igreja

186. Em diversos países do mundo, o crescente número das pessoas anciãs representa uma nova e específica tarefa pastoral para a Igreja. Sentidas não raramente como objeto passivo, mais ou menos incômodas, estas pessoas, à luz da fé, devem ser, ao invés, compreendidas como dom de Deus para a Igreja e para a sociedade, às quais deve ser endereçada também uma adequada catequese. Elas têm o direito e o dever de receber tal catequese, como todos os cristãos.

É preciso levar em consideração a diversidade de condição pessoal, familiar, social, e em particular, a provação da solidão e o risco da marginalização. A família tem uma função primária porque, nela, o anúncio da fé pode dar-se num clima de acolhimento e de amor que, melhor do que qualquer outro, confirma a validade da Palavra.

Em todo caso, a catequese aos anciãos associa, ao conteúdo da fé, a presença cordial do catequista e da comunidade de fé. Por esta razão, é desejável que os anciãos participem plenamente do caminho catequético da comunidade.

A catequese da plenitude e da esperança

187. A catequese aos anciãos dá atenção aos particulares aspectos de sua condição de fé: o ancião pode ter alcançado a idade em que se encontra, com uma fé sólida e rica; nesse caso, a catequese leva, de certo modo, à plenitude, o caminho percorrido, em atitude de agradecimento e de confiante expectativa; outros vivem uma fé mais ou menos obscurecida e uma prática cristã frágil; nesse caso, a catequese se torna momento de nova luz e experiência religiosa; outras vezes, o ancião chega a essa fase de sua vida com profundas feridas na alma e

no corpo: a catequese o ajuda a viver a sua condição, na atitude da invocação, do perdão e da paz interior.

Em cada caso, a condição do ancião requer uma catequese da esperança que provém da certeza do encontro definitivo com Deus.

É sempre um benefício para ele e um enriquecimento para a comunidade, se o ancião que crê testemunha uma fé que irradia sempre mais, na medida em que ele se aproxima do grande momento do encontro com o Senhor.

Sabedoria e diálogo (144)

188. A Bíblia nos apresenta o homem ancião crente como o símbolo da pessoa rica de sabedoria e de temor a Deus e, portanto, como o depositário de uma intensa experiência de vida, que o torna, de certo modo, « catequista » natural da comunidade. Ele, de fato, é testemunha da tradição da fé, mestre de vida, operador de caridade. A catequese valoriza esta graça, ajudando a pessoa anciã a redescobrir as ricas possibilidades que estão dentro dela, ajudando-a a assumir papéis catequéticos no mundo das crianças — das quais freqüentemente são os avós tão queridos —, no mundo dos jovens e entre os adultos. Deste modo, se favorece um fundamental diálogo entre gerações, no âmbito da família e da comunidade.

III CAPÍTULO

Catequese para situações especiais, mentalidades, ambientes

A catequese para excepcionais e desadaptados (145)

189. Toda comunidade cristã considera como pessoas prediletas do Senhor aquelas que, particularmente entre as crianças, sofrem de qualquer tipo de deficiência física e mental e de outras formas de dificuldades. Uma maior consciência social e eclesial e os inegáveis progressos da pedagogia especial fazem com que a família e outros lugares de formação possam hoje oferecer, a essas pessoas, uma adequada catequese, à qual têm direito, como batizadas, e se não batizadas, como chamadas à salvação. O amor do Pai para com estes filhos mais frágeis e a contínua presença de Jesus com o seu Espírito nos dão a confiante certeza de que toda pessoa, por mais limitada que seja, é capaz de crescer em santidade.

A educação na fé, que envolve antes de mais nada a família, requer itinerários adequados e personalizados, leva em consideração as indicações da pesquisa pedagógica, e é atuada proficuamente no contexto de uma global educação da pessoa. Por outro lado, deve-se evitar o risco de que uma catequese necessariamente especializada acabe por permanecer à margem da pastoral comunitária. Para que isso não ocorra, é preciso que a comunidade seja constantemente advertida e envolvida. As peculiares exigências desta catequese requerem, dos catequistas, uma específica competência e tornam ainda mais louvável o serviço dos mesmos.

A catequese das pessoas marginalizadas

190. Na mesma perspectiva deve ser considerada a catequese dirigida a pessoas em situações de marginalidade, ou próximas a ela, ou já caídas na marginalização, tais como os imigrantes, os refugiados, os nômades, as pessoas sem habitação fixa, os doentes crônicos, os toxicômanos, os presos... A palavra solene de Jesus, que ensina como feito a Ele próprio todo

gesto de bondade realizado a « um desses pequeninos » (Mt 25,40; 45), garante a graça de bem atuar em ambientes difíceis. Sinais permanentes da validade da catequese são a capacidade de distinguir a diversidade das situações, de se dar conta das necessidades e das exigências de cada um, de ter como meta importante o encontro pessoal, com uma paciente e generosa dedicação, de proceder com confiança e realismo, recorrendo a formas muitas vezes indiretas e ocasionais de catequese. A comunidade apoiará fraternalmente os catequistas que se dedicam a este serviço.

A catequese para os grupos diferenciados

191. A catequese, hoje em dia, deve afrontar destinatários que, em razão da especificidade profissional e, de modo mais amplo, cultural, exigem peculiares itinerários.

Neste contexto estão incluídas a catequese para o mundo operário, para os profissionais liberais, para os artistas, os homens da ciência, para a juventude universitária... São categorias de pessoas vivamente recomendadas no âmbito do caminho comum da comunidade cristã.

É claro que todos estes setores necessitam de abordagens competentes e de uma linguagem apropriada aos destinatários, mantendo plena fidelidade à mensagem que se pretende transmitir. (146)

A catequese ambiental

192. O serviço à fé, atualmente, tem grande consideração pelos ambientes ou contextos de vida, uma vez que neles, a pessoa desenvolve concretamente a própria existência, recebe influências e influencia, e exerce as próprias responsabilidades.

Em linhas gerais e a título de exemplo, devemos recordar dois ambientes mais amplos, o rural e o urbano, que requerem formas diferenciadas de catequese.

A catequese dirigida às pessoas do campo reflete necessariamente as necessidades que aí nascem, necessidades freqüentemente ligadas à pobreza e à miséria, acompanhadas, não raramente, pelo medo e pela superstição, mas também ricas de simplicidade, de confiança na vida, de senso de solidariedade, de fé em Deus e de fidelidade às tradições religiosas.

A catequese dirigida às pessoas da cidade deve levar em consideração uma variedade, às vezes extrema, de situações que vão de áreas exclusivas de bem-estar a bolsões de pobreza e de marginalização. Os ritmos de vida tornam-se freqüentemente estressantes, a mobilidade é fácil, não poucas são as solicitações à evasão e à falta de compromisso, freqüentes são as situações de penoso anonimato e de solidão...

Para cada um desses ambientes será necessário criar um adequado serviço à fé, valorizando catequistas preparados, produzindo oportunos subsídios, recorrendo aos recursos dos meios de comunicação social...

IV CAPÍTULO

Catequese no contexto sócio-religioso

A catequese em situação de pluralismo e de complexidade (147)

193. Muitas comunidades e indivíduos singularmente considerados são chamados a viver num mundo pluralista e secularizado, (148) onde podem ser encontradas formas de incredulidade e de indiferença religiosa, mas também formas vivazes de pluralismo cultural e religioso; em muitas pessoas, mostra-se forte a busca de certezas e de valores, mas não faltam também formas espúrias de religião e uma incerta adesão à fé. Diante desta condição de complexidade, pode acontecer que diversos cristãos se sintam confusos e perdidos, não saibam confrontar-se com as situações, nem julgar as mensagens que nelas estão contidas, abandonem uma regular prática religiosa e acabem por viver como se Deus não existisse, recorrendo freqüentemente a sucedâneos pseudo-religiosos. A fé dessas pessoas é exposta a provas e ameaçada, corre o risco de se extinguir e morrer, se não for continuamente alimentada e promovida.

194. Torna-se indispensável uma catequese evangelizadora, ou seja, « uma catequese cheia de linfa evangélica e servida por uma linguagem adaptada ao tempo e às pessoas ». (149) Ela visa educar os cristãos ao sentido da sua identidade de batizados, de crentes e de membros da Igreja, abertos ao mundo e em diálogo com ele. Recordá-lhes os elementos fundamentais da fé, estimula-os a um real processo de conversão, aprofunda neles a verdade e o valor da mensagem cristã diante das objeções teóricas e práticas, ajuda-os a discernir e a viver o Evangelho no cotidiano, torna-os aptos a dar razão da esperança que está neles, (150) encoraja-os a exercitar a sua vocação missionária, através do testemunho, do diálogo e do anúncio.

A catequese em relação à religiosidade popular (151)

195. Nas comunidades cristãs encontram-se, não raramente, particulares expressões de busca de Deus e de vida religiosa, carregadas de fervor e de pureza de intenções, às vezes comoventes, que podem ser chamadas de « piedade popular ». « Ela traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar; ela torna as pessoas capazes de rasgos de generosidade e as predispõe ao sacrifício até as raias do heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; ela comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante, etc. Ela, além disso, suscita atitudes interiores que raramente se observam alhures no mesmo grau: paciência, sentido da cruz na vida cotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção, etc. ». (152) É uma realidade rica e ao mesmo tempo vulnerável, na qual a fé, que está na sua base, pode ter necessidade de purificação e de reforço.

Requer-se, portanto, uma catequese que, de tal recurso religioso, seja capaz de « captar as dimensões interiores e os inegáveis valores, ajudando-a a superar os riscos de desvio. Bem orientada, esta religiosidade popular pode vir a ser, cada vez mais, para as nossas massas populares, um verdadeiro encontro com Deus em Jesus Cristo ». (153)

196. Também a veneração dos fiéis pela Mãe de Deus tem assumido formas variadas, segundo as circunstâncias de tempo e de lugar, a diversa sensibilidade dos povos e a sua diferente tradição cultural. As formas com que tal piedade mariana se exprime, sujeitas à usura do tempo, mostram-se carentes de uma catequese renovada, que permita substituir nelas aqueles elementos caducos, valorizar aqueles que são perenes e incorporar os dados doutrinários adquiridos pela reflexão teológica e propostos pelo magistério eclesial.

Uma tal catequese é sumamente necessária. É também conveniente que ela exprima

claramente a nota trinitária, cristológica e eclesial, intrínseca à mariologia. Além disso, ao rever ou criar exercícios de piedade mariana, devem ser levadas em consideração as orientações bíblicas, litúrgicas, ecumênicas e antropológicas. (154)

A catequese no contexto ecumênico (155)

197. Toda comunidade cristã, pelo fato de ser tal, é levada pelo Espírito Santo a reconhecer a sua vocação ecumênica na situação em que se encontra, participando do diálogo ecumênico e das iniciativas destinadas a realizar a unidade dos cristãos. A catequese, portanto, é chamada a assumir sempre e em todos os lugares uma « dimensão ecumênica ». (156) Esta dimensão se realiza, antes de mais nada, com a exposição de toda a revelação que tem a Igreja Católica como depositária, no respeito pela hierarquia das verdades; (157) em segundo lugar, a catequese evidencia a unidade de fé que existe entre os cristãos e, ao mesmo tempo, explica as divisões que subsistem e os passos que devem ser feitos para superá-las; (158) além disso, a catequese suscita e alimenta um verdadeiro desejo de unidade, em particular através do amor à Sagrada Escritura; e enfim, empenha-se a preparar as crianças, jovens e adultos a viverem em contato com os irmãos e irmãs de outras confissões, cultivando a própria identidade católica, no respeito pela fé dos demais.

198. Em presença de diferentes confissões cristãs, os Bispos podem julgar oportunas, e até mesmo necessárias, determinadas experiências de colaboração, no âmbito do ensinamento religioso. É importante que aos católicos seja assegurada, de uma outra maneira e ainda com maior cuidado, uma catequese especificamente católica. (159)

Também o ensino da religião, ministrado na escola, onde estão presentes membros de diversas confissões cristãs, reveste-se de valor ecumênico quando a doutrina cristã é genuinamente apresentada. Tal ensino, de fato, oferece a ocasião de um diálogo, mediante o qual podem ser superados ignorância e preconceitos, e pode ser favorecida a abertura a uma melhor compreensão recíproca.

A catequese em relação ao hebraísmo

199. Uma atenção especial deve ser dada à catequese relativa à religião hebraica. (160) De fato, « a Igreja, Povo de Deus na Nova Aliança, descobre, ao perscrutar o seu próprio mistério, seus vínculos com o Povo Hebreu, a quem Deus falou por primeiro ». (161)

« O ensino religioso, a catequese e a pregação devem formar não apenas à objetividade, à justiça e à tolerância, mas também à compreensão e ao diálogo. As nossas duas tradições têm um alto grau de parentesco; não podem, por isso, ignorar-se. É necessário encorajar um recíproco conhecimento em todos os níveis ». (162) De modo particular, um objetivo da catequese é a superação de toda e qualquer forma de anti-semitismo. (163)

A catequese no contexto de outras religiões (164)

200. Os cristãos hoje, vivem, no mais das vezes, num contexto multi-religioso, e não poucos, em condições de minoria. Em tal situação, particularmente no que diz respeito ao Islamismo, a catequese se reveste de uma importância relevante e é chamada a assumir uma responsabilidade delicada, que desemboca em outras tarefas.

Antes de mais nada, ela aprofunda e reforça a identidade dos crentes, particularmente onde

eles são minoria, mediante uma adaptação ou inculturação conveniente, num necessário confronto entre o Evangelho de Jesus Cristo e a mensagem das demais religiões. Neste processo, são indispensáveis comunidades cristãs sólidas e fervorosas, bem como catequistas autóctones bem preparados.

Em segundo lugar, a catequese ajuda a nos tornarmos conscientes da presença de outras religiões. Necessariamente, ela torna os fiéis capazes de distinguir, nessas outras religiões, os elementos que se contrapõem ao anúncio cristão, mas os educa também a captar as sementes evangélicas (*semina Verbi*) que nelas existem e que podem constituir uma autêntica *preparação evangélica*.

Em terceiro lugar, a catequese promove em todos os crentes, um vivo senso missionário. Este se manifesta através de um límpido testemunho da fé, através de uma atitude de respeito e de recíproca compreensão, através do diálogo e da colaboração em defesa dos direitos da pessoa humana e em favor dos pobres e, onde for possível, também através do explícito anúncio do Evangelho.

A catequese em relação aos « novos movimentos religiosos » (165)

201. No clima de relativismo religioso e cultural, e às vezes também em virtude de uma não reta conduta dos cristãos, proliferam atualmente « novos movimentos religiosos », também denominados de seitas ou cultos, com abundância de nomes e de tendências, difíceis de ordenar no âmbito de um quadro orgânico e preciso. Por quanto nos seja possível entender, podem distinguir-se movimentos de matriz cristã, outros que derivam de religiões orientais e outros ainda que se baseiam em tradições esotéricas. Despertam preocupações pelas doutrinas e práticas de vida que freqüentemente se distanciam dos conteúdos da fé cristã. Continua a ser necessário, portanto, promover em favor dos cristãos cuja fé está exposta ao risco « o empenho em favor de uma evangelização e de uma catequese integrais e sistemáticas, que devem ser acompanhadas de um testemunho capaz de traduzir tais ensinamentos em vivência ». (166) Trata-se, de fato, de superar a grave insídia da ignorância e do preconceito, ajudar os fiéis a encontrarem corretamente a Escritura, suscitando entre eles vivas experiências de oração, defendendo-os dos semeadores de erros, educando-os à responsabilidade pela fé recebida, fazendo-se presente com a força do amor evangélico, quando existem perigosas situações de solidão, de pobreza e de sofrimento. Pelo anseio religioso que tais movimentos podem exprimir, eles merecem ser considerados como um « areópago a ser evangelizado », no qual os problemas mais sentidos podem encontrar resposta. « A Igreja tem em Cristo, que se proclamou « o Caminho, a Verdade e a Vida » (*Jo 14,6*), um imenso patrimônio espiritual a oferecer à humanidade ». (167)

V CAPÍTULO

***A Catequese no contexto sócio-cultural* (168)**

Catequese e cultura contemporânea (169)

202. « Da catequese, como da evangelização em geral, nós podemos dizer que ela é chamada a levar a força do Evangelho ao coração da cultura e das culturas ». (170) Os princípios da adaptação e da inculturação catequética já foram expostos precedentemente. (171) Agora, basta reafirmar que o discurso catequético tem como guia necessária e eminente a « regra da fé », ilustrada pelo Magistério e aprofundada pela teologia. Deve-se considerar também que a

história da catequese, particularmente no tempo dos Padres, é, em tantos aspectos, história da inculturação da fé e, como tal, merece ser estudada e meditada; uma história que, por outro lado, jamais se detém e que exige tempos longos, de contínua assimilação do Evangelho.

Neste capítulo são expostas indicações de método para uma tarefa tão necessária quanto exigente, além de bastante difícil e exposta aos riscos do sincretismo e de outros mal-entendidos. Pode-se dizer que, sobre este tema, hoje particularmente importante, é necessária uma maior reflexão programada e universal, em relação à experiência catequética.

Tarefas de uma catequese para a inculturação da fé (172)

203. Formam um conjunto orgânico e são, a seguir, sinteticamente enumeradas:

- conhecer em profundidade a cultura das pessoas e o grau de penetração nas suas vidas;
- reconhecer a presença da dimensão cultural no próprio Evangelho, afirmando que este não nasce de um *húmus* cultural humano e, por outro lado, reconhecendo como o Evangelho não possa ser isolado das culturas nas quais se inseriu a princípio, e nas quais se tem expresso no curso dos séculos;
- anunciar a profunda transformação, a conversão que o Evangelho, enquanto força « transformadora e regeneradora », (173) opera nas culturas;
- testemunhar a transcendência e não exaustão do Evangelho na cultura e, ao mesmo tempo, distinguir os germes evangélicos que podem estar presentes nesta;
- promover uma nova expressão do Evangelho segundo a cultura evangelizada, visando obter uma linguagem da fé que seja patrimônio comum entre os fiéis e, portanto, fator fundamental de comunhão;
- manter íntegros os conteúdos da fé da Igreja e procurar que a explicação e o esclarecimento das fórmulas doutrinárias da Tradição sejam propostas tendo-se em conta a situação cultural e histórica dos destinatários, evitando sempre mutilações e falsificações dos conteúdos.

Processo metodológico

204. A catequese, ao mesmo tempo em que deve evitar toda e qualquer manipulação de uma cultura, também não pode limitar-se simplesmente à justaposição do Evangelho a esta, « de maneira decorativa », mas sim deverá propô-lo « de maneira vital, em profundidade » e isto até às suas raízes, à cultura e às culturas do homem. (174)

Isso determina um processo dinâmico, feito de diversos momentos que interagem entre si: esforçar-se por escutar, na cultura das pessoas, o eco (pressagio, invocação, sinal...) da Palavra de Deus; discernir aquilo que é autêntico valor evangélico ou, pelo menos, é aberto ao Evangelho daquilo que não o é; purificar o que está sob o sinal do pecado (paixões, estruturas do mal...) ou da fragilidade humana; penetrar nas pessoas, estimulando uma atitude de radical conversão a Deus, de diálogo com os demais e de paciente amadurecimento interno.

Necessidades e critérios de avaliação

205. Em fase de avaliação, tanto mais necessária quando se apresenta um caso de tentativa inicial e ou de experimentação, deve-se-á observar com muito cuidado se no processo catequético se tenham infiltrado elementos de sincretismo. Em tal caso, as tentativas de inculturação seriam perigosas e errôneas, e deveriam ser corrigidas.

Em termos positivos, é correta aquela catequese que não apenas provoca uma assimilação intelectual do conteúdo da fé, mas também toca o coração e transforma a conduta. Deste modo, a catequese gera uma vida dinâmica e unificada da fé, preenche o abismo entre aquilo que se crê e aquilo que se vive, entre a mensagem cristã e o conteúdo cultural, estimula frutos de santidade.

Responsáveis pelo processo de inculturação

206. « A inculturação deve envolver todo o Povo de Deus, e não apenas alguns peritos, dado que o povo reflete aquele sentido da fé, que é necessário nunca perder de vista. Que ela seja guiada e estimulada, mas nunca forçada, para não provocar reações negativas nos cristãos: deve ser uma expressão da vida comunitária, ou seja, amadurecida no seio da comunidade, e não fruto exclusivo de investigações eruditas ». (175) O processo de encarnação do Evangelho, que é o objetivo específico da inculturação, exige uma participação, na catequese, por parte de todos aqueles que vivem no mesmo contexto cultural: o clero, os agentes pastorais (catequistas), o mundo dos leigos.

Formas e vias privilegiadas

207. Entre as formas mais apropriadas de inculturação da fé, é útil recordar a catequese dos jovens e dos adultos, pela possibilidade de correlacionar mais incisivamente fé e vida. A inculturação da fé não pode deixar de ser considerada na iniciação cristã das crianças, exatamente pelas notáveis implicações culturais de tal processo: aquisição de novas motivações de vida, educação da consciência, aprendizagem da linguagem bíblica e sacramental, conhecimento da importância histórica do cristianismo.

Uma via privilegiada é a catequese litúrgica, pela riqueza de sinais com que é expressa a mensagem e pela possibilidade de acesso que oferece, a grande parte do Povo de Deus; deve ser também revalorizados os conteúdos dos Lecionários, a estrutura do Ano Litúrgico, a homilia dominical e outras ocasiões de catequeses particularmente significativas (*matrimônios, funerais, visitas aos enfermos, festas dos santos padroeiros, etc.*); é central a atenção dispensada à família, agente primário da iniciação a uma transmissão encarnada da fé; reveste-se de peculiar interesse a catequese em situação multiétnica e multicultural, uma vez que leva ainda mais atentamente a descobrir e a considerar os recursos dos diversos grupos, no acolher e no expressar a fé recebida.

A linguagem (176)

208. A inculturação da fé, sob certos aspectos, é obra da linguagem. Isto faz com que a catequese respeite e valorize a linguagem própria da mensagem, antes de mais nada, a linguagem bíblica, mas também a linguagem histórico-tradicional da Igreja (*Símbolo, liturgia*) e a chamada linguagem doutrinal (*fórmulas dogmáticas*); além disso, é necessário que a catequese entre em comunicação com formas e termos próprios da cultura da pessoa à qual se dirige; enfim, é preciso que a catequese estimule novas expressões do Evangelho na cultura na

qual este foi implantado.

No processo de inculturação do Evangelho, a catequese não deve ter receio de usar fórmulas tradicionais e termos técnicos da fé, mas oferecer o significado dos mesmos e mostrar o seu relevo existencial; e, por outro lado, é dever da catequese « encontrar uma linguagem adaptada às crianças, aos jovens do nosso tempo em geral e ainda a muitas outras categorias de pessoas: linguagem para os estudantes, para os intelectuais e para os homens da ciência; linguagem para os analfabetos e para as pessoas de cultura elementar; linguagem para os excepcionais, etc. (177)

Os meios de comunicação

209. Intrinsecamente ligados à linguagem são os modos da comunicação. Um dos mais eficazes e penetrantes é o dos *mass media*. « A evangelização da cultura moderna depende, em grande parte, da sua influência ». (178)

Remetendo ao que se afirma a esse respeito noutra parte, (179) recordam-se aqui alguns indicadores úteis para a inculturação: uma mais ampla valorização dos meios de comunicação, segundo a sua específica qualidade comunicativa, sabendo equilibrar devidamente a linguagem da imagem com a linguagem da palavra; a salvaguarda do senso religioso genuíno nas formas expressivas escolhidas; a promoção do amadurecimento crítico dos receptores e o estímulo ao aprofundamento pessoal do que foi captado através dos meios de comunicação; a produção de subsídios catequéticos para os *mass media*, congruentes com o objetivo; uma profícua colaboração entre agentes pastorais. (180)

210. Um instrumento considerado central no processo de inculturação é o Catecismo. Antes de mais nada, o Catecismo da Igreja Católica, cuja « vasta gama de serviços é preciso saber evidenciar... também em vista da inculturação, a qual, para ser eficaz, não pode jamais deixar de ser verdadeira ». (181)

O Catecismo da Igreja Católica requer expressamente a redação de Catecismos locais apropriados, nos quais possam ser atuadas as adaptações... exigidas pelas diferenças de culturas, de idades, da vida espiritual e das situações sociais e eclesiais daqueles a quem a catequese é dirigida. (182)

Âmbitos antropológicos e tendências culturais

211. O Evangelho solicita uma catequese aberta, generosa e corajosa no alcançar as pessoas onde elas vivem, de modo particular encontrando aquelas encruzilhadas da existência onde se dão os intercâmbios culturais elementares e fundamentais, como a família, a escola, o ambiente de trabalho, o tempo livre.

Também é importante para a catequese saber distinguir e penetrar naqueles ambientes antropológicos nos quais as tendências culturais têm maior impacto, para a criação ou difusão de modelos de vida, tais como o mundo urbano, o fluxo turístico e migratório, o universo dos jovens e outros fenômenos socialmente relevantes...

Enfim « são outros tantos setores a serem iluminados pela luz do Evangelho » (183) aquelas áreas culturais que são denominadas « areópagos modernos », tais como a área da comunicação, a área dos esforços civis em favor da paz, o desenvolvimento, a libertação dos

povos e a salvaguarda da criação; a área da defesa dos direitos das pessoas, sobretudo das minorias, da mulher e da criança; a área da pesquisa científica e das relações internacionais...

Intervenção nas situações concretas

212. O processo de inculturação operado pela catequese é chamado a confrontar-se continuamente com situações concretas múltiplas e diferentes. Pretendemos enumerar aqui algumas das mais relevantes e freqüentes.

Em primeiro lugar, é necessário distinguir a inculturação em países de recente origem cristã, onde o primeiro anúncio missionário deve ainda consolidar-se, e a inculturação em países de tradição cristã, que necessitam de uma nova evangelização.

É preciso levar em consideração, também, as situações expostas a tensões e conflitos em relação a fatores como o pluralismo étnico, o pluralismo religioso, as diferenças de desenvolvimento às vezes gritantes, a condição urbana e extra-urbana de vida, os sistemas dominantes de significado, os quais, em certos países, são influenciados pela maciça secularização, e em outros, por uma forte religiosidade.

Enfim, se buscará ter presente aquelas tendências culturalmente significativas no território, representadas pelas várias classes sociais e profissionais, tais como homens da ciência e da cultura, mundo operário, jovens, marginalizados, estrangeiros, excepcionais...

Em termos mais gerais, « a formação dos cristãos terá na máxima conta a cultura humana do lugar, a qual contribui para a própria formação e ajudará a avaliar tanto o valor inerente à cultura tradicional, como o proposto pela moderna. Dê-se a devida atenção também às várias culturas que possam coexistir num mesmo povo e numa mesma nação ». (184)

Tarefas das Igrejas locais (185)

213. A inculturação compete às Igrejas particulares e se refere a todos os âmbitos da vida cristã. A catequese é um desses aspectos. Exatamente pela natureza da inculturação, que acontece no concreto e na especificidade das situações, « uma legítima atenção para com as Igrejas particulares não pode senão vir a enriquecer a Igreja. Tal atenção, aliás, é indispensável e urgente ». (186)

Com este objetivo e de maneira muito oportuna, as Conferências dos Bispos dos diversos países do mundo, estão propondo Diretórios catequéticos (e instrumentos análogos), catecismos e subsídios, laboratórios e centros de formação. À luz do conteúdo expresso no presente Diretório, torna-se necessário operar uma revisão e uma atualização das diretrizes locais, estimulando o concurso dos centros de pesquisa, valendo-se da experiência dos catequistas e favorecendo a participação do próprio Povo de Deus.

Iniciativas guiadas

214. A importância do assunto e, por outro lado, a indispensável fase de pesquisa e de experimentação, exigem iniciativas guiadas pelos legítimos Pastores. Tais iniciativas são:

– favorecer uma catequese difusa e capilar, que sirva a superar, antes de mais nada, o grave obstáculo de toda inculturação que é a ignorância ou a má informação. Isso permite aquele

diálogo e envolvimento direto das pessoas, que indicam melhor eficazes vias de anúncio;

– realizar experiências-piloto de inculturação da fé, no âmbito de um programa estabelecido pela Igreja. Em particular, assume um papel influente a prática do catecumenato dos adultos segundo o OICA;

– se na mesma área eclesial, existem múltiplos grupos étnicos e lingüísticos, é oportuno dispor de guias e Diretórios traduzidos nas diversas línguas, promovendo, através de centros catequéticos, um serviço catequético homogêneo a cada grupo;

– estabelecer um diálogo de recíproca escuta e de comunhão entre as Igrejas locais e entre estas e a Santa Sé. Isso permite verificar certas experiências, critérios, itinerários e instrumentos de trabalho para a inculturação, mais válidos e atualizados.

QUINTA PARTE

A CATEQUESE NA IGREJA PARTICULAR

A Catequese na Igreja particular

« Depois subiu à montanha, e chamou a si os que ele queria, e eles foram até ele. E constituiu Doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar, e terem autoridade para expulsar os demônios » (Mc 3,13-15).

« Jesus respondeu-lhe: « Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isso, e sim o meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja » (Mt 16,17-18).

« A Igreja de Jerusalém, impulsionada pelo Espírito Santo, gera as Igrejas: « Igreja de Jerusalém » (At 8,1); « A Igreja de Deus que está em Corinto » (1 Cor 1,2); « As Igrejas da Ásia » (1 Cor 16,19); « As Igrejas da Judéia » (Gl 1,22); « As sete Igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia » (cf. Ap 1,20; 3,14).

Sentido e finalidade desta parte

215. De tudo o que foi exposto nas partes precedentes, em relação à natureza da catequese, ao seu conteúdo, à sua pedagogia e aos seus destinatários, emerge a pastoral catequética que, de fato, se realiza na Igreja particular.

Esta Quinta Parte expõe os seus elementos mais importantes.

216. No primeiro capítulo se reflete sobre o ministério catequético e os seus agentes. A catequese é uma responsabilidade comum, mas diferenciada. Os Bispos, os presbíteros, os diáconos, os religiosos e os fiéis leigos atuam nela, de acordo com as suas respectivas responsabilidades e carismas.

A formação dos catequistas, analisada no Segundo Capítulo, é um elemento decisivo na ação catequizadora. Se é importante dotar a catequese de válidos instrumentos, mais importante ainda é preparar catequistas idôneos. No Terceiro Capítulo se estudam os *lugares* onde, de fato, se realiza a catequese.

No Quarto Capítulo, se estudam os aspectos mais diretamente organizacionais da catequese: os

organismos responsáveis, a coordenação da catequese e algumas tarefas próprias do serviço catequético.

A indicação e as sugestões oferecidas nesta Parte, não podem deixar de encontrar imediata e contemporânea aplicação na Igreja em todas as partes. Para aquelas nações ou regiões, nas quais a ação catequética ainda não teve a oportunidade de alcançar um suficiente nível de desenvolvimento, estas orientações e sugestões assinalam somente uma série de metas a serem alcançadas gradativamente.

I CAPÍTULO

O ministério da catequese na Igreja particular e os seus agentes

A Igreja particular (187)

217. O anúncio, a transmissão e a experiência vivida pelo Evangelho realizam-se na Igreja particular (188) ou Diocese. (189) A Igreja particular é constituída pela comunidade dos discípulos de Jesus Cristo (190) que vivem encarnados num espaço sociocultural determinado. Em toda Igreja particular « se faz presente a Igreja universal com todos os seus elementos essenciais ». (191) Realmente, a Igreja universal, fecundada pelo Espírito Santo no dia do Pentecostes como primeira célula, « concebe as Igrejas particulares, como filhas, e se exprime nelas ». (192) A Igreja universal, como Corpo de Cristo, se manifesta assim, como « Corpo das Igrejas ». (193)

218. O anúncio do Evangelho e da Eucaristia são as duas colunas sobre as quais se edifica e em torno das quais se reúne a Igreja particular. Como a Igreja universal, também essa « existe para evangelizar ». (194)

A catequese é uma ação evangelizadora basilar de toda Igreja particular. Por meio dela, a Diocese oferece, a todos os seus membros e a todos aqueles que se aproximam com intenção de entregar-se a Jesus Cristo, um processo formativo que permita conhecer, celebrar, viver e anunciar o Evangelho nos limites do próprio horizonte cultural. Desse modo, a confissão da fé, meta da catequese, pode ser proclamada pelos discípulos de Cristo « em nossas próprias línguas ». (195) Como em Pentecostes, também hoje, a Igreja de Cristo, « presente e atuante » (196) nas Igrejas particulares, « fala todas as línguas », (197) pois como árvore que cresce, lança as suas raízes em todas as culturas.

O ministério da catequese na Igreja particular

219. No conjunto dos ministérios e dos serviços, com os quais a Igreja particular atua a sua missão evangelizadora, ocupa um posto de relevo o ministério da catequese. (198) Deste, destacamos o seguinte:

a) Na Diocese, a catequese é um serviço único, (199) realizado conjuntamente pelos presbíteros, diáconos, religiosos e leigos, em comunhão com o Bispo. Toda a comunidade cristã deve sentir-se responsável por este serviço. Ainda que os sacerdotes, religiosos e leigos realizem em comum a catequese, fazem-no em modo diferenciado, cada qual segundo a sua particular condição na Igreja (*ministros sagrados, pessoas consagradas, fiéis cristãos*). (200) Através deles, na diferença das funções de cada um, o ministério catequético oferece, de modo completo, a Palavra e o testemunho da realidade eclesial. Se faltasse qualquer uma dessas

formas de presença, a catequese perderia parte da própria riqueza e do próprio significado.

b) Trata-se, por outro lado, de um serviço eclesial fundamental, indispensável para o crescimento da Igreja. Não é uma ação que se possa realizar na comunidade a título privado ou por iniciativa puramente pessoal. Atua-se em nome da Igreja, em virtude da missão por ela conferida.

c) O ministério catequético, no conjunto dos ministérios e dos serviços eclesiais, tem um caráter próprio, que deriva da especificidade da ação catequética, no âmbito do processo de evangelização. A tarefa do catequista, como educador da fé, difere daquela que cabe a outros agentes da pastoral (*litúrgica, da caridade, social...*), ainda que, obviamente, deva agir em coordenação com estes.

d) A fim de que o ministério catequético na Diocese seja frutuoso, ele precisa apoiar-se sobre os demais agentes, não necessariamente catequistas diretos, os quais apoiam e sustentam a atividade catequética, realizando tarefas que são imprescindíveis, tais como: a formação dos catequistas, a elaboração do material, a reflexão, a organização e o planejamento. Estes agentes, juntamente com os catequistas, estão a serviço de um único ministério catequético diocesano, ainda que não todos desempenhem os mesmos papéis, e nem o façam sob o mesmo título.

A comunidade cristã e a responsabilidade de catequizar

220. A catequese é uma responsabilidade de toda a comunidade cristã. A iniciação cristã, de fato, « não deve ser obra somente dos catequistas ou sacerdotes, mas de toda a comunidade dos fiéis ». (201) A própria educação permanente na fé é uma questão que cabe a toda a comunidade. A catequese é, portanto, uma ação educativa, realizada a partir da peculiar responsabilidade de cada membro da comunidade, num contexto ou clima comunitário, rico de relações, a fim de que os catecúmenos e os catequizandos se incorporem ativamente na vida da comunidade.

Da fato, a comunidade cristã acompanha o desenvolvimento dos processos catequéticos, tanto com as crianças quanto com os jovens ou com os adultos, como um fato que lhe diz respeito e que a empenha diretamente. (202) É ainda a comunidade cristã que, ao término do processo catequético, acolhe os catecúmenos e catequizandos num ambiente fraterno « no qual eles possam viver o mais plenamente possível aquilo que aprenderam ». (203)

221. A comunidade cristã não apenas dá muito ao grupo dos catequizandos, mas também recebe muito destes. Os neo-convertidos, sobretudo os jovens e os adultos, aderindo a Jesus Cristo, levam à comunidade que os acolhe uma nova riqueza humana e religiosa. Assim, a comunidade cresce e se desenvolve, pois a catequese conduz à maturidade da fé não somente os catequizandos, mas também a própria comunidade enquanto tal.

Ainda que toda a comunidade cristã seja responsável pela catequese, e ainda que todos os seus membros devam dar testemunho da fé, somente alguns recebem o mandato eclesial de ser catequistas. Juntamente com a missão originária que têm os genitores em relação a seus filhos, a Igreja confere oficialmente, a determinados membros do Povo de Deus, especificamente chamados, a delicada missão de transmitir a fé, no seio da comunidade. (204)

O Bispo, primeiro responsável pela catequese na Igreja particular

222. O Concílio Vaticano II releva a eminente importância que, no ministério episcopal, têm o anúncio e a transmissão do Evangelho. « Entre os principais deveres dos Bispos, destaca-se o de pregar o Evangelho ». (205) Na realização desta tarefa, os Bispos são, antes de mais nada, « arautos da fé », (206) que buscam arrebanhar novos discípulos para Cristo e são, ao mesmo tempo, « mestres autênticos », (207) que transmitem ao povo a eles confiado, a fé a ser professada e vivida. No ministério profético dos Bispos, o anúncio missionário e a catequese constituem dois aspectos, intimamente unidos. Para realizar esta função, os Bispos recebem « um carisma de verdade ». (208)

Os Bispos são « os primeiros responsáveis pela catequese, os catequistas por excelência ». (209) Na história da Igreja, é evidente o papel preponderante dos grandes e santos Bispos que, com suas iniciativas e seus escritos, marcam o período mais esplêndido da instituição catecumenal. Eles concebiam a catequese como uma das tarefas fundamentais de seu ministério. (210)

223. Esta preocupação pela atividade catequética levará o Bispo a assumir « a superior direção da catequese » (211) na Igreja particular, responsabilidade que implica, entre outras coisas:

– Assegurar à sua Igreja a *efetiva prioridade* de uma catequese ativa e eficaz, « que empenhe na atividades as pessoas, os meios e os instrumentos e também os recursos financeiros necessários ». (212)

– Exercitar a solicitude pela catequese, mediante uma *intervenção direta* na transmissão do Evangelho aos fiéis, vigiando, ao mesmo tempo, sobre a autenticidade da confissão da fé e sobre a qualidade dos textos e instrumentos que devem ser utilizados. (213)

– « Suscitar e alimentar uma *verdadeira paixão pela catequese*; uma paixão, porém, que se encarne numa organização adequada e eficaz », (214) agindo com a profunda convicção da importância que tem a catequese para a vida cristã de uma Diocese.

– Trabalhar para que « *os catequistas sejam perfeitamente preparados para a sua missão*, conheçam cabalmente a doutrina da Igreja e aprendam na teoria e na prática, as leis da Psicologia e as disciplinas pedagógicas ». (215)

– Estabelecer, na Diocese, um *projeto global de catequese, articulado e coerente*, o qual responda às verdadeiras necessidades dos fiéis e seja adequadamente situado nos planos pastorais diocesanos. Tal projeto deve ser coordenado, igualmente, no seu desenvolvimento, com os planos da Conferência Episcopal.

Os presbíteros, pastores e educadores da comunidade cristã

224. A função própria do presbítero na tarefa catequética nasce do sacramento da Ordem que recebeu. « Pelo sacramento da Ordem, os presbíteros, pela unção do Espírito Santo, são assinalados com um caráter especial e assim configurados com Cristo Sacerdote, de forma a poderem agir na pessoa de Cristo cabeça, (...) para construir e edificar todo o seu Corpo que é a Igreja, como cooperadores da ordem episcopal ». (216) Em razão desta configuração ontológica com Cristo, o ministério dos presbíteros é um serviço que plasma a comunidade, que coordena e dá força aos demais serviços e carismas. Em relação à catequese, o sacramento

da Ordem constitui os presbíteros como « educadores na fé ». (217) Esforçam-se, portanto, para que os fiéis da comunidade se formem adequadamente e alcancem a maturidade cristã. (218) Conscientes, por outro lado, de que o seu « sacerdócio ministerial » (219) está a serviço do « sacerdócio comum dos fiéis », (220) os presbíteros estimulam a vocação e o trabalho dos catequistas, ajudando-os a realizar uma função que brota do Batismo e se exercita em virtude de uma missão que a Igreja lhes confia. Os presbíteros realizam, assim, a recomendação do Concílio Vaticano II, quando lhes pede que « reconheçam e promovam sinceramente a dignidade dos leigos e suas incumbências na missão da Igreja ». (221)

225. De maneira mais concreta, na catequese, as tarefas próprias do presbítero e, especificamente do pároco, (222) são:

- suscitar, na comunidade cristã, o senso da *responsabilidade comum* para com a catequese, como tarefa que envolve todos, assim como o reconhecimento e o apreço para com os catequistas e a missão que desempenham;
- cuidar da *impostação de fundo da catequese* e da sua adequada programação, contando com a participação ativa dos próprios catequistas, e estando atento para que ela seja « bem estruturada e bem orientada »; (223)
- suscitar e distinguir *vocações para o serviço catequético* e, como catequista dos catequistas, cuidar da formação dos mesmos, dedicando a esta tarefa a máxima solícitude;
- integrar a ação catequética no *projeto evangelizador* da comunidade, cuidando, em particular, do liame entre catequese, sacramentos e liturgia;
- assegurar a conexão entre a catequese a sua comunidade e os *planos pastorais diocesanos*, ajudando os catequistas a se fazerem cooperadores ativos de um projeto diocesano comum.

A experiência comprova que a qualidade da catequese de uma comunidade depende, em grande parte, da presença e da ação do sacerdote.

Os genitores, primeiros educadores dos próprios filhos à fé (224)

226. O testemunho de vida cristã, oferecido pelos genitores, no seio da família, chega até as crianças envolvido em ternura e respeito materno e paterno. Os filhos se dão conta, assim, e vivem alegremente a proximidade de Deus e de Jesus, manifestada pelos genitores, de tal modo que esta primeira experiência cristã deixa, freqüentemente, uma marca decisiva, que dura por toda a vida. Este despertar religioso infantil, no âmbito familiar, tem um caráter « insubstituível ». (225)

Esta primeira iniciação consolida-se quando, por ocasião de certos eventos familiares ou de festas, « se tiver o cuidado de explicitar em família, o conteúdo cristão ou religioso de tais acontecimentos ». (226) Tal iniciação se aprofunda ainda mais, se os genitores comentam e ajudam a interiorizar a catequese mais metódica, que os seus filhos maiores, recebem na comunidade cristã. De fato, « a catequese familiar precede, acompanha e enriquece todas as outras formas de catequese ». (227)

227. Os genitores recebem, no sacramento do Matrimônio, « a graça e a responsabilidade da educação cristã de seus filhos », (228) aos quais testemunham e transmitem, ao mesmo tempo,

os valores humanos e religiosos. Tal ação educativa, ao mesmo tempo humana e religiosa, é um « verdadeiro ministério », (229) por meio do qual se transmite e se irradia o Evangelho, até o ponto em que a própria vida de família se torna itinerário de fé e escola de vida cristã. À medida que os filhos crescem, também o intercâmbio se faz recíproco e, « num diálogo catequético deste tipo, cada um recebe e dá alguma coisa ». (230)

Por isso, é necessário que a comunidade cristã preste uma especial atenção aos genitores. Através de contatos pessoais, encontros, cursos e também mediante uma catequese para adultos, dirigida aos genitores, se deve ajudá-los a assumir a tarefa, hoje particularmente delicada, de educar os seus filhos na fé. Isto se mostra ainda mais urgente nos locais onde a legislação civil não permite ou torna difícil uma livre educação na fé. (231) Nesses casos, a « igreja doméstica » (232) é, praticamente, o único ambiente no qual crianças e jovens podem receber uma autêntica catequese.

Os Religiosos na catequese

228. A Igreja convoca, de modo particular, as pessoas de vida consagrada à atividade catequética, e deseja « que as comunidades religiosas consagrem o máximo das suas capacidades e de suas possibilidades à obra específica da catequese ». (233)

A contribuição peculiar à catequese, fornecida pelos religiosos, religiosas e pelos membros das Sociedades de Vida apostólica, deriva da sua específica condição. A profissão dos conselhos evangélicos, que caracteriza a vida religiosa, constitui um dom para toda a comunidade cristã. Na ação catequética diocesana, a sua original e peculiar contribuição não poderá jamais ser um sucedâneo, nem dos sacerdotes nem dos leigos. Esta contribuição original nasce do testemunho público de sua consagração, que os constitui sinal vivo da realidade do Reino: « É a profissão desses conselhos em um estado de vida estável reconhecido pela Igreja, que caracteriza a vida consagrada a Deus ». (234) Ainda que os valores evangélicos devam ser vividos por todo cristão, as pessoas de vida consagrada « encarnam a Igreja desejosa de se entregar ao radicalismo das bemaventuranças ». (235) O testemunho dos religiosos, unido ao testemunho dos leigos, mostra a face única da Igreja, que é sinal do Reino de Deus. (236)

229. « Há muitas Famílias religiosas, masculinas e femininas, que nasceram para a educação cristã das crianças e dos jovens, sobretudo dos mais abandonados ». (237) Esse mesmo carisma dos fundadores faz com que muitos religiosos e religiosas colaborem hoje na catequese diocesana dos adultos. No curso da história « os Religiosos e as Religiosas têm estado muito comprometidos na atividade catequética da Igreja ». (238)

Os carismas de fundação (239) não ficam à margem quando os religiosos assumem a tarefa catequética. Mantendo intacto o caráter próprio da catequese, os carismas das diversas comunidades religiosas conotam esta tarefa comum com características próprias, freqüentemente de grande profundidade religiosa, social e pedagógica. A história da catequese demonstra a vitalidade que estes carismas deram à ação educativa da Igreja.

Os catequistas leigos

230. Também a ação catequética dos leigos tem um caráter peculiar, devido à sua particular condição na Igreja: « o caráter secular é próprio dos leigos ». (240) Os leigos exercitam a catequese a partir de sua inserção no mundo, compartilhando todas as formas de empenho com os outros homens e revestindo a transmissão do Evangelho de sensibilidade e conotações

específicas: « esta evangelização (...) adquire características específicas e eficácia particular pelo fato de se realizar nas condições comuns do século ». (241)

De fato, ao compartilhar a mesma forma de vida daqueles que catequizam, os catequistas leigos têm uma sensibilidade especial para encarnar o Evangelho na vida concreta dos seres humanos. Os próprios catecúmenos e catequizandos podem encontrar neles, um modelo cristão, no qual projetar o seu futuro de crentes.

231. A vocação do leigo à catequese tem origem no sacramento do Batismo e se fortalece pela Confirmação, sacramentos mediante os quais ele participa do « ministério sacerdotal, profético e real » de Cristo. (242) Além da vocação comum ao apostolado, alguns leigos sentem-se chamados interiormente por Deus, a assumirem a tarefa de catequistas. A Igreja suscita e distingue esta vocação divina, e confere a missão de catequizar. Dessa forma, o Senhor Jesus convida homens e mulheres, de uma maneira especial, a segui-Lo, mestre e formador dos discípulos. Este chamado pessoal de Jesus Cristo e a relação com Ele são o verdadeiro motor da ação do catequista. « É deste conhecimento amoroso de Cristo que jorra o desejo de anunciá-Lo, de « evangelizar », e de levar outros ao « sim » da fé em Jesus Cristo ». (243)

Sentir-se chamado a ser catequista e a receber da Igreja a missão para fazê-lo pode adquirir, de fato, diversos graus de dedicação, segundo as características de cada um. Às vezes, o catequista pode colaborar com o serviço da catequese por um período limitado da sua vida, ou até mesmo simplesmente de maneira ocasional; apesar disso, trata-se sempre de um serviço e de uma colaboração preciosos. A importância do ministério da catequese, todavia, aconselha que, na diocese, exista um certo número de religiosos e de leigos estável e generosamente dedicados à catequese, reconhecidos publicamente, os quais, em comunhão com os sacerdotes e o Bispo, contribuem a dar a este serviço diocesano a configuração eclesial que lhe é própria. (244)

Diversos tipos de catequista hoje particularmente necessários

232. O tipo ou figura do catequista na Igreja apresenta diversas modalidades, já que as necessidades da catequese são várias.

– « *Os catequistas em território de missão* », (245) aos quais este título se aplica de modo todo especial. « Igrejas atualmente florescentes não poderiam ter sido edificadas sem eles ». (246) Há aqueles que têm « a função específica da catequese »; (247) e há aqueles que colaboram nas diversas formas de apostolado ». (248)

– Em algumas Igrejas de antiga evangelização, com grande escassez de clero, há a necessidade de uma figura de certo modo análoga àquela do catequista dos territórios de missão. Trata-se, com efeito, de fazer frente a necessidades urgentes: a animação comunitária de pequenas populações rurais carentes da assídua presença do sacerdote; a conveniência de uma presença e de uma penetração missionárias « nos bairros de *grandes metrópoles* ». (249)

– Nas situações dos países de tradição cristã que requerem uma « nova evangelização », (250) a figura do *catequista dos jovens* e a do *catequista dos adultos* tornam-se imprescindíveis para animar a catequese de iniciação. Estes catequistas devem fornecer também a catequese permanente. Em tais tarefas, o papel do sacerdote será igualmente fundamental.

– Continua a ser basilar a figura do *catequista das crianças e dos adolescentes*, ao qual cabe a

delicada missão de oferecer « as primeiras noções do catecismo e a preparação para o sacramento da reconciliação, para a primeira comunhão e para a confirmação ». (251) Esta tarefa, atualmente, é ainda mais urgente, quando as crianças e os adolescentes « não recebem uma conveniente formação religiosa no seio de suas famílias ». (252)

– Um tipo de catequista que é preciso formar, é o do *catequista para os encontros pré-sacramentais*, (253) destinado ao mundo dos adultos, por ocasião do Batismo ou da Primeira Comunhão dos filhos, ou por ocasião do sacramento do Matrimônio. É uma tarefa que tem em si uma originalidade própria, na qual confluem o acolhimento, o primeiro anúncio e a oportunidade de tornar-se companheiro de viagem na busca da fé.

– Outros tipos de catequistas são urgentemente exigidos por setores humanos de especial sensibilidade: *as pessoas da terceira idade*, (254) *que necessitam de uma apresentação do Evangelho, adaptada à suas condições*; *as pessoas desadaptadas e excepcionais*, que necessitam de uma especial pedagogia catequética, (255) além da sua plena integração na comunidade; os *migrantes e as pessoas marginalizadas* pela evolução moderna. (256)

– Podem ser aconselháveis outros tipos de catequistas. Cada Igreja particular, analisando a própria situação cultural e religiosa, suprirá as próprias necessidades e traçará o perfil, com realismo, dos tipos de catequista de que necessita. É uma tarefa fundamental a orientação e a organização da formação dos catequistas.

CAPÍTULO II

A formação para o serviço da Catequese

A pastoral dos catequistas na Igreja particular

233. Para o bom funcionamento do ministério catequético na Igreja particular, é fundamental poder contar, antes de mais nada, com uma adequada pastoral dos catequistas. Nesta, diversos aspectos devem ser levados em consideração. De fato, é preciso procurar:

– Suscitar nas paróquias e nas comunidades cristãs, *vocações* para a catequese. Atualmente, considerando o fato de que as necessidades da catequese são sempre mais diferenciadas, é preciso promover a formação de diversos tipos de catequista. « Serão necessários, portanto, catequistas especializados ». (257) A propósito, será conveniente determinar os critérios de escolha.

– Promover um certo número de *catequistas a tempo integral*, de modo que possam dedicar-se mais estável e intensamente à catequese, (258) além de promover também os *catequistas a tempo parcial*, que ordinariamente serão mais numerosos.

– Estabelecer uma *mais equilibrada distribuição de catequistas* entre os setores dos destinatários que necessitam de catequese. A consciência da necessidade de uma catequese para os jovens e para os adultos, por exemplo, levará a estabelecer um maior equilíbrio em relação ao número dos catequistas que se dedicam à infância e à adolescência.

– Promover *animadores responsáveis* pela ação catequética, que assumam responsabilidade, a nível diocesano, regional e paroquial. (259)

- Organizar adequadamente a *formação dos catequistas* no que concerne tanto à formação de base quanto à formação permanente.
- Dispensar uma *atenção pessoal e espiritual aos catequistas e ao grupo de catequistas* enquanto tal. Esta tarefa compete principal e fundamentalmente aos sacerdotes das respectivas comunidades cristãs.
- *Coordenar os catequistas* com os outros agentes da pastoral nas comunidades cristãs, a fim de que a ação evangelizadora global seja coerente e o grupo dos catequistas não fique isolado e alheio à vida da comunidade.

Importância da formação dos catequistas

234. Todas estas tarefas nascem da convicção de que qualquer atividade pastoral que não conte, para a sua realização, com pessoas realmente formadas e preparadas, coloca em risco a sua qualidade. Os instrumentos de trabalho não podem ser verdadeiramente eficazes se não forem utilizados por catequistas bem formados. Portanto, a adequada *formação dos catequistas* não pode ser descuidada em favor da atualização dos textos e de uma melhor organização da catequese. (260)

Conseqüentemente, a pastoral catequética diocesana deve dar absoluta prioridade à *formação dos catequistas leigos*. Juntamente com este objetivo e como elemento realmente decisivo, dever-se-á prestar atenção à *formação catequética dos presbíteros*, tanto nos planos de estudo da formação seminarista quanto no período da formação permanente. Pede-se aos Bispos para que cuidem escrupulosamente desta formação.

Finalidade e natureza da formação dos catequistas

235. A formação procura habilitar os catequistas a transmitir o Evangelho àqueles que desejam entregar-se a Jesus Cristo. A finalidade da formação requer, portanto, que o catequista se torne o mais idôneo possível a realizar um ato de comunicação: « o objetivo essencial da formação catequética é o de tornar apto à comunicação da mensagem cristã ». (261)

A finalidade cristocêntrica da catequese, que busca favorecer a comunhão do convertido com Jesus Cristo, impregna toda a formação dos catequistas. (262) O que esta busca, de fato, não é outra coisa senão levar o catequista a saber animar eficazmente um itinerário catequético no qual, através das necessárias etapas, anuncie Jesus Cristo; faça conhecer a Sua vida, enquadrando-a na totalidade da história da salvação; explique o mistério do Filho de Deus, feito homem por nós; e enfim, ajude o catecúmeno ou o catequizando a identificar-se com Jesus Cristo, mediante os Sacramentos da iniciação. (263) Na catequese permanente, o catequista não faz outra coisa senão aprofundar estes aspectos basilares.

Esta perspectiva cristológica incide diretamente sobre a identidade do catequista e na sua preparação.

«A unidade e a harmonia do catequista devem ser lidas nesta perspectiva cristocêntrica e construídas com base numa profunda familiaridade com Cristo e com o Pai, no Espírito». (264)

236. O fato de que a formação procure tornar o catequista apto a transmitir o Evangelho em

nome da Igreja, confere a toda a formação uma natureza eclesial. A formação dos catequistas não é senão uma ajuda a inserir-se profundamente na consciência viva e atual que a Igreja tem do Evangelho, tornando-se assim apto a transmiti-lo em nome desta mesma Igreja.

De maneira mais concreta, o catequista, na sua formação, entra em comunhão com aquela aspiração da Igreja que, como esposa, « conserva íntegra e pura a fé do Esposo » (265) e, « como mãe e mestra » quer transmitir o Evangelho em toda a sua autenticidade, adaptando-o a todas as culturas, idades e situações. Esta *eclesialidade* da transmissão do Evangelho permeia toda a formação dos catequistas, conferindo-lhe a sua verdadeira natureza.

Crítérios inspiradores da formação dos catequistas

237. Para conceber adequadamente a formação dos catequistas, é preciso considerar previamente alguns critérios inspiradores que configuram, com diferentes características, esta formação.

– Trata-se, antes de mais nada, de formar catequistas para as *necessidades evangelizadoras* deste momento histórico, com os seus valores, com os seus desafios e os seus pontos obscuros. Para fazer frente a esta tarefa, são necessários catequistas dotados de uma profunda fé, (266) de uma clara identidade cristã e eclesial (267) e de uma profunda sensibilidade social. (268) Todo projeto formativo deve levar em consideração estes aspectos.

– Na formação, ter-se-á presente também o *conceito de catequese* que a Igreja hoje apresenta. Trata-se de formar catequistas para que sejam capazes de transmitir não apenas um ensinamento, mas também uma formação cristã integral, desenvolvendo « tarefas de iniciação, de educação e de ensinamento ». (269) São necessários catequistas que sejam, ao mesmo tempo, mestres, educadores e testemunhas.

– O *momento catequético* que a Igreja vive é um convite a preparar catequistas capazes de superar « tendências unilaterais divergentes » (270) e de oferecer uma catequese plena e completa. Devem saber conjugar a dimensão verídica e significativa da fé, a ortodoxia e a ortopraxis, o sentido social e eclesial. A formação deverá contribuir para a mútua fecundação destes elementos que podem entrar em tensão.

– A formação dos catequistas leigos não pode ignorar o *caráter próprio do leigo na Igreja* e não deve ser concebida como mera síntese da formação recebida pelos religiosos e sacerdotes. Aliás, será preciso levar em consideração que a sua formação apostólica assume característica especial, a partir da índole secular e própria do laicato e da sua espiritualidade.

– A *pedagogia* utilizada nesta formação tem, enfim, uma importância fundamental. Como critério geral, é preciso sublinhar a necessidade da coerência entre a pedagogia global da formação catequética e a pedagogia própria de um processo catequético. Seria muito difícil para o catequista improvisar, na sua ação, um estilo e uma sensibilidade, para os quais não tivesse sido iniciado durante a sua própria formação.

As dimensões da formação: o ser, o saber, o saber fazer

238. A formação dos catequistas compreende diversas dimensões. A mais profunda se refere ao *próprio ser* do catequista, à sua dimensão humana e cristã. A formação, de fato, deve ajudá-lo a amadurecer, antes de mais nada, como pessoa, como crente e como apóstolo. Depois, há o

que o catequista deve *saber* para cumprir bem a sua tarefa. Esta dimensão, permeada pela dúplice fidelidade à mensagem e ao homem, requer que o catequistas conheça adequadamente a mensagem que transmite e, ao mesmo tempo, o destinatário que a recebe, além do contexto social em que vive. Enfim, há a dimensão do *saber fazer*, já que a catequese é um ato de comunicação. A formação tende a fazer do catequista um « educador do homem e da vida do homem ». (271)

Maturidade humana, cristã e apostólica dos catequistas

239. Com base numa inicial *maturidade humana*, (272) o exercício da catequese, constantemente reconsiderado e avaliado, possibilitará o crescimento do catequista no equilíbrio afetivo, no senso crítico, na unidade interior, na capacidade de relações e de diálogo, no espírito construtivo e no trabalho de grupo. (273) Tratar-se-á, antes de mais nada, de fazê-lo crescer no respeito e no amor para com os catecúmenos e catequizandos: « E de que gênero é essa afeição? Muito maior do que aquela que pode ter um pedagogo, é a afeição de um pai, e mais ainda, a de uma mãe. É uma afeição assim que o Senhor espera de cada pregador do Evangelho e de cada edificador da Igreja ». (274)

A formação, ao mesmo tempo, estará atenta a que o exercício da catequese alimente e nutra a fé do catequista, fazendo-o crescer como crente. Por isso, a verdadeira formação alimenta, sobretudo, *aespiritualidade* do próprio catequista, (275) de maneira que a sua ação nasça, na verdade, do testemunho de sua própria vida. Todo tema catequético que transmite deve alimentar, em primeiro lugar, a fé do próprio catequista. Na verdade, catequizam os demais, catequizandoprimeiramente a si mesmos.

A formação, além disso, alimentará constantemente, a *consciência apostólica* do catequista, o seu senso de evangelizador. Por isso, ele deve conhecer e viver o projeto de evangelização concreto da própria Igreja diocesana e o de sua paróquia, para sintonizar-se com a consciência que a Igreja particular tem da própria missão. O melhor modo de alimentar esta consciência apostólica é o de identificar-se com a figura de Jesus Cristo, mestre e formador dos discípulos, procurando tornar próprio o zelo pelo Reino, que Jesus manifestou. A partir do exercício da catequese, a vocação apostólica do catequista, nutrida por uma formação permanente, irá progressivamente amadurecendo.

A formação bíblico-teológica do catequista

240. Além de ser testemunha, o catequista deve ser mestre que ensina a fé. Uma formação bíblico-teológica lhe fornecerá um conhecimento orgânico da mensagem cristã articulada a partir do mistério central da fé, que é Jesus Cristo.

O conteúdo desta formação doutrinal é exigido pelas diversas partes que compõem todo projeto orgânico de catequese:

- as três grandes etapas da história da salvação: Antigo Testamento, vida de Jesus Cristo e história da Igreja;
- os grandes núcleos da mensagem cristã; Símbolo, liturgia, vida moral e oração.

No seu próprio nível de ensino teológico, o conteúdo doutrinal da formação de um catequista é o mesmo daquele que a catequese deve transmitir. Por sua vez, « a Sagrada Escritura deverá

ser como a alma desta formação ». (276) O Catecismo da Igreja Católica será o ponto de referência doutrinal fundamental, juntamente com os Catecismos da própria Igreja particular ou local.

241. Esta formação bíblico-teológica deverá possuir algumas qualidades:

a) Em primeiro lugar, é necessário que seja uma formação de caráter sintético, que corresponda ao anúncio que se deve transmitir, e na qual os diferentes elementos da fé cristã apareçam, bem estruturados e consoantes entre si, numa visão orgânica, que respeite a « hierarquia das verdades ».

b) Esta síntese de fé deve ser tal, que ajude o catequista a amadurecer na própria fé e, ao mesmo tempo, o torne apto a dar razão da esperança presente no tempo de missão. « A formação doutrinal dos fiéis leigos mostra-se hoje cada vez mais urgente, não só pelo natural dinamismo de aprofundar a sua fé, mas também pela exigência de « racionalizar a esperança » que está dentro deles, perante o mundo e os seus problemas graves e complexos ». (277)

c) Deve ser uma formação teológica muito próxima da experiência humana, capaz de correlacionar os diferentes aspectos da mensagem cristã com a vida concreta dos homens, « seja para inspirá-la que para julgá-la à luz do Evangelho ». (278) Embora sendo ensinamento teológico, deve adotar, de algum modo, um estilo catequético.

d) Finalmente, deve ser de tal maneira que o catequista « se torne não apenas capaz de expor com exatidão a mensagem evangélica, mas que saiba também suscitar a recepção ativa desta mesma mensagem, por parte dos catequizandos, e que saiba distinguir, no itinerário espiritual dos mesmos, aquilo que é conforme à fé ». (279)

As ciências humanas na formação do catequista

242. O catequista adquire o conhecimento do homem e da realidade em que vive, também através das ciências humanas, que, nos nossos dias, alcançaram um grau de extraordinário desenvolvimento. « Na pastoral sejam suficientemente conhecidos e usados não somente os princípios teológicos, mas também as descobertas das ciências profanas, sobretudo da psicologia e da sociologia, de tal modo que também os fiéis sejam encaminhados a uma vida de fé mais pura e amadurecida ». (280)

É necessário que o catequista entre em contato, pelo menos, com alguns elementos fundamentais da psicologia: os dinamismos psicológicos que movem o homem; a estrutura da personalidade; as necessidades e aspirações mais profundas do coração humano; a psicologia evolutiva e as etapas do ciclo vital humano; a psicologia religiosa e as experiências que abrem o homem ao mistério do sagrado.

As ciências sociais procuram o conhecimento do contexto sociocultural em que o homem vive e pelo qual é fortemente influenciado. Por isso, é necessário que, na formação do catequista, se faça « uma análise das condições sociológicas, culturais e econômicas, uma vez que são processos coletivos que podem ter profundas repercussões sobre a difusão do Evangelho ». (281)

Juntamente com estas ciências explicitamente recomendadas pelo Concílio Vaticano II, outras devem estar presentes, de um modo ou de outro, na formação dos catequistas, particularmente

as ciências da educação e da comunicação.

Critérios vários que podem inspirar o uso das ciências humanas na formação dos catequistas

243. Tais critérios são:

a) O respeito pela autonomia das ciências: « (a Igreja) afirma a legítima autonomia da cultura humana e particularmente das ciências ». (282)

b) O discernimento evangélico das diferentes tendências ou escolas psicológicas, sociológicas e pedagógicas: os seus valores e os seus limites.

c) O estudo das ciências humanas, na formação do catequista, não é uma finalidade em si própria. A tomada de consciência da situação existencial, psicológica, cultural e social do homem, se obtém com os olhos voltados para a fé na qual se deve educá-lo. (283)

d) A teologia e as ciências humanas, na formação dos catequistas, devem se fecundar reciprocamente. Por conseguinte, é preciso evitar que estas ciências se convertam na única norma para a pedagogia da fé, prescindindo dos critérios teológicos que derivam da própria pedagogia da fé. São disciplinas fundamentais e necessárias, todavia, sempre a serviço de uma ação evangelizadora que não é apenas humana. (284)

A formação pedagógica

244. Paralelamente às dimensões que se referem ao ser e ao saber, a formação do catequista deve cultivar também as suas aptidões, ou seja, o seu natural *saber fazer*. O catequista é um educador que facilita o amadurecimento da fé que o catecúmeno ou o catequizando realizam com a ajuda do Espírito Santo. (285)

A primeira realidade que é necessário levar em consideração neste decisivo setor da formação é a de respeitar a pedagogia original da fé. O catequista, de fato, prepara-se com a finalidade de facilitar o crescimento de uma experiência de fé, da qual ele não é o depositário. Essa fé foi colocada por Deus no coração do homem. A tarefa do catequista é apenas a de cultivar este dom, cultivá-lo, alimentá-lo e ajudá-lo a crescer. (286)

A formação procurará fazer amadurecer no catequista a capacidade educativa, que implica: a faculdade de ter atenção para com as pessoas, a habilidade para interpretar e responder à pergunta educativa, a iniciativa para ativar processos de aprendizagem e a arte de conduzir um grupo humano para a maturidade. Como acontece em toda arte, o mais importante é que o catequista adquira o seu próprio estilo de ministrar a catequese, adaptando à sua personalidade os princípios gerais da pedagogia catequética. (287)

245. De maneira mais concreta, dever-se-á habilitar o catequista, e de maneira particular, aquele que se dedica à catequese a tempo integral, a saber programar a ação educativa, no grupo de catequistas, ponderando as circunstâncias, elaborando um plano realista e, após a sua realização, a avaliá-lo criticamente. (288) Ele deve ser capaz de animar um grupo, utilizando com discernimento, as técnicas de animação de grupo que a psicologia oferece.

Esta capacidade educativa e este *saber fazer*, saber utilizar bem os conhecimentos, aptidões e

técnicas que ele comporta, « são melhor assimilados se fornecidos *de pari passu* com o desenvolvimento de seu empenho apostólico; por exemplo, durante as reuniões nas quais são preparadas e criticadas as lições de catecismo ». (289)

O objetivo ou a meta ideal é aquela, segundo a qual os catequistas deveriam ser os protagonistas de sua aprendizagem, colocando a formação sob o signo da criatividade e não apenas da mera assimilação de regras externas. Por isso, a formação deve ser muito próxima da prática: é preciso partir desta para chegar àquela. (290)

A formação dos catequistas no âmbito das comunidades cristãs

246. Entre os caminhos da formação dos catequistas emerge, antes de mais nada, a própria comunidade cristã. É nesta que os catequistas experimentam a própria vocação e alimentam constantemente a própria sensibilidade apostólica. Na tarefa de assegurar-lhes o progressivo amadurecimento como crentes e como testemunhas, a figura do sacerdote é fundamental. (291)

247. Uma comunidade cristã pode realizar vários tipos de ações formativas em favor dos próprios catequistas:

a) Uma delas consiste em alimentar constantemente a vocação eclesial dos catequistas, mantendo viva, nestes, a consciência de serem mandados pela própria Igreja.

b) Também é muito importante buscar o amadurecimento da fé dos próprios catequistas, através da via ordinária, mediante a qual a comunidade cristã educa na fé os próprios agentes pastorais e os leigos mais engajados. (292) Quando a fé dos catequistas ainda não está madura, é aconselhável que eles participem do processo catecumenal para jovens e adultos. Pode ser aquele ordinário, da própria comunidade, ou um criado especificamente para eles. c) A preparação imediata à catequese, feita com o grupo de catequistas, é um excelente meio de formação, sobretudo se acompanhado pela avaliação de tudo aquilo que foi experimentado nas sessões de catequese.

d) No âmbito da comunidade, podem ser realizadas também outras atividades formativas: cursos de sensibilização à catequese, por exemplo no início do ano pastoral; retiros e convivências nos tempos fortes do ano litúrgico; (293) cursos monográficos sobre temas mais necessários ou urgentes; uma formação doutrinal mais sistemática, por exemplo estudando o Catecismo da Igreja Católica.

São atividades de formação permanente que, juntamente com o trabalho pessoal do catequista, mostram-se muito convenientes. (294)

Escolas de catequistas e Centros superiores para peritos na catequese

248. Frequentar uma *Escola para catequistas* (295) é um momento particularmente importante no processo formativo de um catequista. Em muitos lugares, tais Escolas são organizadas num duplo nível: para « catequistas de base » (296) e para « responsáveis pela catequese ».

Escolas para catequistas de base

249. Estas escolas têm a finalidade de propor uma formação catequética orgânica e sistemática, de caráter básico e fundamental. Ao longo de um período de tempo

suficientemente prolongado, promovem-se as dimensões mais especificamente catequéticas da formação: a mensagem cristã, o conhecimento do homem e do contexto sociocultural e a pedagogia da fé.

As vantagens desta formação orgânica são notáveis no que concerne:

- à sua sistematicidade, tratando-se de uma formação menos absorvida pela dimensão imediata da ação;
- à sua qualidade, assegurada por formadores especializados;
- à integração com os catequistas de outras comunidades, o que alimenta a comunhão eclesial.

Escolas para responsáveis

250. Com a finalidade de favorecer a preparação dos responsáveis pela catequese nas paróquias ou áreas vicariais, ou ainda para aqueles catequistas que se dedicarão à catequese de maneira mais estável e integral, (297) é conveniente promover, a nível diocesano ou interdiocesano, escolas para responsáveis.

Obviamente, o nível de tais escolas será mais exigente. Nelas, paralelamente a um programa de base comum, serão cultivadas aquelas especializações catequéticas que a diocese julga serem mais necessárias, nas suas particulares circunstâncias.

Pode ser oportuno, por economia de meios e de recursos, que tais escolas obedeçam a uma mais ampla orientação, dirigindo-se aos responsáveis pelas diversas ações pastorais, e convertendo-se em *Centros de formação dos agentes de pastoral*. A partir de uma base formativa comum (doutrinal e antropológica), as especializações se articularão de acordo com as exigências das diferentes ações pastorais ou apostólicas que serão confiadas a tais agentes.

Institutos de ensino superior para especialistas em catequese

251. Uma formação catequética de nível superior, à qual podem aceder também sacerdotes, religiosos e leigos, é de vital importância para a catequese. Para tanto, renovam-se os votos de que « sejam incrementados ou criados institutos superiores de pastoral catequética, com o objetivo de preparar catequistas que sejam aptos a dirigir a catequese em âmbito diocesano ou no âmbito das atividades desempenhadas pelas congregações religiosas. Estes institutos superiores poderão ser de caráter nacional ou internacional. Eles deverão ser impostados como institutos universitários, no que concerne à organização dos estudos, à duração dos cursos e às condições de admissão ». (298)

Além da formação daqueles que deverão assumir responsabilidades de direção na catequese, estes institutos prepararão os docentes de catequética para os Seminários, as Casas de formação ou as Escolas para catequistas. Tais Institutos se dedicarão igualmente, a promover a correspondente pesquisa catequética.

252. Este nível de formação é muito apropriado para uma fecunda colaboração entre as Igrejas. « Trata-se igualmente de um campo em que a ajuda material dada pelas Igrejas mais favorecidas às suas irmãs mais pobres poderá manifestar a sua maior eficácia: o que é que uma Igreja poderá dar a outra melhor do que ajudá-la a crescer por si mesma como Igreja? (299)

Obviamente, esta colaboração deve inspirar-se num delicado respeito pela peculiaridade das Igrejas mais pobres e por sua própria responsabilidade.

Em campo diocesano e interdiocesano, é muito conveniente que se tome consciência da necessidade de formar pessoas nesse específico nível superior, assim como se tem o cuidado de fazer em relação às demais atividades eclesiais ou para o ensino de outras disciplinas.

CAPÍTULO III

Lugares de vias da catequese

A comunidade cristã como lugar da catequese (300)

253. A comunidade cristã é a realização histórica do dom da « comunhão » (*koinonia*), (301) que é um fruto do Espírito.

A « comunhão » exprime o núcleo profundo da Igreja universal e das Igrejas particulares, que constituem a comunidade cristã de referência. Esta se faz próxima e visível na rica variedade das comunidades cristãs imediatas, nas quais os cristãos nascem para a fé, educam-se na fé e nela vivem: a família, a paróquia, a escola católica, as associações e movimentos cristãos, as comunidades eclesiais de base... Estes são os « lugares » da catequese, isto é, os espaços comunitários nos quais a catequese de iniciação e a educação permanente na fé são realizadas. (302)

254. A comunidade cristã é a origem, o lugar e a meta da catequese. É sempre da comunidade cristã que nasce o anúncio do Evangelho, que convida os homens e as mulheres à conversão e a seguirem Cristo. E é esta mesma comunidade que acolhe aqueles que desejam conhecer o Senhor e empenhar-se numa nova vida. Ela acompanha os catecúmenos e catequizando-os no seu itinerário catequético e, com materna solicitude, torna-os partícipes da própria experiência de fé e os incorpora no seu seio. (303)

A catequese é sempre a mesma. Mas estes « lugares » (304) de catequização lhe dão, cada um, conotações originais. É importante saber qual é o papel de cada um deles no processo de catequese.

A família como ambiente ou meio de crescimento na fé

255. Os genitores são os primeiros educadores na fé. Juntamente com eles, sobretudo em certas culturas, todos os membros da família têm uma tarefa ativa, em vista da educação dos membros mais jovens. É necessário determinar mais concretamente em qual senso a comunidade cristã familiar é « lugar » de catequese.

A família foi definida como uma « Igreja doméstica »; (305) isto significa que em toda família cristã devem refletir-se os diferentes aspectos ou funções da vida da Igreja inteira: missão, catequese, testemunho, oração, etc... De fato, a família, da mesma forma que a Igreja, « é um espaço no qual o Evangelho é transmitido e do qual o Evangelho se irradia ». (306) A família como « lugar » de catequese tem uma prerrogativa única: transmite o Evangelho, radicando-o no contexto de profundos valores humanos. (307) Sobre esta base humana, é mais profunda a iniciação na vida cristã: o despertar para o senso de Deus, os primeiros passos na oração, a educação da consciência moral e a formação do senso cristão do amor humano, concebido

como reflexo do amor de Deus

Criador e Pai. Em resumo: trata-se de uma educação cristã mais testemunhada do que ensinada, mais ocasional do que sistemática, mais permanente e cotidiana do que estruturada em períodos. Nesta catequese familiar torna-se sempre mais importante a contribuição dos avós. A sua sabedoria e o seu senso religioso, muitas vezes, são decisivos para favorecer um clima realmente cristão.

O Catecumenato batismal dos adultos (308)

256. O Catecumenato batismal é um *lugar* típico de catequização, institucionalizado pela Igreja para preparar os adultos que desejam tornar-se cristãos, a receber os sacramentos da iniciação. (309) No catecumenato se realiza, efetivamente, aquela « formação específica mediante a qual o adulto, convertido à fé, é levado até à confissão da fé batismal, durante a vigília pascal ». (310)

A catequese que se cumpre no catecumenato batismal é estreitamente vinculada à comunidade cristã. (311) A partir do próprio momento de seu ingresso no catecumenato, a Igreja envolve os catecúmenos « com o seu afeto e os seus cuidados, como seus filhos e familiares: de fato, eles pertencem à família de Cristo... ». (312) Por isso, a comunidade cristã ajuda « os candidatos e os catecúmenos durante todo o processo da iniciação, do pré-catecumenato ao catecumenato, ao tempo da mistagogia ». (313)

Esta contínua presença da comunidade cristã se exprime de diversas maneiras, apropriadamente descritas no Rito de Iniciação Cristã dos Adultos. (314)

A paróquia como ambiente de catequese

257. A paróquia é, sem dúvida, o lugar mais significativo, no qual se forma e se manifesta a comunidade cristã. Esta é chamada a ser uma casa de família, fraterna e acolhedora, onde os cristãos tornam-se conscientes de ser Povo de Deus. (315) A paróquia, de fato, congrega num todo as diversas diferenças humanas nela existentes, inserindo-as na universalidade da Igreja. (316) Ela é, por outro lado, o ambiente ordinário no qual se nasce e se cresce na fé. Constitui, por isso, um espaço comunitário muito adequado a fim de que o ministério da Palavra realizado nesta, seja, contemporaneamente, ensinamento, educação e experiência vital.

A paróquia está sofrendo hoje, em muitos países, profundas transformações. As mudanças sociais têm fortes repercussões sobre ela. Nas grandes cidades « foi profundamente abalada pelo fenômeno da urbanização ». (317) Apesar disso, « a paróquia continua a ser um ponto de referência importante para o povo cristão, e até mesmo para os não praticantes ». (318) Esta, todavia, deve continuar a ser « animadora da catequese e o seu lugar privilegiado », (319) embora reconhecendo que, em certas ocasiões, não poderá ser o centro de gravitação de toda a função eclesial de catequizar, e que tem a necessidade de integrar-se com outras instituições.

258. A fim de que a catequese consiga manifestar toda a eficácia na missão evangelizadora da paróquia, algumas condições são necessárias:

a) A catequese dos adultos (320) deve assumir sempre mais uma importância prioritária. Trata-se de promover « uma catequese pós-batismal, em forma de catecumenato, através de uma ulterior proposta de certos conteúdos do Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos,

destinados a promover uma maior compreensão e vivência das imensas e extraordinárias riquezas e da responsabilidade do Batismo recebido ». (321)

b) É preciso projetar o anúncio, com renovada coragem, àqueles que estão distantes e àqueles que vivem em situações de indiferença religiosa. (322) Neste empenho, os encontros pré-sacramentais (*preparação ao Matrimônio, ao Batismo e à primeira Comunhão dos filhos...*) podem mostrar-se fundamentais. (323)

c) Como sólido ponto de referência para a catequese paroquial, se requer a presença de um núcleo comunitário constituído por cristãos maduros, já iniciados na fé, aos quais reservar uma solicitude pastoral adequada e diferenciada. Poder-se-á alcançar mais facilmente este objetivo, se se promoverá, nas paróquias, a formação de pequenas comunidades eclesiais. (324)

d) Se estas precedentes condições, relativas principalmente aos adultos, são realizadas, a catequese destinada às crianças, aos adolescentes e aos jovens, que permanece sempre imprescindível, receberá enormes benefícios.

A escola católica

259. A escola católica (325) é um *lugar* muito relevante para a formação humana e cristã. A declaração *Gravissimum Educationis* do Concílio Vaticano II, « representa uma mudança decisiva na história da escola católica: a passagem da escola-instituição para a escola-comunidade ». (326)

A escola católica, « não menos que as demais escolas, visa os fins culturais e a formação humana dos jovens. É porém característica sua:

- criar uma atmosfera de comunidade escolar animada pelo espírito evangélico da liberdade e da caridade,
- auxiliar os adolescentes a que, no desdobramento da personalidade, também cresçam segundo a nova criatura que se tornaram pelo Batismo,
- e ainda orientar toda criatura humana para a mensagem da salvação ». (327)

O projeto educativo da escola católica tem o dever de se desenvolver com base nesta concepção proposta pelo Concílio Vaticano II.

Este projeto educativo se cumpre na comunidade escolar, da qual fazem parte todos aqueles que são diretamente ligados a ele: « os professores, a direção administrativa e auxiliar, os genitores, figuras centrais uma vez que naturais e insubstituíveis educadores dos próprios filhos, e os alunos, co-partícipes e co-responsáveis como verdadeiros protagonistas e sujeitos ativos do processo educativo ». (328)

260. Quando os alunos da escola católica pertencem, na maior parte, a famílias que se vinculam a esta escola em razão do caráter católico da mesma, o ministério da Palavra pode ser aí exercitado de várias maneiras: primeiro anúncio, ensino religioso escolar, catequese, homilia. Duas de tais modalidades têm, todavia, na Escola católica, um particular relevo: o ensino religioso escolar e a catequese, cujo respectivo caráter próprio já foi evidenciado. (329)

Quando os alunos e as suas famílias frequentam a escola católica em virtude da qualidade educativa da mesma, ou por outras eventuais circunstâncias, a atividade catequética fica necessariamente limitada e o ensino religioso próprio, quando é possível, acentua o caráter cultural. A contribuição desta escola subsiste sempre como « um serviço de suma importância para os homens », (330) e como elemento que faz parte da evangelização da Igreja.

Considerada a pluralidade das circunstâncias socioculturais e religiosas nas quais se exercita a obra da escola católica nas diversas nações, será oportuno que os Bispos e as Conferências dos Bispos precisem a modalidade da atividade catequética que cabe à escola católica realizar.

Associações, movimentos e grupos de fiéis

261. As diversas « associações, movimentos e grupos de fiéis » (331) que se desenvolvem na Igreja particular, têm como finalidade ajudar os discípulos de Jesus Cristo a cumprirem a sua missão leiga no mundo e na própria Igreja. Em tais agregações, os cristãos se dedicam « à prática da piedade, ao apostolado direto, à caridade e à assistência, e à presença cristã nas realidades temporais ». (332)

Em todas estas associações e movimentos, com a finalidade de cultivar com profundidade tais dimensões fundamentais da vida cristã, se fornece, de uma maneira ou de outra, uma necessária formação: « têm, com efeito, a possibilidade, cada qual pelos próprios métodos, de oferecer uma formação profundamente inserida na própria experiência de vida apostólica, bem como a oportunidade de integrar, concretizar e especificar a formação que os seus adeptos recebem de outras pessoas e comunidades ». (333)

A catequese é sempre uma dimensão fundamental na formação de cada leigo. Por isso, estas associações e movimentos possuem, ordinariamente, « tempos reservados à catequese ». (334) Na verdade, esta não é uma alternativa para a formação cristã fornecida por eles, mas é uma dimensão essencial dos mesmos.

262. Quando a catequese se cumpre no interior dessas associações e movimentos, alguns aspectos devem ser fundamentalmente considerados:

a) É preciso respeitar a « natureza própria » (335) da catequese, desenvolvendo toda a riqueza do seu conceito, mediante a tríplice dimensão de palavra, de memória e de testemunho (*a doutrina, a celebração e o compromisso na vida*). (336) A catequese, qualquer que seja o « lugar » onde se realiza, é, antes de mais nada, uma formação orgânica e básica da fé. Deve incluir, portanto, « um estudo sério da doutrina cristã » (337) e deve constituir uma séria formação religiosa aberta a todos os componentes da vida cristã ». (338)

b) Este não é um impedimento para que as associações e os movimentos, com os seus respectivos carismas, possam exprimir, com determinados acentos, uma catequese que, de qualquer forma, deverá permanecer sempre fiel ao seu próprio caráter. A educação através da proposta da espiritualidade específica de uma associação ou movimento, que é sempre de uma grande riqueza para a Igreja, será típica de um tempo sucessivo àquele da formação cristã básica, que é comum a todo cristão. É mais importante primeiro educar àquilo que é comum a todos os membros da Igreja, para somente depois se deter no que é peculiar ou diversificante.

c) Da mesma forma, é necessário afirmar que os movimentos e as associações, em relação à catequese, não são uma alternativa ordinária à Paróquia, uma vez que é esta última a

comunidade educativa de referência propriamente dita. (339)

As comunidades eclesiais de base

263. As comunidades eclesiais de base tiveram uma ampla difusão nas últimas décadas. (340) Trata-se de grupos de cristãos que « nascem da necessidade de viver mais intensamente ainda a vida da Igreja; ou então do desejo e da busca de uma dimensão mais humana do que aquela que as comunidades eclesiais mais amplas dificilmente poderão revestir... ». (341)

As comunidades eclesiais de base são um « sinal da vitalidade da Igreja ». (342) Os discípulos de Cristo nelas se reúnem para uma atenta escuta da Palavra de Deus, para a busca de relações mais fraternas, para celebrar os mistérios cristãos em suas vidas e para assumir o compromisso de transformação da sociedade. Paralelamente a estas dimensões propriamente cristãs, emergem também importantes valores humanos: a amizade e o reconhecimento pessoal, o espírito de coresponsabilidade, a criatividade, a resposta vocacional, o interesse pelos problemas do mundo e da Igreja. Daí pode resultar uma enriquecedora experiência comunitária, « verdadeira expressão de comunhão e um meio eficaz para construir uma comunhão ainda mais profunda ». (343)

Para ser autêntica, « toda comunidade... deve viver em unidade com a Igreja particular e universal, na comunhão sincera com os Pastores e o Magistério, empenhada na irradiação missionária e evitando fechar-se em si mesma ou deixar-se instrumentalizar ideologicamente ». (344)

264. Nas comunidades eclesiais de base pode desenvolver-se uma catequese muito fecunda:

– O clima fraterno, no qual se vive, é um ambiente adequado para uma ação catequética integral, sempre que se saiba respeitar a natureza e o caráter próprio da catequese.

– Por outro lado, a catequese serve a aprofundar a vida comunitária, uma vez que assegura os fundamentos da vida cristã dos fiéis. Sem tais fundamentos, as comunidades eclesiais de base dificilmente serão sólidas.

– A pequena comunidade é, enfim, uma meta adequada para acolher aqueles que concluíram um itinerário de catequese.

CAPÍTULO IV

A organização da pastoral catequética na Igreja particular

Organização e exercício das responsabilidades

O serviço diocesano da catequese

265. A organização da pastoral catequética tem como ponto de referência o Bispo e a diocese. O Secretariado diocesano de catequese (*Officium Catechisticum*) é « ...o órgão através do qual o Bispo, chefe da Comunidade e mestre da doutrina, dirige e preside toda a atividade catequética realizada na diocese ». (345)

266. As principais tarefas do Secretariado diocesano de catequese são as seguintes:

a) Fazer uma análise da situação (346) diocesana acerca da educação na fé. Nesta análise, seria útil precisar, entre outras coisas, as reais necessidades da diocese em relação à praxe catequética.

b) Elaborar um programa de ação (347) que indique objetivos claros, proponha orientações e mostre ações concretas.

c) Promover e formar os catequistas. Com esta finalidade, serão instituídos os Centros que forem julgados mais oportunos. (348)

d) Elaborar, ou pelo menos indicar às paróquias e aos catequistas, os instrumentos necessários para o trabalho catequético: catecismos, diretórios, programas para as diferentes idades, guias para os catequistas, material para os catequizandos, meios audiovisuais... (349)

e) Incentivar e promover as instituições propriamente catequéticas da diocese (*catecumenato batismal, catequese paroquial, grupo de responsáveis pela catequese*), que são como as « células básicas » (350) da atividade catequética.

f) Dar especial atenção sobretudo ao aprimoramento dos recursos pessoais e materiais, tanto a nível diocesano quanto a nível paroquial, ou de vicariatos forâneos. (351)

g) colaborar com o Departamento encarregado da Liturgia, considerada a importância essencial desta para a catequese, em particular para a catequese catecumenal de iniciação.

267. Para realizar essas tarefas, o Secretariado da catequese deve contar com « um grupo de pessoas verdadeiramente especializadas na matéria. A amplitude e a diversidade das questões que deve abordar, exigem que as responsabilidades sejam repartidas entre mais pessoas, realmente competentes ». (352) Convém que este serviço diocesano seja constituído, ordinariamente, por sacerdotes, religiosos e leigos.

A catequese é uma atividade tão fundamental na vida de uma Igreja particular que « nenhuma diocese pode prescindir de um próprio Departamento de Catequese ». (353)

Serviços de colaboração interdiocesana

268. Esta colaboração é, nos nossos dias, extraordinariamente fecunda. Algumas razões, não só de proximidade geográfica, mas também de homogeneidade cultural, tornam aconselhável um trabalho catequético comum. De fato, « é útil que diversas dioceses conjuguem suas ações, colocando em comum pesquisas e atividades, competências e recursos, de maneira que as dioceses que dispõem de mais meios possam ajudar as demais, e se possa elaborar um comum programa de ação, de caráter regional ». (354)

O serviço da Conferência dos Bispos

269. « Pode-se criar, junto à Conferência dos Bispos, um departamento de catequese, cuja função principal seja auxiliar cada diocese em matéria catequética ». (355)

Esta possibilidade estabelecida pelo Código de Direito Canônico é uma realidade de fato na

maior parte das Conferências dos Bispos. O departamento de catequese ou centro nacional de catequese da Conferência dos Bispos se propõe uma dúplice função: (356)

– Estar a serviço das necessidades catequéticas que dizem respeito a todas as dioceses do território. Ocupa-se das publicações que tenham alcance nacional, dos congressos nacionais, das relações com os meios de comunicação social e, de modo geral, de todos aqueles trabalhos e tarefas que excedam as possibilidades de cada diocese ou região.

– Estar a serviço das dioceses e das regiões, para difundir as informações e os projetos catequéticos, para coordenar a ação e ajudar as dioceses menos favorecidas em matéria de catequese.

Se o Episcopado correspondente considera-o oportuno, também é de competência do departamento de catequese ou centro nacional de catequese a coordenação da sua própria atividade com as de outros departamentos nacionais do Episcopado e de outras instituições de catequese; da mesma forma, a colaboração com as atividades catequéticas a nível internacional. Tudo isso deve ser considerado sempre como organismo de ajuda aos Bispos da Conferência Episcopal.

O serviço da Santa Sé

270. « Com Pedro e sob Pedro, primária e imediatamente toca-lhes (aos Bispos) o mandato de Cristo, de pregar o Evangelho a toda criatura ». (357) O ministério do Sucessor de Pedro, neste mandato colegial de Jesus, em vista do anúncio e da transmissão do Evangelho, assume uma tarefa fundamental. Este ministério, de fato, deve ser considerado « não apenas como um serviço *global*, que alcança cada Igreja *a partir de seu exterior*, mas como algo que já pertence à própria essência de cada Igreja particular, a partir *de seu interior* ». (358)

O ministério de Pedro na catequese é exercitado, de modo eminente, através de seus ensinamentos. O Papa, no que concerne à catequese, age de modo imediato e particular, por meio da Congregação para o Clero, que coadjuva « o Pontífice Romano no exercício de seu supremo *múnus pastoral* ». (359)

271. « Com base nesta tarefa, a Congregação do Clero:

– cuida da promoção da formação religiosa dos fiéis de todas as idades e condições;

– emana as normas oportunas para que o ensino da catequese seja ministrado de modo conveniente;

– vigia para que a formação catequética seja corretamente conduzida;

– concede a prescrita aprovação da Santa Sé para os Catecismos e outros textos relativos à instrução catequética, com o consenso da Congregação para a Doutrina da Fé; (360)

– presta assistência aos departamentos de catequese e acompanha as iniciativas relativas à formação religiosa e que têm caráter internacional, coordena as suas atividades e lhes oferece ajuda, se for preciso ». (361)

A coordenação da catequese

Importância de uma efetiva coordenação da catequese

272. *A coordenação da catequese* é uma tarefa importante no âmbito de uma Igreja particular. Ela pode ser considerada:

- no interior da própria catequese, entre as suas diversas formas, dirigidas às diferentes idades e ambientes sociais;
- com referência aos laços que a catequese mantém com as outras formas do ministério da Palavra e com outras ações evangelizadoras.

A coordenação da catequese não é um fato meramente estratégico, voltado para uma mais incisiva eficácia da ação evangelizadora, mas possui uma dimensão teológica de fundo. A ação evangelizadora deve ser bem coordenada porque ela visa a *unidade da fé*, a qual, por sua vez, sustenta todas as ações da Igreja.

273. Nesta sessão consideramos:

- a coordenação interna da catequese, a fim de que a Igreja particular ofereça um serviço de catequese unitário e coerente;
- a união entre a atividade missionária e a ação catecumenal, que se implicam mutuamente, no contexto da missão *ad gentes* (362) ou de uma « nova evangelização »; (363)
- a necessidade de uma pastoral de educação bem coordenada, diante da multiplicidade de educadores que se dirigem aos mesmos destinatários, sobretudo se esses destinatários são crianças e adolescentes.

O próprio Concílio Vaticano II recomendou vivamente a coordenação de toda a atividade pastoral, para que resplenda sempre melhor a unidade da Igreja particular. (364)

Um projeto diocesano de catequese articulado e coerente

274. O *Projeto diocesano de catequese* é a oferta catequética global de uma Igreja particular, que integra, de modo articulado, coerente e coordenado, os diversos processos catequéticos propostos pela diocese aos destinatários, nas diferentes idades da vida. (365)

Neste sentido, cada Igreja particular, em vista da iniciação cristã, deve oferecer, pelo menos, um duplice serviço:

- a) Um processo de iniciação cristã unitário e coerente, para *crianças, adolescentes e jovens*, em íntima conexão com os sacramentos da iniciação já recebidos ou a receber, e correlacionado com a pastoral da educação.
- b) *Um processo de catequese para adultos*, oferecido aos cristãos que têm necessidade de dar um fundamento à sua fé, realizando ou completando a iniciação cristã inaugurada com o Batismo.

Em muitas nações apresenta-se, hoje, a necessidade de um processo de catequese para *anciãos*, oferecido àqueles cristãos que, tendo alcançado a terceira e definitiva fase da vida humana, desejam, talvez pela primeira vez, lançar sólidas estruturas para a sua fé.

275. Estes diversos processos de catequese, cada um com possíveis variantes socioculturais, não devem ser organizados separadamente, como se fossem « compartimentos estanques, sem comunicação entre si ». (366) É necessário que a oferta catequética da Igreja particular seja bem coordenada. Entre estas diversas formas de catequese « é preciso favorecer a sua perfeita complementaridade ». (367)

Como dissemos precedentemente, o *princípio organizador*, que dá coerência aos diversos processos de catequese oferecidos por uma Igreja particular, é a atenção à catequese dos adultos. Este é o eixo em torno do qual gira e se inspira a catequese das primeiras idades (infância e adolescência) e da terceira idade. (368)

O fato de oferecer diversos processos de catequese num único projeto diocesano de catequese não significa que o mesmo destinatário deva percorrê-los, um depois do outro. Se um jovem chega à idade adulta com uma fé bem fundada, não necessita de uma catequese de iniciação para adultos, mas sim de outros alimentos mais sólidos, que o ajudem no seu permanente amadurecimento na fé. Na mesma situação se encontram aqueles que chegam à terceira idade com uma fé bem radicada.

Juntamente com esta oferta de processos de iniciação, absolutamente imprescindível, a Igreja particular deve também oferecer processos de catequese permanente para cristãos adultos.

A atividade catequética no contexto da nova evangelização

276. Definindo a catequese como *momento* do processo total da evangelização, apresenta-se necessariamente o problema da coordenação da atividade catequética com a ação missionária que a precede, e com a ação pastoral que a segue. Há, de fato, elementos « que preparam a catequese ou dela derivam ». (369)

Neste sentido, a união entre a ação missionária, que procura suscitar a fé, e a ação catequética, que busca aprofundar os seus fundamentos, é decisivo na evangelização.

De certa maneira, esta condição resulta mais evidente na situação da missão *ad gentes*. (370) Os adultos convertidos pelo primeiro anúncio entram no Catecumenato, onde são catequizados.

Na situação que requer uma « *nova evangelização* », (371) a coordenação se torna mais complexa, visto que, às vezes, se quer ministrar uma catequese ordinária a jovens e adultos que necessitam, antes, de um tempo de anúncio e de terem despertada a sua adesão a Cristo. Problemas semelhantes apresentam-se em relação à catequese para as crianças e para a formação de seus genitores. (372) Outras vezes são oferecidas formas de catequese permanente a adultos que, em realidade, necessitam mais de uma verdadeira catequese de iniciação.

277. A atual situação da evangelização postula que as duas ações, o anúncio missionário e a catequese de iniciação, sejam concebidas de forma coordenada e oferecidas, na Igreja particular, mediante um projeto evangelizador *missionário e catecumenal unitário*. A

catequese deve ser vista, hoje, antes de mais nada, como a conseqüência de um anúncio missionário eficaz. O ensinamento do decreto conciliar *Ad Gentes*, que coloca o Catecumenato no contexto da ação missionária da Igreja, é um critério de referência muito válido para a catequese. (373)

A catequese na Pastoral da educação

278. A *Pastoral da educação* na Igreja particular deve estabelecer a necessária coordenação entre os diferentes « lugares » em que se desenvolve a educação na fé. É sumamente importante que todos estes meios catequéticos « convirjam realmente para uma mesma confissão de fé, para uma comum consciência de pertencer à mesma Igreja e para a fidelidade aos compromissos na sociedade, vividos com o mesmo espírito evangélico ». (374)

A coordenação educativa coloca-se fundamentalmente em relação às crianças, aos adolescentes e aos jovens. Convém que a Igreja particular integre, em um único projeto de Pastoral educativa, os diversos setores e ambientes que estão a serviço da educação cristã da juventude. Todos estes lugares completam-se reciprocamente, e nenhum deles, assumido separadamente, pode realizar a totalidade da educação cristã.

Uma vez que a pessoa da criança e do jovem é a mesma que recebe estas diversas ações educativas, é importante que as diferentes influências tenham a mesma inspiração de fundo. Qualquer contradição entre estas ações é nociva, pois cada uma delas tem a sua própria especificidade e relevância.

Neste sentido, é de suma importância, para uma Igreja particular, organizar um projeto de iniciação cristã que integre as diversas tarefas educativas e considere as exigências da nova evangelização.

Algumas tarefas próprias do serviço catequético

Análise da situação e das necessidades

279. A Igreja particular, ao organizar a atividade catequética, deve ter como ponto de partida a *análise da situação*. « O objeto desta pesquisa é complexo. Ele abrange o exame da ação pastoral e o diagnóstico da situação religiosa e das condições socioculturais e econômicas enquanto processos coletivos que podem ter profundas repercussões sobre a difusão do Evangelho ». (375) Trata-se de uma tomada de consciência da realidade, considerada em relação à catequese e às suas necessidades.

De maneira mais concreta:

– É necessário ter uma clara consciência, no « *exame da ação pastoral* », do estado da catequese: como é situada, de fato, no processo evangelizador; o equilíbrio e a articulação entre os distintos setores catequéticos (crianças, adolescentes, jovens, adultos...); a coordenação da catequese com a educação cristã na família, com o educação escolar, com o ensino escolar da Religião, e com outras formas de educação na fé; a sua qualidade interna; os conteúdos que se ministram e a metodologia que se utiliza; as características dos catequistas e a sua formação.

– A « *análise da situação religiosa* » pesquisa sobretudo, três níveis estreitamente conexos

entre si: o *sensu do sagrado*, isto é, daquelas experiências humanas que, por sua profundidade, tendem a abrir ao mistério; o *sensu religioso*, ou seja, os modos concretos que um povo determinado utiliza para conceber Deus e comunicar-se com Ele; e as *situações de fé* com a diversa tipologia dos crentes. E em conexão com estes níveis, a *situação moral* que se vive, com os valores que emergem e os pontos obscuros ou contravalores mais difundidos.

– A « *análise sociocultural* », a propósito da qual se falou no trecho relativo às ciências humanas na formação dos catequistas, (376) é também necessária. É preciso preparar os catecúmenos e os catequizandos a uma presença cristã na sociedade.

280. A análise da situação, em todos os níveis, « deve também convencer aqueles que exercem o ministério da palavra, que as situações humanas são ambivalentes no que concerne à ação pastoral. É preciso, portanto, que os operários do Evangelho aprendam a descobrir as possibilidades que se abrem à sua ação, numa situação sempre nova e diversa... É sempre possível um processo de transformação que abra caminho à fé ». (377)

Esta análise da situação é um primeiro instrumento de trabalho, de caráter informativo, que o serviço catequético oferece a pastores e catequistas.

Programa de ação e orientações catequéticas

281. Depois de ter analisado atentamente a situação, é preciso proceder à formulação de um *programa de ação*. Este determina os objetivos, os meios da pastoral catequética e as normas que a regulam, com profunda adesão às necessidades locais e, ao mesmo tempo, em plena harmonia com as finalidades e as normas da Igreja universal.

O programa ou plano de ação deve ser operativo, já que se propõe orientar a ação catequética diocesana ou interdiocesana. Por sua própria natureza, é geralmente concebido por um determinado período de tempo, ao término do qual é renovado, com novas características, novos objetivos e novos meios.

A experiência indica que o programa de ação é de grande utilidade para a catequese, uma vez que, ao definir alguns objetivos comuns, leva a unificar os esforços e a trabalhar numa perspectiva de conjunto. Por isso, a sua primeira condição deve ser o realismo, unido à simplicidade, concisão e clareza.

282. Paralelamente ao programa de ação, centrado sobretudo nas opções operativas, diversos Episcopados elaboram, a nível nacional, instrumentos de caráter mais reflexivo e orientativo, que fornecem os critérios para uma idônea e adequada catequese. São chamados de várias maneiras: *Diretório Catequético*, *Orientações Catequéticas*, *Documento de Base*, *Texto de Referência*, etc. Destinados principalmente aos responsáveis e aos catequistas, esclarecem o conceito de catequese: a sua natureza, finalidade, tarefas, conteúdos, destinatários e métodos. Estes Diretórios ou textos de orientações gerais, estabelecidos pelas Conferências dos Bispos ou emanados sob a sua autoridade, devem seguir o mesmo processo de elaboração e de aprovação previsto para os Catecismos. Vale dizer: antes de sua promulgação, devem ser submetidos à aprovação da Sé Apostólica. (378)

Estas diretrizes ou orientações catequéticas são, habitualmente, um elemento de grande inspiração para a catequese das Igrejas locais e a sua elaboração é recomendada e conveniente, pois, entre outras coisas, elas constituem um importante ponto de referência para a formação

dos catequistas. Esta tipologia de instrumento é íntima e diretamente ligada à responsabilidade episcopal.

A elaboração de instrumentos e meios didáticos para a ação catequética

283. Ao lado dos instrumentos dedicados a orientar e programar o conjunto da ação catequética (*análise da situação, programa de ação e Diretório Catequético*) existem outros instrumentos de trabalho de uso imediato, que são utilizados no cumprimento da própria ação catequética. Devemos elencar, em primeiro lugar, os *textos didáticos*, (379) *que são colocados diretamente nas mãos dos catecúmenos e catequizandos. Úteis subsídios são, além disso, os Guias para os catequistas, no caso da catequese para crianças e para os genitores.* (380) São igualmente importantes os *meios audiovisuais* que se utilizam na catequese e em relação aos quais, se deve exercitar um oportuno discernimento. (381)

O critério inspirador destes instrumentos de trabalho deve ser o da *dúplice fidelidade*, a Deus e ao homem, que é uma lei fundamental para toda a vida da Igreja. Trata-se, de fato, de saber conjugar uma perfeita fidelidade doutrinal com uma profunda adaptação ao homem, levando em consideração a psicologia da idade e o contexto sociocultural em que ele vive.

Em resumo, é preciso dizer que estes instrumentos catequéticos devem:

- ser « realmente ligados à vida concreta da geração para a qual são destinados, tendo bem presentes as suas inquietudes e interrogações, assim como as suas lutas e esperanças »; (382)
- esforçar-se para « encontrar a linguagem compreensível a esta geração »; (383)
- visar « verdadeiramente, provocar um maior conhecimento dos mistérios de Cristo naqueles que deles se servirem, em vista de uma autêntica conversão e de uma vida sempre mais conforme à vontade de Deus ». (384)

A elaboração dos Catecismos locais: responsabilidade imediata do ministério episcopal

284. No conjunto dos instrumentos para a catequese, sobressaem os Catecismos. (385) A sua importância deriva do fato de a mensagem por eles transmitida, ser reconhecida como autêntica e profunda pelos Pastores da Igreja.

Se o conjunto da ação catequética deve ser sempre submetido ao Bispo, a publicação dos Catecismos é uma responsabilidade que concerne, de maneira muito direta, ao ministério episcopal. Os Catecismos nacionais, regionais ou diocesanos, elaborados com a participação dos agentes da catequese, são responsabilidade última dos Bispos, catequistas por excelência nas Igrejas particulares.

Na redação de um Catecismo, é necessário levar em consideração sobretudo os dois critérios a seguir:

a) a perfeita sintonia com o Catecismo da Igreja Católica, « texto de referência seguro e autêntico... para a elaboração dos catecismos locais » (386)

b) a atenta consideração das normas e dos critérios para a apresentação da mensagem evangélica, oferecidos pelo Diretório Geral para a Catequese, este também « referência

obrigatória » (387) para a catequese.

285. A « *prévia aprovação da Sé Apostólica* », (388) que se requer para os Catecismos emanados pelas Conferências dos Bispos, deve ser entendida no sentido que eles são documentos mediante os quais a Igreja universal, nos diferentes espaços socioculturais aos quais é enviada, anuncia e transmite o Evangelho e gera as Igrejas particulares, manifestando-se nestas. (389) A aprovação de um Catecismo é o reconhecimento do fato de que se trata de um texto da Igreja universal para uma determinada situação e cultura.

CONCLUSÃO

286. Na formulação das presentes orientações e diretrizes, não foram poupados esforços, a fim de que cada reflexão encontrasse origem e fundamento nos ensinamentos do Concílio Vaticano II e das sucessivas e principais intervenções magisteriais da Igreja. Além disso, uma solícita atenção foi reservada às experiências de vida eclesial dos diversos povos, ocorridas nesse meio tempo. À luz da fidelidade ao Espírito de Deus, foi feito o necessário discernimento, sempre em vista da renovação da Igreja e do melhor serviço de evangelização.

287. O Diretório Geral para a Catequese é proposto a todos os Pastores da Igreja, aos seus colaboradores e aos catequistas, na esperança de que seja um encorajamento no serviço que a Igreja e o Espírito lhes confia: favorecer o crescimento na fé, daqueles que creram.

As orientações aqui contidas não querem apenas indicar e esclarecer a natureza da catequese e as normas e critérios que regem este ministério evangelizador da Igreja; elas pretendem também alimentar a esperança, com a força da Palavra e a ação interior do Espírito, naqueles que trabalham neste campo privilegiado da atividade eclesial.

288. A eficácia da catequese é e será sempre um dom de Deus, mediante a obra do Espírito do Pai e do Filho.

Esta total dependência da catequese, da intervenção de Deus, é ensinada pelo apóstolo Paulo aos Coríntios, quando lhes recorda: « *Eu plantei; Apolo regou; mas era Deus quem fazia crescer. Assim, pois, aquele que planta nada é; aquele que rega nada é; mas importa tão somente Deus, que dá o crescimento* » (1 Cor 3,6-7).

Não é possível nem catequese, nem evangelização sem a ação de Deus, por meio do Seu Espírito. (390) Na praxe catequética, nem as técnicas pedagógicas mais avançadas, nem o catequista dotado da mais cativante personalidade humana que possa existir, podem jamais substituir a ação silenciosa e discreta do Espírito Santo. (391) « É Ele, na verdade, o protagonista de toda a missão eclesial »; (392) é Ele o principal catequista; é Ele o « mestre interior » daqueles que crescem para o Senhor. (393) De fato, Ele é « o princípio inspirador de todas as atividades catequéticas e daqueles que as realizam ». (394)

289. Portanto, que o íntimo da espiritualidade do catequista seja dominado pela paciência e pela confiança de que é o próprio Deus quem faz nascer, crescer e frutificar a semente da Palavra de Deus, semeada em terra boa e lavrada com amor! O evangelista Marcos é o único que apresenta a parábola na qual Jesus alude, uma após outra, às etapas do desenvolvimento gradativo e constante da semente lançada: « *O Reino de Deus é como um homem que lançou a semente na terra: ele dorme e acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como. A terra, por si mesma produz fruto: primeiro a erva, depois a espiga e,*

por fim, a espiga cheia de grãos. Quando o fruto está no ponto, imediatamente se lhe lança a foice, porque a colheita chegou » (Mc 4,26-29).

290. A Igreja, que tem a responsabilidade de catequizar aqueles que crêem, invoca o Espírito do Pai e do Filho, suplicando-Lhe que faça frutificar e fortalecer interiormente todos aqueles trabalhos que, em todas as partes, se realizam em favor do crescimento da fé e da seqüela de Jesus Cristo Salvador.

291. À Virgem Maria, que viu seu Filho crescer « *em sabedoria, em estatura e em graça* » (Lc 2,52), os agentes da catequese recorrem, ainda hoje, confiantes na sua intercessão. Eles encontram em Maria o modelo espiritual para prosseguir e consolidar a renovação da catequese contemporânea, na fé, na esperança e na caridade. Por intercessão da « Virgem Santíssima do Pentecostes », (395) nasce, na Igreja, uma força nova, para gerar filhos e filhas na fé e educá-los para a plenitude em Cristo.

Sua Santidade o Papa João Paulo II, no dia 15 de agosto de 1997, aprovou o presente Diretório Geral para a Catequese e autorizou a sua publicação.

Darío Castrillón Hoyos
Arcebispo emérito de Bucaramanga
Pro-Prefeito

Crescenzo Sepe
Arcebispo tit. de Grado
Secretário

ÍNDICES

SIGLAS

I

SAGRADA ESCRITURA

Ab: Abdias

Ag: Ageu

Am: Amós

Ap: Apocalipse

At: Atos

Br: Baruc

1 Cor: 1a Coríntios

2 Cor: 2a Coríntios

Cl: Colossenses

1 Cr: 1o Livro das Crônicas

2 Cr: 2o Livro das Crônicas

Ct: Cântico dos Cânticos

Dn: Daniel

Dt: Deuteronômio

Ecl: Eclesiastes (Qoélet)

Eclo: Eclesiástico (Sirácida)

Ef: Efésios

Esd: Esdras

Est: Ester

Ex: Eodo

Ez: Ezequiel

Fl: Filipenses

Fm: Filemon

Gl: Gálatas

Gn: Gênesis

Hab: Habacuc

Hb: Hebreus

Is: Isaías

Jd: Judas

Jl: Joel

Jn: Jonas

Jó: Jó

Jo: João

1 Jo: 1a João

2 Jo: 2a João

3 Jo: 3a João

Jr: Jeremias

Js: Josué

Jt: Judite

Jz: Juízes

Lc: Lucas

Lm: Lamentações

Lv: Levítico

1 Mc: 1o Macabeus

2 Mc: 2o Macabeus

Mc: Marcos

Ml: Malaquias

Mq: Miquéias

Mt: Mateus

Na: Naum

Ne: Neemias

Nm: Números

Os: Oséias

1 Pd: 1a Pedro

2 Pd: 2a Pedro

Pr: Provérbios

1 Rs: 1o Reis

2 Rs: 2o Reis

Rm: Romanos

Rt: Rute

Sb: Sabedoria

Sl: Salmos

1 Sm: 1o Samuel

2 Sm: 2o Samuel

Sf: Sofonias

Tb: Tobias

Tg: Tiago

1 Tm: 1a Timóteo

2 Tm: 2o Timóteo

1 Ts: 1a Tessalonicenses

2 Ts: 2a Tessalonicenses

Tt: Tito

Zc: Zacarias

ÍNDICE GERAL

Siglas dos Documentos

Prefácio

Exposição Introdutiva

O anúncio do Evangelho no mundo contemporâneo

« Saiu o semeador a semear »

Um olhar ao mundo a partir da fé

O Campo do mundo

Os direitos humanos

A cultura e as culturas

A situação religiosa e moral

A Igreja no campo do mundo

A fé dos cristãos

A vida interna da comunidade eclesial

Situação da catequese: vitalidade e problemas

A Semeadura do Evangelho

Como ler os sinais dos tempos

Alguns desafios para a catequese

Primeira parte

A Catequese na missão Evangelizadora da Igreja

O mandato missionário de Jesus

Significado e finalidade desta parte

Primeiro Capítulo

A Revelação e a sua transmissão mediante a evangelização

A Revelação do desígnio providencial do Pai

A Revelação: fatos e palavras

Jesus Cristo, mediador e plenitude da Revelação

A transmissão da Revelação por meio da Igreja, obra do Espírito Santo

A evangelização

O processo da evangelização

O ministério da Palavra de Deus na evangelização

Funções e formas do ministério da Palavra

A conversão e a fé

O processo da conversão permanente

Diversas situações sócio-religiosas diante da evangelização

Mútua conexão entre as ações evangelizadoras correspondentes a estas situações

Segundo Capítulo

A catequese no processo da evangelização

Primeiro anúncio e catequese

A Catequese a serviço da iniciação cristã

A catequese, « momento » essencial do processo de evangelização

A catequese, ao serviço da iniciação cristã

Características fundamentais da catequese de iniciação

A catequese a serviço da educação permanente à fé

A educação permanente à fé na comunidade cristã

Múltiplas formas de catequese permanente

Catequese e ensino escolar da religião

O caráter próprio do ensino escolar da Religião

O contexto escolar e os destinatários do ensino escolar da Religião

A educação cristã familiar: catequese e ensino religioso escolar a serviço da educação na fé

Terceiro Capítulo

Natureza, finalidade e tarefas da catequese

A catequese: ação de natureza eclesial

Finalidade da catequese: a comunhão com Jesus Cristo

A finalidade da catequese se exprime na profissão de fé o único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo

As tarefas da catequese realizam a sua finalidade

As tarefas fundamentais da catequese: ajudar a conhecer, celebrar, viver e contemplar o mistério de Cristo

Outras tarefas fundamentais: iniciação e educação à vida comunitária e à missão

Algumas considerações sobre o conjunto destas tarefas

O catecumenato batismal: estrutura e fases

O catecumenato batismal, inspirador da catequese na Igreja

Segunda parte

A mensagem evangélica

Significado e finalidade desta parte

Primeiro Capítulo

Normas e critérios para a apresentação da mensagem evangélica na catequese

A palavra de Deus, fonte da catequese

A fonte e « as fontes » da mensagem da catequese

Os critérios para a apresentação da mensagem

O cristocentrismo da mensagem evangélica

O cristocentrismo trinitário da mensagem evangélica

Uma mensagem que anuncia a salvação

Uma mensagem de libertação

A eclesialidade da mensagem evangélica

O carácter histórico do mistério da salvação

A inculturação da mensagem evangélica

A integridade da mensagem evangélica

Uma mensagem orgânica e hierarquizada

Uma mensagem significativa para a pessoa humana

Princípio metodológico para a apresentação da mensagem

Segundo Capítulo

« Esta é a nossa fé, esta é a fé da Igreja »

O Catecismo da Igreja Católica e o Diretório Geral para a Catequese

O Catecismo da Igreja Católica

Finalidade e natureza do Catecismo da Igreja Católica

A articulação do Catecismo da Igreja Católica

A inspiração do Catecismo da Igreja Católica: o cristocentrismo trinitário e a sublimidade da vocação cristã

O gênero literário do Catecismo da Igreja Católica

O depósito da fé e o Catecismo da Igreja Católica

A Sagrada Escritura, o Catecismo da Igreja Católica e a catequese

A Tradição catequética dos Santos Padres e o Catecismo da Igreja Católica

Os Catecismos nas Igrejas locais

Os Catecismos locais: a sua necessidade

O gênero literário de um Catecismo local

Os aspectos da adaptação num Catecismo Local

A criatividade das Igrejas locais no que concerne à elaboração dos Catecismos

O Catecismo da Igreja Católica e os Catecismos locais: a *sinfonia da fé*

Terceira parte

A pedagogia da fé

« Só tendes um Mestre, o Cristo » (Mt 23,10)

Significado e finalidade desta parte

Primeiro Capítulo

A pedagogia de Deus, fonte e modelo da pedagogia da fé

A pedagogia de Deus

A pedagogia de Cristo

A pedagogia da Igreja

A pedagogia divina, ação do Espírito Santo em todo cristão

Pedagogia divina e catequese

Pedagogia original da fé

Fidelidade a Deus e fidelidade à pessoa

A « condescendência de Deus », escola para a pessoa

Evangelizar educando e educar evangelizando

Segundo Capítulo

Elementos de metodologia

A diversidade de métodos na catequese

A relação conteúdo-método na catequese

Método indutivo e dedutivo

A experiência humana na catequese

A memorização na catequese

Papel do catequista

A atividade e a criatividade dos catequizados

Comunidade, pessoa e catequese

A importância do grupo

A comunicação social

Quarta parte

Os destinatários da catequese

« O Reino diz respeito a todos » (RM 15)

Significado e finalidade desta parte

Primeiro Capítulo

A adaptação ao destinatário: aspectos gerais

Necessidade e direito de todo fiel de receber uma válida catequese

Necessidade e direito da comunidade

A adaptação quer que o conteúdo da catequese seja como um alimento sadio e adequado

A adaptação considera as diversas circunstâncias

Segundo Capítulo

A catequese por idades

Indicações gerais

A Catequese dos adultos

Os adultos aos quais se dirige a catequese

Elementos e critérios próprios da catequese dos adultos

Tarefas gerais e particulares da catequese dos adultos

Formas particulares de catequese dos adultos

A Catequese das crianças e dos adolescentes

Situação e importância da infância e da adolescência

Características da catequese das crianças e dos adolescentes

Crianças e adolescentes sem apoio religioso familiar ou que não frequentam a escola

A Catequese dos jovens

Puberdade, adolescência e juventude

A importância da juventude para a sociedade e a Igreja

Características da catequese dos jovens

A Catequese dos anciãos

A terceira idade, dom de Deus à Igreja

A catequese da plenitude e da esperança

Sabedoria e diálogo

Terceiro Capítulo

Catequese para situações especiais, mentalidades e ambientes

A catequese dos excepcionais e desadaptados

A catequese das pessoas marginalizadas

A catequese para os grupos diferenciados

A catequese de ambiente

Quarto Capítulo

Catequese no contexto sócio-religioso

A catequese em situação de pluralismo e de complexidade

A catequese em relação à religiosidade popular

A catequese no contexto ecumênico

A catequese em relação ao hebraísmo

A catequese no contexto de outras religiões

A catequese em relação aos « novos movimentos religiosos »

Quinto Capítulo

Catequese no contexto sociocultural

Catequese e cultura contemporânea

Tarefas de uma catequese para a inculturação da fé

Processo metodológico

Necessidade e critérios de avaliação

Responsáveis pelo processo de inculturação

Formas e vias privilegiadas

A linguagem

Os meios de comunicação

Âmbitos antropológicos e tendências culturais

Intervenção nas situações concretas

Tarefas das Igrejas locais

Iniciativas guiadas

Quinta parte

A catequese na Igreja particular

Significado e finalidade desta parte

Primeiro Capítulo

O ministério da catequese na Igreja particular e os seus agentes

A Igreja particular

O ministério da catequese na Igreja particular

A comunidade cristã e a responsabilidade de catequizar

O Bispo, primeiro responsável pela catequese na Igreja particular

Os Presbíteros, pastores e educadores da comunidade cristã

Os genitores, primeiros educadores da fé dos próprios filhos

Os religiosos na catequese

Os catequistas leigos

Diversos tipos de catequista hoje particularmente necessários

Segundo Capítulo

A formação para o serviço da catequese

A pastoral dos catequistas na Igreja particular

Importância da formação dos catequistas

Finalidade e natureza da formação dos catequistas

Critérios inspiradores da formação dos catequistas

As dimensões da formação: o ser, o saber, o saber fazer

Maturidade humana, cristã e apostólica dos catequistas

A formação bíblico-teológica do catequista

As ciências humanas na formação do catequista

Critérios vários que podem inspirar o uso das ciências humanas na formação dos catequistas

A formação pedagógica

A formação dos catequistas no interior das comunidades cristãs

Escolas de catequistas e os Centros superiores para peritos na catequese

Terceiro Capítulo

Lugares e vias da catequese

A comunidade cristã como lugar de catequese

A família como ambiente ou meio de crescimento na fé

O catecumenato batismal dos adultos

A paróquia como ambiente de catequese

A escola católica

Associações, movimentos e grupos de fiéis

As comunidades eclesiais de base

Quarto Capítulo

A organização da pastoral catequética na Igreja particular

Organização e exercício das responsabilidades

O serviço diocesano da catequese

Serviços de colaboração interdiocesana

O serviço da Conferência dos Bispos

O serviço da Santa Sé

A coordenação da catequese

A importância de uma efetiva coordenação da catequese

Um projeto diocesano de catequese articulado e coerente

A ação catequética no contexto da nova evangelização

A catequese na pastoral da educação

Algumas tarefas próprias do serviço catequético

A análise da situação e das necessidades

Programa de ação e orientações catequéticas

A elaboração de instrumentos e meios didáticos para a ação catequética

A elaboração dos Catecismos locais: responsabilidade imediata do ministério episcopal

Conclusão

(1) CD 44.

(2) CT 2.

(3) CT 3.

(4) Corresponde à Segunda Parte do DCG (1971).

(5) Tem os mesmos objetivos da III Parte do DCG (1971).

(6) Corresponde à Quarta Parte do DCG (1971).

(7) Corresponde à Quinta Parte do DCG (1971). Ainda que alguns, apresentando significativas motivações, tenham aconselhado que esta parte precedesse a parte sobre a pedagogia, preferiu-se, em virtude da nova impositação da Terceira Parte, manter a mesma ordem do texto de 1971. Com tal decisão, se quer sublinhar que a atenção do destinatário é uma participação e consequência da própria pedagogia divina, da « condescendência » de Deus na história da salvação (DV 13), da Sua adaptação, na Revelação, à condição humana.

(8) Assume todos os elementos da Sexta Parte do DCG (1971).

(9) Cf. DCG (1971), Introdução.

(10) Cf. *ibidem*.

(11) Cf. *ibidem*.

(12) GS 1.

(13) GS 2.

(14) *Ibid.*

(15) Cf. SRS 35.

(16) SRS 13b; cf. EN 30.

(17) Cf. CT 29.

(18) SRS 41; cf. Documentos do Sínodo dos Bispos, II: *De Iustitia in mundo* (30 de novembro de 1971), III, « A educação para a justiça »: AAS 63 (1971), pp. 935-937; e LC 77.

(19) SRS 41; cf. ChL 42; CaIC 2444-2448; TMA 51.

(20) João XXIII, Carta encíclica *Pacem in Terris* (11 de abril de 1963), 9-27: AAS 55 (1963), p. 261-270. Aí são indicados quais são, para a Igreja, os direitos humanos mais fundamentais. Nos números 28-34 (AAS 55 (1963), pp. 270-273) são indicados os principais « deveres do homem ». A catequese deve prestar atenção a ambos os aspectos.

(21) Cf. SRS 15a.

(22) Cf. PP 14; CA 29.

(23) ChL 5; cf. SRS 26b; VS 31c.

(24) Cf. ChL 5a; Sínodo de 1985, II, D, 1.

(25) Cf. SRS 15e; CaIC 2444; CA 57b.

(26) ChL 37a; cf. CA 47c.

(27) AG 22a.

(28) GS 5.

(29) GS 54.

(30) GS 56c.

(31) Cf. EN 20; CT 53.

(32) GS 19.

(33) *Ibid.*

(34) EN 55; cf. GS 19 e LC 41.

(35) Sínodo de 1985, II, A, 1.

(36) ChL 4.

(37) Cf. RM 38.

(38) CA 29 ad c; CA 46c.

(39) Cf. GS 36. João Paulo II, na Carta encíclica *Dominum et vivificantem* (18 de maio de 1986), n. 38: AAS 78 (1986), pp. 851-852, estabelece também esta conexão: « A ideologia da

"morte de Deus", nos seus efeitos, demonstra facilmente que é, no plano teórico e prático, a ideologia da "morte do homem" ».

(40) VS 101; cf. EV 19,20.

(41) CT 3; cf. MPD 4.

(42) TMA 36b; cf. GS 19c.

(43) EN 52; cf. CT 19 e 42.

(44) EN 56.

(45) EN 52.

(46) EN 48; cf. CT 54; ChL 34b; DCG (1971) 6; Sínodo de 1985, II, A, 4.

(47) EN 52.

(48) Cf. EN 52; CT 44.

(49) Cf. ChL 34b; RM 33d.

(50) LG 10.

(51) Sínodo de 1985, I, 3.

(52) *Ibid.*

(53) Congregação para a Doutrina da Fé, Carta *Communio notio* (28 de maio de 1992), n.1: AAS 85 (1993), p. 838; cf. TMA 36e.

(54) Cf. CT 19b.

(55) Cf. CT 43.

(56) Cf. CT 27b.

(57) DV 10c.

(58) Cf. CT 29b.

(59) Cf. CT 30.

(60) CT 23.

(61) Cf. CT 58.

(62) Cf. EN 63.

(63) Cf. FC 4b; cf. ChL 3e.

(64) GS 11; cf. GS 4.

(65) Cf. GS 62e; FC 5c.

(66) Cf *Mc* 1,15 e paralelos; RM 12-20; CaIC 541-560.

(67) Cf *Mt* 5,3-12.

(68) Cf *Mt* 5,1-7,29.

(69) Cf *Mt* 13,11.

(70) Cf *Mt* 18,1-35.

(71) Cf *Mt* 24,1-25,46.

(72) DV 3.

(73) Cf. 2 Pd 1, 4; CaIC 51-52.

(74) DV 2.

(75) Cf. *Ef* 1,9.

(76) DV 2.

(77) EN 11.

(78) Cf. GS 22a.

(79) Cf. *Ef* 2,8; EN 27.

(80) Cf. EN 9.

(81) Cf. *Jo* 11,52; AG 2b e 3a.

(82) Cf. DV 15; CT 58; ChL 61, CaIC 53, 122; S. Irineu de Lião, *Adversus haerese* » III, 20, 2: SCh 211, 389-393. Veja-se, no presente Diretório, a Terceira Parte, cap. 1.

(83) CaIC 54-64.

(84) DV 2.

(85) Cf. DCG (1971) 11b.

(86) Cf. *Heb* 1,1-2.

(87) DV 4.

(88) Cf. *Lc* 24,27.

(89) CaIC 65; S. João da Cruz exprime-se assim: « Disse-nos tudo de uma só vez, nesta única Palavra » (*Subida ao Monte Carmelo* 2, 22; cf. Liturgia das Horas, I, Ofício das leituras da segunda-feira da segunda semana do Advento).

(90) Cf. CT 5; CaIC 520 e 2053.

(91) CaIC 125, que faz referência a DV 18.

(92) CT 5. O tema do *crístocentrismo* é abordado, com maiores particulares, em: « Finalidade da catequese: a comunhão com Jesus Cristo » (I Parte, cap. 3) e em: « O crístocentrismo da mensagem evangélica » (II Parte, cap. 1).

(93) Cf. DV 7.

(94) Cf. DV 7a.

(95) Cf. DV 8 e CaIC 75-79.

(96) DV 10b; cf. CaIC 85-87.

(97) LG 48; AG 1; GS 45; cf. CaIC 774-776.

(98) Cf. *Cl* 1,26.

(99) Na *Dei Verbum* (nn. 2-5) e no *Catecismo da Igreja Católica* (nn. 50-175), fala-se da fé como resposta à Revelação. Neste contexto, por motivos catequéticos e pastorais, preferiu-se ligar a fé mais à evangelização do que à Revelação, enquanto esta última, de fato, alcança o homem normalmente através da missão evangelizadora da Igreja.

(100) EN 14.

(101) EN 18.

(102) Cf. *Mt* 28,19-20.

(103) Cf. *At* 1,8.

(104) Cf. *Mt* 28,19.

(105) EN 17.

(106) EN 28.

(107) Cf. EN 22a.

(108) Cf. EN 47b.

(109) Cf. EN 18.

(110) EN 24d.

(111) Cf. EN 14.

(112) Cf. AG 6b.

(113) No dinamismo da evangelização, é preciso distinguir as « situações iniciais » (initia), os « progressos graduais » (gradus) e a situação de amadurecimento: « a qualquer condição ou estado devem corresponder atos apropriados » (AG 6).

(114) Cf. EN 18-20 e RM 52-54; Cf. AG 11-12 e 22.

(115) Cf. EN 21 e 41; RM 42-43; AG 11.

(116) EN 51, 52, 53; cf. CT 18, 19, 21, 25; RM 44.

(117) Cf. AG 13; EN 10 e 23; CT 19; RM 46.

(118) EN 22; CT 18; cf. AG 14 e RM 47.

(119) AG 14; CaIC 1212; cf. CaIC 1229-1233.

(120) Cf. EN 23; CT 24; RM 48-49; cf. AG 15.

(121) Cf. ChL 18.

(122) Cf. ChL 32; cf. ChL 32, que mostra a íntima conexão entre « comunhão » e « missão ».

(123) Cf. EN 24.

(124) CT 18.

(125) Cf. AG 6f; RM 33 e 48.

(126) Cf. At 6,4. O *ministério da Palavra divina* é exercido, na Igreja, por parte:

– dos ministros ordenados (cf. CIC 756-757);

– dos membros dos institutos de vida consagrada, em virtude da sua consagração a Deus (cf. CIC 758);

– dos fiéis leigos, em virtude do seu batismo e da sua confirmação (cf. CIC 759).

Com relação ao termo *ministério (servitium)*, é necessário observar que somente a referência constante ao único e fundamental *ministério de Cristo* permite, em certa medida, aplicar, sem ambigüidade, o termo *ministério* também aos fiéis não ordenados. Em sentido original, ele

exprime a ação com a qual os membros da Igreja prolongam, dentro dela e para o mundo, a missão de Cristo. Quando, ao invés, o termo é diferenciado na relação e no confronto entre os diversos *munera* e *officia*, então é preciso notar com clareza que *somente* por força da sagrada Ordenação ele obtém aquela plenitude e univocidade de significado que a tradição sempre lhe atribuiu (cf. João Paulo II, *Alocução* ao Simpósio sobre a « Participação dos fiéis leigos ao Ministério », n. 4: *L'Osservatore Romano*, 23 de abril de 1994, p. 4).

(127) EN 22; cf. EN 51-53.

(128) Cf. EN 42-45, 54, 57.

(129) DV 8c.

(130) PO 4b; cf. CD 13c.

(131) No Novo Testamento aparecem formas muito diversas deste único ministério: « anúncio », « ensinamento », « exortação », « profecia », « testemunho »,... A riqueza de expressões é notável.

(132) As *formas* através das quais se canaliza o único ministério da Palavra, não são, na verdade, intrínsecas à mensagem cristã. São, antes, acentuações, tons, desenvolvimentos mais ou menos explicitados, adaptados à situação de fé de cada pessoa e de cada grupo humano, nas suas circunstâncias concretas.

(133) Cf. EN 51-53.

(134) AG 14.

(135) Existem razões de natureza diversa, que legitimam as *expressões* « *educação permanente na fé* » ou « *catequese permanente* », com a condição de que não seja relativizado o caráter prioritário, fundamental, estruturador e específico da catequese, enquanto iniciação de base. A expressão « *educação permanente na fé* » difundiu-se na praxe catequética a partir do Concílio Vaticano II, para indicar só um segundo grau de catequese, posterior à catequese de iniciação, e não a totalidade da ação catequética. Veja-se como esta distinção entre formação *de base* e formação *permanente* é assumida, no que diz respeito à preparação dos presbíteros, em: João Paulo II, Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dabo Vobis* (25 de março de 1992), capítulos V e VI, especialmente o n. 71: AAS 84 (1992), pp. 729ss.; 778ss; 782-783.

(136) DCG (1971) 19d.

(137) Cf. SC 35; CaIC 1154.

(138) Cf. Congregação para a Doutrina da Fé, Instrução *Donum veritatis* sobre a vocação eclesial do teólogo (24 de maio de 1990), n. 6: AAS 82 (1990) p. 1552.

(139) DCG (1971) 17; cf. GS 62g.

(140) Cf. *Rm* 10,17; LG 16 e AG 7; cf. CaIC 846-848.

(141) Cf. AG 13a.

(142) Cf. CT 5b.

(143) Cf. CT 20b.

(144) Cf. CaIC 166-167.

(145) Cf. CaIC 150, 153 e 176.

(146) DV 5.

(147) CaIC 177.

(148) Cf. EN 10; AG 13b; CaIC 1430-1431.

(149) EN 23.

(150) Cf. AG 13.

(151) Cf. RM 45c.

(152) Cf. RM 46d.

(153) DV 5; cf. CaIC 153.

(154) DV 5; cf. CaIC 153.

(155) CaIC 149.

(156) CT 20a: « Trata-se, com efeito, de fazer crescer, no plano do conhecimento e na vida, o *germe de fé* semeado pelo Espírito Santo, com o primeiro anúncio do Evangelho ».

(157) Cf. RM 46b.

(158) Cf. 1Pd 2, 2; *Heb* 5; 13.

(159) *Ef* 4,13.

(160) OICA 12.

(161) Cf. Eusebio de Cesarea, *Praeparatio evangelica* I, 1; SCh 206, 6; LG 16; AG 3a.

(162) ChL 4c.

(163) OICA 12 e 111.

(164) Cf. OICA 6 e 7.

(165) AG 13b.

(166) Cf. AG 13; EN 10; RM 46; VS 66; OICA 10.

(167) AG 13b.

(168) Cf. MPD 8b; CaIC 187-189.

(169) *Mt* 5,48; cf. LG 11c, 40b, 42e.

(170) Cf. DV 24; EN 45.

(171) Cf. RM 33.

(172) RM 33b.

(173) RM 33b. É importante tomar consciência dos « *âmbitos* » (fines) que RM atribui à « missão *ad gentes* ». Não se trata somente de « âmbitos territoriais » (RM 37a), mas também de « mundos e fenômenos sociais novos » (RM 37,b), como o são as grandes cidades, o mundo dos jovens, as migrações..., e de « áreas culturais ou modernos areópagos » (RM 37c), como o são o mundo da comunicação, o da ciência, a ecologia... À medida de tudo isso, uma Igreja particular, já implantada num território, realiza a sua « missão *ad gentes* » não apenas « *ad extra* », mas também « *ad intra* » dos seus confins.

(174) RM 33c.

(175) RM 33d.

(176) RM 33d.

(177) RM 34b.

(178) RM 34c. O texto fala, de forma concreta, do mútuo enriquecimento entre a missão *ad intra* e a missão *ad extra*. Em RM 59c, no mesmo sentido, mostra-se como « a missão *ad gentes* » estimula os povos ao desenvolvimento, enquanto a « nova evangelização », nos países mais desenvolvidos, cria uma clara consciência de solidariedade para com os demais.

(179) Cf. RM 31; 34.

(180) MPD 8.

(181) DCG (1971) 20; CT 43; Quarta Parte, cap. 2.

(182) CT 19.

(183) *Mc* 16,15 e *Mt* 28,19.

(184) *Mc* 16,16.

(185) Cf. CT 19; DCG (1971) 18.

(186) OICA 9-13; cf. CIC cân. 788.

(187) No atual Diretório, supõe-se que ordinariamente, o destinatário da « *catequese kerigmática* » ou « *pré-catequese* » tenha um interesse, ou uma inquietação em relação ao Evangelho. Se absolutamente não a tem, a ação requerida é o « *primeiro anúncio* ».

(188) Cf. OICA 9, 10, 50; CT 19.

(189) CT 18; cf. CT 20c.

(190) CT 18.

(191) *Ibidem*.

(192) AG 14.

(193) CT 18.

(194) S. Cirilo de Jerusalém, « *Catecheses illuminandorum* », I, 11; PG 33, 351-352.

(195) Cf. *Mt* 7,24-27.

(196) CT 13; cf. CT 15.

(197) CaIC 1122.

(198) AG 14; cf. CaIC 1212, 1229.

(199) CaIC 1253. No catecumenato batismal dos adultos, próprio da missão *ad gentes*, a catequese precede o Batismo. Na catequese dos batizados (crianças, jovens ou adultos), a formação é posterior. Porém, mesmo neste caso, o objetivo da catequese é o fazer descobrir e viver as imensas riquezas do Batismo já recebido. CaIC 1231 usa a expressão *catecumenato pós-batismal*. ChL 61 a chama de *catequese pós-batismal*.

(200) Cf. CD 14.

(201) CT 22; cf. CT 18d, 21b.

(202) Cf. CT 21.

(203) CT 21. Duas razões merecem ser sublinhadas nesta abordagem sinodal, assumida pela *Catechesi Tradendae*: a preocupação de levarem consideração um *problema pastoral* (« insisto na necessidade de um ensino cristão orgânico e sistemático, porque em diversas partes nota-se a tendência para minimizar a sua importância »); e o fato de considerar a organicidade da catequese como *característica principal* que a conota.

(204) CT 21.

- (205) Cf. CT 20; S. Agostinho, « *De catechizandis rudibus* » I, cap. 4, 8: CCL 46, 128-129.
- (206) Cf. CT 21b.
- (207) Cf. CT 21c.
- (208) Cf. AG 14; CT 33; CaIC 1231.
- (209) Cf. DCG (1971) 31.
- (210) CT 24.
- (211) DV 21.
- (212) *Jo* 17, 21.
- (213) Cf. CT 48; cf. SC 52; DV 24; DCG (1971) 17; *Missale Romanum, Ordo Lectionum Missae*, n. 24, Editio Typica Altera, Libreria Editrice Vaticana, 1981.
- (214) Cf. DV 21-25; Comissão Bíblica Pontifícia, Documento *A interpretação da Bíblia na Igreja* (21 de setembro de 1993), IV, C, 2-3, Cidade do Vaticano 1993.
- (215) SRS 41; cf. CA 5, 53-62; DCG (1971) 26; Congregação para a Educação Católica, Documento *Orientações para o estudo e o ensinamento da doutrina social da Igreja na formação dos sacerdotes* (30 de dezembro de 1988), Roma 1988.
- (216) CT 23; cf. SC 35, 3; CIC cân. 777, 1 e 2.
- (217) Cf. CT 21c e 47; DCG (1971) 96, c, d, e, f.
- (218) Cf. *1 Pd* 3,15; Congregação para a Doutrina da Fé, Instrução *Donum veritatis*, n. 6b: *l.c.*, 1522. Veja-se o que se encontra indicado na CT 61, acerca da correlação existente entre catequese e teologia.
- (219) CT 45c.
- (220) Congregação para a Educação Católica, *Dimensão religiosa da educação na Escola católica. Linhas fundamentais para a reflexão e a revisão* (7 de abril de 1988), n. 68, Tipografia Poliglota Vaticana, Roma 1988; cf. *João Paulo II, Alocução aos Sacerdotes da Diocese de Roma* (5 de março de 1981); *Ensinamentos de João Paulo II*, IV1, pág. 629-630; CD 13c; CIC cân. 761.
- (221) Cf. Congregação para a Educação Católica, Documento *A Escola Católica* (19 de março de 1977), n. 26, Tipografia Poliglota Vaticana, 1977.
- (222) CT 69. Note-se como, para CT 69, a originalidade do ensino religioso escolar não consiste apenas no tornar possível o diálogo com a cultura em geral, uma vez que isto diz respeito a todas as formas do ministério da Palavra. No ensino religioso escolar se busca, de modo mais direto, promover este diálogo no processo pessoal de iniciação sistemática e

crítica, e de encontro com o patrimônio cultural que a escola promove.

(223) Cf. Congregação para a Educação Católica, *Dimensão religiosa da educação na Escola Católica*, 70, l.c.

(224) Cf. João Paulo II, *Alocução* ao Simpósio do Conselho das Conferências Episcopais da Europa sobre o Ensino da Religião Católica na escola pública (15 de abril de 1991): *Ensinamentos de João Paulo II*, XIV1, pp. 780ss.

(225) *Ibid.*

(226) Cf. CT 69, Congregação para a Educação Católica, *Dimensão religiosa da educação na Escola Católica. Linhas fundamentais para a reflexão e a revisão*, n. 66: l.c.

(227) Cf. CT 33.

(228) Cf. CT 34.

(229) Cf. o que foi indicado no 1 cap. desta Parte, em *A transmissão da A Revelação por meio da Igreja, obra do Espírito Santo*, e na Segunda Parte, no 1 cap., em *A eclesialidade da mensagem evangélica*; cf. EN 60, que fala da *eclesialidade* de qualquer ato de evangelização.

(230) Cf. LG 64; DV 10a.

(231) Cf. DCG (1971) 13.

(232) Cf. AG 22a.

(233) Cf. CT 28, OICA 25 e 183-187. A *traditio-redditio symboli* (entrega e restituição do símbolo) foi e é um elemento importante do Catecumenato batismal. A bipolaridade deste gesto exprime a dúplici dimensão da fé: dom recebido (*traditio*) e resposta pessoal e inculturada (*redditio*). Cf. CT 28 para « uma adequada e mais ampla utilização, na catequese, deste rito tão expressivo ».

(234) Cf. LG 64.

(235) CaIC 169. A relação entre a *maternidade da Igreja* e a sua *função educadora* foi muito bem expressa por S. Gregório Magno: « *Depois de ter sido fecundada, concebendo os seus filhos graças ao ministério da pregação, a Igreja os faz crescer no seu seio, com os seus ensinamentos* » (*Moralia in Iob*, LXIX, 12: CCL 143a, 970).

(236) CT 5; cf. CaIC 426; AG 14a. Em relação a esta finalidade cristológica da catequese, veja-se o que foi indicado na Primeira Parte, 1 cap.: « *Jesus Cristo mediador e plenitude da Revelação* »; e o que se diz na Segunda Parte, 1 cap.: « *O cristocentrismo da mensagem evangélica* ».

(237) AG 13b.

(238) CT 20c.

(239) LG 7b.

(240) MPD 8; CaIC 185-187.

(241) Cf. CaIC 189.

(242) Cf. CaIC 180-190 e 197.

(243) CaIC 2113.

(244) Cf. CaIC 166-167; CaIC 196.

(245) Cf. RM 45.

(246) Também o DCG (1971) 21-29 distingue entre a finalidade (finis) e as tarefas (munera) da catequese. Estes são os objetivos específicos nos quais se concretiza a finalidade. Cf. Mc 4,10-12.

(247) cf. *Mt* 6,5-6.

(248) Cf. *Mt* 10,5-15.

(249) CT 21b.

(250) GE 4; cf. OICA 19; CIC cân. 788, 2.

(251) Cf. DCG (1971) 36a.

(252) DCG (1971) 24.

(253) DV 25a.

(254) SC 7.

(255) Cf. SC 14.

(256) DCG (1971) 25b.

(257) AG 13.

(258) Cf. LC 62, CaIC 1965-1986. O CaIC 1697 precisa em particular as características que a catequese deve assumir na formação moral.

(259) VS 107.

(260) Cf. CT 29f.

(261) OICA 25 e 188-191.

(262) Cf. CaIC 2761.

(263) PO 6d.

(264) AG 14d.

(265) DCG (1971) 27.

(266) UR 3b.

(267) CT 32; cf. CaIC 821; CT 32-34.

(268) Cf. CT 24b; DCG (1971) 28.

(269) Cf. LG 31b; ChL 15; CaIC 898-900.

(270) Cf. Mt 10, 5-42; Lc 10, 1-20.

(271) Cf. EN 53; RM 55-57.

(272) Cf. RM 55b; Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso e Congregação para a Evangelização dos Povos, Instrução *Diálogo e Anúncio. Reflexões e Diretrizes* de Evangelio nuntiando et de Dialogo interreligioso (19 de maio de 1991), nn. 14-54: AAS 84 (1992) pp. 419-432. CaIC 839-845; Na Quarta Parte, 4 cap., falando dos destinatários da catequese, se retorna a este tema, no parágrafo « A catequese no contexto de outras religiões ».

(273) RM 55a.

(274) Cf. CIC cân. 773 e 778, 2.

(275) Cf. DCG (1971) 22 e 23.

(276) Cf. DCG (1971) 26.

(277) DCG (1971) 31b.

(278) Cf. OICA 19.

(279) OICA 9-13.

(280) OICA 14-20; 68-72; 98-105.

(281) OICA 93; cf. MPD 8c.

(282) OICA 21-26; 133-142; 152-159.

(283) OICA 25 e 183-187.

(284) OICA 25 e 188-192.

(285) OICA 37-40; 235-239.

(286) Esta *gradualidade* transparece também dos nomes que a Igreja utiliza para designar aqueles que se encontram nas diversas etapas do Catecumenato batismal: « *simpatizante* » (OICA 12), o já propenso à fé ainda que não creia plenamente; « *catecúmeno* » (OICA 17-18), o firmemente decidido a seguir Jesus; « *eleito* » ou « *concorrente* » (OICA 24), o chamado a receber o Batismo; o « *neófito* », o recém-nascido à luz, graças ao Batismo; « *fiel cristão* » (OICA 39), o maduro na fé e membro ativo da comunidade cristã.

(287) Cf. MPD 8; EN 44; ChL 61.

(288) No presente Diretório Geral para a Catequese utilizam-se, como distintas, as expressões « catecúmenos » e « catequizandos », com o objetivo de indicar esta diferença. Por sua vez, o CIC, cân. 204-206, recorda o diverso modo de união de têm os « catecúmenos » e os « catequizandos » com a Igreja.

(289) OICA 295. O próprio « *Ordo initiationis christianae adultorum* », IV cap., contempla o caso dos adultos batizados, necessitados de uma catequese de iniciação. CT 44 precisa as diversas circunstâncias em que esta catequese de iniciação de torna necessária.

(290) AG 14d.

(291) Metodio de Olímpia, por exemplo, tem em vista esta *ação materna* da comunidade cristã, quando diz: « Em relação àqueles que ainda são imperfeitos (na vida cristã), são mais maduros aqueles que os formam e os dão à luz, como em uma ação materna »: Metodio de Olímpia, *Symposium* III, 8; SCh 95, 111. Veja no mesmo sentido: S. Gregório Magno, *Homiliarum in Evangelia*, I, III, 2; PL 76, 1086.

(292) OICA 8.

(293) Cf. CT 53.

(294) DCG (1971) 130. Tal parágrafo se abre com a seguinte afirmação: « O catecumenato dos adultos que é, ao mesmo tempo, catequese, participação litúrgica e vida comunitária, é um caso típico de uma instituição que nasce da colaboração de diversas atividades pastorais » (ivi).

(295) Cf. DCG (1971) 36a.

(296) CT 27.

(297) Cf. DV 10 a e b; *1 Tim* 6,20; *2 Tim* 1,14.

(298) Cf. *Mt* 13,52.

(299) DV 13.

(300) *Ibid.*

(301) DV 10.

(302) Como se vê, empregam-se ambas as expressões: a *fonte* e « *as fontes* ». Fala-se « da » fonte da catequese para sublinhar a unicidade da Palavra de Deus, recordando o conceito de Revelação na *Dei Verbum*. Seguiu-se a CT 27, que fala também *da fonte* da catequese. Manteve-se, não obstante, a expressão *as fontes*, seguindo o ordinário uso catequético da expressão, para indicar os lugares concretos, dos quais a catequese extrai a sua mensagem; cf. DCG (1971) 45.

(303) Cf. DCG (1971) 45b.

(304) DV 9.

(305) *Ibid.*

(306) DV 10b.

(307) DV 10c.

(308) Cf. MPD 9.

(309) Cf. CaIC 426-429; CT 5-6; DCG (1971) 40.

(310) CT 5.

(311) DCG (1971) 41a; cf. DCG (1971) 39, 40 e 44.

(312) GS 10.

(313) CT 6.

(314) Cf. *I Cor* 15,1-4; EN 15.

(315) CT 11b.

(316) CaIC 139.

(317) Cf. *Jo* 14,6.

(318) A expressão « Um da Trindade » foi utilizada pelo V Concílio Ecumênico de Constantinopla (ano 553): Cf. *Constantinopolitarum II, Sessio VIII*, can. 4: Dz 424. Foi recordada em CaIC 468.

(319) CaIC 234; cf. CaIC 2157.

(320) DCG (1971) 41; cf. *Ef* 2,18.

(321) Cf. DCG (1971) 41.

(322) Cf. CaIC 258, 236 e 259.

(323) Cf. CaIC 236.

(324) CaIC 450.

(325) Cf. CaIC 1878; CaIC 1702. SRS 40 utiliza a expressão « *modelo de unidade* », referindo-se a este tema. CaIC 2845 chama a comunhão da SS. Trindade de « fonte e critério da verdade em cada relação ».

(326) LG 4b, que cita textualmente S. Cipriano, *De Dominica oratione* 23; CCL 32A, 105.

(327) Cf. EN 11-14; RM 12-20; CaIC 541-556.

(328) A liturgia da Igreja a exprime assim, na Vigília pascal: « ...dai aos que foram resgatados pelo vosso Filho, a graça de compreender que o sacrifício do Cristo, nossa Páscoa, na plenitude dos tempos, ultrapassa em grandeza, a criação do mundo realizada no princípio » (Missal Romano – Vigília Pascal, Oração após a Primeira Leitura).

(329) EN 9.

(330) CT 25.

(331) EN 26.

(332) Este dom da salvação nos confere « *a justificação* por meio da graça da fé e dos sacramentos, nos liberta do pecado e nos introduz na comunhão com Deus » (LC 52).

(333) EN 27.

(334) Cf. LG 3 e 5.

(335) Cf. RM 16.

(336) GS 39.

(337) LG 5.

(338) RM 20.

(339) EN 28.

(340) EN 30-35.

(341) EN 30.

(342) CA 57; cf. CaIC 2444.

(343) EN 30.

(344) EN 32; cf. SRS 41; RM 58.

(345) EN 32.

(346) EN 33; cf. LC: esta Instrução é um ponto de referência obrigatório para a catequese.

(347) LC 71.

(348) CA 57; LC 68; cf. SRS 42; CaIC 2443-2449.

(349) LC 68.

(350) SRS 41; cf. LC 77. Por sua vez, o Sínodo de 1971 abordou um tema de fundamental importância para a catequese: *A educação à justiça*: cf. Documentos do Sínodo dos Bispos, II: *De Iustitia in mundo*, III: *l.c.*, 835-937.

(351) OICA 75; cf. CaIC 1253.

(352) Cf. CaIC 172-175, onde, inspirando-se a S. Irineu de Lyon, se analisa toda a riqueza contida na realidade de uma só fé.

(353) CaIC 815: « ...a unidade da Igreja no tempo é assegurada também pelos laços visíveis de comunhão: a profissão de uma só fé recebida dos Apóstolos; a celebração comum do culto divino, sobretudo dos sacramentos; a sucessão apostólica mediante o sacramento da Ordem, que conserva a concórdia fraterna da família de Deus ».

(354) EN 61, que cita S. Gregório Magno e a Didaqué.

(355) CaIC 1076.

(356) DCG (1971) 44.

(357) Os Santos Padres, baseando o conteúdo da catequese na narração dos eventos da salvação, desejavam enraizar o cristianismo no tempo, mostrando que era história salvífica e não uma mera filosofia religiosa; assim como desejavam evidenciar que Cristo era o centro desta história.

(358) 3 CaIC 54-64. Nesses textos do Catecismo, que são referência fundamental para a catequese bíblica, se indicam as *etapas* mais importantes da Revelação, nas quais a Aliança é o tema chave. Cf. CaIC 1081 e 1093.

(359) Cf. DV 4.

(360) DCG (1971) 11.

(361) CaIC 1095; cf. CaIC 1075; CaIC 1116; cf. CaIC 129-130 e 1093-1094.

(362) CaIC 1095. O CaIC no n. 1075 indica o caráter indutivo desta « catequese mistagógica », uma vez que « procede do visível para o invisível, do significativo àquilo que é significado,

dos "sacramentos" aos "mistérios" ».

(363) DV 2.

(364) DCG (1971) 72; cf. CaIC 39-43.

(365) Cf. IV Parte, cap. 5.

(366) AG 10; cf. AG 22a.

(367) CT 53; cf. EN 20.

(368) O termo « inculturação » foi assumido por diversos documentos do Magistério. Veja-se: CT 53; RM 52-54. O conceito de « cultura », tanto em sentido geral quanto em sentido « sociológico e etnológico », foi esclarecido na GS 53; cf. também ChL 44a.

(369) AG 22a; cf. LG 13 e 17; GS 53-62; DCG (1971) 37.

(370) Cf. RM 52b que fala de um « longo tempo » exigido pela inculturação.

(371) EN 20; cf. EN 63; RM 52.

(372) LG 13 utiliza a expressão « *fomenta e assume (fovet et assumit)* ».

(373) LG 17 exprime-se assim: « *purifica-os, reforça-os e eleva-os* » (*sanare, elevare et consummare*).

(374) EN 19 afirma: « *atingir e como que modificar* ».

(375) RM 54a.

(376) RM 54b.

(377) Cf. GCM, 12.

(378) Cf. CaIC 24.

(379) CT 30.

(380) Cf. *ibid.*

(381) DCG (1971) 38a.

(382) Cf. DCG (1971) 38b.

(383) Cf. *Mt* 11,30.

(384) EN 63 utiliza as expressões « *assimilar* » e « *transpor* »; cf. RM 53b.

(385) EN 63c; cf. CT 53c; CT 31.

(386) Sínodo de 1985, *Relatório Final*, II, D, 3; cf. EN 65.

(387) CT 31, que também expõe a integridade da mensagem e a sua organicidade; cf. DCG (1971) 39 e 43.

(388) CaIC 234.

(389) UR 11.

(390) DCG (1971) 43.

(391) DCG (1971) 41.

(392) S. Cirilo de Jerusalém, a propósito do Símbolo, afirma: « *Este símbolo da fé não foi elaborado segundo as opiniões humanas, mas da Escritura inteira recolheu-se o que existe de mais importante, para dar, na sua totalidade, a única doutrina da fé* » (*Catecheses illuminandorum*, 5, 12: PG 33, 521). O texto é referido também no CaIC 186.

(393) CaIC 1211.

(394) CaIC 1211.

(395) S. Agostinho apresenta o Sermão da Montanha como « *a carta perfeita da vida cristã... que contém todos os preceitos apropriados para guiá-la* » (« *De sermone Domini in monte* », 1,1; CCL 35,1); cf. EN 8.

(396) O Pai Nosso é, na verdade, « *o resumo de todo o Evangelho* » (Tertulliano, *De oratione*, 1, 6: CSEL 20, 181). « *Percorrei todas as orações nas Escrituras, e não creio que se possa encontrar alguma coisa que não esteja incluída na oração do Senhor* » (S. Agostinho, *Epístola* 130, c. 12: PL 33, 502); cf. CaIC 2761.

(397) GS 22a.

(398) Cf. *ibid.*

(399) CT 22c; cf. EN 29.

(400) GS 22b.

(401) CaIC 521; cf. CaIC 519-521.

(402) Cf. CT 20b.

(403) Cf. *Rm* 6,4.

(404) DCG (1971) 74; cf. CT 29.

(405) Cf. AG 8a.

(406) Cf. *Fl* 1,27.

(407) Cf. CaIC 1697.

(408) Cf. CaIC 1145-1152.

(409) Cf. Parte III, cap. 2.

(410) DCG (1971) 46.

(411) CT 31.

(412) Cf. CIC 775, §§ 1-3.

(413) Cf. FD 2d.

(414) FD 4a.

(415) DCG (1971) *Introdução*.

(416) DCG (1971) Parte III, cap. 2.

(417) CaIC 11.

(418) FD 4c; FD 4b.

(419) CaIC 815.

(420) FD 4a; cf. FD 4c.

(421) FD 1f; FD 4c.

(422) FD 4d.

(423) *Ibid.*

(424) FD 3d.

(425) FD 3e.

(426) Cf. CaIC 13.

(427) Cf. Parte I, cap. 3 do presente Diretório.

(428) Cf. Cardeal J. Ratzinger, *Il Catechismo della Chiesa Cattolica e l'ottimismo dei redenti*, in J. Ratzinger – C. Schönborn, *Breve introduzione al Catechismo della Chiesa cattolica* (tit. orig. *Kliene Hinführung zum Katechismus der Katholischen Kirche*, München 1993), Roma

1994, pp. 26-27.

(429) Cf. CaIC 189-190; 1077-1109; 1693-1695; 2564, etc.

(430) Cf. CaIC 27-49; 355-379; 456-478; 1699-1756; etc.

(431) GS 22a.

(432) Cf. DCG (1971) 119.

(433) CaIC 24.

(434) DV 21.

(435) MPD 9c; Comissão Bíblica Pontifícia, Documento *A interpretação da Bíblia na Igreja IV*, c, 3: *l.c.*

(436) CT 27; cf. Sínodo de 1985, II, B, a, 1.

(437) DV 9.

(438) Cf. MPD 9.

(439) DV 8c.

(440) Quando o Concílio Vaticano II solicitou a restauração do *catecumenato dos adultos*, sublinhou a sua necessária gradatividade: « Seja restabelecido o catecumenato dos adultos, dividido em mais fases ».

(441) É significativo, a título de exemplo, o testemunho de Orígenes: « Quando abandones as trevas da idolatria e desejas chegar ao conhecimento da lei divina, então tem início a tua saída do Egito. Quando tiveres sido agregado à multidão dos catecúmenos e tiveres começado a obedecer os mandamentos da Igreja, então atravessastes o Mar Vermelho. Nas etapas no deserto, a cada dia, te empenhas em ouvir a lei de Deus e a contemplar a face de Moisés, que te mostra a glória do Senhor. Mas quando chegas à fonte batismal, tendo atravessado o Jordão, entrarás na terra prometida » (Orígenes, *Homiliae in Iesu Nave*, IV, 1: SCR 71, 149).

(442) CaIC 13.

(443) O presente título se refere exclusivamente aos Catecismos oficiais, isto é, àqueles que o Bispo diocesano (CIC cân. 775,1) ou a Conferência Episcopal (CIC cân. 775, 2) assume como próprios. Os Catecismos não oficiais (CIC cân. 827, 1) e outros instrumentos de trabalho para a catequese (DCG 1971, 116) são considerados na Parte V, cap. 4.

(444) FD 4c.

(445) FD 4d.

(446) Cf. CIC cân. 775.

(447) CT 53a; Cf. CaIC 24.

(448) CT 50.

(449) DV 15.

(450) Cf. DV 13.

(451) DV 13.

(452) DV 13. *Amor inefável, providência solícita, condescendência* são expressões que definem a pedagogia divina na Revelação. Mostram o desejo de Deus de «*adaptar-Se*» (synkatabasis) aos seres humanos. Este mesmo espírito deve guiar a elaboração dos catecismos locais.

(1) DCG (1971) 119.

(2) Na catequese, junto aos instrumentos, intervêm outros fatores decisivos: a pessoa do catequista, o seu método de transmissão, a relação entre o catequista e o catequizando, o respeito pelo ritmo interior de recepção por parte do destinatário, o clima de amor e de fé na comunicação, a ativa participação da comunidade cristã, etc.

(3) Cf. Parte IV, cap. I.

(4) CaIC 24.

(5) GS 44.

(6) CT 53a.

(7) Cf. CT 55c; MPD 7; DCG (1971) 34.

(8) Cf. CT 39-40.

(9) Nos Catecismos locais se deve prestar uma grande atenção à abordagem e à orientação da religiosidade popular (Cf. EN 48; CT 54; CaIC 1674-1676); igualmente no que concerne ao diálogo ecumênico (Cf. CT 32-34; CaIC 817-822) e ao diálogo interreligioso (cf. EN 53; RM 55-57 e CaIC 839-845).

(10) LC 72 faz a distinção entre « princípios de reflexão », « critérios de julgamento » e « diretrizes de ação », que a Igreja oferece na sua doutrina social. Um Catecismo deverá saber distinguir estes níveis.

(11) Faz-se referência, fundamentalmente, às « diferentes situações sócio-religiosas » diante da evangelização. Elas são tratadas na Parte I, cap. 1.

(12) Sobre esta distinção entre Catecismos locais e obras sintéticas do CaIC, ver o que está indicado em: Congregação para a Doutrina da Fé – Congregação para o Clero, Carta aos

Presidentes das Conferências Episcopais *Orientações sobre as sínteses do Catecismo da Igreja Católica* (Prot. N. 94004378, de 20 de dezembro de 1994), Premissas 1-5. Entre outras coisas, se afirma: « As obras que sintetizam o CaIC podem ser erroneamente entendidas como sucedâneos dos Catecismos locais, a ponto de, de fato, desencorajar a preparação destes, quando na verdade, tais sínteses não contêm aquelas adaptações às particulares situações dos destinatários, exigidas pela catequese » (Premissa 4).

(13) Cf. CIC cân. 775, §§ 1-2.

(14) A questão da linguagem, tanto nos Catecismos locais quanto no ato catequético, é de capital importância; cf. CT 59.

(15) EN 63. Nesta delicada tarefa de *assimilar-traduzir* indicada neste texto, é muito importante levar em consideração a observação feita pela Congregação para a Doutrina da Fé – Congregação para o Clero, em: *Orientações sobre as obras de síntese do Catecismo da Igreja Católica*, Premissa 3, *l.c.*: « A elaboração dos Catecismos locais que tenham o CaIC como « texto de referência seguro e autorizado » (FD 4), permanece como um objetivo importante para os Episcopados. Mas as previsíveis dificuldades que se encontram em tal tarefa, poderão ser superadas somente se, mediante um adequado e talvez também prolongado tempo de assimilação do CaIC, se tiver preparado um terreno teológico, catequético e lingüístico para uma real obra de inculturação dos conteúdos do Catecismo ».

(16) GS 62b.

(17) FD 4b.

(18) RM 54b.

(19) CaIC 815.

(20) LG 23a.

(21) Congregação para a Doutrina da Fé, Carta *Communio notio*, n. 9: *l.c.*, 843.

(22) Cf. CT 63b.

(23) Cf. *Jo* 15,15; *Mc* 9,33-37; 10,41-45.

(24) CT 9.

(25) Cf. *Mc* 8,14-21.27.

(26) Cf. *Mc* 4,34; *Lc* 12,41.

(27) Cf. *Lc* 11,1-2.

(28) Cf. *Lc* 10,1-20.

(29) Cf. *Jo* 16,13.

(30) Cf. *Mt* 10,20; *Jo* 15,26; *At* 4,31.

(31) CT 9.

(32) CT 58.

(33) DV 15; DCG (1971) 33; CT 58; ChL 61; CaIC 53, 122, 684, 798, 1145, 1609, 1950, 1964.

(34) Cf. *Dt* 8,5; *Os* 11,3-4; *Pr* 3,11-12.

(35) Cf. *Dt* 4,36-40; 11,2-7.

(36) Cf. *Ex* 12,25-27; *Dt* 6,4-8; 6,20-25; 31,12-13; *Js* 4,20.

(37) Cf. *Am* 4,6; *Os* 7,10; *Jr* 2,30; *Pr* 3,11-12; *Hb* 12,4-11; *Ap* 3,19.

(38) Cf. *Mc* 8,34-38; *Mt* 8,18-22.

(39) LG 1.

(40) CaIC 169; cf. GE 3c.

(41) Cf. GE 4.

(42) Cf. Paulo VI, Carta Enc. *Ecclesiam Suam* (6 de agosto de 1964), III: AAS 56 (1964), 6637-659.

(43) Cf. DV 2.

(44) Cf. RM 15; CaIC 24 b-25; DCG (1971) 10.

(45) Cf. MPD 11; CT 58.

(46) Cf. CT 52.

(47) Cf. Paulo VI, Carta enc. *Ecclesiam Suam, l.c.*, 609-659.

(48) Cf. MPD 7-11; CaIC 3, 13; DCG (1971) 36.

(49) DV 5.

(50) Cf. MPD 7; CT 55; DCG (1971) 4.

(51) CT 55.

(52) Cf. DCG (1971) 10 e 22.

(53) DV 13; CaIC 684.

(54) Cf. DV 2.

(55) Cf. DV 13.

(56) Cf. EN 63; CT 59.

(57) Cf. CT 31.

(58) Cf. GE 1-4; CT 58.

(59) CT 51.

(60) CT 51.

(61) CT 31, 52, 59.

(62) CT 52.

(63) Cf. Comissão Bíblica Pontifícia, Documento *A interpretação da Bíblia na Igreja, l.c.*

(64) MPD 9.

(65) DCG (1971) 72.

(66) Cf. DCG (1971) 72.

(67) Cf. DCG (1971) 74; CT 22.

(68) Aqui entendemos aquelas experiências ligadas às « grandes questões » da vida e da realidade, inerentes à pessoa: a existência de Deus, o destino da pessoa, a origem e a conclusão da história, a verdade sobre o bem e o mal, o sentido do sofrimento, do amor, do futuro...; cf. EN 53; CT 22 e 39.

(69) Cf. Parte I, cap. 3; DCG (1971) 71; CT 55.

(70) Cf. MPD 9.

(71) Cf. CT 55.

(72) Cf. CaIC 22.

(73) CT 55.

(74) Cf. Parte I, cap. 3, in « *O catecumenato batismal: estrutura e fases* ».

(75) DCG (1971) 71; cf. Parte V, cap. 1 e 2.

(76) DCG (1971) 75.

(77) Cf. Parte V, cap. 1.

(78) Cf. AG 14; DCG (1971) 35; CT 24.

(79) Cf. EN 46.

(80) DCG (1971) 76.

(81) Cf. DCG (1971) 122-123; EN 45; CT 46; FC 76; ChL 44; RM 37; Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais, Instrução *Aetatis novae* (22 de fevereiro de 1992): AAS 84 (1992), pp. 447-468; EA 71; 122-124.

(82) Cf. RM 37.

(83) *Aetatis novae, l.c.*, n. 11.

(84) Cf. EN 45.

(85) Cf. CT 46.

(86) Cf. DCG (1971) 122.

(87) RM 37.

(88) EN 45.

(89) Cf. FC 76.

(90) ChL 44.

(91) RM 14; 23; cf. EN 49-50; CT 35s.

(92) Cf. *Lc* 4,18.

(93) Cf. *Mc* 16,15.

(94) Cf. Introdução Geral.

(95) Cf. DCG (1971) 77.

(96) EN 49-50; CT 14; 35s.

(97) RH 13; cf. EN 31.

(98) Cf. RH 13-14; CaIC 24.

(99) Cf. DCG (1971) 75.

(100) DCG (1971) 21.

(101) CT 13.

(102) Cf. GS 44; EN 63; CT 31; CaIC 24-25.

(103) GS 44. Nesta Quarta Parte, é aceito, porque utilizado pelo Magistério e por utilidade prática, o duplo termo « adaptação » e « inculturação », dando ao primeiro termo prevalentemente o sentido de atenção às pessoas, e ao segundo o sentido de atenção aos contextos culturais.

(104) Cf. RM 33.

(105) CaIC 24.

(106) RH 14.

(107) Cf. CT 45.

(108) Cf. DCG (1971) 20; 92-97; CT 43-44; COINCAT, *A catequese dos adultos na comunidade cristã*, 1990.

(109) Cf. DCG (1971) 20; CT 19; 44; COINCAT 10-18.

(110) Cf. COINCAT 10-18.

(111) Cf. CT 44.

(112) Cf. CT 19.

(113) Cf. DCG (1971) 92-94; CT 43; COINCAT 20-25; 26-30; 33-84.

(114) Cf. *1 Cor* 13,11; Ef 4,13.

(115) Cf. COINCAT 33-84.

(116) Cf. COINCAT 26-30.

(117) LG 31; cf. EN 70; ChL 23.

(118) Cf. ChL 57-59.

(119) Cf. DCG (1971) 97.

(120) Cf. Primeira Parte, 2 cap.; DCG (1971) 96.

(121) Cf. DCG (1971) 78-81; CT 36-37.

(122) DCG (1971) 78-79; ChL 47.

(123) Cf. ChL 47.

(124) Cf. *Mc* 10,14.

(125) DCG (1971) 78-79; CT 37.

(126) Cf. CT 37.

(127) Cf. Sagrada Congregação para o Culto Divino, *Diretório para as missas com a participação de crianças* (1o de novembro de 1973): AAS 66 (1974), pp. 30-46.

(128) Cf. DCG (1971) 79.

(129) Cf. DCG (1971) 78, 79.

(130) Cf. DCG (1971) 80-81; CT 42.

(131) Cf. DCG (1971) 82-91; EN 72; CT 38-42.

(132) Cf. DCG (1971) 83.

(133) Cf. Introdução geral, 23-24.

(134) Cf. DCG (1971) 82; EN 72; MPD 3; CT 38-39; ChL 46; TMA 58.

(135) GE 2; ChL 46.

(136) *Mt* 19, 16-22; cf. João Paulo II, Carta aos Jovens *Parati semper* (31 de março de 1985): AAS 77 (1985), pp. 579-628.

(137) Cf. João Paulo II, *Parati semper*, cit. n. 3.

(138) ChL 46; cf. DCG (1971) 89.

(139) Cf. DCG (1971) 84-89; CT 38-40.

(140) Cf. DCG (1971) 87.

(141) Outros temas significativos: relação entre fé e razão; a existência e o sentido de Deus; o problema do mal; a pessoa de Cristo; a Igreja; a ordem ética em relação à subjetividade pessoal; o encontro homem e mulher; a doutrina social da Igreja...

(142) CT 40.

(143) Cf. DCG (1971) 95; ChL 48.

(144) Cf. ChL 48.

(145) Cf. DCG (1971) 91; CT 41.

(146) Cf. CT 59.

(147) Cf. EN 51-56; MPD 15.

(148) Cf. Introdução Geral, 23-24.

(149) EN 54.

(150) Cf. *1 Pd* 3,15.

(151) Cf. DCG (1971) 6; EN 48; CT 54.

(152) EN 48.

(153) EN 48.

(154) Cf. Paulo VI, Exort. Ap. *Marialis cultus* (2 de fevereiro de 1974), nn. 24, 25, 29: AAS 66 (1979), pp. 134-136, 141.

(155) Cf. DCG (1971) 27; MPD 15; EN 54; CT 32-34; Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos, *Diretório de aplicação dos princípios e das normas sobre o ecumenismo* (25 de março de 1993) 61: AAS 85 (1993), pp. 1063-1064; TMA 34; João Paulo II, Carta enc. *Ut unum sint* (25 de maio de 1995), n. 18: AAS 87 (1995), p. 932.

(156) CT 33.

(157) Cf. UR 11.

(158) Cf. *Diretório para o ecumenismo*, n. 190, *l.c.*, p. 1107.

(159) Cf. CT 33.

(160) Cf. NA 4; Secretariado para a União dos Cristãos (Comissão para as relações religiosas com o Hebraísmo), *Hebreus e hebraísmo na pregação e na catequese católica* (24 de junho de 1985).

(161) CaIC 839.

(162) *Hebreus e hebraísmo, cit.*, n. VII.

(163) Cf. NA, 4.

(164) Cf. EN 53; MPD 15, ChL 35; RM 55-57; CaIC 839-845; TMA 53; Conselho Pontifício para o Diálogo inter-religioso e Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos, Instr. *Diálogo e Anúncio* (19 de maio de 1991): AAS 84 (1992), pp. 414-446; 1263.

(165) Secretariado para a União dos Cristãos — Secretariado para os não Cristãos — Secretariado para os não Crentes — Conselho Pontifício para a Cultura, Relatório *O fenômeno das seitas ou novos movimentos religiosos: desafio pastoral*: « L'Osservatore Romano », 7 de maio de 1986.

(166) « *O fenômeno das seitas ou novos movimentos religiosos: desafio pastoral* », cit., n. 5.4.

(167) RM 38.

(168) Cf. Segunda Parte, cap. 1; DCG (1971) 8; EN 20; 63; CT 53; RM 52-54; João Paulo II, *Discurso aos membros do Conselho Internacional de Catequese*: « *L'Osservatore Romano*, 27 de setembro de 1992; cf. Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, Instrução *A liturgia romana e a inculturação* (25 de janeiro de 1985): AAS 87 (1995), pp. 288-319; Comissão Teológica Internacional, Documento *Commissio Theologica* sobre Fé e inculturação (3-8 de outubro de 1988); cf. ainda João Paulo II, Exort. apost. pós-sinodal *Ecclesia in Africa, l.c.*; Discursos de João Paulo II por ocasião das suas viagens pastorais.

(169) Cf. EN 20; 63; CT 53; RM 52-54; CaIC 172-175.

(170) CT 53.

(171) Cf. Segunda Parte, cap. 1.

(172) Cf. CT 53.

(173) CT 53.

(174) EN 20.

(175) RM 54.

(176) Cf. CT 59.

(177) CT 59.

(178) RM 37.

(179) Cf. Terceira Parte, cap. 2.

(180) Cf. DCG (1971) 123.

(181) João Paulo II, *Discurso aos membros do COINCAT, l.c.*

(182) CaIC 24; cf. FD 4.

(183) RM 37.

(184) ChL 63.

(185) Cf. Quinta Parte, cap. 4.

(186) EN 63.

(187) Nesta Quinta Parte, como no restante do presente documento, a expressão « *Igreja particular* » se refere à Diocese e aos seus similares (CIC, cân. 368). A expressão « *Igreja*

local » se refere à agregação de Igrejas particulares, bem estabelecidas numa região ou nação, ou ainda em um conjunto de nações unidas entre si, por vínculos particulares. Cf. Primeira Parte, cap. 3: « *A catequese é uma ação de natureza eclesial* » e Segunda Parte, cap. 1: « *A eclesialidade da mensagem evangélica* ».

(188) Como ensina LG 26a, as legítimas agregações dos fiéis recebem o nome de « Igrejas » no NT; cf. os textos bíblicos com os quais se abre esta parte.

(189) Cf. CD 11.

(190) A Igreja particular é descrita, antes de mais nada, como « *porção do Povo de Deus* » (CD 11).

(191) Congregação para a Doutrina da Fé, Carta « *Communio Notio* », 7: AAS 85 (1993), 8.

(192) *Ibidem*, 9b.

(193) LG 23b recolhe o testemunho de S. Hilário de Poitiers, in *Ps* 14,3 (PL 9, 206) e de S. Gregório Magno, *Moral*, IV, 7, 12 (PL 75, 643).

(194) EN 14.

(195) Cf. *At* 2,11.

(196) « *Communio Notio* » 7: *l.c.*, 842.

(197) *Ibidem*, 9b: *l.c.* p. 843; cf AG 4.

(198) A expressão *ministério da catequese* é utilizada em CT 13.

(199) É importante sublinhar o caráter de *serviço único* que a catequese reveste na Igreja particular. O « sujeito » das grandes ações evangelizadoras é a Igreja particular. É ela que anuncia, que transmite o Evangelho, que celebra... Os agentes « servem » a este ministério e agem « em nome da Igreja ». As implicações teológicas, espirituais e pastorais desta « eclesialidade » da catequese são grandes.

(200) Cf. CT 16: É uma responsabilidade *diferenciada* mas *comum*. Cf. também a nota 54, inserida no n. 50, para esclarecer o termo « ministério da Palavra ».

(201) AG 14. Neste sentido, se exprime CT 16: « A catequese tem sido sempre e continuará a ser uma obra pela qual toda a Igreja deve sentir-se e demonstrar a vontade de ser responsável ». Cf. também: MPD 12; OICA 12; CIC cân. 774, 1.

(202) « A catequese deve basear-se no *testemunho* da comunidade cristã » (DCG (1971) 35); cf. Quarta Parte, cap. 2.

(203) CT 24.

(204) « Além deste apostolado, que compete a todos os cristãos sem exceção, os leigos podem, de diversos modos, ser chamados a uma cooperação mais imediata com o apostolado da

Hierarquia, à semelhança daqueles homens e mulheres que ajudavam o apóstolo Paulo no Evangelho, trabalhando muito pelo Senhor » (LG 33). Esta doutrina conciliar foi assumida pelo CIC, cân. 228 e 759.

(205) LG 25; cf. CD 12a; EN 68c.

(206) LG 25.

(207) *Ibid.*

(208) DV 8.

(209) CT 63b.

(210) Cf. CT 12a.

(211) CT 63c.

(212) CT 63c; CIC, cân. 775, § 1.

(213) Cf. CT 63c; CIC, cân. 823, § 1.

(214) CT 63c.

(215) CD 14b; CIC, cân. 780.

(216) PO 2c, 6; Cf. João Paulo II, Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis* (25 de março de 1992), n. 12: *l.c.*, 675-677.

(217) PO 6b.

(218) Cf. CIC, cân. 773.

(219) LG 10.

(220) LG 10. Acerca dos « dois modos de participar do único sacerdócio de Cristo » cf. CaIC 1546-1547.

(221) PO 9b.

(222) Cf. CIC, cân. 776-777.

(223) CT 64. Com relação a esta orientação de fundo que os presbíteros devem colaborar a dar à catequese, o Concílio Vaticano II aponta duas exigências fundamentais: « não ensinar a própria sabedoria, mas a Palavra de Deus » (PO 4) e « expor a Palavra de Deus, não de modo geral e abstrato, mas aplicar a verdade perene do Evangelho às concretas circunstâncias da vida » (*ibid.*).

(224) Cf. no cap. 3 desta Parte, o número dedicado à « *Família como âmbito ou meio de crescimento na fé* », onde se analisam as características da *catequese familiar*. Esse número

reflete mais sobre os genitores como agentes da catequese; cf. CIC, cân. 774, § 2.

(225) CT 68.

(226) *Ibid.*.

(227) *Ibid.*

(228) Cf. ChL 62; cf. FC 38.

(229) FC 38.

(230) CT 68; cf. EN 71b.

(231) Cf. CT 68.

(232) LG 11; cf. EC 36b.

(233) CT 65; cf. CIC, cân. 778.

(234) CaIC 915; cf. LG 44.

(235) EN 69; cf. VC 33.

(236) Cf. VC 31, acerca *das* « *relações entre os diversos estados de vida do cristão* ».

(237) CT 65; cf. RM 69.

(238) CT 65.

(239) Cf. *1 Cor* 12,4; LG 12b.

(240) LG 31. Na ChL se analisa detalhadamente, este « *caráter secular* ».

(241) LG 35.

(242) AA 2b. Cf. *Rituale Romanum, Ordo Baptismi Parvulorum*, n. 62, Editio Typica, Typis Polyglottis Vaticanis 1969; OICA 224.

(243) CaIC 429.

(244) O Código de Direito Canônico estabelece que a autoridade da Igreja possa atribuir oficialmente um ofício ou serviço eclesial aos leigos, prescindindo do fato que aquele serviço seja ou não um « *ministério* » não ordenado formalmente instituído como tal: « Os leigos que forem idôneos, estão habilitados a ser assumidos pelos Pastores sagrados para ofícios eclesiásticos e para encargos que podem desempenhar segundo as prescrições do Direito » (CIC, cân. 228, § 1); cf. EN 73; ChL 23.

(245) CT 66b; cf. GCM.

(246) CT 66b.

(247) GCM 4.

(248) *Ibid.*

(249) CT 45; cf. RM 37 ab, par. 2.

(250) RM 33.

(251) CT 66a.

(252) *Ibid.*; cf. CT 42.

(253) Cf. DCG (1971) 96c.

(254) Cf. CT 45; cf. DCG (1971) 95.

(255) Cf. DCG (1971) 91; cf. CT 41.

(256) CT 45a.

(257) GCM 5.

(258) O Concílio Vaticano II distingue dois tipos de catequistas: os « *catequistas com plena dedicação* » e os « *catequistas auxiliares* » (cf. AG 17). Esta distinção é retomada pelo GCM 4, com a terminologia « *catequistas a tempo integral* » e « *catequistas a tempo parcial* ».

(259) Cf. GCM 5.

(260) Cf. DCG (1971) 108a.

(261) DCG (1971) 11.

(262) Cf. CT 5c. Este texto define a finalidade cristocêntrica da catequese. Tal fato determina o cristocentrismo do conteúdo da catequese, o cristocentrismo da resposta do destinatário, o *sim* a Jesus Cristo, e o cristocentrismo da espiritualidade do catequista e da sua formação.

(263) Destacam-se aqui as quatro etapas do Catecumenato batismal, vistas numa perspectiva cristocêntrica.

(264) GCM 20.

(265) LG 64.

(266) Cf. DCG (1971) 114.

(267) Cf. GCM 7.

(268) Cf. GCM 13.

(269) DCG (1971) 31.

(270) CT 52; cf. CT 22.

(271) Cf. CT 22d.

(272) Cf. GCM 21.

(273) As qualidades humanas sugeridas pelo GCM são as seguintes: facilidade de relações humanas e de diálogo, idoneidade para a comunicação, disposição para a elaboração, função de guia, serenidade de juízo, compreensão e realismo, capacidade de dar consolação e esperança,... (cf. 21).

(274) EN 79.

(275) Cf. ChL 60.

(276) Cf. DCG (1971) 112. GCM 23 sublinha a importância primordial da Sagrada Escritura na formação dos catequistas: « A Sagrada Escritura deve continuar a ser o sujeito principal do ensinamento e constituir a alma de todo o estudo teológico. Onde for necessário, deverá ser potencializado ».

(277) ChL 60c.

(278) CT 22.

(279) DCG (1971) 112.

(280) GS 62b.

(281) DCG (1971) 100.

(282) GS 59.

(283) « O ensino das ciências humanas, dada a enorme extensão e diversidade dessas disciplinas, apresenta difíceis problemas de opção e de impostação. Como não se trata de formar especialistas em psicologia, mas sim catequistas, o critério a seguir é o de distinguir e optar por aquilo que pode, mais diretamente, tornar mais fácil para eles, a aquisição da capacidade de comunicação » (DCG §[1971]

(284) Um texto fundamental para utilizar as ciências humanas na formação dos catequistas continua a ser esta recomendação do Concílio Vaticano II, na GS 62: « Os fiéis vivam, portanto, muito unidos aos outros homens de sua época e procurem perceber perfeitamente suas maneiras de pensar e de sentir, expressas pela cultura. Saibam harmonizar os conhecimentos das novas ciências e doutrinas e das últimas descobertas, com a moral e pensamento cristão, a fim de que a prática da religião e a retidão moral procedam, nestes mesmos homens, *de pari passu* com o conhecimento científico e com o contínuo progresso da tecnologia, de maneira que eles possam julgar e interpretar todas as coisas com sensibilidade

autenticamente cristã ».

(285) A importância da pedagogia foi sublinhada pela CT 58: « Dentre as numerosas e prestigiosas ciências do homem, nas quais se manifesta em nossos dias, um imenso progresso, a Pedagogia é, certamente, uma das mais importantes (...) a ciência da educação e a arte de ensinar são objeto de contínuos reexames, em vista de obter uma melhor adaptação ou uma maior eficácia das mesmas... ».

(286) Cf. CT 58.

(287) Cf. DCG (1971) 113.

(288) *Ibid.*

(289) DCG (1971) 112.

(290) Cf. GCM 28.

(291) « Os sacerdotes e os religiosos devem ajudar os fiéis leigos na sua formação. Neste sentido, os Padres sinodais convidaram os presbíteros e os candidatos às Ordens a « prepararem-se diligentemente para serem capazes de favorecer a vocação e missão dos leigos » (ChL 61).

(292) Cf. ChL 61.

(293) « São também recomendadas as iniciativas paroquiais... voltadas à formação interior dos catequistas, tais como as escolas de oração, a convivência de fraternidade e de partilha espiritual, os retiros espirituais. Estas iniciativas não isolam os catequistas, mas sim os ajudam a crescer na espiritualidade própria e na comunhão entre si » (GCM 22).

(294) Cf. DCG (1971) 110.

(295) Cf. no diz respeito às escolas para catequistas nas missões: AG 17c; RM 73; CIC cân. 785 e GCM, 30. Para a Igreja em geral, ver DCG (1971) 112.

(296) A expressão *catequista de base* é utilizada no DCG (1971) 112.

(297) Cf. DCG (1971) 109b.

(298) DCG (1971) 109a.

(299) CT 71a.

(300) Ver Quinta Parte, cap. 1: « A comunidade cristã e a responsabilidade de catequizar », onde se fala da comunidade como responsável pela catequese. Esta é aqui considerada como « lugar » de catequização.

(301) Cf. Congregação para a Doutrina da Fé, Carta *Communio notio*, n. 1: *l.c.*, 838.

(302) Cf MPD 13.

(303) Cf. CT 24.

(304) CT 67a. Trata-se de uma expressão clássica na catequese. A Exortação apostólica fala dos *lugares* da catequese (« *de locis catecheseos* »).

(305) Cf. LG 11; cf. AA 11; FC 49.

(306) EN 71.

(307) Cf. GS 52; FC 37a.

(308) Veja-se a Primeira Parte, cap. 3: « *O Catecumenato batismal: estrutura e fases* ». Aqui se afronta o Catecumenato batismal como *lugar* de catequese e em relação à contínua presença da comunidade nesse.

(309) Cf. DCG (1971) 130, onde se descreve assim a finalidade do Catecumenato batismal; cf. OICA 4, que indica a conexão do Catecumenato batismal com a comunidade cristã.

(310) Sínodo de 1977, MPD 8c.

(311) Cf. OICA 4, 41.

(312) OICA 18.

(313) OICA 41.

(314) Cf. OICA 41.

(315) CF. CT 67c.

(316) Cf. AA 10.

(317) CT 67b.

(318) *Ibidem*.

(319) *Ibidem*.

(320) A importância da catequese dos adultos foi sublinhada na CT 43 e no DCG (1971) 20.

(321) ChL 61.

(322) Cf. EN 52.

(323) Cf. DCG (1971) 96c.

(324) É importante constatar como João Paulo II, na ChL 61, aponta a conveniência das pequenas comunidades eclesiais no contexto das paróquias e não como um movimento

paralelo, que absorve os seus membros melhores: « *No seio de algumas paróquias... as pequenas comunidades eclesiais existentes podem dar uma ajuda notável na formação dos cristãos, podendo tornar mais capilares e incisivas a consciência e a experiência da comunhão e da missão eclesial* ».

(325) Cf. Sagrada Congregação para a Educação Católica, Documento *L'école catholique: l.c*

(326) Congregação para a Educação Católica, *Dimensão Religiosa da educação na Escola Católica. Diretrizes para a Reflexão*, n. 31: *l.c.*

(327) GE 8.

(328) Congregação para a Educação Católica, *Dimensão religiosa da educação...*, n. 32: *l.c.*

(329) « *O caráter próprio e a razão profunda de ser das escolas católicas, aquilo por que os pais católicos as deveriam preferir é precisamente a qualidade do ensino religioso integrado na educação dos alunos* » (CT 69); cf. Primeira Parte, cap. 2, nn. 73-76.

(330) AG 12b.

(331) Cf. CT 70.

(332) CT 70. Aqui se faz referência àquelas associações, movimentos ou grupos de fiéis, nos quais se dá especial atenção aos aspectos catequéticos nos seus objetivos formativos, mas que não nascem especificamente para constituir-se em âmbitos de catequização.

(333) ChL 62.

(334) CT 67.

(335) CT 47b.

(336) Cf. CT 47b.

(337) CT 47. Neste texto, João Paulo II fala dos diversos grupos de jovens: grupos de ação católica, grupos caritativos, de oração, de reflexão cristã... Pede para que neles não falte « um estudo sério da doutrina cristã ». A catequese é uma dimensão que deve estar sempre presente na vida apostólica do laicato.

(338) CT 21.

(339) Cf. CT 67b-c.

(340) EN 58 indica como as comunidades eclesiais de base floresçam quase que em todas as partes, na Igreja. RM 51 afirma que se trata de um « *fenômeno em rápida expansão* ».

(341) EN 58b.

(342) RM 51; cf. EN 58f; LC 69.

(343) RM 51c.

(344) *Ibid.*; cf. EN 58; LC 69.

(345) DCG (1971) 126. O Secretariado diocesano (*officium catechisticum*) foi instituído em todas as dioceses pelo decreto *Provido sane* (1935); cf. Sagrada Congregação do Concílio, Decreto *Provido sane* (12 de janeiro de 1935): AAS 27 (1935), p. 151; cfr. também CIC cân. 775, § 1.

(346) Cf. DCG (1971) 100. Veja-se as linhas sugeridas na *Exposição Introdutiva* e o que se encontra afirmado no capítulo « *Análise das situações e das necessidades* ».

(347) Cf. DCG (1971) 103. Veja-se no capítulo « *Programa de ação e orientações catequéticas* ».

(348) Cf. DCG (1971) 108-109. Veja-se a Quinta Parte, cap. 2: « *A pastoral dos catequistas na Igreja particular* » e « *Escolas de catequistas e Centros de Ensino Superior para especialistas em catequese* ».

(349) Cf. DCG (1971) 116-124.

(350) DCG (1971) 126.

(351) Cf. CT 63. O próprio Pontífice João Paulo II recomenda dotar a catequese de uma « *organização adequada e eficaz, que empenhe na atividade as pessoas, os meios e os instrumentos e também os recursos financeiros necessários* » (*ibid.*).

(352) DCG (1971) 126.

(353) *Ibidem.*

(354) DCG (1971) 127.

(355) CIC cân. 775, § 3.

(356) Cf. DCG (1971) 129.

(357) AG 38a; cf. CIC cân. 756, §§ 1-2.

(358) João Paulo II, *Alocução* aos Bispos dos Estados Unidos da América, durante o encontro no Seminário menor de Los Angeles (16 de setembro de 1987): *Ensinamentos de João Paulo II*, X, 3 (1987), 556. A expressão foi retomada pela Congregação para a Doutrina da Fé, Carta *Communio Notio*, n. 13: *l.c.*, 846.

(359) Constituição Apostólica *Pastor Bonus*, art. 1. Esta Constituição, de 28 de junho de 1988, trata da reforma da Cúria Romana, que fora requerida pelo Concílio; cf. CD 9. Uma primeira reforma foi promulgada com a Constituição Apostólica de Paulo VI, *Regimini Ecclesiae Universae*, de 18 de agosto de 1967: AAS 59 (1967), pp. 885-928.

(360) Vejam-se os n 282 e 285 do presente capítulo.

(361) PB 94.

(362) RM 33.

(363) *Ibid.*.

(364) CD 17a: « ...as várias formas de apostolado... sejam adequadamente *coordenadas* e intimamente conjugadas, sob a direção do Bispo, de maneira que todas as iniciativas e instituições de caráter catequético, missionário, caritativo, social, familiar, escolar e de quaisquer outras finalidades pastorais, se canalizem para uma ação de conjunto, mediante a qual resplandeça ainda mais claramente a unidade da diocese ».

(365) Cf. Quarta Parte, cap. 2 : « *A catequese por idades* ».

(366) CT 45b.

(367) *Ibid.*

(368) Cf. DCG (1971) 20, no qual se indica como as outras formas de catequese são *ordenadas* (ordinantur) para a catequese dos adultos.

(369) CT 18d.

(370) RM 33.

(371) *Ibid.*

(372) Cf. CT 19 e 42.

(373) Cf. AG 11-15. O conceito de evangelização como um processo estruturado em etapas foi analisado na Primeira Parte, cap. 1: « *As etapas da evangelização* ».

(374) CT 67c.

(375) DCG (1971) 100.

(376) Cf. Quinta Parte. cap. 2.

(377) DCG (1971) 102; cf. Exposição introdutória, 16.

(378) Cf. DCG (1971) 117 e 134; PB 94.

(379) Em relação a este conjunto de *livros catequéticos* a *Catechesi Tradendae* afirma: « Um dos aspectos mais salientes da renovação da catequese nos dias de hoje, consiste na remodelação e na multiplicação dos livros catequéticos, mais ou menos por toda a parte na Igreja. Têm sido publicadas, realmente, numerosas obras, que têm tido muito êxito, constituindo uma verdadeira riqueza a serviço do ensino da catequese » (CT 49). DCG (1971) 120 define os *textos didáticos* da seguinte maneira: « Os textos didáticos são subsídios

oferecidos à comunidade cristã engajada na catequese. Nenhum texto pode substituir a viva comunicação da mensagem cristã. Os textos, todavia, são muito importantes, porque provêm a uma mais difusa explicação dos documentos da tradição cristã e dos outros elementos que constituem o discurso catequético ».

(380) Em relação aos *Guias*, DCG (1971) 121 indica o que eles devem conter: « a explicação da mensagem da salvação (com constantes referências às fontes e com a precisa indicação daquilo que faz parte da fé e da doutrina segura, e daquilo que, ao invés, é apenas opinião de teólogos): conselhos psicológicos e pedagógicos e sugestões metodológicas ».

(381) Cf. Terceira Parte, cap. 2: « *A comunicação social* »; cf. DCG (1971) 122.

(382) CT 49b.

(383) *Ibid.*

(384) *Ibid.*

(385) A questão dos Catecismos locais foi tratada na Segunda Parte, cap. 2: « Os Catecismos da Igreja local ». Aqui se apresentam apenas alguns critérios para a sua elaboração. Com a denominação « Catecismos locais », o presente documento se refere aos Catecismos propostos pelas Igrejas particulares ou pelas Conferências dos Bispos.

(386) FD 4c.

(387) CT 50.

(388) DCG (1971) 119, 134; CIC cân. 775, § 2; PB 94.

(389) Cf. Congregação para a Doutrina da Fé, Carta *Communio Notio*, n. 9: *l.c.*, 843.

(390) Cf. EN 75a.

(391) Cf. EN 75b.

(392) RM 21.

(393) Cf. CT 72.

(394) CT 72.

(395) CT 73.

